O PHARAÓ MERNEPTAH

J. W. Rochester

PRÓLOGO DO ESPÍRITO AUTOR

Desejaria ardentemente obter uma narrativa completa do espírito de Thermutis, a filha do Pharaó tão intimamente ligada à sorte do grande legislador hebreu e que a lenda chama de sua mãe adotiva. Mas a evocação é dolorosa ao seu espírito e muitos fatos lhe parecem sagrados para serem divulgados e talvez mesmo não fossem cridos: finalmente, tudo o que se refere à personalidade de Moisés é-lhe sumamente caro, sendo que a idéia que dele faz – Mernephtah – que não pode guardar boa recordação do libertador de Israel – muito a entristece, embora esse julgamento seja imparcial.

Os espíritas sabem que a individualidade, livre do corpo material, conserva seus pendores, opiniões, princípios e, principalmente, a vontade; e assim sendo, compreenderão que devo, pois, submeter-me às restrições desejadas por Thermutis, a qual somente em consideração ao meu pedido e dos meus guias, e para não prejudicar a obra que tenho empreendido, consentiu em ditar-me alguns episódios da sua vida, reportando-se, principalmente, ao homem que tão caro custou ao Egipto — episódios que ajudarão a esclarecer esse longínquo passado envolto no impenetrável véu dos séculos decorridos.

ROCHESTER

NARRATIVA DO ESPÍRITO DE THERMUTIS

Sob impressão dolorosa, acedo ao desejo de Rochester e dos seus Guias em narrar alguns episódios dessa longínqua existência terrena, de forma a provar, uma vez mais, que o coração humano não muda e que uma elevada posição social não vos preserva, jamais, de sofrimentos morais comuns à humanidade.

Evocando dores e fraquezas que fazem esquecer a mulher oriunda de casta e preconceitos reais, confesso que minha repugnância provém, em parte, do temor desse preconceito, soberano senhor da sociedade, de que nos fazemos escravos. Por isso, devo recordar aos espíritas que não existe entre os espíritos nem egípcios nem hebreus, e que somente virtudes ou vícios formam eleitos ou réprobos.

Na época em que se inicia esta narrativa e onde se desenrolou o episódio que decidiu meu futuro, a Corte egípcia possuía sua sede em Tanis, particularmente apreciada pelo meu irmão, o Faraó Ramsés II.

Eu era então moça e bela, alegre, despreocupada, indulgente, mas de caráter fraco. Amada e bajulada, habituada a ver meu séquito submisso a todos os meus caprichos, vivia feliz, orgulhosa da minha beleza e condição real, persuadida de que me aguardava um róseo porvir. Conservava livre o coração, porquanto não me agradava nenhum daqueles homens que me cortejavam com as suas homenagens. Entre os que me admiravam obstinadamente, havia um jovem egípcio de família ilustre, chamado Chenefrés. Belo moço de vinte e seis a vinte e sete anos, possuidor de imensa fortuna e simpático a Ramsés, junto ao qual desempenhava elevado cargo; sem embargo, não sei porque, me inspirava desagradável impressão.

Certa feita, numa festa, senti-me fatigada e, desejando estar só, retirei-me para o jardim, acompanhada de longe, unicamente, por uma das minhas damas, dirigindo-me rapidamente para um canteiro de acácias, próximo à ribeira, que era meu recanto favorito. Ao aproximar-me percebi, com espanto, Chenefrés deitado num banco de pedra e aparentando profunda tristeza. Vendo-me, saltou nos calcanhares e quis fugir. Sua expressão desolada, entretanto, sensibilizou-me, e, dominando a íntima aversão que sentia, perguntei-lhe a causa daquela tristeza e se poderia ajudá-lo a descobrir o verme que parecia roer-lhe o coração.

Perturbado, lançou-se a meus pés, beijou-me a fímbria do vestido e confes-

sou seu amor, suplicando lhe dissesse se poderia confiar na realização dos nossos esponsais.

Já disse que estava longe de o amar; suas palavras, ainda que muito humildes, me desagradaram e, firmando-me no orgulho real, declarei que jamais me havia inspirado outros sentimentos, além dos que uma filha de Pharaó poderia experimentar por um funcionário e súdito fiel.

Ele se levantou e, cruzando os braços, inclinou-se respeitoso, suplicando lhe perdoasse a ousada loucura. Voltando-me, entretanto, pude notar que seus olhos negros ‘demonstravam, um ódio implacável. Ah! Essa inimizade, que eu então desprezava, deveria desempenhar um papel considerável na minha vida.

Menciono esta cena, para compreensão dos acontecimentos que se seguiram.

Durante minha permanência em Tanis, observei que minha melhor amiga e companheira de jogos, Asnath, mostrava-se triste e pensativa. Uma tarde, surpreendendo-a lacrimosa, levei-a ao terraço, fi-la sentar a meu lado e tomando-lhe as mãos, disse:

— Querida, desde muito tempo noto tua tristeza e isso me aflige; conta-me a causa e talvez possa ajudar-te.

Sem responder, ela se rojou a meus pés e com a cabeça em meus joelhos desfez-se em lágrimas.

— Vamos, nada me ocultes — disse acariciando-lhe os cabelos — é impossível que não nos ocorra um remédio para teus pesares.

Beijou-me as mãos e respondeu em surdina:

— A ti somente, Thermutis, minha amiga é soberana, posso confessar: amo e sou amada, mas é um amor nefasto, que os deuses não abençoarão; conheces meu pai e sabes como é orgulhoso, ríspido, e severo... Jamais me entregará ao meu eleito.

— A quem amas, pois? — perguntei espantada. — Alguém de casta impura, algum miserável *amú*? Mas, como poderia um tal homem ter-te agradado, a ti que podes escolher entre os mais distintos da Corte?

— Não, não! — exclamou Asnath — amo a um egípcio, um grande, bom e belo artista, o escultor Apopi. Há tempos, ele trabalhou em Thebas, em casa do tio, que executa para meu pai importantes obras para o túmulo da família, e em nosso palácio; foi lá que o conheci e amei. Agora, ele aqui reside no seu próprio atelier; já o encontrei duas ou três vezes, sendo-me, entretanto, impossível falar-lhe, ou mesmo vê-lo de perto. Não posso inventar pretextos, porque temo suscitar suspeitas a meu pai, que seria capaz de eliminá-lo sem compaixão.

— Enxuga essas lágrimas — disse alegremente — amanhã verás o teu amado; eu mesma irei à casa do escultor, para fazer algumas encomendas. De há muito desejo uma estátua de Hator, esculpida em pedra verde *mafkat*: será Apopi o autor, assim como do busto da nossa saudosa companheira Senimuthís que, há algumas semanas apenas, Osíris chamou a si. Providencia para que amanhã, antes do grande calor, estejam prontos a liteira e aqueles que devem acompanhar-me.

No dia seguinte, tomei a liteira e, assentando a trêmula Asnath a meu lado, mandei seguir para a casa do escultor Apopi.

A manhã estava radiosa e o longo passeio me deliciou, porque saímos fora da cidade até um subúrbio onde pararam os condutores, defronte de uma casa de aparência modesta, circundada por copado jardim.

Avisado, sem dúvida, por meus batedores, o jovem artista, ruborizado pela emoção, mantinha-se no limiar da entrada. Ao aproximar-me, ajoelhou-se, suplicando em alta voz aos deuses que abençoassem a sua casa com a chegada da irmã do seu soberano. Desci e disse a Asnath, toda confusa:

— Toma cuidado, é muito bonito o teu preferido.

Em seguida, manifestei desejo de visitar o atelier do escultor, a fim de julgar sua técnica, pois queria confiar-lhe algumas encomendas.

Apopi, precedendo-me respeitoso, levou-me a um imenso alpendre, aberto nas duas extremidades, onde se encontravam montões de blocos de pedra de diferentes tamanhos bem como várias estátuas em vias de execução; no centro, junto a uma grande estátua de Osíris, estava um homem de pé sobre um cavalete de madeira, ocupado em polir a pedra. De costas, inteiramente absorvido pelo trabalho, parecia nada ver nem ouvir.

— Ithamar! — exclamou Apopi, repreendendo-o — dar-se-á que os deuses te hajam enlouquecido? A filha de Pharaó honra nossa tenda humilde com a sua presença e ficas aí empolei r a d o, de costas para ela?

O homem assim apostrofado voltou-se rápido e saltou ao solo.

Depois de prostrar-se, permaneceu de pé, braços cruzados, imóvel qual a própria estátua de Osíris.

Fixei-o um instante, completamente fascinada; nunca vira criatura tão bela! Alto, esbelto, de uma plástica ideal, Ithamar encarnava o tipo semítico; os cabelos negros, encaracolados, molduravam-lhe o rosto pálido, de traços regulares; o mais admirável, porém, eram os olhos negros e límpidos, reveladores de uma bondade e encantos que num instante me fizeram tudo esquecer.

Arrancando-me dessa contemplação, fiz que tudo me fosse mostrado.

Apopi, auxiliado por Ithamar, franqueara-me o atelier e acabei encomen-

dando entre outros trabalhos de que falei a Asnath, o meu e o busto de minha amiga, esclarecendo que os modelos em gesso deveriam ser executados no palácio.

Ao retirar-me, procurei com os olhos o semita: ele estava de pé, a poucos passos e, num instante, seu olhar escaldante e estranho mergulhou no meu, fazendo-me bater o coração violentamente; como em sonho, saí, retomando a liteira. Asnath, radiante, murmurava agradecimentos, que eu dificilmente percebia.

No dia seguinte veio Apopi, seguido de Ithamar e começaram a modelar os bustos encomendados. Muitas vezes, nessa ocasião, Asnath trocava olhares e expressões de amor com Apopi. A presença do jovem hebreu causava-me uma opressão; faltava-me o ar, e seu olhar queimava-me como fogo.

Um dia Apopi veio só, e bem quisera eu indagar o paradeiro do auxiliar, mas o orgulho e a vergonha de um interesse inconfessável fizeram-me calar. No dia seguinte o escultor ainda compareceu sozinho, e a inquietação me devorava, a ponto de não saber como me comportar. Foi então que Asnath, adivinhando meus pensamentos, perguntou por Ithamar.

— Está doente — respondeu Apopi.

— Tem família ou alguém que o trate? — indaguei aliviada. .

— Mora com o cunhado Amram e tem os cuidados de sua irmã Jocabed; são pobres, porém bons e o estimam.

— Como te ligaste tão estreitamente a um *amú*? —perguntei.

— Eles são tantos em Tanis que não podemos desconhecê-los; de resto, Ithamar e eu nos conhecemos de longa data; sua grande vocação para a escultura e o excelente caráter cimentaram nossa amizade.

— Asnath — disse eu — providencia para que mandem a Apopi uma cesta de frutas e uma ânfora do melhor vinho, para a convalescença do seu amigo enfermo.

Desde esse dia não tive mais sossego, experimentando uma espécie de vácuo interior. Faltava-me Ithamar, o timbre velado e melodioso da sua voz ressoava a meus ouvidos; em sonhos, o belo rosto e os olhos fascinantes me perseguiam; era em vão, que dizia a mim mesma: ele é um miserável operário, filho de um povo desprezado. Desde, porém, que a minha imaginação muito fiel me apresentava seu perfil e o sedutor sorriso, esquecia-lhe a origem e a vil condição e todo o preconceito se dissipava, substituído pelo desejo irreprimível de revê-lo a qualquer preço.

Por fim, não pude iludir-me por mais tempo sobre o meu estado: estava insensatamente apaixonada por um réprobo, um impuro, de mim separado por um

abismo; devoravam-me raiva e vergonha; tinha medo e horror de mim mesma: teria um espírito mau se apossado de mim? Tornei-me grosseira e desconfiada para os que me rodeavam, porque receava pudessem ler no meu rosto o terrível segredo. Inutilmente, para escapar a essa tortura, buscava distrações, visitava os templos realizando dádivas e sacrifícios, passando horas a fio mergulhada em preces ardentes, suplicando aos invisíveis me libertassem da obsessão, varrendo para longe a imagem do semita.

Muitas vezes, surpreendi o olhar de Asnath angustiosamente cravado em mim, sem ousar falar-me.

Uma tarde em que nos encontrávamos a sós no jardim, num pequeno terraço fronteiro ao Nilo, apoiando os cotovelos na balaustrada, contemplava o rio absorta em sombrios pensamentos; o sol desaparecia no horizonte, dourando com seus raios avermelhados a folhagem e a superfície cintilante das águas. Voltei-me para dizer qualquer coisa a Asnath, quando de novo percebi nos seus olhos estranha inquietação.

— Que hábito tomaste de me fitar como se quisesses analisar-me? — disse-lhe aborrecida.

Como única resposta ela tomou-me as mãos e cobriu-as de beijos e lágrimas:

— Thermutis, isto não pode continuar assim. Alguma coisa de terrível se passa em teu íntimo; tu empalideces e definhas, o sono te abandona, teu rosto escalda, tens as mãos sempre geladas... Sou indigna dá tua confiança, sei, mas amo-te tanto! À custa da própria vida, gostaria de provar-te minha gratidão; sei muito mais do que pensas e não foi sem motivo que afastei tuas servas, velando sozinha o teu sono. Quando dormes, teus lábios traem a tortura do teu coração, pois muitas vezes pronunciaste o nome de Ithamar. Oh! Thermutis, aceita meu auxílio e minha estima, para que possas ser mais forte e assim ocultes esse nome no mais íntimo recesso do teu ser, a fim de que ele não se transforme em vergonha para ti e morte para o infeliz.

Eu estava aniquilada, sucumbida; tudo rodava diante dos meus olhos obscurecidos! Em sonho havia revelado o seu nome! Se outra, que não Asnath, houvesse percebido? Oh! a morte, naquele momento, teria sido um benefício.

Com os braços cingi o pescoço da amiga de infância, encostando o meu rosto no seu; minhas lágrimas ardentes inundaram suas faces. Eu sofria tormentos infernais e ninguém podia consolar-me, porque a origem do homem a quem amava era odiosa e desprezível, para a eternidade. Deveria, pois, esquecê-lo, banir sua imagem ou menosprezar a mim mesma.

Passada a primeira emoção, conversamos. Asnath jurou-me absoluto segre-

do, e, fosse como fosse, sentia-me amparada, contava com uma confidente com quem podia desabafar toda minha alma.

Decorreram vários dias de relativa calma; eu procurava todas as ocasiões para ficar só com Asnath. Por isso, logo ao deitar-me, despedia as aias e conversávamos horas a fio.

Uma noite, assentamo-nos junto da janela aberta, aspirando o aroma do jardim. No palácio todos dormiam e apenas o brado das sentinelas interrompia o profundo silêncio da noite quando de repente, ligeiro sussurro partiu de uma moita de roseiras, abaixo da janela. Um seixo amarrado a um pedaço de pergaminho caiu nós joelhos de Asnath, que o segurou avidamente e procurou ler à luz do luar. Uma mensagem de Apopi — disse corando. Ithamar, já restabelecido, foi o portador e aguardará a resposta, aliás, urgente. Vou utilizar tuas tabuinhas, se permites.

Respondi com um aceno de cabeça; o coração parecia-me estourar de tanto bater, pois ali, a alguns passos, estava Ithamar! Quis falar-lhe, obter pormenores sobre seu estado de saúde; uma coisa tão inocente não poderia comprometer-me.

Quando Asnath voltou com as tabuinhas, manifestei-lhe esse desejo e ela não se opôs, mas, temendo, evidentemente, a presença de um homem próximo aos meus aposentos, inclinou-se e disse a Ithamar para que deslizasse até um caramanchão, que indicou; depois, oferecendo-me o braço, ajudou-me a descer do terraço. Tremiam-me as pernas, embora não receasse ser descoberta, pois mesmo que uma sentinela me visse passeando acompanhada de minha aia, não se admiraria, porque muitas vezes assim gozávamos o frescor da noite, reservando as horas de calor diurno para repousar.

Já nos aproximávamos do canteiro de acácias, quando Asnath se lembrou que esquecera sobre a mesa um objeto que desejava enviar a Apopi, e, desculpando-se, retomou célere o caminho do palácio. Pela primeira vez, vi-me sozinha junto de Ithamar, que, banhado pelo luar, se mantinha de pé a poucos passos, apoiado no banco de pedra. Havia emagrecido e o seu belo rosto revelava tristeza e sofrimento.

Experimentei ardente desejo de o consolar, e, movida por essa idéia, avancei alguns passos, na direção do banco:

— Ithamar, que te falta? Já estás bom? Teu aspecto denota tristeza e sofrimento; poderei auxiliar-te? Ouvindo-me, ele estremeceu, fixou-me perplexo e ajoelhou-se a meus pés.

— O sol fulgura muito alto para que seus raios atinjam e dissipem as brumas que obscurecem a alma de um mísero e impuro semita! Ilustre filha do Pharaó,

que os deuses te abençoem e protejam! Que derramem sobre tua cabeça a felicidade, pelas palavras de terna compaixão que, do altíssimo trono, diriges a um homem mais ínfimo que o pó calcado por tuas sandálias.

Aproximou-se e, tomando a fímbria do meu vestido, beijou-a, sôfrego.

— Condena-me, agora, oh! rainha, pela minha ousadia. De bom grado sacrificarei a vida pelo crime de haver tocado teu vestido.

Impossível descrever minha emoção. Engana-se profundamente quem supuser que, na antiguidade, o amor como o compreendeis, não existisse; a humanidade era a mesma, e todos os sentimentos que fazem pulsar os vossos corações agitavam também os daquele tempo.

Repito: mal posso descrever o que sentia; aquela voz sussurrante, plena de paixão em recalque, embriagava-me; os olhos, fulgurantes de temor e exaltação, fascinavam-me. Involuntariamente, coloquei a mão em sua cabeça e meus dedos desapareceram na espessa, sedosa e anelada cabeleira. Estremeci nesse contato, e, esquecendo prudência e preconceitos, olvidando que tinha diante de mim um ser impuro, disse com a voz entremeada de lágrimas:

— Não és o único a sofrer. Que isso te seja um bálsamo! Lamento que a tua origem cave um abismo entre ti e a filha do Pharaó Mernephtah. Por que haverias de nascer semita?

Ouvindo tal, Ithamar, de um salto pôs-se de pé; olhos brilhantes, tomou-me as mãos, e, inclinando-se, lia avidamente em meus olhos o que me não fora possível dissimular. Aturdida, apoiei a cabeça no seu ombro. Ele atraiu-me, estreitou-me nos braços, colou nos meus os lábios escaldantes, murmurando:

— Thermutis!

Quando, uma hora depois, voltei aos aposentos, sentia-me atordoada: Asnath, pálida e trêmula, ajudou-me a acomodar, mas não pude cerrar os olhos naquela noite memorável. Sentia-me ébria de alegria e, não obstante, opressa e infeliz. Que diriam Ramsés e os sacerdotes, se descobrissem a verdade? Procurava repelir para bem longe essa idéia. Por que não ser bem sucedida ocultando tudo?

Passaram-se algumas semanas. Protegida pela fiel Asnath, mais de uma noite encontrei-me com Ithamar e tremia à só conjetura de não poder mais vê-lo. Entretanto, a inevitável separação se aproximava, pois a Corte se preparava para retornar a Thebas.

Empolgada por cega paixão, imaginei empregar Ithamar entre os meus servos, para levá-lo comigo. Na noite em que pretendia combinar com ele, definitivamente, os pormenores desse projeto, não compareceu, vindo Apopi em seu lugar.

— Sei de tudo, princesa — disse — e venho suplicar, de joelhos, que cortes

toda e qualquer relação com o semita, porque estamos jogando nossas cabeças e creio que já somos espionados.

Opôs-se, formalmente à idéia de levar Ithamar, afirmando que ele próprio tinha razões bastantes para renunciar. Tive de anuir impondo, porém, a condição de revê-lo ainda uma vez, em despedida.

Após minha áspera recusa, Chenefrés sempre se manteve a respeitosa distância. Um dia, entretanto, numa festa, surpreendi-o fixando-me com expressão que me gelou o sangue nas veias: ódio, raiva, ironia misturavam-se naquele olhar, e o respeito de outrora desaparecera. Onde e como teria podido saber? Impossível! A consciência criminosa fazia-me lobrigar fantasmas negros em toda parte.

Na véspera da partida, tive uma última entrevista com Ithamar. Sentindo a morte n'alma, desprendi-me de seus braços aos primeiros albores do dia clareando o horizonte. Ainda uma vez, beijou-me a mão e desapareceu.

Triste, combalida, retornei a Thebas, mas, para afastar qualquer suspeita, fui forçada a retomar o curso de minha vida habitual. Por outro lado eu fiz, nessa ocasião, uma descoberta que quase me enlouqueceu. Dessa vez, porém, não ousei sequer confiar-me à fiel confidente. Suor glacial cobriu meu corpo, a imaginar o que me aguardava. Apenas um vago instinto me amparava para ganhar tempo; dissimulava, aparentando alegria, com esforço sobre-humano, sem descuidar a pintura das faces descoradas.

Uma tarde, despedindo os que me cercavam e ficando a sós com Asnath, sempre solícita em distrair-me com sua tagarelice, disse-me ela de chofre:

— Sabes? Meu irmão acaba de contar que hoje, durante a refeição, Ramsés falou a teu respeito. Ele te supõe vítima de algum mau olhado, que te compromete a saúde, e por isso determinou ao grão-sacerdote do templo de Amon que enviasse amanhã um médico para te examinar; sem dúvida, o médico trará amuletos. Para dizer-te a verdade, tua aparência é doentia; sei que teu amor pelo hebreu te atormenta, mas tu também sabes que é preciso esquecê-lo.

Nada respondi. Faltava-me o ar, é supus que o coração opresso ia estalar.

No dia seguinte viria o sacerdote e médico, enviado por Pharaó; seria descoberta toda a verdade, o incrível mistério que me tirava o sossego! Sem dúvida minha fisionomia se transformou, porque Asnath deu um grito ao fixar-me:

— Thermutis? Sentes-te mal?

Como única resposta atraí-a a mim; o coração me transbordava, aproximei a boca do seu ouvido e tudo revelei.

Pálida como um cadáver, ela cobriu o rosto com as mãos:

— Estamos perdidas! — murmurou. Que fizeste, Thermutis? E Ithamar, o

infame, como se atreveu?

— Deixa-o, a culpa é só minha, respondi tapando-lhe a boca com a mão.

Passamos uma noite horrível e somente pela madrugada, exausta, consegui conciliar pesado sono de algumas horas. Despertada, preparei-me e fui para um pequeno terraço coberto e ornado de flores. O ar estava fresco e agradável, mas o temor dava-me sensação de fogo devorador; mandei sair os circunstantes, exceto algumas aias para abanar-me e fiquei com os olhos pregados na porta por onde deveria entrar o esperado sacerdote. Asnath, sentada a meu lado, manipulava um trabalho qualquer, mas o medo lhe selava igualmente os lábios e fazia tremer-lhe as mãos.

A entrada do escudeiro avisando que Suanro, médico do templo de Amon, desejava falar-me, interrompeu-me o curso dos pensamentos e uma nuvem me turvou a vista quando ele se aproximou e sentou-se a meu lado. Já o tinha visto mais de uma vez, sem lhe prestar maior atenção; agora, porém, naquele momento angustioso, seu perfil se me gravou na mente em sobressalto.

Jovem ainda, fisionomia bela e calma, denotava grande bondade; os olhos, todavia, profundos e severos, pareciam ler no coração humano como em livro aberto.

Sem desviar o olhar, interrogou-me, colocando em seguida a mão no meu peito; não sei o que respondi, vendo apenas franzir-se pouco á pouco o sobrolho do sábio... Asnath parecia transformada em estátua.

Por fim, ele se ergueu, e cruzando os braços, disse com autoridade:

— Saiam todos, vou pronunciar um exorcismo contra os maus espíritos que prejudicam a saúde da princesa!

Senti-me aliviada e, contudo, nunca um desses homens de longas vestes brancas me parecera tão temível.

Quando ficamos sós, voltou-se e seu olhar profundo, argutíssimo, revelou melhor que palavras tudo haver descoberto.

— Desventurada filha de rei, confessa toda a verdade ao médico e ao sacerdote, em quem deves depositar toda a confiança, como intermediário entre ti e os deuses.

Aquela voz continuava a martelar meus ouvidos, qual juizes do Averno. Involuntariamente, prosternei-me de mãos súplices, garganta cerrada e esforcei-me em balbuciar:

— Perdão!

Contemplou-me um instante e sua fisionomia como que se desassombrou:

— Pobre criança, que espécie de graça me pedes?

— O silêncio — respondi banhada em lágrimas.

Ergueu-me, reconduziu-me à cadeira e, sentando-se, disse:

— Exiges muito, mas, se me demonstrares uma confiança absoluta, talvez te atenda, pois essas lágrimas de profundo arrependimento me sensibilizaram. Fala, pois, Thermutis; confessa sem reticências, porque preciso saber quem é o autor da tua desonra e tanto quanto sou verdadeiro servo do maior dos deuses, prometo guardar sigilo.

Ocultei o rosto nas mãos; minha confissão ia fazê-lo recuar, horrorizado; eu havia conspurcado todos os mandamentos da religião, maculando a honra, ao contato de um impuro.

— Conta-me tudo, minha filha — disse, tomando-me a mão; — e nada temas; seja quem for, deves nomeá-lo.

Abafando soluços, atirei-me novamente de joelhos:

— Não posso pronunciar esse nome senão rojada ao pé e aos pés do representante da divindade.

Ele se inclinou compassivamente e, não sei como, dos lábios trêmulos, num sussurro, escapou-me toda a confissão.

O sacerdote saltou nos calcanhares e pôs as mãos na cabeça.

— Sim — disse, fitando-me com amargura e pavor — os deuses te arrebataram sua graça e o espírito mau de ti se apossou, perturbando-te a razão.

A esse olhar, levantei-me e desesperada resolução apoderou-se de mim.

— Tens razão — disse, exaltada — foi o espírito imundo que me inspirou um amor cego por esse homem impuro, porquanto lutei, para esquecê-lo. Orei em todos os templos oferecendo sacrifícios, mas os imortais não se compadeceram de mim, abandonando-me à paixão que me torturava e oprimia, como se tivesse uma pirâmide sobre o peito. Sei que sou culpada, merecedora de todos os martírios, e que os quarenta e dois juízes do mundo subterrâneo condenarão minha alma a uma terrível expiação; diga-me, sacerdote de Amou, se a morte voluntária pode resgatar meu crime, que hoje mesmo darei fim a esta existência profana. Vida perdida, coração despedaçado, tudo me é odioso...

Soluços convulsivos impediram-me de continuar.

O sacerdote fez-me sentar e colocando as mãos em minha cabeça orou, implorando aos deuses perdão e proteção para mim; depois, disse com bondade:

— Acalma-te, Thermutis, manterei minha promessa e farei o impossível para te salvar; jamais, porém, deverás revelar que eu soube a verdade; agora, vai repousar. Volto para junto de Ramsés. Mandar-te-ei um amuleto que te dará forças contra os espíritos das trevas, responsáveis pelo feitiço.

Com lágrimas de reconhecimento, procurei a mão do generoso médico, que levei aos lábios, beijando-a.

Ele voltou à tarde, informando-me que tudo estava arranjado: o Pharaó, ciente de que um espírito mau havia-se apoderado de mim, concordara com, todas as prescrições do sacerdote, isto é, que eu abandonasse Thebas, acompanhada apenas das pessoas íntimas, retirando-me para Tanis, até que os sacerdotes e o tratamento determinado me restabelecessem. Suanro prometeu visitar-me e não me abandonar no momento decisivo, jurando-lhe eu, por minha vez, não rever Ithamar, a pretexto algum.

Parti, pois, levando comigo Asnath, a ama de leite (conhecedora do segredo) e mais alguns servos e servas fiéis, instalando-me em Tanis.

Desfrutava vida calma e completamente isolada. Nunca mais revi Ithamar e era cheia de angústias que me recordava dele, como se fosse a encarnação do mal para me perder; o que mais me oprimia, porém, era o destino do nascituro. Muitas vezes troquei idéias com Asnath, que, de uma feita, me disse:

— Avistei-me com Ithamar e Apopi, rogando-me aquele que te dissesse estar Jocabed, sua irmã, aguardando um filho mais ou menos na mesma época do teu, e disposta a dizer que o parto foi duplo, adotando o que não podes conservar contigo.

Esse plano agradou-me extraordinariamente: pelo menos, o pobrezinho seria educado pelo pai, e, quanto à sua manutenção, eu poderia ajudar.

Devo ainda mencionar um fato, que só vim a saber mais tarde, mas aqui o consigno por parecer-me conveniente: trata-se de uma profecia terrível, feita nessa ocasião por velho sacerdote de Heliópolis, célebre pelas suas revelações:

— "Dentro em breve — teria dito o profeta — nascerá de pai hebreu uma criança do sexo masculino, que, ao atingir a maioridade, cobrirá o país de desgraças; por sua culpa, o Nilo sagrado será empestado; as cidades e campos cobertos de cadáveres, a nação arruinada, todos os primogênitos do Egipto feridos do morte e o sarcófago do Pharaó que suceder a Ramsés, ostentando a coroa do Alto e Baixo Egipto, permanecerá vazio para sempre, pois só haverá peixes no lugar em que o corpo do rei vai ser sepultado".

Ramsés, sobremaneira impressionado, convocou um conselho secreto e discutiu os meios de conjurar tão horrorosas desgraças. Deliberaram ocultar ao povo a predição, porque, tímido e supersticioso, poderia entregar-se a sanguinolentos excessos contra os semitas em geral. Por outro lado, porém, pretextando que os hebreus eram muito prolíferos, resolveram eliminar, durante doze luas, todos os varões que lhes nascessem.

Repito: no meu retiro de Tanis, eu tudo ignorava, pois a ninguém encontrava, nem saía e apenas passeava nos jardins, ou, à noite, em barcos, pelo Nilo.

Aproximava-se o momento de dar à luz e aguardava de um momento para outro a chegada de Suanro, quando notei a estranha agitação de Asnath. Interpelei-a. A princípio, ela nada quis dizer, mas, ordenando-lhe formalmente, acabou, por confessar o seu temor de um inimigo desconhecido, que devia estar perto, porque, já duas vezes, milagrosamente, Ithamar escapara de ser assassinado. Apopi e os parentes suplicaram-lhe que se escondesse, abandonando Tanis, mas ele a ninguém queria ouvir, alegando que não lhe interessava a vida e não abandonaria à cidade no momento em que deveria nascer a criança que se fosse do sexo masculino, corria grande perigo. Foi nessa ocasião que Asnath me cientificou do sanguinário édito de Ramsés, já em plena execução.

Alarmei-me, naturalmente, pois não queria a morte de Ithamar. Ele me havia enfeitiçado e eu o temia, mas, apesar de tudo, amava-o com todas as forças de minha alma. Assim, enviei-lhe Asnath, ordenando-lhe que desaparecesse. Não me atendeu.

— Dize a Thermutis que ficarei, e, se morrer por sua causa, julgar-me-ei imensamente feliz.

Meu coração bateu com violência. Então, considerei, só restava um meio: eu mesma lhe falaria e seria obedecida! Asnath em vão tentou dissuadir-me. Custasse o que custasse, eu queria rever Ithamar. Comuniquei à minha ama, cegamente devotada, e combinamos o plano da arriscada aventura.

Chegada a noite, manifestei desejo de realizar um passeio pelo Nilo, como fizera mais de uma vez. Tomamos a barca, eu, a ama, e Asnath, dirigindo-nos para o quarteirão dos estrangeiros, conduzidos por quatro remadores de confiança. A noite estava quente, embalsamada, magnífica. A um sinal convencionado com Asnath, mandei atracar, para espairecer um pouco em terra. A barca ficou amarrada sob copado bosque de sicômoros, enquanto nos dirigíamos apressadas para a casa de Jocabed, que Asnath conhecia. Paramos à frente da miserável choupana circundada por uma cerca. Batemos. Nenhuma resposta, mas, do interior, escapavam gemidos. Assaltada por triste pressentimento, eu mesma empurrei a cancela, que não estava trancada, e apressadamente transpus o terreiro. Queria espreitar pela porta entreaberta... A cena que se me deparou tirou-me interiormente a razão: no meio da sala miserável, fracamente iluminada jazia Ithamar numa poça de sangue, com um punhal enterrado ao peito, até o cabo. Duas mulheres e um homem torciam as mãos e se lamentavam ao redor do cadáver.

Esquecendo tudo, arranquei o véu e caí de joelhos junto ao morto, rígido e

frio. Inclinei-me para ele, mas tudo rodava em torno de mim; vi, como através de um nevoeiro, mulheres judias me apontarem o dedo, e ouvi várias exclamações. Depois, perdi os sentidos.

Quando despertei, ainda me encontrava na cabana do semita e instantes após dei à luz uma criança. Minha ama e Asnath, pálidas e trêmulas de pavor, apenas me deram tempo de beijar a fronte do recém-nascido. Auxiliada pela ama, mulher vigorosa, abandonei o recinto, carregada em seus braços, e minutos mais tarde repousava na embarcação, esmagada de corpo e alma, enquanto os remadores retomavam o caminho do palácio.

Os raios da aurora iluminavam o horizonte, cintilando como rubis nas águas do rio.

— Poderosos deuses — murmurei — quanto tempo passamos lá?

— Cerca de três horas — respondeu Asnath, beijando-me as mãos — mas, acalma-te, Thermutis; agora tudo irá bem, ninguém suspeitará de teu parto e esta saída foi-te inspirada por Hator mesma.

— Matarão a criança como fizeram ao pai, murmurei constrangida.

Nesse instante despontou o sol inundando a terra com uma torrente de luz.

— Vê — disse Asnath erguendo os braços com entusiasmo para o astro luminoso — Ha abandona as trevas e com seus raios divinos ilumina a volta ao palácio. É um feliz augúrio para ti e para o inocente que me prometeram ocultar com segurança. Assim como o deus vencedor e remoçado, triunfante, abandona o reino das sombras, também nova vida de esplendor c calma vai começar para ti.

Meia hora depois, a barca atracava na escadaria de pedras, onde confina a aléia que leva aos meus aposentos. No primeiro degrau, divisei um homem de pé, ostentando vestes sacerdotais de uma alvura incomparável; era o meu médico e salvador, vindo, como prometera, para auxiliar na dissimulação do terrível mistério. Desceu ao meu encontro e apertou-me a mão; eu, porém, me sentia tão fraca, que as minhas auxiliares foram obrigada a transportar-me até o dormitório, onde Asnath e a ama, ajudadas pelo médico, me acomodaram, despertando-me inteiramente. O médico me reconfortou maravilhosamente e, quando me viu um pouco mais forte, ordenou que nos deixassem a sós.

— Muito bem, minha filha, noto que o mais difícil foi vencido — disse, sentando-se junto do leito. — Mas, onde está a criança?

Quando concluí o relato de tudo, meneou a cabeça:

— Vejo que os deuses se compadeceram da tua infantilidade e te livraram milagrosamente de todo perigo; a criança está onde lhe convém e o perigoso homem que te enfeitiçou teve merecida morte, porque ousou, sabendo-se impuro,

macular uma filha de Pharaó. Agora, será fácil restabeleceres-te; repousa e continua a tomar esse tônico, que te darás forças para ocultar a verdade, recebendo o pessoal de serviço, a fim de evitar qualquer suspeita.

Agradeci e, pedindo a Asnath que me passasse um cofre precioso, cheio de jóias, disse:

— Tens uma filha de dezoito anos, Suanro; que os deuses te recompensem por intermédio dela todo o bem que me fizeste; e quando um dia concederes sua mão a um homem digno dela, acrescenta este dote — lembrança da pobre Thermutis.

Logo que me vi só, adormeci; depois, reconfortada pelo sono e auxiliada por Asnath, preparei-me e fui postar-me no terraço, porque desejava ser vista por todos.

Mal me havia instalado, quando o mordomo anunciou Chenefrés, que, procedente de Thebas e portador de uma mensagem de Pharaó, solicitava a honra de uma audiência.

Travou-se-me o coração dolorosamente; a presença de Chenefrés no momento era-me duplamente odiosa. Ele vinha, porém, em nome de Ramsés e não podia deixar de recebê-lo.

Autorizei a entrada, e, após os cumprimentos do estilo, disse-me:

— Princesa, ordena que os circunstantes se retirem para não ouvirem o que te vou dizer da parte de Pharaó, e que somente a ti deve ser transmitido.

Esforçando-me por aparentar indiferença, afastei com um gesto as pessoas que me rodeavam, mas o coração batia angustiado, não sei porque. Parecia-me que aquele homem, cujos olhos negros me fitavam atrevidamente, conhecia o meu segredo.

— Agora, dize o que tens a comunicar-me.

Aproximou-se e, olhando-me ironicamente, disse com voz soturna:

— Venho renovar um pedido que repeliste mui duramente; acredito que Chenefrés, dignatário egípcio, fosse indigno da filha de Pharaó; mas será que ainda o consideram audacioso pretendendo para esposa a viúva do hebreu Ithamar?

Um grito abafado escapou-se-me do peito. O infame tudo sabia; mas por quem? Raiva e angústia embargavam-me a voz. Instantaneamente, meu olhar desvairado notou que no seu cinto faltava o punhal de cabo cinzelado e várias manchas negras pontilhavam-lhe as vestes. Como um raio, reavivou-se a lembrança do cadáver de Ithamar com o punhal cravado no coração. A despeito de meu estado de fraqueza, ergui-me sobre as almofadas, palpitante de horror e cólera:

— Miserável! Foste o assassino! — disse com voz entrecortada. — Afasta-te, indigno, e nunca mais me apareças! Antes a morte que pertencer-te!

Estava fora de mim. Chenefrés não arredou pé. Fitando-me severa e orgulhosamente, retirou do cinto um papiro, que desenrolou, entregando-me.

Tudo passou a rodar diante de mim ao ler o escrito de Ramsés:

"Indigna filha de um grande rei, que não mais mereceria a honra de uma sepultura real e cujo nome deveria ser riscado e esquecido da posteridade, ordeno-te que recebas por marido o nobre Chenefrés, portador deste decreto, visto ser minha inabalável resolução, a fim de pôr termo à vergonha que introduziste na casa de Ramsés, e dignifiques, apesar da nódoa, o sangue divino que corre nas tuas veias".

Ramsés tudo sabia! Foi por sua ordem, pois, que se deu u morte de Ithamar!

Incapaz de raciocinar e agir, vendo tudo negro, diante dos olhos, deixei cair o papiro, que Chenefrés apanhou, inclinando-se e murmurando:

— Então, Thermutis, sim ou não?

Considerando a enormidade do crime que praticara, não ousei desobedecer à ordem de Ramsés.

— Sim — respondi vencida, baixando a cabeça; — desde que Pharaó ordena, serei tua esposa.

Tomou-me a mão e disse:

— Esquece um passado indigno, dá-me teu coração e serei um marido indulgente.

Disse mais qualquer coisa que não pude compreender, presa que fui de um calafrio, a cabeça a rodar, vendo línguas de fogo que pareciam turbilhonar com surdo estertor diante do meu olhar desvairado. Tive uma vaga impressão de que Chenefrés, ajoelhado junto da espreguiçadeira, me sustentava nos braços e que olhares apavorados me fitavam. Depois, perdi os sentidos.

Quando os recobrei, já haviam decorrido algumas semanas, vindo a saber por Asnath que estivera entre a vida e a morte. Ajoelhada junto da cama, a querida confidente ria e chorava de contentamento por ver-me em perfeito estado de lucidez. Pouco a pouco, fui-me restabelecendo. Asnath e Suanro, que me havia salvo, continuaram a desvelar-se por mim e aos poucos me punham ao corrente das novidades: assim soube que a Corte já se encontrava novamente em Tanis; que, em certa ocasião, durante o delírio, Ramsés me visitara, e, após muda contemplação, saiu a suspirar. Depois, não mais voltou, mas procurava informar-se do meu estado. Chenefrés mantinha-se ausente, mas deveria regressar dentro em breve.

Meu restabelecimento foi mais rápido do que se poderia esperar.

Chenefrés voltara, e visitava-me diariamente, porém em atitude reservada sem mostrar severidade nem arrogância. Sem ter-me avistado com Ramsés, eu tremia só ao pensar na severidade do seu olhar. Um dia, finalmente, foi prevenida por um dos seus serviçais íntimos, que me preparasse para recebê-lo no dia imediato, pois desejava anunciar à Corte o meu noivado com Chenefrés.

Na manhã daquele dia tão penoso para mim, aprontei-me com esmero todo particular, pois queria apresentar-me ainda bela, diante de Ramsés, para conquistar-lhe as boas graças (de vez que o sabia sensível a isso).

Com um vestido purpurino ricamente bordado, as mais preciosas jóias e o boné egípcio com as insígnias reais diante de um espelho de metal que me apresentou uma das aias, pude confessar-me dona de uma beleza invulgar. A angústia interior que me ruborizava e dava a meus olhos febricitantes um brilho particular, ainda mais concorria para o bom aspecto. Apenas concluía os aprestos, quando me anunciaram a chegada dos mensageiros de Chenefrés, desejosos de serem admitidos à minha presença. Acedi, e um oficial de serviço introduziu o velho intendente de meu noivo e vários escravos, portadores de cestas e cofres repletos de sedas, jóias e outros objetos preciosos. O velho intendente ajoelhou-se, rogando-me aceitar os mimos enviados pelo amo.

Determinei recompensassem generosamente os portadores e, como se aproximasse a hora marcada para a visita do rei, dirigi-me para a sala de recepção, assentando-me numa cadeira de marfim no estrado, junto do trono de ouro reservado a Ramsés, Recebida por Chenefrés, que me cumprimentou, encaminhei-me ao lugar designado e quase imediatamente apareceu o chefe do cerimonial anunciando que o Pharaó, sentindo-se feliz pelo meu restabelecimento, que os sacerdotes declararam definitivo, enviava-me presentes e não tardaria a chegar.

Em seguida, começou o desfile de imponente cortejo de funcionários palacianos e escravos que conduziam os mais variados mimos; havia cestas cheias de tecidos preciosos e variados, cofres abertos, com perfumes e jóias, aparelhos completos de mesa, de prata e ouro; arbustos raros, cobertos de flores e pássaros exóticos de rica plumagem, presos por correntinhas de ouro a ramos floridos. À vista de tão magníficos presentes, um raio de esperança alentou meu coração. Significaria que a cólera do rei devia ter cessado.

Terminado o desfile, depositadas ao lado do trono todas as oferendas, as fanfarras anunciaram a aproximação do Pharaó e todos os olhares se voltaram para a porta de entrada e para a extensa galeria em colunatas que a precedia. Meu coração parou de bater. Como me trataria? Talvez seu olhar exprimisse des-

gosto e desprezo, em vez da afeição que me testemunhava outrora. Chenefrés, cujo olhar não se desviava de mim, percebeu, sem dúvida, a minha angústia, pois inclinando-se, murmurou:

— Creio que os deuses abrandaram o coração do Pharaó Mernephtah e apaziguaram a sua cólera; confia, pois, na sua bondade sem limites, como a de Osíris.

Nesse instante ouviu-se um retinir de armas: os oficiais da escolta real enfileiraram-se ao longo da galeria e distingui entre as colunas a alta figura de Ramsés a caminhar rapidamente, seguido de alguns sacerdotes, dos seus porta abanicos, dos dignatários e do séquito imenso que o acompanhava por toda a parte.

Possuída de íntimo tremor, desci e fui ao seu encontro. Fisionomia austera, os olhos brilhavam-lhe sombriamente sob as espessas sobrancelhas; quando se aproximou, quis dar-lhe as boas vindas, mas meus lábios tremiam nervosamente e se recusaram a obedecer-me: então, ajoelhei-me e beijei a mão que ele me estendeu. Os circunstantes supuseram que, assim, eu lhe expressava minha gratidão pelo valioso dote com que me distinguira; ele, porém, compreendeu a muda súplica de perdão; desanuviou o rosto, inclinou-se e me beijou a fronte. Depois, erguendo-me, conduziu-me ao meu posto, sentando-se no trono. Percebi que me observava, mas, corada de vergonha, não ousei erguer os olhos e senti grande alívio quando ele falou com bondade:

— Sinto-me feliz, Thermutis, por ver-te finalmente restabelecida da terrível enfermidade que, por tantos meses, nos privou da tua companhia: procura, por dádivas e sacrifícios, demonstrar tua gratidão aos deuses imortais.

Os sacerdotes que vieram no séquito, entre os quais o meu salvador, aproximaram-se e, depois de abençoar-me, presentearam-me com preciosos amuletos, que deveriam preservar-me para sempre de mau olhado.

Ramsés proclamou então diante de todos, que, honrando a fidelidade de Chenefrés e em atenção aos serviços por ele prestados ao Estado e à sua pessoa, aquiescia em conceder-lhe a minha mão como esposa. Mandou que Chenefrés se aproximasse, colocou minha mão na dele, presenteando-o com um anel que retirou do dedo, e com soberbo colar; a seguir recebemos os cumprimentos de toda a Corte.

Silencio sobre o meu casamento, porque essa cerimônia que, para tantas moças, constitui a consagração de entressonhada felicidade, foi para mim bem triste, visto que o coração vivia unicamente das recordações de Ithamar.

Chenefrés sentia que meu amor estava longe; perscrutava mesmo os meus pensamentos e, se diante de estranhos me demonstrava a deferência a que tinha direito a mulher de casta real, na intimidade o marido não se continha: em ter-

mos ásperos e ferinos exprobava minha frieza e o amor vergonhoso por um impuro; às vezes, as cenas e os acessos de raivoso ciúme por um morto eram-me bem dolorosos, mas tudo suportava sem me queixar, porque me reconhecera culpada. Dirigir-me a Ramsés? Mas o Pharaó tinha motivo de alegar minha falta e dizer que meu marido tinha todo o direito de me exigir amor e reconhecimento.

E assim correram os primeiros tempos de vida conjugal, desejaria, com um pouco mais de alegria e animação, contentar Chenefrés; mas, temores horríveis sobre a sorte de meu filho me amofinavam: o massacre das crianças hebréias, provocado pela terrível predição, continuava; e a cada momento parecia-me chegar a notícia da morte do menino.

Meus temores não eram vãos, antes bem fundados. Um dia, Asnath contou-me, sobressaltada, que havia recebido aviso de Jocabed comunicando não ser possível ocultar por mais tempo o pequeno, que só por milagre ainda não tinha sido descoberto. Passei uma noite insone, e a angústia do coração materno sugeriu um plano que me pareceu viável: mandei dizer a Jocabed que depositasse a criança numa cesta de vime bem calafetada e a depusesse junto à caniçada, no lugar em que costumava banhar-me com as aias, de modo a fazer crer que o Nilo havia levado por acaso, até ali, a frágil embarcação, à qual desesperada mãe houvesse confiado seu tesouro. Contava que uma aia visse a cesta e, encontrando nela uma criança, me mostrasse. Ninguém, então, poderia impedir-me de usar o privilégio real de conceder graça de vida a um único dos pobres seres condenados pelo ódio real. Claro que, na ocasião, não poderia tê-lo comigo, para não despeitar desconfiança de Chenefrés, que ocultamente se esforçava por conhecer o destino da criança, embora eu lhe houvesse assegurado, assim como Asnath e minha ama, que ela morrera ao nascer. Assim, projetei confiá-lo a Jocabed, na qualidade de ama, até que pudesse protegê-lo abertamente.

De manhã, Asnath me disse que tudo seria feito de conformidade com os meus desejos, logo no dia seguinte, à hora habitual do banho.

A tarde e a noite desse dia me pareceram intermináveis; não consegui dormir e contei os minutos até o momento de agir. O coração batia, e eu aspirava deliciosamente o ar embalsamado da manhã; breve iria contemplar o fruto do meu amor, que não revia desde o nascimento, porque Chenefrés vigiava todos os meus passos, e uma entrevista fortuita, ou sequer um passeio para os lados do quarteirão semita, poderia suscitar desconfianças.

Enfim, chegamos ao lugar ensombrado de palmeiras, onde costumava banhar-me. Enquanto as aias desciam correndo estendiam tapetes junto de pequena tenda raiada de branco e azul, eu me detinha no primeiro degrau da escada

de pedra e, com olhos ávidos, perscrutava a caniçada e a superfície do Nilo cintilando ao sol como um espelho polido. Fez-me palpitar o coração um suspiro de reconhecimento aos imortais que concediam essa calmaria: nenhuma aragem que pudesse ameaçar a frágil embarcação, berço do meu tesouro, com a formação de ondas no rio sagrado.

Nesse instante, uma das aias exclamou:

— Olhem, ali nas caniçadas uma cesta de vime enganchada, que alguém certamente perdeu!

As pernas me fraquejaram, mas Asnath desceu, fingindo curiosidade:

— É verdade, Zot, vai e traze a cesta; quero ver o que contém.

A moça atirou-se à água imediatamente e nadou para a cesta, segurando-a.

— Oh! Senhora — exclamou — que linda criança! Até parece um deus!

Nadou para a escada, que eu lentamente descia, e entregou a cesta a Asnath.

— Oh! que encanto! — exclamou esta. — Olha, Thermutis... Mas quem teria assim enjeitado o coitadinho, confiando-o aos deuses e às ondas?

Olhos marejados de lágrimas, inclinei-me e vi, deitada no fundo da cesta, uma criança em panos de linho branco; seus olhos, grandes e negros, estavam abertos; lágrimas grossas como pérolas cobriam-lhe as faces.

— Será talvez uma criança hebréia... Qualquer pobre mãe, desesperançada de a subtrair aos prepostos de Pharaó, tê-la-ia deixado às águas do Nilo, preferindo que morresse longe de suas vistas, ou esperando que fosse recolhida por qualquer alma caridosa. Pois bem: se os deuses a encaminharam a mim, eu a salvarei.

Aproximei-me e coloquei a mão no peito da criança, como sinal de proteção.

Ah! Mal poderia supor que o coraçãozinho que palpitava sob meus dedos seria, mais tarde, tomado de orgulho, ambição e ódio contra os Ramsessidas; que o destino inexorável me levaria a salvar aquele que um dia, desencadearia contra a minha pátria e a minha raça todas as calamidades preditas!

Felizmente para nós, mortais, o futuro permanece oculto, e, naquele instante, senti grande alegria e ternura; mandei que levassem o menino para a tenda, acrescentando:

— É preciso descobrir uma semita para amamentá-lo e cuidá-lo; providenciarei para que nada lhe aconteça. Zot, avia-te e traze-me a primeira ama que encontrares.

A moça afastou-se rapidamente e, apenas começava a despir-me, voltou seguida de uma pequena de onze para doze anos, cujo encantador semblante me recordou Ithamar.

— Esta é Mariana, filha de Jocabed — sussurrou Asnath enquanto a pequena

se ajoelhava.

— Levanta-te — disse com bondade — e dize-me: conheces alguém que possa cuidar de uma criancinha que uma mulher da tua raça confiou às águas do Nilo e os deuses me permitiram encontrar para salvar? Indenizarei os cuidados que lhe dispensarem e o protegerei no futuro.

A menina prometeu trazer a própria mãe, que acabava de perder um filho de alguns meses e se consideraria muito feliz em poder servir-me.

— Vai-te, então, e traze-a aqui, antes que eu volte ao palácio.

Mariana saiu correndo e eu, depois de tomar o banho, deixei-me ficar na tenda, acalentando a criança que chorava. Acariciei-a, abracei-a, consegui acalmá-la. Pus-me, depois, a examiná-la atentamente: era de fato um menino de invulgar beleza, o retrato fiel do pai, e não me cansava de o admirar, assim como as aias, que se amontoavam em torno e que nada suspeitavam do meu interesse pela sorte da criança, atribuindo-o, sem dúvida, à grande beleza do pobre enjeitadinho, senão à natural ternura do coração feminino.

Ainda o tinha ao colo, quando chegou Jocabed pálida e trêmula, ajoelhando-se a meus pés e beijando o solo.

Acenei-lhe para que se levantasse.

— Nada temas, boa mulher; só te desejo o bem. No lugar em que costumo banhar-me, as aias encontraram na caniçada esta cesta e dentro dela uma criança, que suponho seja da tua raça; isso porém não importa! Não foi à-toa que, trazida pelas águas sagradas do Nilo, ela veio implorar minha proteção: eu a sustentarei e reconduzirei para junto dos pais, obrigados a abandoná-la. Leva-a contigo e amamenta-a; gratificarei bem o teu benefício.

Tirei do pescoço um camafeu pendente de uma correntinha de ouro e coloquei-o no da criança; depois, envolvi-a num xale precioso que tinha à mão.

— Dou-lhe o nome de Mesu, filho das águas, disse, e abraçando-o e alçando-o para o sol, acrescentei: — Rá, deus todo-poderoso que me enviaste este menino, guarda-o e protege-o! Agora, toma-o e dá-me notícias frequentes, pois breve deixarei Tanis. Se fores a Thebas, leva-o ao palácio e serás gratificada:

Jocabed beijou-me os pés e desapareceu com o menino, enquanto eu me quedava transbordante de alegria: meu peito parecia liberto de enorme peso; tinha assegurado a vida de meu filho e poderia protegê-lo no futuro; quando reencontrasse Ithamar no reino das sombras, onde, segundo me haviam ensinado os sacerdotes, todos os homens são iguais, não haveria de corar diante dele.

Entretanto, abstinha-me com afinco de exteriorizar meu contentamento; antes aparentava cansaço e tristeza, por não poder conservar em segredo aquele

ato caridoso e temia que Chenefrés, sempre desconfiado de todos os meus passos e feitos, duvidasse dessa história.

Tudo se passou, entretanto, da melhor forma que se poderia esperar. Chenefrés não demonstrou, de pronto, qualquer contrariedade pela minha adoção.

De vez em quando, alegrava-me com a visita do pequeno, trazido por Jocabed, que declarava abertamente ser seu próprio filho, que havia assim exposto. Nenhuma suspeita, pois, poderia despertar o meu procedimento.

Quando Moisés completou quatro anos, tomei-o comigo para educá-lo. Não sem uma angústia interior que o mostrei a Ramsés: mas a extrema fidalguia da criança, seu espírito, muito acima da idade que contava, agradaram ao rei, que lhe testemunhou uma grande ternura, e que se divertia, constantemente, em fazê-lo conversar, provocando réplicas sempre justas e, por vezes surpreendentes para tão tenra idade.

O nobre médico e sacerdote Suanro, que ficou meu amigo, aproveitou as boas disposições do Pharaó para confiar-lhe, num momento favorável, toda a verdade, e sugeriu dar ao rapazinho educação e posição adequadas, porquanto em suas veias apesar de tudo, corria sangue dos Ramsessidas, e que era imprescindível afastá-lo do povo impuro; que Ithamar havia pago com a vida a sua audácia criminosa, mas a mãe de Moisés (e no Egipto a genitora nobilita o filho) permanecia filha de Pharaó.

Ramsés acolheu de boa vontade a revelação e protegeu abertamente Moisés, que deixou de ser um galante apaniguado do paço real, para colocar-se entre as crianças que integravam a comunidade privativa dos filhos do rei. Depois, por sua ordem, ingressou na célebre Escola da Casa de Seti, onde se educavam os homens mais eminentes e destacados do Egipto.

Vaga desconfiança da verdade surgiu, pouco a pouco, no espírito de Chenefrés, provocada pelo meu carinho e extraordinária semelhança do menino com Ithamar, a quem ele fitava com mal sopitado ódio, porque lhe faltavam as provas e a proteção ostensiva do rei impedia qualquer hostilidade à criança.

Mais de uma dolorosa cena de nossa vida íntima, fez-me, porém, pagar caríssimo a dedicação materna.

Decorreram anos e o menino tornou-se adolescente. Os sacerdotes de Seti não regateavam elogios às suas raras qualidades: era zeloso, hábil, corajoso e apenas o dom da palavra fácil lhe faltava, compensada, porém, pela pena — arma principal da sua eloquência.

Sua afeição e reconhecimento para comigo eram tocantes e todo amargor que me ensombrava a existência dissipava-se-me do coração, quando, assentado

a meu lado, olhos brilhantes, rosto incendido, me relatava seus sucessos no estudo, trabalhos e todos os pequeninos episódios da vida escolar.

Às vezes, parecia-me ver Ithamar ressuscitado: o porte, os traços, as atitudes do pai e do filho eram idênticos, mas a expressão era outra: o orgulho, à empáfia, as paixões fogosas que brilhavam nos olhos brilhantes de Moisés faltavam no olhar doce e meigo do pai.

Certa feita, contou-me orgulhoso e radiante que o velho sacerdote, que lhe ensinava a ciência dos astros, havia tirado o seu horóscopo, promissor de brilhante futuro.

— "Povoarás o deserto — teria dito o profeta — sob os raios causticantes de Rá, sacrificarás milhares de vítimas; morrerás tão alto que estarás sozinho, perto das nuvens".

Feliz pelo glorioso destino de meu filho, acariciava-lhe a negra e sedosa cabeleira, agradecendo aos deuses a evidente proteção que lhe outorgavam; mas, ai de nós, cegos mortais, não compreendíamos a ironia e irrisão amarga dessa predição, que parecia tão gloriosa. Sim, ele povoou o deserto, lá perambulando mais de quarenta anos; sacrificou vidas a Rá, sob seus raios escaldantes, mas foram as cabeças dos revoltados do seu próprio povo; e a montanha onde morreu sozinho, coração repleto de amarguras, era alta e bem alta.

Terminado o curso, Moisés foi agraciado pelo rei com elevado cargo na Corte, mas essa bela fortuna, advinda a um homem de origem obscura, despertou inveja e surda malquerença dos senhores egípcios, que avidamente buscavam toda a oportunidade para o desacreditar perante Ramsés, encontrando em Chenefrés um ativo aliado.

Todas essas misérias íntimas azedaram pouco a pouco o ânimo de Moisés; o moço jovial e diligente tornou-se sombrio, tristonho e pouco comunicativo.

Meu sonho dourado era casá-lo com uma egípcia de alta linhagem, para apagar assim, com uma aliança nobre, os preconceitos que lhe prejudicassem o futuro. Certo, o belo homem sábio e altamente colocado, meu protegido como filho, não encontraria qualquer recusa; mas, com grande desapontamento de minha parte, ele demonstrou aversão invencível a toda e qualquer ligação, suplicando-me abandonasse a idéia de casamento.

Em compensação, passou a demonstrar profundo interesse pelo infeliz povo de que descendia.

Sempre que se aludia à condição miserável e degradada, aos trabalhos que sobrecarregavam seus irmãos, sombria e sinistra chama lhe brilhava nos olhos e os punhos se lhe cerravam.

Visitava assiduamente os pretensos parentes Amram e Jocabed, trazendo para Thebas o filho deles, Aaron, que julgava seu irmão; passava horas à fio em conversa com esse homem astucioso e genial, instruindo-o e fazendo-o contar a história do seu povo, os pormenores dos sofrimentos e humilhações que os sobrecarregavam.

Há muito que minha saúde se vinha ressentindo e era extremamente delicada. Sentia que meu fim se aproximava e incoercível desejo se apoderou de mim, qual o de morrer lá onde havia se desencadeado o drama da minha vida.

Antes de partir para Tanis, uma intriga palaciana ocasionou novamente a Moisés um profundo desgosto. Supliquei, então, a Ramsés que lhe desse um comando no Exército, a fim de mantê-lo afastado por largo tempo e ensejando, assim, acalmar todas as suscetibilidades.

Fui atendida. Aliás, a ocasião era favorável, pois aprestava-se nova guerra (penso que contra os Líbios).

Satisfeita e calma, cheguei a Tanis acompanhada de Chenefrés, que, desolado com a idéia de perder-me em breve, desfazia-se em cuidados. Ele amava-me a seu modo, mas, seu ciúme sobreviveu aos anos.

Uma tarde, semanas após nossa chegada a Tanis, encontrava-me deitada no terraço, onde descortinava os jardins e aspirando deliciosamente o ar puro e aromatizado; os raios do sol poente douravam a copa das palmeiras e projetavam reflexos avermelhados na sombria folhagem dos bosques, iluminando fantasticamente aquele jardim tão conhecido e pleno de recordações...

Absorvia-me nas minhas reminiscências: lá estava a janela serpenteada de roseiras, por onde chegou a mensagem de Apopi ao regaço de Asnath, há muito falecida; lá, sob o zimbório copado do caramanchão, tinha revisto Ithamar e minha imaginação recompôs o quadro dessa noite: via-o de pé, iluminado pela Lua, tão triste e tão belo!

O coração pulsou à lembrança daquela hora deliciosa, a melhor da minha vida, porque, dominada inteiramente pelo meu amor, havia esquecido as torturas que precederam e ignorava as que deviam sobrevir...

Fui interrompida nesse enlevo por uma das aias anunciando a chegada de Moisés, procedente de Thebas e solicitando o favor de admiti-lo à minha presença.

Consenti imediatamente, porque a companhia do filho querido sempre constituiu um bálsamo para o meu coração.

Com a sua chegada, afastei todos os presentes, desejosa de ficar a sós com ele, para saber se havia algum novo aborrecimento que o obrigava a procurar-me.

Quando assim estivemos, assentou-se na almofada junto do canapé, tomou-me as mãos e beijou-as.

— Não minha querida benfeitora — respondeu — nada me aconteceu, mas por estes dias devo seguir para o meu posto no Exército, e antes de o fazer, quis rever-te ainda uma vez. Como te sentes?

Inclinou-se ternamente para mim:

— Tens aspecto de sofrimento, muito fraca, olheiras... oh! querida mãe, será que não te encontrarei no meu regresso? Se já não existires, ficarei só e abandonado; quem me estimará como tu?

Com os olhos molhados de lágrimas, encostou o rosto em minhas mãos.

Qual dos viventes de hoje, pensando no grande legislador Moisés, não o imaginará um velho de aspecto majestoso e severo, impassível e implacável executor da vontade do deus de Israel, lutando de igual para igual com o altivo Pharaó, cobrindo a terra egípcia de misérias e de vítimas?

Passados os séculos apenas deixaram de pé o grande profeta, que, por meios muitas vezes cruéis, soube criar um povo e fundar uma religião; mas esses séculos apagaram a individualidade do Moisés que, moço, belo e amoroso, chorava amargamente a perda da velha protetora.

Passei carinhosamente a mão por sua cabeça inclinada; ele, aprumando-se e olhando-me desesperado, murmurou:

— Estranho mistério que te inspirou a ti, soberba filha de reis, tanta afeição ao filho de uma raça detestada; tu mesma não te admiras? Muitas vezes tenho pensado nisso.

Nesse momento, seu olhar, habitualmente sombrio e duro, fixou-se em mim, enevoado pelas lágrimas e com aquela expressão doce e meiga dos olhos de Ithamar:

Sensibilizei-me, e atraindo-o a mim, sussurrei:

— Tudo saberás: antes de morrer, desejo desvendar o doloroso passado que nos une; antes, porém leva-me para junto da balaustrada, pois aqui falta-me o ar.

Ergueu-me nos braços vigorosos e colocou-me num monte de almofadas, à borda do terraço.

Tomada de grande abatimento, perdi a voz e só muito depois pude recuperá-la. Moisés compreendeu meu gesto e a ninguém chamou.

Tudo já se iluminava com a Lua, quando pude murmurar:

— Olha este jardim, Moisés; lá, naquele bosque de acácias, percebes um banco de mármore?

Há muitos anos — continuei — junto desse banco estava um homem alto e

belo como tu, de olhos fixos neste palácio; ele sonhava com a mulher que ali dormia, quando, repentinamente, ela surgiu diante dele; atônito, rojou-se-lhe aos pés, beijando-lhe a fímbria do vestido. Ela, tudo esquecendo, exceto o seu amor — porque o coração não reconhece casta nem nascimento — entregou-se-lhe inteiramente. Esse homem era teu pai, o hebreu Ithamar; a mulher era eu, Thermutis, filha de Pharaó!

Moisés tudo ouvira, ansioso e opresso; às últimas palavras deu um salto e, com surda exclamação, fitou-me espantado: depois, pondo-se de joelhos, estreitou-me apaixonadamente de encontro ao coração:

— Minha mãe, tu? E não me abandonaste, como a um ser indigno, uma nódoa da tua nobreza?

Calou-se, ensimesmado.

— Onde está meu pai? Tu, que não abandonaste o filho, não terás renegado o pai.

E observando-me, angustiado:

— Dize-me o que é feito dele. Talvez tenha fugido e então irei buscá-lo, trazendo-o para junto do teu leito mortuário, a fim de que o vejas pela última vez. Nada temas pelo teu segredo, eu saberei guardá-lo.

— Filho querido — respondi beijando-lhe a fronte — brevemente verei teu pai lá onde, segundo afirmam os sacerdotes, reina completa igualdade; onde todos são criados por Osíris, dos mesmos raios da sua graça e, sem pejo, poderei reencontrar o espírito de Ithamar, porque te amparei, amei e eduquei. A ti, fruto do nosso amor, deixo-te rico e poderoso: tudo que te pude dar, além do meu amor materno, já te dei; quanto a teu pai, morreu apunhalado por mão vingadora, que lavou no seu sangue a honra de um Pharaó.

— Ah! — murmurou empalidecendo — é então verdade que um membro de nossa família, cujo nome ninguém jamais nomeia, pereceu de morte violenta e esse, cujo nome assim se oculta, é o meu pai? Suplico-te, mãe benfeitora, neste momento decisivo, que me relates tudo.

Inclinou-se e, em surdina, tudo lhe contei.

— Foi assim, meu filho, que nasceste junto do cadáver de teu pai — disse em conclusão — mas, se me amas, não indagues jamais, quem o matou. Basta que te diga que foi tudo obra da vontade real.

Eu não queria que ele matasse Chenefrés, se um acaso lhe deparasse a verdade, pois notei a exaltação febril com que ouvia.

Levantou-se arrebatado, olhos brilhantes, elevando as mãos crispadas:

— Oh! Eu te vingarei! Ouve o que te digo, espírito de meu pai! Vingar-te-ei,

sim, não num homem, mas quebrando o jugo que pesa sobre o nosso desgraçado povo e que o faz miserável e desprezível. Lutarei por ele, dar-lhe-ei a independência. O suor não mais escorrerá da fronte dos meus irmãos, na terra da servidão; ninguém mais se envergonhará de apertar-nos a mão, e tempo virá em que todos se curvarão muito baixo diante desse povo desprezado, que há de governar o mundo. Essa a minha vingança pelos sofrimentos que temos suportado. Oh! pais infelizes! E desse modo, cumprirei a profecia do meu destino: sim, povoarei o deserto fundando um grande povo, morrerei acima do comum dos mortais, no trono de Israel, donde governarei com sabedoria e clemência.

Calou-se como que sufocado. A palavra, comumente lenta e difícil, vinha-lhe vibrante e rápida.

Escutava-o perturbada e inquieta, quando um raio do sol despontou, iluminando com rósea auréola o semblante pálido de Moisés, que continuava de olhos postos no céu, em suprema exaltação.

Estremeci. Rá, cujos raios dourados tinham saudado seu nascimento, tê-lo-ia ouvido e santificado as palavras?

Não tive tempo de raciocinar: sacudida por tantas emoções, perdi os sentidos.

Ao voltar a mim, Chenefrés estava junto do meu leito e Moisés se inclinava para despedir-se. Pela última ve2, beijou-me as mãos e saiu. Meus olhos materiais não tornaram a vê-lo.

Depois desse dia, entrei a definhar; não mais me levantei, aguardando a morte a cada momento.

Finalmente, uma tarde em que de novo me encontrava deitada no terraço, a inquietação, que me afligia desde pela manhã, transformou-se em frio glacial, invadindo-me todos os membros; tudo turbilhonava em torno de mim, como iluminado pelas chamas de um incêndio; depois, um choque violento me aturdiu. Ao recuperar a consciência, notei que flutuava num espaço azulado e transparente, revestida de uma túnica impalpável e nebulosa; extenso raio luminoso, como de sol poente, incidia sobre mim e, nessa trama de luz, alçava-me com espantosa rapidez.

Vou para Rá, pensei... Depois, o coração se confrangeu. É o julgamento, os irredutíveis juizes do reino das sombras vão pesar-me o coração e os atos.

Nesse instante de temor, surgiu um ser luminoso, cujo semblante calmo e majestoso exprimia mansidão:

— Thermutis — manifestou em pensamento — antes de compareceres a julgamento, vai reunir-te àquele que foi teu filho; protege-o, inspira-o; que teu amor

o ampare nas tentações e o auxilie a vencer a si mesmo, porque grande é a sua prova. Tal é, no momento, tua missão terrestre.

O espírito luminoso desapareceu e voltei para junto daquele a quem na Terra tanto amara. Sombra fiel, acompanhei-o na guerra, que lhe foi desfavorável; reveses que a maledicência dos inimigos atribuiu, não a circunstâncias difíceis, porém à incapacidade do hebreu elevado a condição imerecida.

Ao patente descontentamento que lhe demonstrou o rei por ocasião do seu regresso, opôs uma fria indiferença. Com tristeza, vi uma nuvem de amargura entristecer-lhe a alma; julgava-se apenas elemento exótico e afrontoso nessa Corte, onde acreditava dever brilhar em primeiro plano; e pouco a pouco, o ódio mal contido contra o Egipto e os Ramsessidas foi engrossado por desmedida ambição.

Não podendo apoderar-se da coroa do Pharaó, resolveu fazer-se rei do povo desprezado, mas numeroso, ao qual pertenceu o pai; como seu chefe, imaginava escarnecer e punir os egípcios, esquecendo que o sangue destes últimos corria igualmente em suas próprias veias.

Aferrou-se a essa idéia devotando-lhe todas as forças do seu gênio e todos os recursos do seu saber. Estava, porém, sozinho; quanto mais os planos ocultos o colocavam em contato com os hebreus que desejava libertar, mais os sentia indolentes, poltrões, falsos e pérfidos.

Fora outro, que não esse homem de vontade férrea, e teria desanimado. Ele, porém, apenas se irritava. Decidiu portanto que, pelo terror e implacável crueldade, disciplinaria aquela raça embrutecida, inoculando-lhe coragem.

Para ficar mais no centro das operações, retirou-se para Tanis, passando a viver numa propriedade que eu lhe legara. Chenefrés também residia na mesma cidade, desde que faleci. Separados, entretanto, por invencível inimizade, raramente se avistavam.

Um dia, Moisés que gostava dos lugares onde eu vivera, quis dar um passeio solitário pelos jardins do palácio. Para lá chegar, teve de atravessar um vinhedo que me havia pertencido e onde os trabalhadores hebreus estavam colhendo uvas sob as vistas dos guardas; de repente, num recanto afastado, viu um semita que se esforçava para erguer um pesado cesto, enquanto o guarda, impaciente com a lentidão do servo, lhe aplicava umas bastonadas.

Surpreendendo a cena, o sangue lhe subiu à cabeça já incandescida, e desferiu violenta bengalada na fronte do feitor, egípcio, que tombou morto.

Caindo em si e prevendo as consequências, arrastou o cadáver para uma vala cobrindo-o de terras e folhas secas.

Quando, justamente, se voltava para retomar seu caminho, surgiu Chene-

frés. Moisés estacou de braços cruzados e o trabalhador fez menção de suspender o cesto.

O velho aproximou-se e, notando a mancha de sangue no solo, perguntou com severidade:

— Que é isto, hebreu? Onde está o feitor?

Aterrorizado pelo olhar do patrão, o judeu prostrou-se em terra e, apontando Moisés, exclamou angustiado:

— Quem o matou foi ele quando me castigava, mas eu bem mereci as pancadas e jamais ousaria erguer a mão para o meu bom e nobre vigilante; perdão! perdão! Sou inocente e não sei por que aqui se meteu este desconhecido.

Moisés recuou como se houvesse recebido uma punhalada em pleno peito. O povo que ele queria libertar era falso a ponto de trair seu defensor!... Depois, com olhar inflamado, caminhou para Chenefrés:

— Sim — disse — fui eu o assassino!

— Some-te da minha vista, estúpido miserável! — contestou o egípcio ao servo com gesto de contrariedade. E o hebreu se eclipsou qual sombra.

Uma vez a sós, os dois homens se mediram de alto a baixo com olhar odiento.

— Eis o povo que pretendes libertar para erguer um trono, no qual reinarás com sabedoria e clemência — disse Chenefrés com ironia; há muito que te observo e somente a memória daquela que me foi cara e que, na sua fraqueza, revelou tua origem, me impede denunciar ao Pharaó o traidor que maquina revoltar-lhe os súditos para fundar um reino, babes, também, como a lei pune um hebreu pela morte de um egípcio; vai-te, pois, carrega teus camelos de tudo quanto te convenha e ganha as fronteiras. Que jamais teus pés palmilhem o solo egípcio, se tens amor à vida! Olha — acrescentou com zombaria — há povos selvagens, que poderás vencer e disciplinar; não desanimes, pois, de cingir uma coroa. Por enquanto, vai-te. Que não te veja nunca mais. Justificarei tua fuga pela morte do egípcio, para te furtar ao castigo.

O velho odioso calou-se, lançando um olhar de desprezo ao inimigo enfim suplantado, voltou-se e desapareceu.

Fremente de raiva, e com o cérebro convulsionado, Moisés retomou inesperadamente o caminho de casa. Desta vez estava perdido; seus planos desmascarados, e seu último colóquio comigo surpreendido.

Sem perda de tempo, carregou alguns camelos com os seus tesouros mais valiosos e, mal anoitecera, abandonou Tanis, seguido apenas de alguns fâmulos.

A Lua iluminava a estrada por onde seguia a pequena caravana. Montando

um camelo, Moisés ia sombrio e silencioso.

A certa altura, parou e ficou a contemplar a enorme cidade, que, com os seus palácios, jardins e templos grandiosos, estendia-se a perder de vista, cortada pelo Nilo, qual larga faixa de cristal, refletindo nas águas prateadas os leques de palmeira despontados da massa os sicômoros marginais.

Sentindo dilacerar-lhe o peito, Moisés não podia desprender-se daquele quadro, como se o menor detalhe se lhe incrustasse no coração de proscrito e desterrado. Cumpria-lhe abandonar o país natal, essa terra egípcia, desbordante de atividade e riqueza, de ciência e grandiosidade. Oh! Como esse instante lhe pareceu tão caro! Dentes trincados recalcou a emoção e, fechando os punhos, murmurou:

— Voltarei... E então, Egipto, tu e teu Pharaó me pagareis este momento!

Nos primeiros dias de viagem o exilado, apesar dos sombrios pensamentos, devia cogitar do próprio destino, e de pronto o seu enérgico espírito traçou o plano a seguir. Lembrou-se de um velho, que havia encontrado em Thebas e a quem albergara. Esse homem lhe havia falado de um longínquo e fantástico país, como tendo sido o berço da ciência e das leis do Egipto; lá, aquele refugiado tinha sido sacerdote; mas, por causa de um crime e após longa viagem, aportara a Thebas. Nesse rico país, de uma fertilidade desconhecida, templos mais antigos que os do Egipto guardam documentos velhos como o próprio mundo, ciência e segredos em face dos quais os mistérios em que fora iniciado empalideciam.

Para lá, para aquela índia distante, é que ele agora desejava ir; lá encontraria o saber e as armas que lhe possibilitaria combater vitoriosamente o Pharaó e libertar e disciplinar os hebreus.

Não entrarei nos pormenores dessa viagem de contratempos e perigos; apenas direi que Moisés alcançou a Índia e encontrou num velho brâmane um amigo, um mestre e um conselheiro.

Invisível, mas fiel companheira do ser amigo, vi-o dedicar-se ao estudo com todo o ardor do seu caráter, ouvindo e anotando, cuidadosamente, tudo que o bondoso instrutor lhe traduzia dos antigos Vedas, sobre a divindade e a origem do mundo.

Na solidão do seu retiro rodeado por luxuriante vegetação, palestrava com o velho sábio e mentor.

Moisés tudo lhe confiou: passado, vida, planos de vingança, e o indiano de barbas e cabelos brancos, cujo olhar entretanto conservava todo o fulgor da mocidade, o aconselhava e instruía, ministrando-lhe profundo saber e experiência.

Um dia em que Moisés se referiu mais longamente aos egípcios e hebreus o

indiano lhe disse:

— Filho, queres fundar um reino, libertar teus irmãos oprimidos e reuni-los num povo que se subordine à tua vontade e obedeça às tuas ordens; para consegui-lo, deves dar-lhes leis adequadas, pois cada nação, como cada indivíduo, tem necessidade de um regime próprio à sua índole. Os egípcios são sábios, fortes, disciplinados; os hebreus, indolentes e embrutecidos pelo cativeiro; mas, tanto uns quanto outros têm a cabeça aquecida pelo vosso sol causticante e temem o que não compreendem; assim, se souberes empregar as forças da natureza por eles ignoradas poderás pelo medo forçar os egípcios a consentirem na libertação do teu povo e este a te seguir, porque os hebreus sentir-se-ão fortes com o poder misterioso e terrível do seu chefe.

— Oh! Atalhou Moisés, de olhos brilhantes ensina-me a empregar essas forças, inicia-me nos mistérios que ignoro, grande servidor de Brama!

— Fá-lo-ei, porque essa é a vontade dos invisíveis — respondeu simplesmente o velho sábio — mas agora ouve meus conselhos: nas leis que destinares a teu povo, adapta às suas necessidades o que te ensinei dos Vedas; rejeita o supérfluo, simplifica o incompreensível, porque, para as massas ignorantes e embrutecidas por séculos de opressão, as leis devem ser concisas e de tal modo simples, que, desde o mais sábio ao mais inculto operário, possam compreendê-las e senti-las pelo coração. A mente não deve ser sobrecarregada de coisas supérfluas. Reflete, pois, para que na codificação das leis sociais e morais, que devem fundir teu povo num só homem, a submissão ao chefe não seja descurada; tudo deve tender para esse fim e, portanto, nada de rivalidades nem no céu, nem na Terra; uma divindade única, da qual procedem todas as forças da natureza; um Deus senhor do céu e da Terra, única fonte de autoridade, dispensadora de sabedoria, poder, perdão e castigos, diante do qual todos se dobrem. A divindade deve ser temida e venerada; seu nome pronunciado na angústia e na necessidade, deve fazer tremer o coração dos mortais; portanto, a adoração dirigida a Deus não deve esquecer os deveres a que estão sujeitos os homens para sua própria subsistência; estabelece, pois, um dia consagrado à divindade, que será observado escrupulosamente, porque a carne gosta da moleza, o corpo do repouso e orar é mais fácil que trabalhar. A velhice deve ser honrada e a mocidade sujeita à sua vontade e conselho; os pais amados e respeitados, devem receber, na velhice, a afeição e os cuidados que receberam na mocidade; este preceito é o fundamento da família e aquele que o praticar terá um destino feliz.

Repetiam-se essas conversações com frequência, e pouco a pouco amadurecia o gigantesco plano que deveria libertar o povo hebreu e ferir os egípcios.

Moisés aprendia a manejar as forças da natureza e foi iniciado num grau mais alto do que o conquistado no Egipto, sobre os fenômenos que vos, encarnados atuais, chamais de espíritas.

Quando, pela primeira vez, lhe apareceu uma visão verdadeiramente divina, prostrou-se e perguntou com fé e humildade se devia libertar seus irmãos, e a voz celeste daquele que não deseja reinar senão pela caridade e pelo amor, respondeu-lhe:

— "Vai, mas realiza o que pretendes pela bondade, nunca pela morte ou flagelos, nem para erguer um trono à tua ambição, mas para seres o amigo, o pai indulgente desse povo; e se for preciso, para sofrer com ele: então, serás eleito e cumprirás dignamente tua missão".

Dominado por essa bondade sobre-humana e sob a impressão do momento, Moisés conformou-se. Cedo porém, sua alma violenta recuou; queria vingar-se, depois reinar, dominar e punir, caso não fosse obedecido. Este desejo lhe dominou o espírito e assim foi que deixou a índia e viveu no deserto, amadurecendo e preparando o gigantesco plano que executou gloriosamente, arrancando seu povo da dominação egípcia, o que foi conseguido, porém com o sacrifício de milhares de vítimas.

Teve, de fato, um povo; mas, para firmar sua soberania, precisava dominar as almas e isso não podia obter senão à custa do terror extraterrestre. Tornou-se, pois, o intermediário direto entre Deus e o povo eleito de Jeová. Por sua boca, o Eterno dispensava graças e punições; por suas mãos, dispunha das forças da natureza e, entretanto, apesar dessa força e da sua ciência, permanecia impotente diante das leis imutáveis da terra; o calor, as moléstias, as privações das massas humanas que, arrancadas do meio habitual, erravam extenuadas e desconfiadas sob os ardentes raios de um sol tropical; compreendia que precisava conquistar uma terra fértil e cômoda para fixar nela esse povo e elevar o próprio trono.

Se estivesse à frente de aguerrido e disciplinado exército, qual o egípcio, a empresa ser-lhe-ia fácil; mas, agora, comandava milhares de escravos preguiçosos, poltrões, sempre descontentes, e não soldados. Enraivecido, compreendeu que o plano tão habilmente arquitetado nos templos da índia e na solidão do deserto, cuja execução lhe parecera tão fácil, arriscava-se a fracassar mediante a inépcia desse povo pérfido e ingrato, que, como todos os ignorantes, nada mais sabia fazer que murmurar e revoltar-se. Resolveu, então, desbastar as fileiras compactas da velha geração e, por ordem de Jeová, tingiu de sangue as areias do deserto, como já havia semeado de cadáveres as terras do Egipto...

Foi com grande tristeza e pungente dor, que acompanhei o filho bem-ama-

do, surdo à minha débil voz e ao qual buscava inspirar os sentimentos de caridade e perdão.

Sombria noite baixou, pouco a pouco, sobre essa alma grande e generosa, mas toldada pelas fraquezas humanas.

Não obstante, criou ele o admirável código de leis morais e sociais que, com o tempo, forjou essa nacionalidade indestrutível e que, vencendo as vicissitudes de três mil anos, dispersada entre todos os povos da Terra, permanece de pé como um monumento do seu gênio.

Ainda ninguém ao ler a história do povo de Israel, tentou aprofundar o estado dalma desse homem extraordinário, que, sábio e espiritualizado entre todos, convivendo em palácios, habituado ao requinte social e aos prazeres intelectuais de uma sociedade culta e elegante, errava ano após ano, nas planícies áridas, no convívio de um povo selvagem, lutando contra perpétuas revoltas, cercado pela inveja e ingratidão até dos próprios parentes, forçado a aguardar que desaparecesse essa velha geração, substituída por outra educada em novos moldes, que produzisse bons frutos aos seus sucessores; a ele, entretanto, estava apenas reservado dominar pelo terror, punindo os desobedientes em nome de Jeová.

Essa perpétua mentira das suas relações diretas com a divindade em cada um: de seus atos constituiu, pouco a pouco, o suplício da sua vida, porque Moisés acreditava, realmente, no grande criador do universo, incompreensível à débil razão humana: conhecia as relações com o mundo invisível e, para obter fenômenos mediúnicos, tomava as necessárias precauções para a realização das sessões. Seus conselheiros eram, entretanto, espíritos ambiciosos e enganadores, e o temor da sua grande responsabilidade fazia-se cada vez mais pesado. Esse grito de desfalecimento da sua alma de escol, conservou-se mesmo na antiga crônica dos hebreus, onde diz que o Eterno, em sua cólera pela desobediência do enviado, o condenava a ver a Terra Prometida, sem pisá-la. (Sem dúvida, não podendo confessar o verdadeiro motivo da cólera celeste, deu-lhe esse fútil pretexto.)

O orgulho e ambição aumentavam-lhe o sofrimento. Qual não seria a satisfação dos egípcios, sabendo que o insolente hebreu ainda vagava no deserto, sem asilo e sem pátria!? A taça de ouro que o Pharaó desesperado lhe atirara não se encheria mais de vinho, como dissera empertigado ao apanhá-la; a tumba úmida do pobre Mernephtah não lhe havia dado um reino, o trono tão ambicionado não encontrava onde erguer-se e se perdia na bruma longínqua.

Sacrificando energias, saúde, inteligência, ele regava com o suor do rosto a seara que um David, um Salomão, deveriam colher.

Eu tinha o coração dilacerado, acompanhando, como testemunha invisível e

impotente, o pesado encargo espiritual do filho querido, que tanto sofria por sua própria culpa.

Durante aqueles longos anos de trabalho e lutas, o organismo se lhe esgotava, envelhecia a olhos vistos; a eternidade batia à porta do asilo terrestre e ele a desejava, em penhor de libertação.

Ao sentir aproximar-se o fim, reuniu o povo e dele se despediu. Queria morrer isolado, cercar sua morte de uma auréola de mistério, mas mesmo isso não passava de última expressão de orgulho.

Propalou que Jeová o havia chamado e proibiu, a quem quer que fosse, acompanhá-lo. Sozinho, então, subiu a montanha e, chegando ao cume, parou fatigado; braços cruzados sobre o largo peito, contemplou a imponente paisagem que sé descortinava a seus olhos, iluminada pelos raios do sol poente; com olhar colérico, fixou um instante os pontos negros que, na planície, localizavam o povo hebreu; apurou o ouvido aos variados ruídos do campo, que até ali chegavam em surdo murmúrio.

Com profundo suspiro, voltou as costas; a idade havia-lhe enrugado a fronte e encanecido a espessa cabeleira; não era mais aquele moço que, no terraço do palácio de Tanis, exaltado, do olhos coruscantes, estendera os braços para o sol nascente e jurara libertar seu povo, elevando um trono.

Triste sorriso descerrou-lhe os lábios:

— Astro que minha mãe adorava, tu não mentiste ao meu destino! O homem cego é aquele que interpreta as profecias segundo o grau de sua ambição. Foi claramente dito que eu povoaria o deserto, que o sangue das vítimas tingiria as areias da planície e que eu morreria só, muito alto, muito alto... Esta montanha não será, acaso, um trono preparado pelo Todo-Poderoso?

Deitou-se, recostando-se numa pedra e fechou os olhos. Então, diante da retina espiritual, passou-lhe como em sonho, a vida inteira, a radiosa infância no palácio da maravilhosa Thebas; descuidosa juventude na Escola da Casa de Seti, onde adquiria o saber que, mais tarde, haveria de ajudá-lo a praticar tanto mal. Onde estariam agora os seus mestres, os companheiros de jogo e de estudos? Oh! Mais de um havia perecido nas calamidades que assinalaram a saída do seu povo; e aquela mãe adotiva, sempre tão indulgente, também havia desaparecido qual sombra e, com ela, o anjo tutelar. Depois, reviu o exílio, a fuga clandestina de Tanis, a Índia, essa terra encantada onde pode repousar na ciência e no estudo, mas onde a ambição o escravizara; depois, o retorno, a luta com Mernephtah. Com dolorosa emoção, pareceu-lhe assistir novamente à destruição do Pharaó com seu exército e, em seguida, aos massacres intermináveis dos seus hebreus revoltados.

Apreensiva e amorosa, eu observava-o, tal como na época em que os raios do sol nascente lhe iluminavam o berço. Então, ele entrava no, mundo material de provas e tentações; agora voltava para o dos espíritos e das responsabilidades efetivas.

Envolvendo em véu cinzento o cume da montanha, elevava-me a neblina da tarde. Peito oprimido, Moisés respirava com dificuldade, com olhos desmesuradamente abertos. Sua vista espiritual, aguçada pelo próximo desprendimento, lobrigava na bruma acinzentada seres transparentes, entre os quais eu figurava à frente. Da planície, parecia-lhe subir uma enegrecida e tumultuosa massa. Estremeceu... ajoelhou-se com dificuldade, elevando aos céus os braços outrora vigorosos; do coração brotou ardente e ansiada súplica:

— Infinitamente grande e poderoso criador e diretor do Universo, perdoa o me haver servido do teu nome e da tua vontade para satisfazer minha ambição pessoal; não te apartes de mim, ouve minha prece.

Mas, a massa turva se aproximava envolvendo-o nas suas vagas, qual as de um mar encapelado. Entre os milhares de seres flutuantes que a compunham, ele reconheceu o Pharaó Mernephtah e seus guerreiros cobertos de algas e espumas marinhas; um grupo, não menos numeroso, se constituía dos egípcios vitimados no massacre dos recém-nascidos e de seus pais.

— Restitui-me a vida destruída e o túmulo honrado, — sussurravam, os lábios pálidos de Mernephtah; mostra-me o Jeová que te enviou.

— Restitui-nos nossos filhos — murmuravam os outros.

E nova massa avançava, hedionda, encharcada de sangue:

— Foi para nos massacrar impunemente que nos iludiste e levaste para o deserto; onde está o Jeová que te ordenou?

As sombras vingadoras se agrupavam ao redor dele, inclinando os rostos crispados, decompostos, sufocando-o com o hálito fétido; a coroa mística do alto e baixo Egipto, que ornava a cabeça transparente de Mernephtah, oscilava, parecendo pender sobre ele, comprimindo-lhe o peito como se fora uma montanha.

Moisés deixou-se cair com surdo estertor e apoiou a cabeça numa pedra que se encontrava perto, última almofada do primeiro rei de Israel; um suor glacial banhava-lhe o corpo... E estava só! Mão alguma havia para enxugar-lhe a fronte; nem uma gota d'água para refrescar-lhe os lábios ressequidos.

— Oh! Jeová! — murmurou o moribundo — alivia-me e perdoa meus erros; sempre proclamei tua grandeza e sabedoria; em teu nome ensinei o bem e reprovei o mal; julga-me, pois, com clemência.

Ardente prece partiu do meu coração a favor daquele que, no emaranhado

das paixões terrestres, havia dito em nome do Eterno: "olho por olho, dente por dente", mas, na hora da morte, repelia espontaneamente essa máxima. Com fé e amor, dirigia-me a esse Deus único e poderoso, que tem a clemência por apanágio, e que a dispensa da mesma forma ao mais miserável escravo, como ao profeta fracassado na sua missão.

Imediatamente, apresentou-se uma entidade radiante de luz, circundada por um clarão cintilante, enquanto uma vibração harmoniosa que nenhum som humano poderia imitar, parecia dizer:

— Que aquele dentre vós, espíritos vingadores, que não lutou contra ele senão pelo bem, despreocupado de ambição, de cálculo ou de rivalidade, o julgue e condene.

Recuaram e tremeram as massas. Ninguém havia agido desinteressadamente, desde o Pharaó, que por orgulho e rapacidade, havia perseguido o povo escravizado para aproveitar-lhe os serviços, até os hebreus revoltados, que, por inveja, haviam sacrificado os seus irmãos para apossar-se do lugar de chefe. Condenados pela própria consciência, as sombras vingadoras empalideceram e se confundiram na bruma, enquanto um facho de fogo cortava o último laço que ligava a alma ao corpo material de Moisés.

Logo, o perispírito balançava no espaço transparente — nossa pátria eterna — e o espírito luminoso murmurou doce e compassivo:

— "Pobre cego! Vês o que resta da tua passagem pela Terra? Um corpo transparente e uma alma culposa; todo o poder, toda a riqueza, lá ficaram nesse raio luminoso que espelha o teu passado. Não te seria mais útil que esse raio refletisse a pobreza, a humildade e a sabedoria e criaturas amparadas pela tua caridade e clemência em lugar desta legião horrorosa de acusadores, constituíssem uma falange de amigos devotados em te seguir? Elevando-se aqui, onde a imensidade dos sistemas planetários reduz o homem a um átomo imponderável, limitado e enfraquecido no entendimento e na vontade, a ambição e os prazeres terrestres surgem em toda a sua nudez, pobres joguetes trabalhados pelas mãos de espíritos inferiores".

Do fundo do infinito elevaram-se vibrações que ecoaram no espaço com majestade esmagadora, e dessas vibrações harmoniosas partiu o sentido seguinte:

— "Espírito! Tu que te serviste do nome do Eterno e Misericordioso Criador do Universo, vem prestar conta dos teus atos!"

Vibrações tumultuosas envolveram o perispírito flutuante de Moisés; depois, uma nuvem o elevou, eclipsando-o aos nossos olhos espirituais. Do meu coração, entretanto, brotou ardente súplica, no sentido de poder comparecer ao

Tribunal dos Supremos Juizes, que eu avistava ao longe, cercado de deslumbrante fulgor. E esse apelo lhe franqueou uma passagem através das massas transparentes dos inimigos, porque era a voz do amor eterno.

THERMUTIS

NARRATIVA DO ESPÍRITO DE PINEHAS
(mais tarde Tibério)

Certa noite, quando meu corpo terrestre mergulhou em profundo sono, cinzento vapor me envolveu e depois, ao dissipar-se pouco a pouco, vi que uma fita de fogo me atraía para um ser fluídico, no qual reconheci Rochester, meu perseguidor, hábil perscrutador de vidas e de crimes sepultados no olvido, e que ele desenrola, impiedosamente, aos olhos dos homens, para lhes servir de ensinamento.

— Não! não quero; desta vez não quero que as minhas quedas e torturas morais sirvam ao que chamas tua missão — protestei energicamente.

Não obtive nenhuma resposta, porém uma vontade superior continuava a reter-me no espaço. Depois, pareceu-me atravessar uma camada escura e compacta como um rochedo e, ao meu olhar conturbado, surgiu espaçosa gruta, fracamente iluminada por uma claridade azulada e vacilante.

Estremeci. Quem seria aquela sombra pálida, de braços contorcidos e encarquilhados, que, qual teia de aranha, flutuava junto de um sarcófago em ruínas? Nesse sarcófago, meio coberto por uma tampa gasta pelos séculos, jazia a múmia de uma mulher, tão fresca e bela, que parecia zombar da ação do tempo e cujos olhos de esmalte como que me diziam:

— Eis-te, enfim!

— Pinehas! — murmurou Rochester a meu lado.

Atravessou meu perispírito — o qual estava trêmulo de emoção e terror — uma corrente elétrica. Sim, recordava-me: a sombra daquele homem de cabelos pretos e feições semíticas, era o reflexo de mim mesmo, Pinehas, contemporâneo de Moisés, o grande legislador hebreu e ela, Smaragda, ali dormia o sono eterno! Não, não era ela, era apenas o corpo da orgulhosa e vingativa egípcia, que repousava naquele sarcófago; seu espírito estava longe.

As recordações assaltaram-me esmagadoras em turbilhão. Meu peito arquejava; queria rever os lugares que foram teatro de tantos acontecimentos. À força de vontade, meu olhar atravessou o rochedo e contemplou a planície coberta de destroços, onde se ostentava, outrora, a grande a populosa cidade que habitara. Templos desmoronados, obeliscos em frangalhos, uns restos de paredes

do palácio dos Pharaós, era o que restava da antiga Tanis. Entre os montículos de areia que cobrem as ruínas de templos e palácios rondam os chacais ou circula, furtivamente, algum ladrão nativo. Só o Nilo continuava o mesmo e, como tantos séculos antes, corria calmo e silencioso, refletindo na superfície polida das águas os argênteos raios do luar.

Meu passado — pensei... Mas, quem pode ser Rochester pra desejar evo-car, precisamente, esta existência? Meu olhar fixou-se nele e... (estranha lassidão d'alma sempre escrava das aparências) tudo esquecendo, curvei-me ante a som-bra que ali flutuava, purpúreo manto sobre os ombros, ostentando na fronte a coroa mística dos soberanos do Nilo. Pinehas, o egípcio, não esquecera o respeito devido a Mernephtah, seu poderoso Pharaó.

Um riso ferino de escarninho fez-me voltar a mim. Envergonhado e furioso, revi-me em Tibério.

Rochester falou:

— Pinehas, deves relatar essa vida; preciso de uma grande obra para acalmar minha alma ferida e sofredora; para isso, escolhi o passado longínquo e obscuro; desejo lazer reviver o antigo Egipto, Moisés, e os graves acontecimentos de que fomos testemunhas.

— Jamais — respondi, recordando, com orgulho e satisfação essa vida labo-riosa, cheia de descobertas científicas. Queres que confesse esse passado interes-sante para te tornares mais agradável àqueles a quem odeio, testamento que ele deseja extorquir, ele que taxa e negocia seu amor na proporção dos futuros bene-fícios dos teus labores; a esse Rhadamés cuja brutalidade descarada triunfou em tantas existências e conquistou a amizade de Smaragda, que não tem um olhar para mim, modesto e silencioso operário que não deseja sobressair, nem valorizar-se a si mesmo. Não quero trabalhar para ele. Acreditas que ignore ou tenha esquecido o presente? — acrescentei, fitando enraivecido o perispírito embaçado de Rochester, cuja fronte, inclinada, denotava melancólico desânimo. Sei que teu querido filho, o ídolo do teu coração[1] tem quase conquistado o teu médium, ins-trumento que tão bem manejam para flagelar teus inimigos. O coração brutal a quem confias, mãos tão rudes entre as quais põe tua pena frágil e delicada, o tem quase dominado, porque esqueces, sempre, que uma implacável severidade só pode dominar o ser ingrato que proteges tão obstinadamente.

A fronte fluídica se ergueu e o ligeiro crepitar-me fez compreender que Ro-chester se entregava a ativo trabalho elétrico. Depois, pondo-me em contato ~~com vários fil~~amentos fluídicos, disse:

1 O personagem a que se alude aqui, na "Abadia dos Beneditinos" tem o nome Kurt de Rabenau, e o leitor encontrará explicações disso no romance "O Judas Moderno" (nota do espírito autor).

— Olha e procura acalmar teus ciúmes.

Raio extenso e luminoso formou-se, descortinando uma paisagem bem diferente da que acabava de contemplar. No meio de terrenos pantanosos vi, então, a moderna Palmira do Norte; em lugar de palmeiras isoladas, estendiam-se umbrosos pinheirais; depois, pedregosa estrada orlada de árvores e uma aldeia e casinhas de madeira, de arquitetura modesta, rodeada de pequenos jardins de vegetação exótica e peculiar das zonas frias, como os próprios homens desse país setentrional.

Vi, no segundo andar de uma dessas vivendas, então banhadas pela lua, junto à janela aberta, uma moça de vestes, pitorescas, à eslava. Semblante mimoso, pálido e abatido, grandes olhos brilhantes, contemplava a cadeia de florestas que delimitava o horizonte, como se estivesse mergulhada em profundo sonho.

— Smaragda! — pensei — e vi que seus pensamentos estavam exclusivamente voltados para Rochester e suas obras.

— Pois bem! murmurou Rochester; pensa ela em quem odeias?

— Neste momento, não; mas, se o seu pensamento se voltar para ele, verei talvez a tortura de um amor insatisfeito.

Um feixe luminoso partiu do cérebro de Rochester e feriu o da moça com violento choque elétrico, surgindo logo à sua visão espiritual a figura de um jovem militar uniformizado, de rosto pequenino, emoldurado por alourada barba e olhos azuis, de crueldade fria e arrogante.

Meu perispírito tremeu e todo meu desejo se concentrou em recolher a impressão que esse quadro ia causar no espírito da Smaragda atual.

Ela estremeceu, corou vivamente e passou a mão fina e branca pela testa; no mesmo instante, um jacto de fogo lhe jorrou do coração e do cérebro, repelindo e devorando a imagem que acabava de se lhe apresentar. O fogo de desprezo fazia palpitar todas as fibras dessa alma orgulhosa, cruel mesmo, quando ofendida na sua dignidade feminina.

Uma onda de satisfação invadiu minha alma; acabava de convencer-me que o antigo Rhadamés não lhe inspirava mais que aversão e desprezo; e no momento a Smaragda de outrora repelia energicamente qualquer lembrança do vilão.

Retirando o colar de pérolas que lhe ornava o pescoço, ela preparou-se para repousar, e antes de fechar a janela, inclinou-se para fora e chamou com voz cristalina e pura:

— Venham, que é muito tarde.

Uma conversa que se percebia no jardim cessou e uma voz feminina respondeu:

— Já iremos.

Depois, tudo voltou ao silêncio.

— Rendo-me — disse a Rochester, que sorria maliciosamente — darei meu depoimento.

E eis como, nessa noite do ano de 1885, Rochester criou o seu "Fará Mernephtah".

Nasci em Tanis, em modesta casa de madeira, e tive por mãe a egípcia Kermosa. Nenhuma lembrança conservo de meu pai, que perdi em tenra idade. Cresci solitário, abandonado a mim mesmo, pois minha guardiã, uma preta velha, passava a maior parte do tempo junto a minha mãe, sempre ocupada, bem como os demais fâmulos. Somente nas horas de refeições lembravam-se de mim.

Não gostava de minha mãe, cujo caráter impertinente e violento inspirava-me temor e repugnância. Ela passava o dia lodo na cozinha, entre os criados, indagando e comentando a vida alheia. Uma tal camaradagem, porém, era muitas vezes perturbada por cenas espantosas, de vez que costumava se enraivecer à-toa, e então, espumava, sapateava, quebrava a louça e chovia pancada, mesmo sobre mim, se lhe estivesse ao alcance. Horrorizado e revoltado, refugiava-me no grande jardim da vivenda, dele fazendo meu retiro predileto.

Esse jardim, outrora belíssimo, estava agora abandonado e inculto, mas a natureza desse abençoado país lhe prodigalizava seus tesouros — frutas e flores em abundância.

Deitado na relva, à sombra de algum caramanchão de rosas ou jasmins, ali passava horas e horas a sonhar ou observar o que ocorria em torno. Por isso, notava a incessante atividade das formigas, os pássaros tecendo ninhos, e ouvia o pregão estridente dos vendedores d'água e de frutas, que perambulavam na rua.

Pouco a pouco, veio-me a idéia de que todos, homens e animais, se ocupavam em alguma coisa, exceto eu. Assim refletindo, senti um desgosto e um vácuo indefiníveis. Aquela vida ociosa estava se tornando insuportável, até que um dia me aproximei de minha mãe (contava então quatorze anos) e lhe disse:

— Quando estou no jardim, noto em torno de mim uma atividade constante; as formigas conduzem os ovos, os pássaros constroem ninhos, as pessoas na rua vendem qualquer coisa ou vão aos seus negócios; só eu jamais saio e de nada me ocupo; morro de tédio; dá-me alguma coisa para fazer.

Ouvindo essa inesperada confissão, minha mãe, surpresa, deixou cair a romã que estava comendo e abateu-se na cadeira, rindo até às lágrimas. Por fim, enxugando os olhos, disse:

— Tu me fazes rir, Pinehas! Que te falta, então, menino estúpido? Comes o que queres, dormes à vontade, aborreces-te porque queres; acaso não te basta

isso? Agradece aos deuses o te haverem dado uma mãe que cuida da casa e de todos os trabalhos com energia e habilidade tão raras que jamais teve necessidade de homem para auxiliá-la; mas, se instas em fazer alguma coisa, toma esta cesta de vagens e descasca-as.

Assim fiz, assentado a um canto, mas enquanto descascava as vagens, entregava-me também aos próprios pensamentos e, assim, lembrei-me da festa de Osíris, a que tínhamos assistido, naquele ano, e dos sacerdotes eretos e majestosos! Como todos, se inclinavam diante deles, classificando-os de sábios, de iniciados!

Certa feita, um deles veio Visitar minha mãe doente, deu-lhe um rolo de papiro e receitou, pondo-a boa. Aprender o que sabiam os sacerdotes, isso sim, valia a pena; mas descascar ervilhas...

Amesquinhado, atirei longe a cesta e corri para o jardim, eterno retiro onde me entregara a cogitações íntimas. Triste e amofinado, joguei-me sobre um banco de pedra no caramanchão de acácias, junto do muro.

Quanto tempo assim estive, não sei dizê-lo. Recordo-me somente que foi um ruído seco que me fez estremecer. Com grande espanto, vi que uma pequena porta (habilmente dissimulada e até então despercebida), acabava de abrir-se no muro e que um homem de estatura alta me fitava atentamente. Esse desconhecido, cujos cabelos crespos, nariz aquilino e tez amarelada denunciavam origem semítica, trajava longa túnica de linho sob um manto escuro. Os olhos negros, cheios de energia e astúcia, brilhavam sob as espessas sobrancelhas.

— Ah! És tu, Pinehas! — exclamou, atraindo-me e abraçando cordialmente.

Percebendo meu espanto, conduziu-me ao banco e acrescentou rindo:

— Não te assustes por te chamar pelo teu nome, pois sou um velho amigo. Dize-me, entretanto, que fazes aqui sozinho e porque tens esse ar tão triste.

Fitei-o desconfiado, mas, sobrepondo a amargura à prudência, respondi:

— Aborreço-me. Nada faço. Queria estudar, tornar-me sábio como os sacerdotes, preparar remédios eficazes como o médico que veio tratar minha mãe... Minha mãe! Ela zomba de mim e manda-me descascar ervilhas.

O rosto do desconhecido iluminou-se.

— Ah! queres tornar-te sábio — disse batendo-me no ombro — deves aprender a ciência dos astros, conhecer as propriedades das plantas e os mistérios ensinados no Templo. Tranquiliza-te, Pinehas, teu desejo será satisfeito, aprenderás tudo isso; agora, vai chamar Kermosa e volta com ela, sem dizer que estou aqui.

Parti correndo e busquei minha mãe, que me acompanhou ao jardim, intrigada com a minha alegria. Ao defrontar o visitante, deu um grito de alegria, tão forte que recuei espantado.

— Enoch! — exclamou atirando-se-lhe ao pescoço — eis-te, enfim! Onde estiveste tanto tempo e por que me abandonaste? Aí está Pinehas!

— Sim — respondeu Enoch — eu já o tinha visto, porém, Kermosa, vejo que negligenciaste o rapaz, que devia ter estudado. Qualquer dia vou apresentá-lo a Amenophis, quando vier visitar-me. Quanto a mim, estive de visita a países longínquos, além do deserto, e com grande proveito; volto agora de Menphis, onde passei alguns anos, junto a um velho tio paralítico, que acaba de falecer legando-me considerável fortuna. Eis-me aqui, pois, novamente em Tanis e poderemos ver-nos frequentemente.

Kermosa escutava-o radiante. Depois mandou-me sair, ordenando absoluto segredo, que prometi guardar.

À noite não pude pregar olho; a impaciência em encontrar aquele que deveria ensinar-me tantas coisas me enfebrecia.

Passaram-se alguns dias sem qualquer novo incidente e já começava a perder as esperanças, quando, uma tarde, minha mãe me chamou ao quarto e me vestiu com cuidado todo particular; enfiou-me uma túnica branca como neve, mantida por cinto dourado; grande colar de ouro ao pescoço e boné egípcio. Uma vez pronto, ela me examinou com satisfação:

— Vendo-te, ninguém duvidarás sejas um filho de família abastada — disse. Preparei-te assim, Pinehas, para impressionar Amenophis, que um dia suspirou pela bela Kermosa; é um poderoso sacerdote que vais conhecer, mas lembra-te de que os sacerdotes amam e apreciam tudo que brilha.

— Filho — concluiu dando-me uma capa — agora vai ao jardim e aguarda Enoch perto da porta.

Emocionado e desajeitado dentro da minha rica indumentária, fui assentar-me no banco, absorvido nos próprios pensamentos. Aguardei longamente, e só ao cair da noite vi abrir-se, enfim, a pequena porta, e surgir Enoch, que me perguntou a meia-voz:

— Estás aí, Pinehas?

—Sim — respondi aproximando-me.

Apertou-me a mão e saímos.

Após atravessar o vasto jardim e um pequeno pátio, desembocamos numa rua que eu não conhecia. Enoch caminhava apressado, em silêncio; devíamos percorrer várias outras para alcançar uma das portas da cidade, junto à qual meu guia abordou um escravo preto, de guarda a um carro atrelado a dois cavalos. Enoch tomou das rédeas, ordenando-me que assentasse a seu lado, e prosseguimos.

Após rápido percurso, que muito me agradou, paramos na extremidade de um bairro, diante de uma casa de modesta aparência, circundada de jardim e de um muro muito alto.

Enoch saltou e bateu à porta que um criado abriu imediatamente.

O carro entrou num pátio deserto, iluminado por uma tocha. Apeamos, penetrando por uma porta maciça, que se fechou de pronto.

Surpreso, notei que, enquanto a parte externa dessa mansão era sombria e modesta, o interior apresentava-se luxuoso e elegante.

Atravessamos diversas dependências, cujo mobiliário me maravilhou; depois, uma galeria que dava para o jardim, até chegar à sala brilhantemente iluminada e preparada para uma recepção. Ao centro, mesa circundada de cadeiras de marfim, e sobre ela, uma cesta com frutas, uma taça de ouro e pequena ânfora do mesmo metal. As paredes revestiam-se de esculturas de coloração tão fresca e tão viva, que logo me chamaram a atenção.

Fiquei admirado diante de um quadro representando um homem coroado e assentado num trono, tendo à frente outro, vestido como Enoch, de braços erguidos para o céu. Outra pintura representava uma rua repleta de gente que parecia aclamar um personagem levado num carro, precedido de batedores e músicos empunhando longos clarins.

— Que vem a ser isso? — perguntei a Enoch.

— Esses quadros — respondeu com incontido suspiro — representam a história de um grande homem chamado José, que foi outrora o benfeitor de um povo hoje infeliz e oprimido, ao qual espero venhas a apreciar com o passar dos tempos.

Saiu e tive oportunidade de admirar as pinturas e a disposição da sala, até que voltou, passada uma hora, precedendo respeitosamente um homem de porte elevado, vestido de branco e ouro, como os sacerdotes. Rosto muito belo e regular, transparecia grave melancolia, mas nos olhos percucientes brilhava uma inteligência tão viva e tão profunda, como jamais eu tinha visto. (Esse homem era o sacerdote Amenophis, e mais adiante direi donde provinha essa amistosa intimidade entre o judeu e o representante da mais orgulhosa casta do Egipto.)

— Aí está Pinehas, de quem te falei — disse Enoch, apontando-me.

Amenophis aproximou-se lépido e, erguendo-me a cabeça, examinou-me, sorrindo:

— És o filho de Kermosa e desejas instruir-te? É muitíssimo louvável, meu filho; mas, quererás também separar-te de tua mãe, acompanhar-me a Thebas e viver no Templo sob minha estrita é severa vigilância?

— Se me prometes ensinar tudo o que sabem os sacerdotes, seguir-te-ei por toda parte e te obedecerei como escravo — respondi, de faces afogueadas.

— Se não mudares nas tuas boas resoluções, serás satisfeito — acrescentou Amenophis, assentando-se e apresentando a taça a Enoch, que a encheu, permanecendo de pé.

A convite do sacerdote assentamo-nos a seu lado e os dois homens conversaram longamente em linguagem para mim desconhecida. Ofereceram-me frutas, mas não as toquei, inteiramente absorvido nos meus pensamentos.

Finalmente, Amenophis levantou-se, e passamos ao terraço que dava para o jardim. Noite magnífica. O ar embalsamado pelas acácias, rosas e jasmins. O sacerdote debruçou-se na balaustrada e ergueu a cabeça, fixando o céu pontilhado de estrelas, que a escuridão da abóbada parecia destacar em rendilha prateada.

— Pinehas — disse, voltando-se para mim — que pensas desses pontos brilhantes? Que são eles e para que os vemos ali?

Calei-me, porque nada sabia, receando repetir a explicação que me havia dado minha mãe e na qual não acreditava.

— Esses pontos brilhantes, meu filho — disse Amenophis — são os astros, árbitros de nossos destinos. Um dia aprenderás a conhecer-lhes a trajetória imutável e saberás que a felicidade, como a desgraça dos homens e dos povos, dependem das vibrações que descem de lá sobre nossas vidas. Se os astros benfazejos projetarem sobre ti boa influência da matéria imponderável, serás feliz.

Eu estava ofegante. Minha inteligência, ávida de sabedoria, despertava; desejaria interrogá-lo e ouvi-lo durante toda a noite mas Amenophis me interrompeu, dizendo:

— Paciência, tudo virá a seu tempo. Por agora, basta, é tarde e preciso partir. Tu, Enoch, leva o rapaz dentro de oito dias, conforme combinamos; eu me encarregarei de o educar.

Na ocasião aprazada, segui para Thebas e fui colocado pelo meu protetor no Templo de Amon entre os rapazes filhos de sacerdotes e guerreiros, que ali estudavam. Amenophis interessava-se visivelmente pelo meu aproveitamento e auxiliava o desenvolvimento das minhas faculdades incomuns. Posso dizê-lo sem vaidade, porque essa facilidade era fruto de um passado laborioso.

Estudava com ardor e tenacidade incansáveis. As ciências secretas, sobretudo a astrologia e a magia, me seduziam; e para estudá-las deixava tudo. Mais tarde dediquei-me também à medicina; meu espírito, insaciável de conhecimentos, queria tudo conhecer e quando em algum velho papiro proveniente da índia decifrava a virtude misteriosa de uma planta, apoderando-me assim de uma arma

poderosa, pensava com orgulho que apenas me encontrava no início e que, diante de mim se desdobrava uma vida inteira para trabalhar em novas descobertas.

Assim compreende-se que, com tal entusiasmo, pouco convivia com os colegas e não entretinha intimidade com nenhum deles. Entretanto, experimentava certa amizade por dois, um chamado Necho, bom rapaz, sempre alegre, que dividia espontaneamente as fartas guloseimas que recebia da família; outro, Mena, mais velho que eu um ano, muito rico, filho de alto funcionário da Corte de Pharaó, que deixara o Templo muito antes de mim, mas vinha às vezes visitar-me, acompanhado de jovens sacerdotes, seus amigos.

Nessa calma exterior e atividade intelectual, transcorreram doze anos da minha existência, até que chegou o momento de voltar a Tanis.

Alguns dias antes da partida, estive com Amenophis na parte mais alta do terraço conduzente à sua residência. Havíamos falado um pouco de tudo; depois, nos calamos; meu companheiro fitava o céu estrelado, qual zimbório sobre nossas cabeças, e nesse momento se me reavivou claramente na memória aquela noite em que, pela primeira vez, lhe falara. Recordei suas palavras relativas ao papel que os astros desempenham em nossos destinos.

— Amenophis — disse — recorda-te da nossa primeira entrevista na pequenina casa de Enoch, em Tanis? Disseste, então: “Se boa influência da matéria imponderável descer sobre ti, serás feliz”. Depois disso, muito tenho estudado da ciência dos astros e, não obstante, muita coisa permanece ainda incompreensível para mim. Por exemplo: li nas estrelas que a vida me reserva muitas desilusões e, entretanto, sou ativo, tenho em mãos a ciência das armas poderosas e a força de vontade para realizar qualquer propósito.

Amenophis tinha-me ouvido com a face apoiada na mão. Após curto silêncio, respondeu suspirando:

— Filho, jamais foi dado ao homem desvendar todos os mistérios com que a Divindade o cerca; nós apenas levantamos uma ponta do véu; mas, como te recordas das minhas palavras, aqui aditarei algumas reflexões: sabes, Pinehas, o que se diz desses pontos brilhantes? (e apontou para o céu). Diz-se que são mundos quais o nosso, habitados por seres ínfimos, iguais a nós, animados pelos mesmos sentimento e cuja vida e destino se refletem sobre os nossos. Sabes, também, que o Universo está cheio de um elemento imponderável, que denominamos matéria primitiva, mas nada na natureza se oferece de graça; por toda parte há trocas. Por exemplo: entre os homens, os animais e as plantas, há perpétua permuta de emanações e é isso que produz a rotação; desta, o atrito dos corpos, desse atrito o fogo, isto é, o calor que tudo anima; e a mesma lei do mínimo ao máximo rege

o Universo. O mundo tem por contrapeso outro mundo; um sistema planetário se atrita com outro sistema planetário; o destino de um homem vale o de outro homem; e o produto do bem ou do mal recai sobre nós, da parte do contrapeso que o movimenta.

— Compreendo: onde está o fogo está a vida, isto é — a alma, a inteligência que se move, e meu destino depende do de alguém que, invisível e longe de mim, constitui o contrapeso da minha existência; o fluido que exala em troca do meu nos junge um ao outro. Da mesma forma, o destino dos povos depende do de outros povos que vivem nesses astros. Mas isso é injusto — continuei, animando-me pouco a pouco — tão injusto quanto a lei estúpida e indigna que condena a alma, após a morte, a expiar seus crimes e erros, no corpo de um animai. Acreditas nisso sem restrição, Amenophis? Isto não é contrário à sua razão?

Estranho e grave sorriso descerrou os lábios de Amenophis.

— Como és atrevido, Pinehas, em classificar de injusto tudo que os deuses acharam justo e necessário: e por que tanto te revolta essa lei de expiação? Se admites que o fogo é a nossa alma; que onde há calor e movimento há inteligência, deves também admitir que todos nós, homens e animais, somos formados da mesma matéria.

— Admito-o, realmente mas, como punir minhas paixões já refinadas, num corpo de animal? Como pode o homem, inteligência plena de aspirações e raciocínio, cuja palavra já demonstra elevação, e desenvolvimento intelectual, descer ao ponto de tornar-se seu escravo no corpo de um bruto? Não, não, Amenophis, nossa crença ou é loucura ou injustiça revoltante dos deuses.

Expressão indefinível brilhou no olhar profundo e espiritual do sacerdote quando falou apoiando em meu ombro a mão fina e bem tratada:

— Por que não admitir, jovem impetuoso, que ora te encontras num meio inteligente e que és homem, porque pertences ao círculo dos homens mais esclarecidos naquilo que o desenvolvimento intelectual permitiu conhecer até hoje? Mas, observa os selvagens prisioneiros trazidos da última guerra pelo nosso Pharaó. Comparando-os a ti, não te inspiram o mesmo desprezo que o homem sente pelo animal? Como a fera, esse prisioneiro está acorrentado, mudo, privado de vontade, de liberdade e mesmo de vida, se isso for a vontade do seu senhor; sua linguagem deficiente, gutural, evoca os roncos do bruto, entretanto, esse mesmo ser no seu meio era um homem livre, estimado, ao passo que entre nós é um animal.

Vê agora, este céu cheio de extraordinários mistérios, de vidas e mundos desconhecidos. Quem poderia afirmar que nesses pontos brilhantes não resida a

divindade ou seres muito próximos a ela pela perfeição, e que, se fosses lá enviado, para desempenhar junto deles a tarefa que cabe aos animais mais inteligentes, não serias lá tão atrasado, com a língua perra, a palavra gutural, o corpo tão grosseiro e feio como o dos animais em relação ao nosso? Não procurarias também ler nos olhos dessas inteligências superiores, adivinhar seus pensamentos para suprir os sentidos que te faltassem?

Os homens tomam tudo ao pé da letra e acreditam, verdadeiramente, que voltarão a viver e expiar suas culpas num corpo de animal; de resto, essa convicção é salutar para o orgulho humano porque se sentem felizes e confiantes em serem homens e se apavoram com a perspectiva de voltar a um meio onde suas paixões hajam de ser consentidas e a língua travada para não transmitir combinações astuciosas.

— Compreendo — interrompi — ameaçam-nos, se nos tornamos indignos de ser homens, de voltarmos animalizados; mas, na realidade, é somente em razão da diferença do meio intelectual em que nos encontramos. Onde aprendeste tudo isso, Amenophis? Quem te disse?

— A resposta a essa pergunta, meu filho, será minha última iniciação ao maior dos nossos mistérios; não pertences à nossa casta, mias teu zelo e dedicação pela ciência tornaram-te digno. Portanto, amanhã à noite, vai à minha casa depois de te purificares pelo jejum e pela prece. Lá serás esclarecido.

Na noite seguinte, mal sofreando a impaciência, procurei Amenophis.

Sem demora levou-me para uma grande sala redonda, fracamente iluminada por uma lâmpada. Assentando-se à mesa, disposta no centro, falou com solene gravidade:

— Pinehas, quero transmitir-te os últimos ensinamentos, que acabarão por esclarecer tua inteligência. A despeito de toda a ciência que adquiriste durante vários anos de incessante labor, milhares de questões permanecem ainda insolúveis para ti, e serias um mendigo do pensamento, um pássaro de asas cortadas, que, em vez de elevar-se até às nuvens, cairia no vácuo sem jamais encontrar ponto de apoio, se não te dissesse o porquê de muitas coisas.

Somos insignificantes; nossa inteligência limitada se anula e perturba com as noções variadas, adquiridas sem método; estamos ligados à matéria, e daí a necessidade de nos humilharmos, de elevarmos os braços ao céu, implorando nos conceda um mestre que nos venha instruir e não nos deixe ao sabor dos erros do mundo, sujeito a paixões corporais, mas que seja um ser esclarecido pela experiência profunda de um passado imensurável.

Um tal mestre é que desejo dar-te, Pinehas!

Emocionado e palpitante de misterioso temor, bebia-lhe as palavras.

A seguir, colocou as mãos sobre a mesa, ordenando-me que fizesse o mesmo e guardando absoluto silêncio.

Depois de algum tempo, percebi que ele respirava profunda e ruidosamente; vi, com espanto, que parecia adormecido e, no mesmo instante, clarões estranhos Oscilavam-lhe ao redor; pancadas surdas se faziam ouvir em diferentes pontos da sala. Depois, da tábua da mesa elevou-se uma massa nevoenta e esbranquiçada, que se dilatou emitindo luz prateada e brilhante. Do centro, destacou-se nítido o busto de mulher velada, sobre cuja fronte uma estrela esverdeada refulgia em raios multicores. Essa mulher retirou de sob o véu a mão recoberta de luz azulada e traçou na mesa, em caracteres de fogo: "Pinehas será admitido como nosso aluno, sê se mostrar digno, seguindo, as lições de Ísis e não se deixar empolgar pelas paixões mundanas".

A visão empalideceu, fundiu-se na atmosfera e Amenophis despertou com profundo suspiro.

Muito forte fora a impressão. Todo o meu corpo tremia, a cabeça rodava e perdi os sentidos. Quando os recobrei, Amenophis me conduziu ao seu quarto e me deu, sobre o fenômeno que acabava de presenciar, uma série de explicações e indicações.

— Agora és discípulo de Ísis — disse ao terminar — quando tiveres que resolver alguma questão aparentemente insolúvel, deverás meditar-te, como hoje, a uma mesa redonda, colocando sobre ela tabuinhas; cairás logo em profundo sono, durante o qual a resposta será confiada às tabuinhas, onde a encontrarás ao despertar. Previno-te, porém, que só em casos graves e excepcionais poderás empregar esse recurso. O abuso não só te esgotarás as forças, como não se pode futilmente entrar em relação direta com a divindade e com os mortos.

Três semanas mais tarde, regressava a Tanis e me estabelecia em casa de minha mãe, que ficou muito contente com minha volta.

Minha idade era então, de vinte e seis anos e Kermosa, muito vaidosa pelo meu aspecto e saber, instalou-me em pequeno quarto que dava para o jardim e separado por uma galeria, do corpo da casa, a fim de que pudesse, silenciosa e calmamente, entregar-me aos meus pendores de sábio.

Perguntei por Enoch, que apenas me visitara duas vezes em Thebas e de quem, todavia, guardava grata recordação. Minha mãe informou que ele havia comprado a casa contígua à nossa, que ali morava e de pronto o veria.

Passei os primeiros dias desencaixotando e arrumando numerosos papiros, pacotes de plantas secas, unguentos e remédios que trouxera de Thebas.

Finalmente, uma tarde considerei-me definitivamente instalado e, sentindo-me fatigado, estendi-me num canapé para cochilar. Em vez do sono desejado, fui tomado de estranho torpor. Involuntariamente, os olhos se fixaram num espelhinho de metal polido, pendente da parede e no fundo do qual li, traçado em caracteres de fogo: "Discípulo de Ísis, conserva-te fiel à fé egípcia". Quis levantar-me e desviar o espelho. Impossível! Embotava-me crescente torpor, ouvindo sempre palavras misteriosas, cujo sentido me escapava.

Sacudidelas violentas fizeram-me despertar. Era minha mãe que dizia espantada:

— Com que sonhas, Pinehas? Por que dormes de olhos abertos, imóvel como estátua? Vamos, Enoch chegou e quer ver-te.

Levantei-me atordoado e, após lavar o rosto em água fresca, acompanhei minha mãe.

Passamos pela pequena porta secreta do jardim e atingimos a casa que eu ainda não conhecia. Via-se logo que era habitada; numerosa criadagem, toda hebréia, lá se movimentava. Saudaram-nos reverentes, principalmente a mim, que envergava rica indumentária branca com imponente altivez. Um rapaz semita introduziu-nos na sala, onde se encontrava Enoch, assentado à mesa abastecida de frutas e vinho. Ao avistar-me, levantou-se, abraçou-me e fazendo-me sentar a seu lado, examinou-me com olhos brilhantes de alegria.

— Enfim, eis-te de regresso, Pinehas! Grande, belo, sábio! Jeová te abençoe, querido filho!

Apertei-lhe a mão e agradeci o me haver proporcionado o ensejo de ingressar no Templo e estudar.

— Com prazer, faria muito mais por ti. Como vês, vivo só, viúvo três vezes; nenhuma das esposas me deu filhos; entretanto, tenho um em cujas veias o sangue hebreu se mistura ao egípcio e a quem desejaria legar todas as riquezas que possuo. Adivinhas quem seja esse filho?

Estremeci sob o olhar de Enoch e vaga angústia apertou-me o coração.

— És tu, Pinehas; sim, meu filho e de Kermosa; amo-te de todo o coração e não recuses corresponder-me de corpo e alma.

Pálido de emoção, levantei-me. Enfim, sabia a verdade sobre a minha origem e o motivo da estranha semelhança com os homens de raça semítica; meus pensamentos se chocavam tumultuosamente no cérebro; orgulho e desgosto me invadiam, ao pensar que pertencia a esse povo, ao mesmo tempo que a cupidez me aconselhava a dissimular repugnância, para não perder as riquezas oriundas do parentesco humilhante para o meu orgulho egípcio.

— Meu filho — concluiu solenemente — queres passar secretamente para a fé de Israel, tornar-te súdito fiel de Jeová, o verdadeiro e único Deus? Tudo está preparado para te receber entre o nosso povo e nomear-te herdeiro da minha enorme fortuna. Para ligar-te ainda mais fortemente a nós, desejamos, entre outras coisas, casar-te com uma judia.

Ouvindo tal proposta, recuei e pareceu-me ver dançar diante dos olhos o espelho metálico com a inscrição ígnea: "Discípulo de Ísis, permanece fiel à fé egípcia".

— Não — respondi com energia — tudo farei por ti, menos isso... És amigo de Amenophis e se, como suponho, compartilhas da sua opinião, por que repeles minha crença e exiges que a repudie?

— Filho — retrucou, — justamente por compartilhar das opiniões de Amenophis é que não admito deuses, senão Jeová — único Deus, criador e senhor do Universo. Quanto à amizade que me liga ao ilustre sacerdote, vem de remota data e, em mim, vê reviver um passado que lhe é caro.

Quero mesmo contar-te essa história, ocorrida quatro anos antes do teu nascimento, ou seja há trinta anos; Amenophis contava então vinte e quatro, e como era filho de um grande sacerdote, levava vida faustosa. Devo acrescentar que, então, eu era ainda pobre e vivia em companhia de uma única irmã, perto da cidade de Menphis.

Certa tarde, Amenophis aproximava-se da cidade, quando os cavalos dispararam. Arremessado fora do carro, caiu não longe de nossa casa, gravemente ferido na cabeça. Socorremo-lo e Esther tratou-o com o maior desvelo. Quando melhorou disse quem era e preveni seu pai, que estava muito aflito. Depois, recompensou-me e reconduziu o filho ao Templo. A extraordinária beleza de Esther, que era, na verdade, a mais bela mulher que já tenho visto, transtornou a cabeça do jovem sacerdote, que voltou a visitar-nos secretamente. O amor que os ligava era tão grande que, voluntariamente, Amenophis a desposaria; o pai, porém, o espionava e o orgulhoso grão-sacerdote se revoltou ao pensar num casamento desigual. Tomou providências e, como um raio, recebemos ordem de Pharaó para que Esther se casasse imediatamente com um jovem israelita da nossa tribo e a família se exilasse em Tanis.

Quando Amenophis, que fora prudentemente afastado, soube do que acontecera, não se conteve de raiva e ciúme e, alcançando-nos ainda próximo da cidade, apunhalou o marido de Esther, tentando arrebatá-la consigo, mas o guarda que nos acompanhava envenenou-a.

Em virtude do prestígio do grão-sacerdote, toda essa história foi abalada.

Amenophis voltou para Thebas, mas, desde então, revelou-se calmo, sério e sombrio, qual o conheceste.

Dedicou-me sincera amizade, visitando-me às vezes e sempre me protegendo. Tive, então, ensejo de conhecer sua crença religiosa, e confesso que é um grande sábio. Quanto a ti, meu filho, gostaria que pertencesses de coração e convicção à nossa; entretanto, como isso te repugna, apelo para o futuro, pois talvez mudes de opinião.

Repeti que me era impossível aquiescer aos seus desejos e voltei para casa aborrecido.

Passada uma hora, minha mãe procurou-me, furiosa, para crivar-me de insultos:

— Estúpido! Desprezas a sorte por uma bagatela que nem vale a pena mencionar; recusas tantas riquezas, e uma esposa adorável! Pois procura ao menos vê-la, antes de resolver... Vamos!

A despeito da minha relutância, ela me arrastou até sua casa e, afastando delicadamente uma cortina que separava seu quarto de uma grande sala, murmurou:

— Olha!

Olhei o interior e, sobre almofadas e tapetes amontoados, notei uma jovem adormecida. Formas opulentas, cabelos negros, nariz aquilino, tez mate, não deixando nenhuma dúvida quanto à sua origem semítica.

Curioso inclinei-me, pois raro tivera, até então, ensejo de ver mulheres. Educado na severa disciplina do Templo, absorvido pelos estudos, apenas havia sonhado com elas.

— Quem é esta moça, e como veio parar aqui? — perguntei.

— É uma parenta da primeira esposa de Enoch, que me pediu recebê-la em nossa casa, para que tivesses ocasião de conhecê-la.

— É pena que tenha vindo unicamente para isso, pois não me agrada e jamais a amarei. Tenho mais de que me ocupar.

Minha mãe olhou-me boquiaberta.

— Não te agrada? Que procuras então?

— Nem mesmo eu sei. Sinto, somente, que esta moça não corresponde aos anseios do meu coração; vendo-a, não experimentei a menor emoção, Estou certo de que sob aquelas pálpebras cerradas, não julguem esses olhares que queimam, que gelam, que matam, mas atraem invencivelmente; por ela jamais deixarei a fé egípcia. Manda-a de volta a algum jovem hebreu que melhor possa apreciá-la.

Lembrei-me, ao sair, que ainda não me havia alimentado e pedi a minha

mãe que me mandasse alguma coisa.

Ao regressar ao quarto, atirei-me sobre o leito, agitado e aborrecido. Apenas deixara o aprazível asilo do Templo e já me atormentava de todo jeito; a idéia de casar-me com uma filha da raça impura, pareceu-me ridícula e repugnante. Resolvi defender energicamente minha liberdade.

Absorvido pelos próprios pensamentos, não percebi a chegada de uma mulher que aproximou de mim uma mesinha, nela depondo duas cestas de frutas, pastéis e uma bilha de vinho. Leve ruído fez-me erguer a cabeça e vi que a servente era uma jovem de tez bronzeada, formas admiráveis, cujos olhos grandes, sonhadores, me examinavam curiosamente.

— Ah! — pensei, ainda uma outra para me corromper!

Sob a influência do meu olhar perscrutador, ela se perturbou e baixou os olhos.

— Tu quem és e por que baixas o olhar? — perguntei. Não sou nenhum animal feroz para que temas encarar-me.

— Chamo-me Henais — murmurou com voz trêmula.

— Descendes de hebreu?

— Não.

Suspirei aliviado.

— Por que te mandaram aqui, se há criados na casa? Dize à minha mãe que quero ser servido por um escravo.

Tendo-me alimentado, dormi sem que nenhuma imagem feminina me perturbasse o sono.

No dia seguinte retornei às ocupações habituais, evitando sair.

E assim passaram-se mais de dois meses, calmamente, Enoch havia partido levando a bela parenta e minha mãe, antes furiosa, agora se distraía, com o tumulto e as cerimônias que agitavam toda a cidade.

Chegara de Thebas o Pharaó Mernephtah para fixar a Corte em Tanis.

A entrada triunfal do soberano, as visitas aos Templos, cercados de majestosa pompa, o enorme exército de sacerdotes, dignatários, guerreiros, cortesãos e vassalagem incorporados ao séquito real, tudo emprestava à cidade invulgar animação.

Também Amenophis veio estabelecer-se em Tanis, por alguns meses, mas, muito ocupado, apenas me visitara uma única vez, ligeiramente.

Desde minha chegada de Thebas, ainda não tentara invocar o ser invisível que Amenophis me mostrara; até que uma tarde. veio-me insopitável desejo de o fazer e obtive, com grande espanto, a seguinte inscrição enigmática; “Cuidado no

Templo; um grande perigo ameaça teu coração”.

Inquieto, e sem nada compreender desse aviso, resolvi consultar Amenophis; assim, fui, no dia seguinte de manhã, ao Templo onde estava certo de o encontrar.

Cheguei justamente quando o serviço divino terminava e o povo em ondas se dispersava em todas as direções. Atravessava o primeiro pátio, quando uma voz me chamou pelo nome. Voltei-me e vi que um mocetão bem trajado se aproximava a passos largos.

— Finalmente te encontrei, Pinehas — exclamou rindo e batendo-me no ombro. Onde te escondestes? Há mais de um mês aqui estou em Tanis sem te encontrar! Procura-me.

Reconheci Mena, ricaço e antigo condiscípulo. Apertei-lhe cordialmente a mão.

— Desculpa-me, estou ocupadíssimo; mas, que fazes aqui? Vens também visitar Amenophis?

— Não; vim ao Templo acompanhando minha irmã Smaragda, a quem quero apresentar-te. Vem.

Conduziu-me logo a um pequeno grupo formado perto da saída, à sombra das colunas.

Vi uma espécie de liteira aberta, conduzida por escravos e nela instalada uma mulher vestida de branco. Alguns rapazes a rodeavam em animada palestra.

Mena postou-se ao lado da liteira e foi dizendo:

— Smaragda! Apresento-te um velho conhecido meu.

Ergui a cabeça e me senti fascinado pela bela egípcia, jovem na qual o boné, ornado de pedras, assentava admiravelmente; seus traços regulares, a tez de uma alvura mate. Quando ela pousou sobre mim os. dois grandes olhos negros como a noite e brilhantes como diamantes ao sol, foi como se uma chama me transpassasse e senti o peito opresso. Também ela parecia não poder desfitar-me, com um misto de curiosidade e acrimônia. Ah! se eu soubesse que era a recordação a ferir assim todas as fibras do meu ser, dizendo-me, pelas pulsações desordenadas do coração: “Eis-vos de novo face a face sob aspectos diferentes”.

O que acabo de referir não durou mais que um instante Mena interrompeu-me o curso do pensamento, dizendo:

— Este é Pinehas, meu antigo companheiro de estudos, a quem muitas vezes me referi, dizendo que trabalhava como uma toupeira; agora, reside em Tanis e espero venha ser muitas vezes nosso hóspede. É um homem amável e instruído, para quem encareço tua consideração.

Ela inclinou ligeiramente a cabeça, enquanto eu a cumprimentava respeitoso. Depois, travei conhecimento com os demais jovens, entre os quais se encontravam dois oficiais da guarda de Pharaó, que se destacavam pelas ricas armaduras e brilhantes capacetes. Um deles, de porte médio, rosto bronzeado pelo sol, aspecto agradável e expressão espiritualizada, chamava-se Setnechet. O outro, já o conhecia, pois tinha frequentado a escola um ano; mas, medíocre e preguiçoso, nada aproveitou. Pouco estimado por seu caráter rabugento e mau, havia abandonado o Templo. Atualmente, Rhadamés (era o seu nome) apresentava-se como um moço de atitude insolente e desagradável; era o condutor do carro de Pharaó e diziam que gozava de grande conceito junto de Mernephtah. Seu olhar dissimulado acompanhava todos os movimentos de Smaragda e espreitava, avidamente, cada palavra que ela trocava com Setnechet.

A liteira movimentou-se, despedi-me, e logo a perdi de vista entre a multidão. Como embriagado, retomei o caminho de casa, desistindo de me avistar com Amenophis. A visão de Ísis explicava-se por si mesma e o perigo que me atingira no Templo não era para desprezar. Nunca uma mulher me impressionara tão forte e profundamente como essa branca Smaragda de olhos causticantes.

Meu estranho humor foi percebido por minha mãe que me crivou de perguntas, mas eu não estava disposto a confidências e, repelindo-a acerbamente, tranquei-me no quarto.

Triste, inquieto, caminhava no aposento, de um lado para outro tentando ordenar as idéias. A irmã de Mena me agradou a tal ponto que me sentia capaz de a desposar imediatamente, mas não me iludia. Mena era fabulosamente rico, de origem nobre, e eu apenas remediado; quanto à minha origem, nem queria pensar. Além do mais, um pressentimento me dizia que não agradaria à empertigada moça, já sob os olhos ardentes dos oficiais de Pharaó. Mesmo assim, quanto mais a razão contrariava os meus projetos, tanto mais meu caráter tenaz se apegava à idéia de triunfo, a despeito de todos os obstáculos.

A ciência, que havia posto nas minhas mãos tantas armas poderosas, poderia fornecer-me algo que inspirasse a Smaragda muita simpatia e me poupasse uma recusa humilhante. A magia me havia ensinado vários processos de domar a vontade alheia.

Tomei a decisão de empregar um deles com Smaragda, e, depois de haver estudado cuidadosamente o assunto alguns dias, apresentei-me no palácio de Mena.

Fui recebido cordialmente pelo irmão e com reservas pela Irmã. Sem desanimar, experimentei, pela concentração da vontade, inspirar-lhe o desejo de

levantar-se, tomar qualquer objeto, ou ainda voltar os olhos para mim.

Depois de alguns ensaios, ela se submeteu facilmente ao meu domínio, e depois de muitas visitas resolvi tentar um passo decisivo.

Preparei uma cesta com magníficas flores cabalisticamente trabalhadas e inclinei-me sobre ela; depois, invocando mentalmente a imagem de Smaragda, forcei, pelo pensamento, seus olhos a languescerem e seus lábios a pronunciarem palavras amáveis.

Tão forte era a tensão, que o suor banhava-me a fronte. A seguir, sem perder tempo, fui à casa de Mena acompanhado de um escravo com a cesta. Mena estava ausente, mas Smaragda me recebeu displicente, assentada numa cadeira de marfim mais bela que nunca, e divertia-se com um pássaro raro.

Aceitou as flores, aspirou-lhes o perfume. Eu observava, inquieto, e de repente notei, satisfeito, que se voltava sorridente e me estendia a mão, fazendo-me sentar junto a ela. Brilhavam-lhe os olhos com fulgor febril, mas a boca repetia fielmente as palavras que eu mentalizara sobre as flores, à proporção que suas pequeninas mãos as retiravam da cesta, uma por uma.

Escutava-a alegre com o coração cheio de esperança, pois encontrara o caminho da vitória. Aquela criatura adorável e uma parte das riqueza de Mena bem compensavam a difícil empresa.

Levantei-me para me despedir e ela, que parecia pálida e indisposta, suspirou aliviada. Voltando-se, enxugou a fronte molhada de suor.

Lembrei-me então de que não havia exigido me convidasse a voltar muitas vezes. Olhei fixamente sua fronte inclinada e, quase imediatamente, ela se voltou de olhar fixo e lábios trêmulos:

— Volta com assiduidade, Pinehas — disse rapidamente.

Saí radiante e desde esse dia voltei sempre, exercendo e consolidando meu poder. Por vezes, recusou receber-me. Era bastante concentrar-me e sugestioná-la para que um escravo apressado viesse chamar-me para junto da senhora.

Completamente seguro do sucesso resolvi concluir a obra.

Assim, fui certa manhã à casa de Smaragda, que me recebeu sombria e desconfiada, evitando o meu olhar. Sem me precaver dessa má disposição de sua parte, sentei-me junto dela e, tomando das mãos da ama, acocorada junto da cadeira, um abanico de plumas, comecei a abaná-la e disse, fitando-a:

— Smaragda, meus sentimentos não são mistério para ti: queres ser minha esposa? Mena muito te estima e não se oporia à tua escolha.

O semblante da jovem contraiu-se, fez menção de levantar-se, mas, corando e empalidecendo, recaiu na poltrona, comprimindo a fronte com as mãos tremen-

tes.

— Tu me enfeitiçaste, Pinehas! Não quero ser tua esposa e nem te amo; quero gritar não! não! — e uma força misteriosa me constrange a dizer sim — amo-te, aceito-te! Que mistério é esse?

Inclinou-se vivamente para a frente, buscando ler na minha fisionomia o enigma dos seus sentimentos contraditórios. Ainda que ferido desagradavelmente, permaneci firme.

— Que, dizes, Smaragda? Enfeitiçar-te eu? És livre nas tuas decisões, e se minha presença te desagrada, deixo-te imediatamente.

Dirigi-me para a porta, sugestionando-lhe que dissesse: "amo-te, fica..."

A velha nubiana nada compreendia das estranhas palavras do sua senhora; olhava-nos boquiaberta com os seus olhos redondos. Nesse momento, Smaragda voltou para mim o seu olhar terno e murmurou com voz entrecortada:

— Fica Pinehas, eu te amo...

Triunfante, avancei para ela, mas, antes que pudesse abraçá-la, entrou Mena. Smaragda repeliu-me e atirou-se nos braços do irmão.

— Não é verdade, eu não o amo, mesmo que o tenha aceitado, exclamou a moça. Defende-me, irmão, deste homem terrível.

Lágrimas em profusão brotaram-lhe dos olhos, e desmaiou.

Mena olhou-me embasbacado e quando o cientifiquei de tudo, meneou a cabeça. Todavia abraçou-me, chamou-me de irmão e convidou-me a voltar no dia seguinte para ver minha noiva.

No dia seguinte quando me apresentei, soube que Smaragda se havia recolhido por alguns dias ao Templo de Ísis. No outro dia, um escravo levou-me um rolo de papiro, no qual Smaragda traçara estas linhas: "No templo da grande deusa, livraram-me do fascínio que exercias sobre mim; teu olhar me é vedado, se quiser ficar senhora de minha vontade; não procures, portanto, rever-me. Não te desposarei, pois livre do teu olhar não te amo".

Terminada a leitura dessa missiva, desmaiei de raiva.

Muitos dias se passaram. A raiva e o desejo de vingança me empolgavam' de tal maneira, que permanecia surdo e cego a tudo que me rodeava. Enoch regressara e parecia muito atarefado e preocupado; a mim um só pensamento obsedava: seria vã a ciência? Se não o era deveria oferecer-me novas armas.

Uma tarde, estendido sobre o meu leito e abatido, alguém, me sacudiu com força. Era Enoch:

— Levanta-te; como te podes entregar a uma tal indolência? Vamos, quero apresentar-te a um homem extraordinário, que te dará, talvez; a felicidade.

Levantei-me maquinalmente e o segui. Atravessamos silenciosamente o jardim e várias ruas da cidade. A opressão no peito impedia-me de falar.

Ao atravessarmos uma das portas da cidade, um carro nos esperava. Enoch nele sentou-se, seguido por mim e fustigou os cavalos.

Essa rápida corrida fez-me bem. O ar da tarde refrescou-me o cérebro escaldante, mas o coração continuava a bater angustiado. Não podia conformar-me com o malogro dos meus planos e com a hipótese de que Smaragda estivesse perdida para mim.

Paramos diante da pequenina casa de Enoch, onde um escravo ficou cuidando do carro enquanto entramos. Meu companheiro desapareceu e eu atravessei sozinho o salão, onde pela primeira vez, me avistara com Amenophis.

Uma mesa repleta de frios, frutas e pastelaria ali se encontrava; atravessei a sala sem me deter e fui direto ao terraço.

Chegando à balaustrada, contemplei o panorama soberbo que se desenrolava a meus pés, pois a vivenda assentava numa elevação e dali se descortinava a enorme cidade, a perder de vista com seus palácios, templos, muralhas fortificadas e portas maciças; argenteado ao luar, o Nilo deslizava calmo e majestoso, refletindo nas águas polidas grupos de palmeiras copadas, edifícios marginais e, mais longe, a silhueta magnífica do Templo de Ísis.

Esse quadro majestoso reagiu poderosamente sobre meu espírito atormentado. O contraste da alma profunda e divina da natureza com o inferno do meu coração, transformou todos os sentimentos fogosos numa grande amargura. Com a cabeça apoiada nas mãos deixei que as lágrimas caíssem.

Outra mão que me pousou no ombro fez-me estremecer; voltei-me envergonhado e irritado, porque gotas acres que molhavam meus dedos eram de lágrimas ridículas e humilhantes de um amor desdenhado.

— Pinehas, meu filho, confias pouco na afeição do teu pai; por que ocultas o que tão profundamente te perturba? — disse Enoch apertando-me a mão.

Quando tentei falar, interrompeu-me:

— Não digas nada, conheço o teu segredo; Kermosa encontrou no teu quarto o bilhete com as duras palavras da irmã de Mena; compreendo-te por experiência própria, que um amor insatisfeito é chaga mais ardente que areia do deserto a despertar sede inextinguível; mas, filho, não se morre de um amor infeliz; o homem, neste caso, é mais resistente que o camelo, que atravessa sem dificuldade o deserto arenoso, desde que o alimentem a esperança e a persistência necessárias para atingir o destino. Por que tal desânimo? Quem te disse que não poderás possuir, contrariando-lhe a vontade, essa orgulhosa egípcia, senão hoje ou amanhã,

pelo menos dentro de um ano? Olha, vou revelar-te um segredo de enorme importância para o povo hebreu, e talvez para a realização dos teus desejos.

Respirei desafogado. As palavras de meu pai agiam como fresca aragem no meu coração ardente. Desde que havia uma esperança melhor seria esperá-la.

— O homem de quem falei — continuou Enoch, de olhos brilhantes, com selvagem entusiasmo — sabes quem é? — É Moisés, a criança miraculosamente salva do massacre do nosso povo e adotada pela filha de Pharaó. No deserto, onde se refugiou, o próprio Jeová lhe apareceu e ordenou-lhe que executasse o gigantesco plano de libertar o povo de Israel, conduzindo-o para fora do Egipto, livre e independente, dando-lhes leis e reinado sobre ele.

— Filho, se quiseres seguir-me, poderás levar a mulher amada e viver com ela, longe deste pais de servilismo, em região bem-aventurada que, pela fertilidade do solo e abundância de frutos, assemelha-se ao paraíso terrestre, habitado pelos primeiros homens. Conduzido pelo próprio Eterno, o povo de Jeová se instalará nessa terra de promissão, que lhe será concedida; lá haverá, também, um templo e necessidade de sacerdotes sábios e, neste caso, teu saber te proporcionará um belo futuro.

Escutava-o fascinado. Levar Smaragda, viver com ela longe da sua orgulhosa parentela, tê-la inteiramente sob meu domínio que mais poderia desejar?

— Está na hora de regressares ao salão — disse Enoch — mas evita possa alguém suspeitar esta confidência. Testemunha a Moisés a maior deferência e segue-lhe os conselhos, porque a sabedoria do Eterno fala pela sua boca.

Ele saiu e desci à sala brilhantemente iluminada. De pé, junto da mesa, olhava impaciente a porta por onde deveria entrar o grande homem. Depois de alguns minutos, ressoaram passos e, seguido respeitosamente de Enoch; apareceu um homem alto, cujo aspecto infundia respeito; o rosto de traços acentuados moldurava-se na cabeleira negra e abundante; a boca severa indicava férrea vontade, e sob as espessas sobrancelhas brilhavam dois grandes olhos cujo fulgor estonteava. Atrás de Enoch surgiram cabeças grisalhas e longas barbas brancas de nove ou dez anciões, chefes das tribos hebréias.

Inclinei-me profundamente diante de Moisés, que parou um instante e fixou-me. Julguei que duas lâminas incandescentes me transpassavam e baixei os olhos.

— Pinehas, disse com voz metálica e profunda, Enoch falou-me de ti e conto contigo.

Com a cabeça ligeiramente inclinada, passou e tomou assento numa cadeira mais elevada. Após um momento de profunda meditação, notando que permane-

cíamos de pé, disse:

— Assentai-vos, irmãos; Enoch e Pinehas, a meu lado.

Sentaram-se os velhos em bancos dispostos ao lado da mesa e Enoch serviu as iguarias, dizendo:

— Nosso chefe não quis a presença de criados.

Encheu de vinho, em seguida, numa taça de ouro, passando-a a Moisés e mandando que os demais se servissem por si mesmos.

Moisés ergueu a taça:

— Bebamos pelo bom êxito dos nossos projetos de salvação comum — disse — conto contigo entre nós, meu filho, sem forçar-te, porque sei que o interesse que te liga mais fortemente à nossa causa é mais poderoso que todos os juramentos da terra; para a paixão não existe irmão, lei, religião ou casta; os fins justificam os meios, não é assim? Desejas possuir o que ambicionas?

— Sim — respondi, baixando a cabeça.

Recordo essa página do passado com estranha emoção. Parecerá inverossímil à atual geração que possamos descrever os atos, relatar as palavras de Moisés em sua vida privada; de Moisés, o grande profeta do Antigo Testamento, cercado pela lenda de milhares de véus fantásticos, cuja memória passou à posteridade para ter um lugar à parte. Entretanto, tudo é verídico nesta narração. É bem verdade que, naquela mesa, eu me encontrava ao lado do poderoso legislador dos hebreus, do gênio que soube arregimentar Um povo indestrutível como os monumentos egípcios, à cuja sombra ele crescera.

Tendo esvaziado o copo, assim como os companheiros, Moisés apoiou-se nos cotovelos e, abarcando a assembléia com olhar de dominante, disse:

— Meu irmão! Conheceis as decisões que tomamos para o caso em que o Pharaó Mernephtah, homem obstinado e orgulhoso, recusa libertar nosso povo torturado e explorado há muito tempo.

Nós venceremos, pois venho armado do poder de Jeová e ferirei o Egipto com flagelos terríveis, qual mo predisse o Eterno, junto da sarça ardente. Entretanto, para atingir meu propósito, necessito dos homens que ele me apontou na sua sabedoria infinita. Obedecereis todos vós, sem restrição, às ordens de Jeová, transmitidas por mim, seu enviado?

Levantou-se após pronunciar as últimas palavras, imitado por todos, que, em sinal de submissão, se inclinaram até o solo, de braços cruzados sobre o peito. Fiz o mesmo, mas não podia despregar os olhos daquela fisionomia sedutora. Não era em vão que eu havia sido discípulo do Templo e, observador atento, quando todas as cabeças se abaixaram, pareceu-me ver passar nos olhos de Moisés uma

fugitiva expressão de amargura e ironia. Estremeci. Rir-se-ia da fé cega que inspirava? Não tive tempo de cogitar, porque logo continuou:

— Parte dos flagelos que afligirão este país devem ser produzidos pela força dominadora que o Eterno projetará sobre vós, por meu intermédio, e de vós sobre os egípcios; Jeová apontou-me homens dignos desta missão e o teu nome figura entre eles — acrescentou, voltando-se para mim.

Dentro em breve apresentar-me-ei diante de Mernephtah para reivindicar dele o povo eleito de Deus; antes, porém, deste passo decisivo, é preciso resolver um assunto importante.

Eliezer, um de nossos irmãos, acusado pelos egípcios de sugar sangue humano, foi preso e condenado à forca, com a língua a ser arrancada e atirada aos corvos. Essa condenação é duplamente injusta, porque mesmo que tivesse sugado o sangue de alguns egípcios, nada mais teria feito que retribui o que vêm eles fazendo com o nosso novo, há mais de quatro séculos.

Eis — prosseguiu ele — o que realmente aconteceu: incapaz de suportar por mais tempo os maus tratos que nos impõem, e inspirado pela vontade de Jeová, que aqui me chamou, Eliezer tentou uma revolta de sua tribo; mas, pouco numerosos e mal dirigidos, foram derrotados e o desgraçado Eliezer, preso como instigador da revolta, foi condenado à morte, tendo antes arrancada a língua com que falou ao povo oprimido.

Vê o Eterno, porém, os sofrimentos do seu povo e quer libertá-lo e sua mão ampara todos os nossos irmãos; por isso, não permitiu que Eliezer perecesse tão miseravelmente. Por graça de Jeová, ele permanece desacordado como se estivesse morto e a língua desapareceu. O próprio Deus arrebatou-a por algum tempo. Quando, antes do suplício, os egípcios lhe descerraram os dentes e não viram a língua que lhes falara poucas horas antes, ficaram aterrorizados. Terrível vento desencadeou-se quebrando a árvore da qual pendia o corpo, que assim caiu ao Nilo. Os egípcios vão procurá-lo para o destruir. Isso é o que importa evitar, porque Eliezer não está morto e vou tomar as providências para salvá-lo.

Breve irei reclamar de Mernephtah a liberdade do meu povo. Ficai prontos para tudo, pois, se necessitar de vós, irmãos, eu vos avisarei. Agora, separemo-nos; preciso ainda falar a Enoch.

Os anciãos despediram-se reverentes, e eu perguntava a mim mesmo, indignado, com que direito Moisés designava por “seu povo” aquelas tribos hebréias que o Egipto alimentava havia mais de quatro séculos. Nada mais justo que recompensassem essa hospitalidade com o seu trabalho. A idéia de subtrair ao Egipto essa gente, e com esse êxodo comprometer a prosperidade do país, re-

voltava-me; eu era bastante egípcio, apesar do sangue hebreu que me corria nas veias. Não fosse querer dominar Smaragda, possuindo-a acima de tudo... Esse desejo me abafava e fazia-me dócil instrumento à vontade do chefe.

Uma vez a sós, Moisés voltou-se e disse-me com estranho sorriso:

— Jovem discípulo do Templo, não poderás ajudar-me a encontrar o corpo de Eliezer?

Então compreendi que esse homem, antigo aluno dos sacerdotes, iniciado nos mistérios, conhecia a força oculta inerente ao homem e que tantas coisas lhe revela quando sabe utilizá-la.

Já havia resolvido obedecer a Moisés e por isso, inclinando-me, respondi:

— Mestre, se devo encontrar o corpo de Eliezer, a quem designas para servir de instrumento?

Após um momento de reflexão, respondeu:

— Caso não encontres alguém entre os jovens hebreus que te vou mandar, e que estão designados para agir sobre os seus companheiros, é necessário encontrar uma mulher, para ajudar-te.

Imediatamente lembrei-me do poder que exercia sobre Smaragda.

— Conheço uma pessoa em condições de nos servir, mas não posso me aproximar dela.

Então, Moisés retirou do seio uma pedra fulgurante engastada num camafeu:

— Fica com esta pedra — disse — e faze incidir um dos seus raios sobre a pessoa a quem pretendes dominar; ela corresponderá aos teus desejos. Se precisares consultar-me, Enoch te encaminhará ao meu retiro, que ele conhece bem. Adeus, meu filho.

Despedi-me, mas em vez de tomar o carro, montei a cavalo e segui de modo a passar perto do palácio de Mena. Em rua estreita que limitava com o muro do palácio, parei. Soerguendo-me na sela, agarrei os ramos de uma árvore secular e galguei a crista do muro. Descer foi fácil para um homem ágil como eu; um minuto mais tarde, saltava os copados arbustos e rapidamente dirigi-me para a parte da casa habitada por Smaragda.

Um rumor de vozes fez-me estremecer; avancei com a máxima precaução e evitando a folhagem percebi, com grande espanto, a própria Smaragda sentada num banco de pedra, a conversar com uma velha nubiana. O luar, muito claro, deixava entrever-lhe o vestido branco, o rosto corado pela emoção e os olhos brilhantes.

— Assim, é certo que ele virá hoje? — perguntou ela.

— Sim, minha querida; deverá chegar dentro de poucos minutos.

— Então, Tent, corre para a portinha, a evitar que ele bata em vão.

Como um raio a velha fâmula desapareceu e Smaragda ficou só. Suas pequeninas mãos brincavam impacientes com os pesados anéis de ouro do colar que lhe ornava o seio.

A quem esperaria? Amada de quem? Rhadamés ou Setnechet? O ciúme travou-me dolorosamente o coração, mas logo, recordando Moisés e sua promessa, readquiri sangue-frio. Era preciso aproveitar os momentos de solidão da jovem. Tirei a pedra da cintura e, deslizando de modo a defrontá-la, afastei a folhagem e suspendi o talismã para que a lua nele incidisse e um raio refletisse nela. Ao cabo de breves segundos, seus olhos se fecharam, o corpo entorpeceu e a cabeça descansou pesadamente no tronco da árvore.

Após haver escrutado o ambiente, abandonei meu esconderijo estendendo as mãos para ela e perguntando:

— Dormes?

— Sim.

— Podes ver o que desejo?

— Ordena, respondeu.

— Vai, procura às margens do Nilo o local em que se encontra o corpo de Eliezer!

Alguns minutos depois, ela me dava todas as indicações necessárias, com a descrição exata do lugar onde se encontrava o corpo, entre as caniçadas.

Soprei-lhe então, no rosto, sacudindo-a com força e voltei ao esconderijo, enquanto ela reabria os olhos. Quase ao mesmo instante, ouvi passos e a curiosidade sugeriu-me ouvir e observar a entrevista de Smaragda com o eleito do seu coração. A prudência, entretanto, triunfou e abandonei o jardim, voltando à casa de Enoch. Transmiti-lhe todos os detalhes obtidos e declarei que o resto era encargo seu.

Tão logo começou a despontar a aurora, Enoch acompanhou-me a uma pequena casa escondida no interior de um jardim, onde se encontrava um homem estendido e aparentemente morto. Recuei, estremecendo.

— É Eliezer? T— perguntei.

— Sim — respondeu Enoch — e justamente por isso precisamos de ti; Moisés me disse que deves conhecer o processo indiano para despertar o sono, como é conhecida essa espécie de morte.

Fiquei pálido. O que de mim exigiam fazia parte dos grandes mistérios, que eu havia prometido, sob o mais severo juramento, nunca divulgar. Quereria Moi-

sés forçar-me a tudo revelar, para o servir, e desse modo cortar-me a retirada?

Depois de um instante de reflexão, concluí que, mantendo oculta a maneira de provocar esse estado, poderia, sem perigo, indicar o processo de despertamento.

Friccionei-lhe, pois, ligeiramente, todo o corpo, banhando-o em água tépida, insuflando-lhe o ar, etc.; e logo Eliezer soltou um suspiro e abriu os olhos. Enoch ficou para falar com ele, enquanto eu me dirigi à casa de Moisés.

O prestígio do profeta tinha diminuído consideravelmente a meus olhos, depois que me convenci que ele não passava de um sábio habilidoso.

Habitava Moisés no quarteirão dos estrangeiros, em pequenina casa escondida no interior de um jardim, ao qual se chegava depois de atravessar vários pátios. Quando entrei no quarto, vi-o assentado junto à janela, conversando com um homem de estatura mediana, mas vigoroso, e cujo semblante inteligente irradiava audácia e astúcia.

À minha chegada o profeta levantou-se e, inteirado do feito, apertou-me a mão, dizendo:

— Apresento-te meu irmão Aarão, auxiliar e fiel companheiro.

Saudamo-nos e Aarão, em linguagem fluente e colorida, falou igualmente da libertação do povo hebreu e da grande missão que o Eterno havia confiado ao irmão.

Quando nos sentamos, cruzei os braços e voltei-me para Moisés:

— Permite, Mestre, que fale, não como ao enviado de Jeová, mas como ao sábio discípulo do Templo, dá Casa de Seti. Pertenço ao número dos que se iniciaram numa grande parte dos mistérios; Sem dúvida, sendo tu bem mais velho do que eu, tudo conheces. Ser-te-á lícito desvendar ao povo os mistérios sagrados que te foram confiados mediante o mais solene juramento e utilizar tais segredos para amedrontar as massas e forçar Pharaó a libertar os hebreus? Perdoa-me estas perguntas, mas devo ser esclarecido, para poder servir-te utilmente. Compreendo que as forças da natureza, habilmente empregadas, podem atemorizar as pessoas ignorantes; mas, conseguirás assustar Mernephtah, que filiado, também à casta sacerdotal e, consequentemente, iniciado, conhece os fenômenos que queres produzir? Ouvi-te dizer aos velhos que terríveis pragas cairão sobre o Egipto, determinadas por Jeová; disseste que a água se mudaria em sangue e a serpente em bastão; mas isso os nossos prestidigitadores e mágicos também fazem nas praças públicas, nos dias festivos, para divertir o povo, como não ignoras.

Moisés pareceu ofendido; mordia os lábios e sulcos profundos vincavam-lhe a fronte lisa.

Depois de um momento de silêncio, disse, fitando-me:

— Pinehas, tu és profundo pensador, e dizes uma verdade; sei mais que tu, pois contava já cerca de quarenta anos quando abandonei o Egipto; também tens razão quanto aos fenômenos que não achas assaz convincentes; isto, entretanto, não será senão o começo, e aquilo que isoladamente constitui um passatempo pode, suficientemente estendido, tornar-se apavorante. Uma salamandra não é perigosa, mas se houver inúmeras delas a devastarem os campos, então o povo se abrigará nos Templos; uma poça d'água que se torne vermelha, fará rir, mas se o Nilo Sagrado rolar em ondas sanguinolentas, o povo clamará aterrorizado.

Inclinei-me.

— Sabes, Mestre, o que fazes, e obedecerei naquilo que o teu saber e gênio deliberarem.

Levantou-se e de braços cruzados deu alguns passos pela sala; depois, parando à minha frente, disse:

— Agrada-me teu espírito observador e prudente. Queres devotar-te de corpo e alma à minha causa e prestar o juramento de aliança? Se a isso te decidires, eu te iniciarei e te colocarei em presença daquele que tudo dirige.

— Sim, respondi com firmeza, pois já havia decidido intimamente unir-me à sorte de Moisés.

— Vem aqui todos os dias e ensinar-te-ei uma parte do meu saber.

Entusiasticamente agradeci-lhe e, desde esse dia, estudava com ele noites a fio, convencendo-me de que os sacerdotes e sábios ignoravam muita coisa; que, ainda que conhecessem as primeiras manifestações de certos fenômenos, não tinham nenhuma idéia do desenvolvimento que eles comportavam.

Dia após dia Moisés demonstrava-me maior amizade e confiança. Certa feita, ousei lembrar-lhe a promessa de mostrar-me àquele que o inspirava.

Passados alguns momentos de reflexão, respondeu:

— Sei que és fiel e devotado; que seja satisfeito, pois, o teu desejo; prepara-te durante dois dias pelo jejum e pela prece; na tarde do terceiro, vem até aqui após te purificares, segundo o rito.

Compareci emocionado e agitado no dia combinado.

Prestado o juramento recebi o sinal da aliança e o profeta levou-me, em companhia de Aarão, a uma sala fracamente iluminada; um único banco de madeira ali se encontrava. Aarão sentou-se nesse banco, mantendo os braços cruzados. Nós nos colocamos à sua frente; dentro em pouco, sua respiração opressa e sibilante advertiu-me que dormia e adivinhei que espécie de fenômeno se preparava.

— De joelhos! — murmurou Moisés, abaixando a fronte até o solo.

Imitei-o, porém quando ouvi uma voz articular distintamente estas palavras: “Nada de vítimas nem de sangue!” — ergui a cabeça e fiquei deslumbrado. Diante de nós, formando o centro de grande círculo luminoso, flutuava uma forma humana; vaporosa túnica de alvura deslumbrante a envolvia, presa ao peito por uma cruz, cujo fulgor mal se podia suportar. O rosto transparente, cheio de doçura e majestade, parecia iluminado por olhos e sobre-humana mansuetude.

— Osíris! — murmurei estremecendo, por me encontrar tão perto da divindade.

— Não sou Osíris, disse a aparição, mas Cristina-Cristo. Moisés, — continuou — abandona a casa, sei que ela deve custar muitas lágrimas. Falo-te, meu filho, como a um chefe que vai batalhar; dispondo de aguerrido exército, contra numerosos inimigos; mas indefesos, porque ignoram tua aproximação. Ser-te-ão pedidas contas de cada vida, amiga ou inimiga, porque as forças da natureza podem ser empregadas pelo homem para o bem, nunca para o mal. Guarda-te, pois, de te servires das paixões alheias em teu beneficio. No grande empreendimento que sonhaste no deserto e que agora vais realizar, a paciência e a fé nos teus guias devem constituir tuas armas; não o ferro, o fogo e o sangue. Se não te julgas capaz, agora, de cumprir a missão que te foi confiada, outra ocasião mais favorável ser-te-á dada; não te deixes, pois arrastar [2].

2 ***Observação do Espírito autor:***

A missão revelada era conquistar a amizade de Mernephtah e dominar, assim, esse homem violento, mas generoso.

Por intermédio de Pharaó, deveria aliviar a sorte dos hebreus (que aliás, não era tão desgraçada como ele pintava), prepará-los para a liberdade e, chegado o momento favorável, obter de Mernephtah a libertação. O ensejo de tornar- se árbitro da situação não lhe teria faltado, no momento justo.

Moisés, porém, queria atemorizar não só o Egipto, mas também os israelitas, que talvez recusassem obedecer--lhe e deixar o conhecido pelo desconhecido, e que haveriam de o acompanhar principalmente pelo temor de irritar o Deus sanguinário de quem ele era enviado.

A prova desta verdade decorre da própria Bíblia. Vede no segundo livro de Moisés (Cap. 4, versículo 21, cap. 7, versículos 3 e 4), como o Eterno, querendo livrar seu povo, declarou que endureceria o coração do Pharaó, para dar ao seu enviado ocasião de castigar o Egipto e, dessa forma, convencer os filhos de Israel da realidade da sua missão.

Abandonado o Egipto, Moisés logo compreendeu que os maiores obstáculos estavam por vencer; a massa popular que o seguia, preguiçosa e turbulenta, sempre pronta a revoltar-se, reclamava o bem-estar perdido; para dominar os sediciosos, serviu-se novamente do nome de Jeová e, reduzindo à sua estatura o Criador infinitamente bom e Senhor do Universo, atribuiu-lhe sua própria cólera e, em seu nome, puniu e massacrou os rebeldes, Moisés não possuía o dom de disciplinar as massas pela magia da palavra; dominava-as pelo pavor.

Ao regressarem seus emissários, enviados à rica região que ele elegera para estabelecer seu reino, contaram que povos valentes e aguerridos ali habitavam. Foi tal o pânico, que ele houve de mandar assassiná-los pela propaganda ruinosa que faziam, convencido de que, com essas hordas indisciplinadas e covardes nada conquistaria; preciso era desaparecesse a velha geração de Israel, antes de tentar qualquer coisa.

Ficou, pois no deserto, levando vida inútil, desabituando o povo da agricultura, que faz o homem sedentário, das artes e dos trabalhos aos quais estava acostumado.

Homem genial, mas ambicioso e violento, quebrava os obstáculos, em vez de contorná-los habilmente, para atingir o fim. Discípulo dos sacerdotes mais sábios do Egipto, no país mais civilizado do mundo antigo, Moisés não sonhava, então, absolutamente, libertar os hebreus; gozava tranquilamente a posição e os privilégios de nobre egípcio, que lhe eram assegurados pela estima da real protetora, mulher fraca e amorosa, que ele dominava completamente. Cego pela ambição, concebeu, desde logo, o audacioso plano de tomar-se Pharaó.

Não vingou, porém, o projeto. Cercado de inimigos e invejosos, seria talvez eliminado, mas Thermutis lhe angariou um comando no exército e ele partiu a guerrear no estrangeiro. Faltando-lhe as qualidades de guerreiro, foi vencido e os egípcios, excitados por seus inimigos, atribuíram a derrota à sua má vontade.

Altivo e arrogante, regressou ruminando o projeto de se tornar rei dos hebreus, conduzindo-os para fora do Egipto.

Mas Thermutis faleceu. Uma vez sem defensor, os inimigos esperaram a primeira ocasião para o exilar. E assim

Moisés tudo ouvia carrancudo. Estendendo os braços para a visão, arrastou--se de joelhos e exclamou com voz entrecortada:

— Mestre de clemência e divina mansidão, eu desejaria que tuas palavras pudessem, qual fonte refrigerante, acalmar e refrescar minha alma! Não posso recuar no momento de agir, deixar meu povo na opressão; se Mernephtah recusar obedecer, não ouso prometer indulgência; sinto que minhas paixões me arrastarão.

— Meu filho, disse com tristeza a aparição, se te deixares levar pelo teu arrebatamento e ambição, — desaparecerei do teu caminho; quanto mais vítimas fizeres, maior distância nos separará, porque as sombras projetadas por teus pensamentos me repelirão. Entregue a ti mesmo, teu espírito lúcido se perturbará e vagará no deserto; a dúvida e a incerteza serão teus únicos guias; reconhecerás a ingratidão e a revolta; a coroa com que sonhas jamais a cingirás; cansado, roído de desgostos, coração desenganado, morrerás só e desolado.

Empalideceu a visão, descompondo-se num vapor esbranquiçado, até que se fundiu na atmosfera. Moisés, rosto colado ao solo, ergueu-se; cruzando os braços sobre o largo peito, apoiou-se à parede, evidentemente agitado por pensamentos tumultuosos; os olhos tanto lhe chamejavam como pareciam extinguir-se; mas, rapidamente; dominou a luta íntima e, voltando-se para mim, disse no seu tom habitual:

— Acabaste de ver aquele que me protege; eu lhe obedecerei voluntariamente, mas ele me pede o impossível; ele já atingiu a impassibilidade inalterável, fruto da perfeição, e não admite a violência dos sentimentos que agitam o coração

---

partiu de coração raivoso, jurando vingança. No deserto, para onde se retirou, amadureceu os planos, visitou a Índia, estudou, e somente quando julgou assegurado o sucesso, voltou ao Egipto.

Reuniu o povo de Israel, e com ele saiu. Os desencantos que experimentou amarguraram-lhe o coração. Querendo, porém, tudo dominar sempre, proclamou-se chefe da religião, nomeando o irmão Aarão sumo sacerdote, instrumento dócil nas suas mãos e, para disciplinar o povo, decretou leis. Aqui faço inteira justiça à sabedoria e profundeza do seu espírito, que soube reunir num resumo exato a essência da sabedoria da Índia e do Egipto, e que, pelos dez mandamentos, estabeleceu as bases das leis fundamentais da moralidade, que se tomaram herança de todos os povos cristãos.

Nisso, o grande missionário foi digno do seu mandato divino; mas, onde o homem político sobrepõe-se ao profeta, surge a sombra. Ele sabia que a união faz a força; deu, pois, às hordas vacilantes que conduzia, um código que as galvanizou num povo indestrutível. Entretanto, essas leis emanadas de Jeová são cruéis; consagram a pena de maior vingança até à quarta geração e o ódio a tudo que não seja hebreu; elas fizeram do povo judeu, inimigo de tudo que não seja dele, buscando o trabalho fácil a expensas de outrem, recordando que os roubos ordenados pelo Eterno, por ocasião da saída do Egipto, o haviam enriquecido sem esforço.

Tudo quanto acabo de referir bem o sei, levantará uma tempestade contra mim, espírito audacioso, que ousou erguer a ponta do lendário véu que encobre o grande legislador hebreu, para revelar sob Moisés profeta, o grande sábio egípcio, o ambicioso candidato a um trono.

Caro leitores, não vos esqueçais, porém, de que o escritor destas linhas é Mernephtah, o infeliz Pharaó que lutou contra esse homem férreo, com desespero do soberano que assiste à destruição da prosperidade do seu povo, mediante inauditas calamidades e comoções políticas sem precedentes na história.

Submetido pelo terror, quase louco pela impossibilidade, em que me encontrava, de compreender o modo pelo qual Moisés agia na missão divina em que eu não acreditava, cedi; mas, após a morte dó Pharaó, meu espírito sondou avidamente a vida e as ações do antagonista que me vencera.

Diante do olhar desabusado do meu espírito, o grande profeta empalidece não restando senão alguns raios divinos; dele apenas fica o grande sábio, o hábil e ambicioso político. É assim que ele me ressurge na memória, ao vos oferecer estas páginas de um longínquo passado.

ROCHESTER

humano. Agora, vai, meu filho, e não esqueças o juramento que me prestaste.

Regressei à casa indisposto, com a cabeça pesada; os últimos acontecimentos e os terríveis abalos morais que suportei, começavam a reagir. No dia seguinte, declarou-se uma febre perniciosa, seguida de tal prostração de forças que me custou algumas semanas para recuperar a saúde.

Os acontecimentos que agitaram o Egipto nessa época me passaram quase despercebidos. Kermosa me falou dos prodígios ocorridos e, sobretudo, do pavor do povo, quando as águas sagradas do Nilo se transformaram em sangue.

Enoch veio uma tarde buscar-me, dizendo que Moisés queria ver-me. Se as forças me permitissem, no dia seguinte iríamos ambos ter com o profeta, muito irritado com a resistência e teimosia de Mernephtah, que, passado o primeiro momento de terror, violara sua promessa e recusara libertar o povo de Israel. Em seguida, contou-me, o consórcio de Smaragda com Rhadamés, marcado para breves dias.

Informou-me, também, do desaparecimento de Mena e desfiou vários boatos que corriam sobre a sorte do jovem cortesão, e que as mais ativas pesquisas tinham sido inúteis para descobrir-lhe o paradeiro.

A opinião mais aceita era que Mena, homem dissipador e aventureiro, havia-se demorado mais durante a noite, no bairro dos saltimbancos, dançarinos e outros elementos estrangeiros e baixos, onde não estaria isento de perigos mesmo durante o dia, sendo então assassinado por malfeitores seduzidos pelas jóias que ele gostava de exibir. O fato era tanto mais provável quanto, já em Thebas, tinha sido ferido em zona escusa do quarteirão dos estrangeiros, só escapando por milagre.

Algumas línguas ferinas tentaram mesmo ligar essa desaparição ao escândalo ocorrido no Templo de Ísis, com uma jovem sacerdotisa; entretanto, uma visita feita a Smaragda pelo príncipe herdeiro, e a promessa que fez de assistir, com Pharaó, ao seu casamento, afastou esses rumores, de vez que a família real jamais demonstraria tanta consideração à irmã de um sacrílego. Natural que, apesar da sua tristeza e inquietação, a jovem e bela herdeira se colocasse sob a proteção de um marido.

Somente uma dessas novidades atingiu-me como um raio. O coração cessou de bater e toldou-se-me a vista.

— Filho, tem paciência, — disse Enoch notando-me a emoção — tu triunfarás, mas o profeta te previne que não te entregues a nenhum ato de vingança; confia nele, o futuro te pertence.

Comprimi o peito com as mãos.

— Esperarei paciente, disse cerrando os dentes, mas, se demorar muito, tudo afrontarei.

No dia imediato fomos à casa de Moisés.

A nossa espera estava um ancião que nos conduziu à grande sala subterrânea onde estavam reunidos os anciãos das tribos judias: Aarão, Moisés, e junto dele um jovem israelita que eu ainda não tinha visto, cuja expressiva fisionomia e olhar brilhante, me impressionavam. Chamava-se Josué e foi o sucessor de Moisés, o conquistador da Terra Prometida.

O profeta estava visivelmente irritado, veios da testa dilatados, os olhos chamejavam sob as espessas sobrancelhas franzidas e a voz ressoava na abóbada, qual surdo trovão.

— Meus irmãos, vós sabeis — disse — que esse Pharaó, traidor perjuro, recusa permitir a partida do povo de Deus, apesar do pavor que experimentou, tanto quanto seu povo, diante das águas sangrentas do Nilo? Mas não se afronta assim a cólera do Eterno.

Elevou os punhos cerrados e, diante do seu olhar terrível, Iodos os anciãos se inclinaram até o solo.

— Vou punir os egípcios e seu rei, por ordem de Jeová, de modo que lhes faça cair os cabelos da cabeça e arruinar-lhes os bens de fortuna.

Deu uma ordem, e, prontamente, Aarão e Josué apanharam num canto dois sacos e um fogareiro com brasas. De um dos sacos, Moisés retirou fragmentos de raiz; do outro, uma espécie de flauta de madeira esverdeada, que exalava odor penetrante.

— Toma e toca — disse — entregando-a a Josué.

Obedeceu-lhe o moço e tirou do instrumento vibrantes e prolongados sons.

Escutávamos curiosos e interessados. Ao fim de alguns minutos, surdo rumor se fez ouvir ao redor de nós; atritos, assobios e grunhidos ecoaram. Imediatamente um verdadeiro exército de ratos, lagartixas, sapos, etc., surgiu de todos os cantos do velho subterrâneo, desembestados e como impelidos por estranha força.

Recuamos todos com gritos de pavor. Imediatamente Aarão lançou nas brasas as raízes e, desde que a espessa e aromática fumaça atingia os animais, eles recuavam e desapareciam nas suas tocas subterrâneas.

— Eis agora o que deveis fazer — disse Moisés. Aarão distribuirá a cada um dos anciãos quantidade destas flautas, raízes e grãos cujo uso indicarei; cumpre a cada qual confiar as flautas a pessoas devotadas, que se encontrem a serviço rias casas egípcias de Tanis, do campo e cidades circunvizinhas, tão longe quanto

possível. Essas pessoas deverão esconder-se nos socavãos das casas, dos templos e palácios, sem mesmo excetuar o de Pharaó. Desde que surjam os animais, atirem-lhes nacos de carne embebidos num líquido preparado com as sementes de que falei. Uma vez atraídos para fora de seus esconderijos, excitados e imundos, se espalharão por toda parte, devorando tudo que encontrem na sua passagem. Cada noite se renovará o processo, a fim de manter a continuidade da invasão.

Á margem dos lagos, canais e pântanos, colocar-se-ão outros músicos, neles lançando um pó que se lhes dará. Usarão docemente as flautas para atrair à terra firme lagartos, rãs, etc.

Para que nosso povo fique livre desta calamidade, Jeová ordena que as moças e damas de Israel mantenham, nas casas e pomares, fogareiros em brasa, lançando-lhes raízes, cuja fumaça afugentará de suas moradias e terreiros todos os animais daninhos. Tudo deverá estar pronto dentro de três dias.

Começaremos por perturbar as núpcias de um rico egípcio, às quais Mernephtah prometeu assistir com o seu séquito.

Compreendi, e quando ficamos sós, agradeci-lhe essa atenção.

Sorriu com benevolência, entregando-me uma flauta e uma caixeta de raízes e grãos.

— Tu mesmo, filho, atrapalharás o casamento da ingrata Smaragda; estragarás essa esplêndida festa que o Pharaó e os grandes da Corte devem honrar com sua presença.

— Fica certo — continuou — que o medo e o horror farão esquecer ao vilão Rhadamés os madrigais que prepara para sua bela noiva.

Calorosamente agradeci-lhe, e essa perspectiva de vingança constituiu um bálsamo para meu coração corroído pelo ciúme; esforcei-me por comer e dormir para estar forte no dia seguinte.

Afinal chegou o dia do casamento de Smaragda, tão doloroso para mim.

Na hora fixada, dirigi-me, seguido de um escravo hebreu, para o palácio de Mena.

Extraordinária animação ali reinava; pátios, vestíbulos e escadarias, repletos de escravos e criados; uns colocavam flores por toda parte, outros sobraçavam cestas de frutas e doces, ou pratos de iguarias e ânforas de vinho; nos pátios externos, estendiam-se imensas mesas para regalo do povo e dos indigentes, como de uso. O serviço era fiscalizado por mordomos armados de bengala. Ninguém deu por mim e por meu companheiro, de modo que, sem dificuldade, deslizamos até o porão cujas portas estavam abertas, para facilitar o aproveitamento de vinho. Acomodamo-nos bem no fundo, por trás de enormes ânforas.

Logo que nos instalamos, clamores populares seguidos do retinir de armas, anunciaram a chegada de Mernephtah. Com isso, os rumores da festa aumentaram em todo o palácio; cantos, músicas, ruídos de louças, de taças, chegavam vagamente ao meu refúgio.

Era tempo de agir. Abandonei o abrigo e tirando do saco do companheiro pedaços de carne ensopada no líquido preparado, de cheiro ativo, abri as portas dos compartimentos contíguos e subi num caixão vazio, juntamente com o escravo, pondo-me a tocar a melodia prescrita.

Surdo ruído anunciou-me imediatamente, a aproximação do inimigo e, das profundezas surgiu em negra torrente a massa dos asquerosos animais. Atirei-lhes a carne e eles, como enfurecidos, precipitavam-se para fora.

Não parei de tocar, contemplando, estranhamente impressionado, o desfile que continuava a meus pés e parecia interminável; sabia que, por toda a parte, o mesmo se dava, isto é, que naquele momento Tanis e seus arredores eram invadidos por esse exército de novo gênero.

Angustiosos e ensurdecedores, os gritos e clamores advertiram-me do combate aos invasores.

Então, passando a flauta ao companheiro, ordenei-lhe sob pena de morte, que não abandonasse o posto, antes que ali voltasse e deslizei para o pátio, no intuito de franquear os apartamentos e ver com os próprios olhos Smaragda, a festa desfeita e a fisionomia espantada da noiva a combater os ratos. Entretanto, não pude passar, por causa do tumulto e aglomeração. Mernephtah acabava de retirar-se, mas ainda se ouvia, lá fora, a voz dos oficiais que demandavam passagem. Os convidados dispersaram-se tão rapidamente que abandonaram os cavalos; estes empinavam, os carros se abalroavam, as liteiras tombavam. Cada qual se apressava em chegar à própria residência igualmente assaltada. Enfim, o palácio esvaziou-se, o que permitiu avaliar a desolação espalhada por toda parte.

Fingindo vir de fora, passei saltando sobre cadáveres de roedores; ninguém me notou, porque os criados, escravos e mordomos, todos com o que lhes tinha podido vir às mãos, lutavam, contra as ratazanas que invadiam as mesas emborcadas, devorando as iguarias pelo chão, festejando, com pasmosa voracidade, as núpcias de Smaragda.

Subi as escadas, penetrei no magnífico salão, donde precipitadamente fugira a brilhante nobreza egípcia; no centro, enorme e bem provida mesa, estava posta com baixelas de ouro e prata; as cadeiras derrubadas, jarras e mesmo terrinas enormes, atiradas ao solo; ânforas entornadas, vinhos custosos correndo pelo chão e, por todos os lados, onde havia carnes ou pastéis, grupos de animais

imundos a grunhir, tudo devorando ou mordendo-se ruidosamente.

Atarefados serviçais corriam berrando e gesticulando, não sabendo o que fazer. Súbito, uma idéia me confrangeu o coração: se eu encontrasse Rhadamés abraçado à sua jovem esposa, defendendo-a contra os famélicos agressores e ela, assim lhe correspondendo com amor?

Punhos cerrados, meu olhar temeroso, mas ávido, percorreu a sala fixando-se, admirado, em Rhadamés que, em cima dum aparador, pálido, de aspecto horrível, manejava a espada sem cessar e proferia impropérios para chamar os escravos e ordenar que o cercassem e defendessem com seus bastões. Seus olhos, atarantados, não se voltavam para a mulher que lhe havia confiado a vida.

Brotou-me na alma amarga satisfação. A mim que a teria protegido e resguardado, repelira duramente, para escolher aquele poltrão egoísta.

No mesmo instante vi Smaragda de pé, colada à parede, do outro lado da sala.

Ela estava maravilhosa num vestido branco, bordado a prata, preso à ilharga com um cinto de rubis; grande colar e pulseiras de faiscantes gemas lhe ornavam o colo e os braços; o rosto pálido de morte, mas não era o medo que lhe transparecia no semblante marmóreo, mas sim raiva e desprezo. Lábios contraídos e olhos chamejantes, observava o marido preocupado na própria defesa; ela se esquecia do resto, não vendo, sequer, a velha ama que, acocorada a seu lado, procurava defendê-la corajosamente, matando ratos e ratazanas a pontapés.

Cruzando os braços, aproximei-me e disse com ironia:

— Smaragda, não sei se posso felicitar-te pela escolha. Para um recém-casado, vejo que o preferido cuida mais da sua defesa pessoal; conheço alguém a quem ofendeste e recusaste cruelmente e que, entretanto, melhor te consideraria nessa conjuntura, por força de sua estima.

Vendo-me e ouvindo-me, ela deu um grito, mediu-me com expressão odiosa e disse com asco:

— Pinehas, tu te enganas, não foi a Rhadamés que eu preferi; vós vos equivaleis, meu coração pertence a um terceiro, a quem não posso amar abertamente; se pensas que este transtorno, no festim de minhas núpcias, me contrariou, estás redondamente enganado. Eu apenas declaro uma coisa, estar ligada a esse poltrão que devia defender-me. Se os ratos o devorassem, eu daria graças aos deuses por tê-los enviado.

Atônito pelo que ouvia, adverti:

— Se nos estimas da mesma forma, disse, por que consentiste em esposá-lo? Por que escolheste Rhadamés? Eu fui o primeiro a oferecer-te o coração.

Seu rosto tomou expressão dura e cruel.

— Primeiro — retrucou — porque Mena lhe havia prometido minha mão; mas, principalmente, porque ele é o condutor do carro de Pharaó, enverga brilhante uniforme e desempenha um cargo na Corte; tu nada tens; nem função, nem farda com que te vestires e, ademais, passas por feiticeiro!

Interrompeu-se, dando um grito, porque enorme ratazana lhe subira pelas vestes. Apanhei o animal pela cauda.

— Agradeço-te, Pinehas; agora dá-me um prazer (desdenhoso sorriso lhe descerrou os lábios): atira este delicado animal à cara de Rhadamés.

Naquele momento ele olhava o teto, supondo que os inimigos também dali provinham.

Contente por poder descarregar minha raiva sobre alguém, obedeci ao sábio conselho de Smaragda e lancei com tanta felicidade o animal, que ele foi bater justamente no peito de Rhadamés, cravando-lhe as garras no pescoço.

Enquanto ele se debatia, gritando horrivelmente, Smaragda chamou um escravo, e, dando-me as costas, ordenou que a carregasse para fora da sala.

Retirei-me furioso. Chegando à casa encontrei minha mãe desesperada, porque, apesar das precauções tomadas, alguns ratos a tinham invadido e roído um saco de farinha. Ela vociferava, lançando a Moisés e Enoch toda espécie de maldições celestes.

Acalmei-a, e, depois de haver eu mesmo cuidadosamente depurado a casa, os terríveis roedores desapareceram.

Recolhi-me aos meus aposentos e entrei a considerar os sucessos. Uma coisa me consolava: é que não havia mais amor no palácio de Mena e o condutor do carro de Pharaó estava longe de conquistar o coração de Smaragda. Mas, a quem amaria ela? Debalde quebrava a cabeça e, não encontrando solução, consultei os invisíveis.

Foi com grande espanto, que soube que seu coração pertencia a Omifer, jovem belo e riquíssimo, mas a quem dificilmente poderia esposar, sobretudo com o consentimento de Mena, porque velho ódio de sucessivas gerações separava as famílias.

Essa inimizade, oriunda de uma rivalidade em assunto de amor e favor real, se envenenara tanto que ambas as partes, esquecendo respeito e compostura, chegaram a insultar-se reciprocamente na presença do próprio Pharaó, culminando num abrir e fechar de olhos em luta corporal, e causando a morte de um apaziguador.

Irritado, o Pharaó, condenara o assassino (ancestral de Omifer) à deporta-

ção para as minas, e ainda que anos mais tarde, o indultasse em atenção a serviços anteriormente prestados, o ódio entre as duas famílias havia-se enraizado e, sobrevivendo aos autores do drama, galvanizava-se entre os descendentes por uma série de intrigas e crimes. Só a poderosa palavra do grande Ramsés II lhe pusera fim, oficialmente: os representantes das famílias inimigas concordaram, perante o rei, em se apertarem as mãos, jurando esquecimento e perdão.

Já impossível abertamente, a inimizade, as relações cobriram-se de cinza: cumprimentavam-se em público, visitavam-se cerimoniosamente, mas qualquer ligação consanguínea era considerada indigna de parte a parte.

Além de tudo, o pai de Omifer, faltando ao compromisso assumido com a grei egípcia, desposara bela escrava prisioneira de guerra, assim ferindo muitas suscetibilidades. O filho tinha-se dedicado inteiramente à administração das extensas propriedades que possuía e não exercia função alguma, fosse na Corte ou no exército; começara a frequentar o palácio de Mena, havia cerca de um ano; o irmão de Smaragda facilitava essa visitas pelos motivos que acabamos de indicar, mas não estimava Omifer e, certo, jamais concordaria num casamento, mas antes empregaria todos os meios de o impedir.

De qualquer forma o amado de Smaragda também experimentava, como eu, nesse momento, as mesmas torturas do ciúme, e esta idéia foi um alívio para o meu coração ferido.

Nos dias que se seguiram pouco saí, mas soube por Enoch que o povo, assustado, já havia suplicado a Pharaó deixasse partir os hebreus. Mernephtah, embora inquieto, resistia; havia convocado sábios, quando um acaso desvendou o plano, favorecendo os egípcios. Um oficial da guarda, aquele mesmo Necho, meu condiscípulo em Thebas, julgando um mistério a incolumidade das residências judaicas, forçou uma delas, lá surpreendeu mulheres, depurando-a. Apoderou-se das raízes, grãos e tudo mais que pode apanhar, apresentando-os a Mernephtah. Assim encaminhados, não foi difícil aos sábios desembaraçar o país da calamidade.

A raiva dominou Moisés. Declarou, num conciliábulo de chefes das tribos, que Jeová, irritado com semelhante resistência aos seus desígnios, ia lançar sobre o Egipto flagelos mais terríveis que os precedentes. Tomou várias providências e recebi ordem para ficar com Enoch, junto dele.

Logo que ficamos a sós, levou-nos a um grande galpão de trigo, vazio no momento. A abertura do teto estava fechada por uma tampa de couro e algumas lâmpadas fumarentas o iluminavam.

Obedecendo sua ordem abrimos dois grandes sacos cheios tio grãos cinzen-

tos; despejamo-los em compridas gamelas de madeira contendo terra misturada com um pó branco. Depois, cobrimos os grãos com esterco umedecido em água quente, e Moisés estendeu as mãos sobre as gamelas, projetando nelas um olhar inflamado, ao mesmo tempo que pronunciava palavras incompreensíveis. Impediu-nos de sair. Enoch, de vez um quando, umedecia o esterco e eu auxiliava; Aarão estava ausente.

Um movimento começou a esboçar-se nas gamelas no terceiro dia, depois houve um crepitar seguido de sussurro, que aumentava sempre de intensidade; nuvens negras e compactas se elevaram; gritamos, mas Moisés destapou o teto e vi, então, que as nuvens eram de gafanhotos que, atraídos pelo ar fresco, saíam aos borbotões. Fiquei assombrado. Sim, Moisés era um grande mago!

Não sei explicar como ele procedeu, mas sacos semelhantes foram distribuídos em várias regiões e Aarão superintendeu a distribuição. Certo é que nuvens de gafanhotos apareceram e causaram grandes devastações no país.

Não obstante o descontentamento do povo, Pharaó resistia e prolongava a situação; no momento talvez de ceder, um acaso veio favorecê-lo. Providencial tempestade desencadeou-se carregando todos os gafanhotos e atirando-os ao mar, onde desapareceram.

Pensei, então que Jeová se voltava contra nós, mas seu enviado não era homem para consentir que semelhante dúvida pudesse ser tomada em consideração; declarou, portanto, aos anciãos, que o Eterno, na sua bondade, tinha afastado os gafanhotos, conhecendo a intenção do Pharaó, de submeter-se, mas sua falta de lealdade seria duplamente punida.

Certo dia, Moisés mandou que lhe trouxessem animais de várias espécies: cavalo, burro, carneiro, camelo, vaca, etc., fazendo em cada qual uma incisão com uma faca de pedra e introduzindo na ferida certa substância tirada de um vidro; depois, mandou prendê-los; nessa mesma tarde eles ficaram cobertos de chagas. Convenci-me de que tinham sido empesteados.

Então, Moisés mandou que trouxessem enormes vasos cheios de moscas vivas, as quais foram lançadas sobre os cadáveres e que, depois voaram; ao mesmo tempo, pedaços dessa carne foram jogados em todos os poços e fontes, onde os egípcios davam de beber aos animais, e aguardou-se o resultado.

Não foi longa a espera. Decorridos alguns dias, por toda a parte clamores se levantaram anunciando a peste nos rebanhos, ameaçando aniquilar a principal riqueza do país.

Por um esquecimento deixei de mencionar que encontrara ainda em casa do pobre Mena um antigo camarada, Necho, que agora servia na guarda pessoal de

Pharaó, como oficial; ele me visitara apenas uma vez, mas como não lhe agradasse a natureza científica dos meus trabalhos não mais me procurou.

A peste que lhe feria o bolso, como a muitos outros, fez-lhe recordar os meus conhecimentos. Uma manhã apareceu, atormentando-me para que lhe fornecesse um remédio capaz de lhe salvar os rebanhos. Recusei, naturalmente, para não trair Moisés. Necho ficou furioso.

Muito admirado fiquei quando ele reapareceu horas mais tarde e renovou o pedido. Dada a minha formal recusa, disse com estranho olhar:

— Não estou sozinho; uma ilustre egípcia acompanha-me e vem pedir-te auxílio e socorro.

Perguntei-lhe aborrecido:

— Uma mulher? — não sei quem tenha o direito de me pedir qualquer coisa, que, ao demais, não posso fazer.

— Era essa resposta que já esperava — disse Necho — e vou dizer à irmã de Mena que recusas recebê-la.

Lampejou-me uma chama no cérebro: Smaragda rendia-se!

Precipitei-me para o pátio, empurrando Necho que saía, e vi a jovem sentada na liteira, cercada de porta abanicos e cuidadosamente velada.

Cumprimentei-a reverente, ajudei-a a descer e encaminhei-a para meu quarto. A idéia de ter em minha casa a mulher amada, que vinha fazer-me um pedido, perturbava-me a razão; o coração pulsava desordenadamente e pressentia vagamente o perigo que ameaçava os segredos do chefe, se Smaragda me fixasse os belos olhos suplicantes.

Sentou-se e após retirar o véu conservou-se de olhos baixos. Com voz entrecortada, pediu-me lhe indicasse o remédio para salvar os seus rebanhos, evitando-lhe a ruína. Recusei; ela se ergueu ofendida, mas Necho inclinou-se e lhe sussurrou qualquer coisa ao ouvido.

Vi-a então enrubescer; depois, voltou-se, tomou-me a mão, inclinou-se quase roçando no meu o belo rosto ansioso, e pediu-me veemente, lhe concedesse o remédio salvador.

Calei-me, fascinado, e escutava-lhe mais a música vocal que as próprias palavras, aspirando com volúpia o perfume que me acariciava as faces; uma felicidade mesclada de amargura apertava-me o coração, como a esmagá-lo; ora tinha ímpetos de cingi-la, ora de repelir a traidora que, conhecendo minha fraqueza, queria dominar-me e não sabia, ao demais, que era a favor de Omifer que havia de ceder.

Uma idéia luminosa esclareceu-me subitamente:

— Smaragda — disse — abusas do teu fascínio sobre mim, mas só te atenderei em troca de três beijos.

Fremente de orgulho e cólera ela recusou e, sem responder, dirigiu-se para a porta.

Pela segunda vez, Necho a deteve pela mão e falou qualquer coisa, naturalmente alguma palavra mágica, porque Smaragda parou, e voltando-se para mim, pálida como um cadáver e mais bela que nunca, disse, baixinho:

— Aceito.

Embriagado, esquecendo tudo apertei-a entre os braços e beijei-lhe apaixonadamente os lábios gelados, que ela não me recusava.

Dei-lhe, depois, as fórmulas para garantir os animais ainda não atingidos e ela, velando-se saiu. Mais tarde, Enoch procurou-me e comunicou que no dia seguinte, à tarde, haveria reunião de todos os chefes, na sua casinha do subúrbio. Deveríamos tomar todas as providências para a partida do povo de Israel; todos deveriam estar prontos para o momento em que Pharaó consentisse. Não mais se duvidava de que, por fim, ele cedesse definitivamente, porque, conforme todas as previsões, a peste tão habilmente disseminada pelos rebanhos, deveria contaminar também as pessoas. Tudo favorecia esse contágio: o calor escaldante, o ar infectado de miasmas deletérios dos milhares de animais mortos, e, desde que a morte começasse a ceifar as vidas humanas, Mernephtah deveria conjugar a causa do tamanha calamidade.

Enoch me recomendou pontualidade.

Quando a noite desceu, fui ao local designado, lá encontrando já reunidos os chefes das tribos, em sua maior parte anciãos de aspecto venerável. Conversava-se pouco e quase todos se mostravam apreensivos. Moisés não tardou a chegar, acompanhado de Aarão; tomou assento na cadeira mais alta.

Enquanto serviam refrescos, eu não podia tirar os olhos do nosso perigoso chefe a quem, no íntimo, temia; sua fisionomia austera denotava inquebrantável resolução e seu olhar brilhava de audácia e inteligência; eu tinha a convicção de que seria bem sucedido.

Depois de esvaziar o último copo, o profeta ergueu-se e disse:

— O momento da libertação aproxima-se, irmãos, porque a peste que devasta os rebanhos egípcios breve assolará também as famílias, sem executar o palácio do indigno Pharaó que ousa resistir à vontade de Jeová, vendo embora que o látego do Eterno fere sem compaixão o seu povo flagelado. Mas quando a doença e a morte lhe entrarem no lar, então, tremerá, e o povo eleito de Deus sairá deste país de escravidão, para fundar um novo reino.

Tudo deverá estar pronto para o momento em que eu der o sinal da partida; chefes das doze tribos de Israel, ouvi, pois, as ordens que Jeová vos transmite por minha boca. Dizei a vossas mulheres e filhos que tenham lavadas, enxutas e empacotadas as roupas; fazei o mesmo com o que possuirdes de mais precioso e, por outro lado, arrebanhai dos egípcios o mais que puderdes em ouro, baixelas preciosas, pedrarias e tecidos; carregai as mulas e camelos de quantos tesouros puderem suportar, e nada temais; sois o povo escolhido de Deus e deveis sair daqui não como mendigos, mas ricos e poderosos, O Eterno vos ordenai pois, pilhar o ouro dos réprobos, que, pela metade, representa o vosso suor; tendes necessidade desse ouro para fundar um reino e construir um Templo. Nada do que temos deverá ficar no Egipto, a não ser a lembrança da cólera celeste; deveis, portanto, levar como relíquia sagrada as cinzas do patriarca José, a fim de que a bênção dos antepassados vos acompanhe à nova pátria.

Braços cruzados religiosamente, os chefes mantinham-se cabisbaixos.

— Tudo será feito como ordenas — responderam por fim, inclinando-se.

Voltei para casa agitado, pelos mais estranhos sentimentos. Como todos os iniciados, eu sabia que existia um Deus único, superior a tudo, tão grande que não havia como nomeá-lo. Mas se Moisés já se atrevia a desvendar esse grande mistério, como ousava, entretanto, rebaixar o Criador do Universo, até à vulgaridade, ordenando em seu nome o roubo e a pilhagem, e fornecer detalhes meticulosos para a partida, o conforto e mesmo os aprestos culinários do povo hebreu? Por experiência própria, sabia como eram graves, austeros, mas misericordiosos, aqueles a quem os mistérios permitiam evocar, e que, no entanto, não passavam de mandatários do Grande Senhor do Universo. Osíris ou Ísis jamais haviam ordenado o roubo ou autorizado a semear a morte e a peste; prescreviam, ao invés, a virtude e o amor ao próximo, e curavam em todos os templos, milhares de doentes e peregrinos, ou consolava-os em suas penas.

No meu terraço, debruçado à balaustrada, passei horas a pensar. A paixão por Smaragda, o desejo de possuí-la, porem, matava em mim todo escrúpulo. Que me importavam, afinal, os deuses e os egípcios, uma vez que realizasse meu ideal de felicidade?

Passei os dias imediatos em indescritível impaciência e inquietação; caminhava horas a fio de um lado para outro, no quarto ou no jardim, sempre na esperança de que me viessem dizer que a terrível moléstia atingia a população. Se Smaragda fosse atingida, viria procurar-me e poderia, então, tratá-la e raptá-la com mais facilidade.

Certa tarde, enfim, minha mãe veio prevenir-me, muito apreensiva, que em

nossa rua havia três famílias contaminadas.

À noite, dispunha-me a sair e dar uma volta pela cidade, quando dois homens pálidos e atônitos me invadiram o aposento: uma era Necho e no outro reconheci, estupefato, Omifer!

— Pinehas? exclamou Necho apertando-me a mão — presta-me um favor que fará de nós teus escravos para o resto da vida: salva minha mana Ilsiris, atingida pela peste, bem como Smaragda, para quem Omifer vem implorar teu socorro. És muito sábio para não ignorares um recurso salvador.

Por um momento hesitei. Que me importava a morte da irmã de Necho? Recusando, porém, auxiliá-lo, não poderia socorrer Smaragda. Acabei anuindo, e dei a Necho os remédios e prescrições necessárias. Ordenando-lhe urgência, ele saiu correndo e deixou-me com Omifer.

Disfarçando a raiva e o ciúme que me inspirava o belo moço, dela amado, fitei-o desdenhoso e glacial.

— Quem és — perguntei-lhe — e a que título intercedes pela vida de Smaragda? Foi Rhadamés que te enviou?

Ele cruzou os braços e amargo sorriso crispou-lhe os lábios.

— Amo Smaragda, que, no momento, não se abriga no seu lar, porque o marido, horrorizado e acovardado, vendo-a contaminada pela peste, mandou-a embora... Tenho em minha casa a enferma, que me foi cara nos tempos saudáveis e venturosos.

Pinehas, a ti, que és poderoso mágico e competente médico, venho pedir socorro; arbitra o preço que entenderes. Darei prazeirosamente dez camelos carregados de tesouros pela salvação da mulher adorada.

Compreendi que Omifer ignorava a minha paixão, pois, doutra forma não me confiaria a enferma. Respondi, então, simulando indiferença:

— Bem, aceito a proposta. Manda-me os dez camelos e tratarei de Smaragda. Mas só me responsabilizarei por sua vida se a mantiver aqui comigo, a fim de acompanhar dia e noite a marcha da moléstia.

— Eu a trarei, se juras salvá-la — exclamou Omifer, de olhos brilhantes.

— Juro-te guardá-la e tratá-la como se fosse tu mesmo — respondi com o coração palpitante de alegria.

Ele saiu e procurei minha mãe para avisá-la da chegada dos camelos e pedir o seu concurso no preparo de quanto se fazia preciso para receber Smaragda.

À notícia de tão inesperada fortuna, Kermosa não pode conter-se.

— Finalmente, Pinehas — exclamou — tua ciência nos traz alguma coisa e me compensa um tanto os cuidados e gastos enormes que tive com a tua educa-

ção.

Aos terminarmos os preparativos, chegou o cortejo. Smaragda, resguardada e envolvida numa colcha de seda, vinha deitada em liteira conduzida por escravos. Omifer a acompanhava, trazendo consigo uma velha criada.

Pusemos a enferma em seu leito e despedi Omifer, dizendo-lhe que poderia vir no dia seguinte, porque, no momento, precisava ficar só com a doente, para pronunciar, sob os raios da lua, as conjurações necessárias.

Tão logo ele saiu, retirei o véu que ainda a cobria e inclinei-me avidamente para o belo rosto impassível. Ela parecia desmaiada, da brancura do lençol que a envolvia; grande mancha violácea no pescoço e no braço, advertiram-me logo da gravidade do mal.

Esqueci tudo por um instante e deixei-me ficar embevecido na contemplação da bela criatura, estendida, qual marmórea estátua, emoldurada pela massa dos cabelos negros de azeviche.

— Até que enfim — monologuei apaixonadamente — eis-te em minha casa e nenhuma força te arrancará de minhas mãos; seguir-me-ás longe do Egipto e tu me amarás.

Aquelas manchas negras chamaram-me à realidade; urgia intervir sem demora, se não quisesse deixar perecer o fruto da minha vitória.

Com todo o poder da vontade concentrado, fixei os olhos naquele rosto que seria capaz de contemplar por toda uma eternidade e, elevando as mãos sobre o corpo da enferma, apliquei-lhe passes longitudinais da cabeça aos pés.

Vivo calor espalhou-se-me sobre todo o corpo, acompanhado de abundante suor; levíssimo crepitar, como de brasas, me entorpeceu o cérebro sem lhe tirar a lucidez. Todas as minhas faculdades mentais estavam em plena atividade, apenas mais vivazes e mais agudas. Na semiobscuridade do aposento, percebi que, a cada passe, jatos de fumaça azulada e brilhante me saíam da ponta dos dedos e essa cascata prateada caía sobre a doente, e parecia absorvê-la, exalando, em troca, espesso vapor enegrecido, que, pouco a pouco se dissipava, deixando o corpo da enferma como envolvido em nuvem azul prateada. Seu aspecto também experimentava várias mudanças. À palidez cadavérica sucedeu rubor ardente e febril; à imobilidade, contrações bruscas; depois, tudo se resolveu em profundo e tranquilo sono. Só então percebi que os eflúvios argênteos que me saiam dos dedos tornavam-se agora em fumo espesso, avermelhado e causticante; compreendi já não eram fluidos benéficos, dados pelos invisíveis, que eu expelia e, sim, a própria força vital, e por isso eu devia repousar.

Puxei uma cadeira e nela tomei assento. Contemplava Smaragda com senti-

mentos bem diversos. Sua respiração suave e calma, a mão molhada de um suor quente, a indicar que o maior perigo havia passado. Não desejava, porém, conservá-la para Omifer ou Rhadamés; os punhos se me contraíam de raiva, à lembrança deste último; a sorte lhe havia conferido com essa mulher uma fortuna, e ele a expulsara do próprio lar, expondo-a à caridade pública. A mim, ela preferira esse egoísta, ingrato, insensível ao amor ou ao ciúme e que se desfizera dela, aborrecido e horrorizado. Nem por um momento a teria cuidado, sua mão não lhe servira sequer uma gota d'água e teria morrido abandonada se Omifer e eu não a houvéssemos socorrido. Sem dúvida, ela merecia esse ultraje e eu antegozava, com alegria, o momento em que recobrasse os sentidos, para lhe revelar tudo e vê-la corar de indignação, a boca frequentemente tão dura e desdenhosa contraída pelo orgulho ofendido. Entretanto, invejava a indiferença desse Rhadamés que, tranquilamente, sem remorso, afastara da lembrança aquela mulher de beleza fascinante enquanto eu, louco, me tinha apegado a ela por um amor fatal, que nenhuma afronta ou desprezo podia destruir.

Desprendi-me dessas divagações com um suspiro. Era tempo de preparar um remédio.

Servi-me de um grande vaso de alabastro cheio d'água e impus-lhe as mãos pronunciando uma evocação; o mesmo fluído azulado desprendeu-se-me dos dedos e encheu o vaso de uma flama coleante, e ministrei um copo a Smaragda que o sorveu avidamente, adormecendo logo após.

Chamei o serviçal e ordenei observasse os menores movimentos da enferma, subindo ao terraço, extremamente fatigado. Lá me deitei numa esteira forrada de tapetes e adormeci profundamente.

Na manhã seguinte veio Omifer e permiti que visse Smaragda ainda adormecida. Constatando o sono tranquilo e o leve rosado das faces, ele ergueu as mãos ao céu em muda prece; depois, expliquei-lhe que a enferma estava extremamente fraca e precisava de longo e absoluto repouso, dizendo-lhe que evitasse vê-la ou falar-lhe. Nada obstou confiando cegamente em mim, e apenas pediu lhe entregasse, de sua parte, um rico bouquet de lírios e rosas. Despediu-se.

Coloquei as flores num vaso e, quando a doente despertou, servi-lhe um cordial. Vendo-me inclinado para ela, mostrou-se profundamente contrariada.

— De ti nada quero — disse com acrimônia.

— Deves beber, Smaragda; do contrário não te darei o bouquet que Omifer trouxe.

Estendeu a mão, mas adverti:

— Não te darei antes que bebas.

Depois de o fazer, entreguei-lhe as flores, e ela as beijou.

— Muito obrigado, Smaragda, essas rosas são minhas e não as desprezes por isso; em todo o caso, foi o teu Omifer quem aqui te trouxe para que te curasse.

Entre contrariada e aborrecida guardou as minhas flores e adormeceu novamente.

As semanas seguintes foram para mim calmas e felizes, apesar da terrível epidemia que assolava a cidade e o país; poucas famílias egípcias restavam indenes do flagelo e o desespero atingia o auge. Minha mãe ganhou muito com esses tempos aflitivos, vendendo remédios por mim preparados. Eu, por minha vez, conservava-me oculto, aguardando impaciente a ordem de marcha, tendo já tomado todas as providências para transportar o tesouro vivo, sequestrado a Omifer.

Smaragda sobreviveu ao terrível morbo e estaria inteiramente livre da extrema fraqueza que ainda a retinha no leito, se não a entretivesse, de propósito, para guardá-la em casa. Persuadi-a, assim como a Omifer, que era um resto da doença e que a menor mudança ou emoção podia originar uma recaída.

Não fora reclamada pelo excelente marido Rhadamés, o qual nem se dignara perguntar por ela. Omifer visitava muitas vezes a bem-amada, mas sobrecarregado de afazeres, não podia demorar-se muito tempo; sua presença tinha de bom a manifestação do profundo reconhecimento à minha pessoa, e isso tornava Smaragda menos rebelde e até amável, às vezes. Mas mulher é sempre mulher, isto é, curiosa e tagarela. Smaragda entediava-se, queria saber das novidades, dos boatos correntes na cidade e na Corte e, assim, além de médico, cumpria-me a função de noveleiro.

Durante as longas horas passadas à sua cabeceira, sentia-me mais num paraíso que num inferno; para não exacerbá-la, sopitava meus gestos de amor, impunha serenidade às palavras e à expressão fisionômica, mas não podia conter-me quando, admiravelmente vestida de branco, ela se acomodava qual gata nos coxins do leito, dizendo caprichosamente:

— Pinehas, morro de tédio, conta-me alguma coisa.

Ora, eu não queria somente distraí-la mas igualmente educar a mulher que já considerava minha, para companheira de toda vida. Assim, quando, através da janela aberta, contemplávamos o céu estrelado, falava-lhe desses mundos longínquos e da sua influência sobre os nossos destinos; descrevia-lhe as maravilhas da região onde esperava viver um dia, com ela; afinal explicava as leis da reencarnação, não como a ensinavam ao povo mas como a compreendiam os sacerdotes.

Ela ouvia-me, de olhos brilhantes, cheios de curiosidade; mas, apesar do

ardente desejo de prendê-la a mim, não o conseguia e, muitas vezes, me veio ao pensamento que não era a primeira vez que nos encontrávamos e que um misterioso passado nos separava.

Nessas longas horas de confidências, saturava-me cada vez mais do inebriante veneno, esquecendo Moisés e a peste, que, além da minha casa, feria os homens e enchia o ar de gemidos e lamentações. Não via outra coisa além de Smaragda, junto de quem podia chegar a todo momento para aplicar-lhe passes magnéticos, que lhe proporcionavam extraordinários benefícios.

Sobreveio um acidente mais grave, quando fui chamado por Necho para junto de Seti, filho de Pharaó, igualmente empestado. Curei-o e recebi real recompensa. Tratei ainda, com sucesso, de alguns parentes do rei, porque queria ser rico, a fim de cercar Smaragda de todo o luxo a que estava habituada.

A cada momento esperávamos a ordem de marcha, porém Mernephtah permaneceu firme. Lutando heroicamente com a epidemia dentro do próprio palácio, ele soube ainda assim, acalmar e persuadir o povo. Os egípcios tudo suportavam pacientes e os hebreus não recebiam a autorização para sair.

A princípio, Moisés, exasperado com essa resistência, tornara-se sombrio e parecia planejar alguma heróica decisão.

Confessou-me Enoch que ainda havia o pavor de um terrível furacão, cuja aproximação o profeta previa; que não obstante, se o povo não se intimidasse com esse novo castigo divino, preparava-se algo de extraordinário, cujos detalhes só me forneceria nos últimos momentos.

Precisei ir a casa de Enoch para tratar de negócios; o calor era insuportável, o solo e o calçamento de peara pareciam irradiar fogo; lá cheguei extenuado e, mal me reconfortara, meu pai me comunicou que horrível temporal varria o deserto e nuvens negras e ameaçadoras se acumulavam no horizonte.

Resolvi regressar a toda pressa, sabendo que Smaragda estava só e morreria de susto, sê se desencadeasse o ciclone previsto por Moisés. Montei a cavalo, mas, apenas havia atingido as portas da cidade, o vento começou a zunir, e a areia se levantava em redemoinhos cegando-me, assim como a montaria, que recusava prosseguir. O vento sibilava vergando e quebrando palmeiras; as águas do Nilo cresciam, elevando-se em vagas pardacentas, açoitando os navios como cascas de noz e submergindo as pequenas embarcações.

Fui forçado a abandonar o animal, que pinoteava muito louco, ameaçando desmontar-me; procurei refúgio sob as colunatas do Templo. O céu, de coloração esverdeada, tornou-se rapidamente negro; relâmpagos e coriscos riscavam o firmamento em todas as direções, seguidos de estrondos que pareciam abalar a

terra.

A lembrança de Smaragda arrancou-me imediatamente do abrigo temporário; minha mãe era assaz medrosa para lhe fazer companhia e muito menos poderia confiar nos escravos. Recomendando-me aos deuses, retomei o caminho de casa, tropeçando na escuridão quase completa, cego pela areia, várias vezes derrubado pelo vento, meio surdo, e finalmente cheguei.

Encontrei minha mãe deitada no chão, de cabeça coberta para não ver os relâmpagos, gritando aterrorizada em uma peça que servia de sala de visitas; ao redor, escravos e criados jaziam acocorados, mudos, imbecilizados. Sem me deter, corri para os meus cômodos.

Anoitecera completamente, mas, ao lampejar dum relâmpago, vi Smaragda ajoelhada junto do leito, a cabeça enfurnada nos travesseiros, os cabelos desgrenhados.

Inclinei-me chamando-a pelo nome. Levantou-se de um salto, o rosto contraído pelo terror, lábios semiabertos, olhar fixo; depois atirou-se-me nos braços e escondeu o rosto em meu peito; todo o corpo lhe tremia, o coração batia como se fora romper-se e seus pequeninos dedos, gelados, apertavam-me convulsivamente.

Fiquei assustado, pois tal excitação nervosa podia ser prejudicial ao seu organismo delicado, ainda combalido pela recente enfermidade.

Enlacei-a pela cintura e fi-la sentar-se a meu lado, no leito, tentando acalmá-la com sugestões e conselhos. Nada respondeu. Calei-me, premendo os lábios na sua opulenta e perfumada cabeleira. O que experimentava, então, era indescritível; a paixão me alucinava, não mais percebia raios e coriscos, o ruído da grossa saraivada e o zunir do furacão. No caos dos elementos revoltos, apenas sonhava uma longa existência na Terra da Promissão.

— Não te deixarei com Omifer — murmurei intimamente; hás de esquecê-lo e acabarás amando-me, vivendo contente num castelo que te ofertarei. A ter de te restituir a ele, preferia perecer contigo neste cataclisma, ou contemplar-te morta.

Não sabia que aquela pálida e débil criatura, que, abatida entre meus braços, estremecia a cada ribombo, me preparava no futuro um inferno de ciúme e ódio, e que a sorte implacável não me deixaria ao pobre coração mais que a contemplação do seu corpo inerte.

Passaram-se horas e a tempestade aumentava em vez de diminuir, e quando a ampulheta anunciava que o dia há muito despontara, Smaragda adormeceu, vencida pelo cansaço. Deitei-a no leito, cobri-a, e, inclinando-me para ela, sonhava com o futuro e gozava as primícias do paraíso.

Ao reabrir os grandes olhos negros, a violência da tempestade havia amainado um pouco, os trovões eram mais espaçados, mas ainda assim ela me apertava nervosamente a mão. Tinha ímpetos de estreitá-la ao peito, para lhe demonstrar que não estava só e que era amada e protegida. Continha-me, mas não podia calar inteiramente, naquele instante em que o coração transbordava.

— Desperta! — disse-lhe inclinando-me; acalma esses temores; lembra-te dos mistérios de que te falei, desse Deus único e poderoso que dirige o Universo; admira, nessa desordem da natureza, a emanação de uma potência perante a qual o poder de Pharaó não representa mais que a haste frágil de uma planta.

Um relâmpago naquele momento iluminou a casa inteira; ela tremeu e fechou os olhos.

— Smaragda, não tremas; essa luz brilhante que atravessa o céu com a velocidade do pensamento, é fogo da mesma essência do nosso espírito, e quando deixarmos o corpo, assim atravessaremos o espaço.

Falei muito tempo, como nunca havia falado e, se não eram palavras de amor, era o amor que as ditava e o desejo de acalmá-la era tão grande, que, finalmente, se tranquilizou. Infantil sorriso lhe entreabriu os róseos lábios.

A natureza por fim serenou, mas a tempestade parecia ter-se concentrado na fronte de Moisés; seus olhos dardejavam coriscos e uma expressão de cruel resolução lhe contraía a boca; eu sabia que se preparavam graves acontecimentos. Enoch não me revelara qualquer pormenor, apenas recomendara que estivesse pronto a partir, porque dessa vez era certo o consentimento de Mernephtah para libertação do povo de Deus. Essa afirmativa me bastava, e eu suspirava pelo momento em que, fora do Egipto, teria assegurada a posse de Smaragda.

Passaram-se dias. Certa manhã, ao regressar da cidade, aonde fora realizar algumas compras, ao levantar a cortina do aposento presenciei uma cena que me chumbou ao solo, sufocado pela raiva e pelo ciúme. De mãos crispadas, contemplei Omifer ajoelhado junto ao leito, cingindo Smaragda pela cintura. Ela, colada em seu pescoço, com os braços cobertos de pulseiras; corada e radiante, ouvia em enlevo o que o eleito lhe segredava.

Não viram minha chegada.

— Ingrata! — pensei estremecendo. — Amas esse belo rosto insignificante e não concedes um olhar àquele que te assistiu, curou e guardou noite e dia!... Pois expande teu amor pela última vez; entoa o cântico de despedida à sorridente Tanis, às cem portas de Thebas, porque jamais as contemplarás e então, só eu te restarei.

Compreendi, apesar dos sentimentos tumultuosos que me agitavam, que,

se Omifer desconfiasse da traição, todas as minhas esperanças falhariam. Assumi atitude calma, e fingindo entrar ruidosamente, exclamei:

— Bom dia, Omifer, como vês nossa doente está quase restabelecida e tão bela como antes; mais alguns dias de paciência e poderás reconduzi-la, se Rhadamés não reivindicar seus direitos. E, a propósito, dize-me: que deverei responder a esse nobre egípcio, que hoje aqui veio para saber quando a esposa estará em condições dê regressar ao seu domicílio?

Smaragda empalideceu:

— Jamais! — exclamou energicamente — Voltarei a conviver com Rhadamés. Meu pai serviu fielmente ao Pharaó e os Templos de Thebas o inscreveram entre os seus benfeitores; lançar-me-ei aos pés do rei e dos grandes sacerdotes, para que me libertem desse homem.

— Fica calma, querida — Omifer falou — Rhadamés perdeu todo o direito moral de reter-te, ao negar-te asilo em tua própria casa, quando tu estavas enferma e agonizante: quebrou, assim, os laços de amor que te punham sob sua proteção.

Ainda se falou sobre o assunto, até que Omifer despediu-se prometendo voltar breve. Apertando-me fortemente a mão, disse:

— Agradeço-te, Pinehas. Fico-te obrigado pelo resto da vida. Dentro de alguns dias te libertarei da doente e os dez camelos aqui chegarão ainda hoje. Permito-me acrescentar um belo cavalo sírio, que me trouxeram há dias.

Agradeci. E como me encontrasse muito agastado para conversar com Smaragda, fui para o terraço, onde, recostado, a observava cautelosamente.

Absorvida pelas recordações da entrevista com Omifer, ela nem sequer notou minha saída; apoiada nos cotovelos, balançava a bela cabeça, sorrindo alegremente, ao imaginar, sem dúvida, o maravilhoso porvir que a esperava.

— Espera, pois — disse comigo, devorando-a com os olhos — poderás sonhar sob a tenda que te armarei no deserto, mas o sonho é fantasia e a realidade serei eu.

Entrou um escravo naquele momento, que, inclinando-se com os braços cruzados, anunciou que o nobre Rhadamés, condutor do carro de Pharaó, acabava de chegar e desejava ver a esposa.

Smaragda deu um grito abafado.

— Não! Não! Dize-lhe que não quero vê-lo.

Não me movi, curioso pelo que pudesse suceder.

Falava ainda a jovem, quando a cortina descerrou-sé e apareceu Rhadamés. Parou um instante, espantado e fascinado pela beleza de Smaragda, a quem não

via há muitas semanas e que supunha muito diferente; sua atitude, reservada e altaneira, transformou-se num sorriso de apaixonada ternura.

— Querida esposa! exclamou, desfazendo-se do capacete e da capa e estendendo-lhe os braços. — Eis-me aqui. Graças aos deuses, que te conservaram para o teu fiel Rhadamés que passou dias e noites em desespero inominável.

Ela levantara-se e, trêmula, apoiava-se à mesa perto do leito. Pálida, colérica, olhar a transbordar desprezo, mediu desdenhosamente o marido, na atitude de quem desejaria fulminá-lo.

Rhadamés deixou pender os braços até então erguidos.

— Meu fiel Rhadamés, falta-te memória — disse-lhe por fim com mordaz ironia. — Tu te esqueces de que, quando enferma da peste, me expulsaste de casa e, fugindo horrorizado, temeroso de que o meu hálito empesteasse o ar que respiravas, recusaste-me um aposento, esquecendo totalmente que é na minha casa e nas minhas propriedades que mandas. Acabou-se a minha doença e com ela o teu reinado. Quando voltar ao meu palácio, não mais consentirei que outro qualquer lá administre. Por enquanto, não posso expulsar-te; mas todos os teus — e aqui a voz tornou-se imperiosa — devem abandonar minha casa hoje mesmo. Compreendeste-me? Apenas não te reterei, se desejares acompanhar tua mãe e irmãs.

O condutor do carro estava lívido de raiva.

— Tu te esqueces com quem falas — retrucou batendo o pé. Sou teu marido e senhor: o que possuis me pertence. Nenhum dos meus abandonará o palácio, ouviste? Veremos quem vence, e por agora vais acompanhar-me. Acreditas que te deixarei, assim tão bela, a Omifer, ou mesmo ao judeu Pinehas?

Rapidamente estendeu o braço para agarrá-la, mas, de um salto, interpus-me entre eles, e empurrei o condutor, amparando Smaragda, que ainda fraca e nervosa, desmaiou soltando um grito surdo.

Deitei-a no leito, palpei-lhe as mãos geladas e o coração que apenas palpitava.

— Não importam teus tardios amores e cuidados — disse, voltando-me para Rhadamés. — Como médico e dono desta casa, ordeno que saias; tua esposa teve uma recaída e tu demonstras temer à moléstia.

Era meu único intento arredar o importuno, que, por sua brutalidade, me ajudava a reter Smaragda até o momento decisivo.

Não me enganei quanto ao efeito das minhas palavras: o “valente guerreiro” saiu correndo, sem mesmo lançar um olhar à jovem esposa desmaiada.

Notando que ele esquecera o próprio capacete é capote ri-me com prazer. Mandei logo as peças por um escravo, que foram recebidas quando ele tomava o

carro.

Ainda procurava reanimar Smaragda, quando chegou Enoch, dizendo ter coisas graves e urgentes a confiar-me.

Apenas a jovem senhora despertou, ressentindo-se de extrema fraqueza, fi-la adormecer por meio de passes, e colocando junto dela a fiel criada, fui com Enoch à casa contígua, onde ele morava.

— Pinehas — disse, quando ficamos sós — devo comunicar-te grandes acontecimentos em preparo; Moisés recebeu de Jeová a ordem de matar todos os primogênitos egípcios, desde o de Pharaó ao do mais modesto operário. Deus protegerá os de nossos irmãos, que executarão esse justo castigo à teimosia desse povo rebelde. Para facilitar os assassínios no palácio real, o profeta corrompeu a peso de ouro dois oficiais da guarda: um é Rhadamés, o condutor do carro de Pharaó, outro é Setnecht, ajudante de ordens de Seti, o herdeiro do trono. Na noite do quinto para o sexto dia, a partir de hoje, os dois estarão de serviço, e nessa ocasião, portanto, tudo deverá estar pronto para a partida. Logo mais à noite, reunir-se-á grande assembléia em casa de Abraão, de todos os anciãos das tribos, chefes e auxiliares do profeta. Não deixes de comparecer. Moisés dará as últimas instruções e transmitirá as ordens de Jeová.

Ao regressar a casa, absorvia-me nos próprios pensamentos pouco agradáveis; se eu não amasse tão loucamente Smaragda, já me teria afastado de todo esse negócio, que dia a dia se tornava mais perigoso e escabroso. Se falhasse o massacre, como sucedera às calamidades precedentes e se descobrissem que eu, egípcio, estava comprometido na conjura dos hebreus, podia ficar certo de apodrecer nas minas ou nas pedreiras da Etiópia. Mas o fato é que já estava muito comprometido para recuar, e um olhar deitado a Smaragda mudou todo o curso dos meus pensamentos.

Fui à noite à casa do velho Abraão. Já conhecia esse judeu rico, da residência de Enoch, onde nos havíamos encontrado; era um homem cruel e cúpido, imbuído de ódio fanático contra os egípcios, possuidor de imensos rebanhos dirigia um exército de sacerdotes e sua influência sobre os anciãos era considerável.

Ao chegar, já estavam todos a postos e logo apareceu Moisés seguido de Aarão e Josué; tinha o rosto austero, pálido, como assombrado por tempestuosa nuvem. Braços cruzados sobre o peito, falou:

— Anciãos e chefes do povo de Israel! A teimosia dos egípcios e do seu rei, sua rebeldia aos desígnios de Jeová tiraram-lhe a paciência. É terrível a resolução que vos transmite por meu intermédio. Na noite do quinto para o sexto dia, a contar de hoje, todos os egípcios primogênitos deverão morrer! Pais de família, esco-

lhei entre os vossos filhos os mais dignos de serem os mandatários do Eterno. O anjo do Senhor lhes guiará o braço e os cobrirá com suas asas. Quando houverem ferido o inimigo, recolherão na tigela um pouco do sangue e com este farão, na porta da própria casa, ao deixá-la, uma cruz que ateste o cumprimento da missão e o prêmio da liberdade.

Todas as famílias devem estar prontas a partir, preparando a massa do pão sem, fermento; o chefe da casa derramará, então, nessa massa, o sangue trazido na tigela; cada pessoa da família deverá comer um pedaço desse pão; o resto será guardado para o futuro e empregado em parcelas, uma vez por ano, em memória de vossa miraculosa libertação do cativeiro egípcio. Todos os pais deverão transmitir aos primogênitos de sua família, de geração em geração, este preceito, enquanto existir o povo hebreu, porque são estas as palavras de Jeová: "Quero mostrar a todos que amo esse povo mais que a qualquer outro, e que me vingo de cada gota de sangue, derramada pelo Pharaó que ordenou o massacre dos vossos filhos varões; salvei um dentre eles, para que viesse diante de vós como enviado meu e vos repete que, tão logo meu povo beba o sangue dos seus inimigos, prosperará, reinará sobre eles, nutrir-se-á do seu suor, como os egípcios se saciam do suor do meu povo eleito".

Moisés, perfilando-se e fazendo ecoar sua voz metálica acrescentou:

— Será, porém três vezes maldito o que trair o juramento, de segredo inviolável sobre este mistério, estabelecido pelo próprio Eterno; esse tal perecerá de morte horrível e sua descendência será destruída por calamidades piores do que as que feriram o país indigno, porque Jeová é infinito na sua misericórdia com os fiéis, quanto implacável na sua cólera contra os desobedientes, e diz a todos vós: "olho por olho e dente por lente!"

Fixou o olhar inflamado em toda a assembléia, aturdida e trêmula e calou-se; depois, todos o cercaram beijando-lhe os pés, as mãos, as vestes, e com palavras entrecortadas proclamavam o poder de Jeová e seus agradecimentos ao grande profeta escolhido para libertá-los.

A inveja, pela primeira vez assaltou-me o coração. Por que — pensei — não tive a idéia desse homem hábil, fazendo-me rei de Israel? Como ele, também eu era iniciado nas ciências secretas e não me teria faltado energia; mas, quem sabe? Talvez nesse longínquo país, para onde Moisés queria conduzir os hebreus, ainda tivesse ocasião de suplantá-lo e ocupar o lugar que ele preparava para si próprio. Batia com violência meu coração e a ambição desdobrava a meus olhos um futuro de riquezas e poderio; a exemplo de Moisés, também podia utilizar o nome desse Deus cruel, que ordenava o roubo e o assassínio, e cuja divisa era: "olho por olho

e dente por dente". Fundamentais porém tremendas palavras do Antigo Testamento, que se incrustaram na alma dos povos, fazendo correr rios de sangue, e que, por sua tenacidade, dominaram e fizeram muitas vezes esquecer as palavras de um outro profeta, cheio de mansidão divina, que pregou o perdão das ofensas e o amor do próximo.

Quando voltei à casa, informei minha mãe e ela ajudou-me a terminar os últimos aprestos da partida; empacotamos os meus papiros e os remédios mais necessários; os cavalos, mulas e camelos, foram trazidos do pasto e reunidos no pequeno pátio interno, prontos para serem carregados.

Transportaria Smaragda adormecida e narcotizada.

Para acomodá-la no dorso de um camelo, preparei comprida cesta de vime, forrada de seda e cobertura comi orifícios que permitissem a renovação do ar. Também por sua causa, adquiri rica tenda estofada de seda fenícia, raiada de branco e azul, com suportes e vigas douradas, bem como almofadas, mesas, cadeiras de marfim e ébano, tudo para que minha amada, acostumada a um luxo principesco, não se mofinasse em sua vivenda errátil.

Smaragda mal suspeitava de tais preparativos. Depois da cena com o marido, mostrava-se abatida e nervosa. Omifer visitou-a duas vezes, mas eu lhe proibi que voltasse antes de alguns dias, alegando que sua presença exacerbava a enferma. Ele pretextou viagem imprescindível, para não inquietar a jovem senhora com sua ausência.

Assim tranquilizado, pude ocupar-me ativamente dos muitos negócios que me foram confiados por ordem de Moisés, porquanto, para cada quarteirão da cidade, fora designado um fiscal, encarregado de visitar as casas israelitas, dirigir os preparativos e velar para que tudo estivesse pronto, nada deixando para trás.

A noite decisiva chegou enfim. Entreguei à minha mãe o narcótico para Smaragda, pedindo-lhe que a vestisse para a viagem, tendo tudo pronto para quando eu regressasse.

Depois dessas providências, saí para a última inspeção.

Era estranho o aspecto daquelas moradias, tão tranquilas externamente, mas agitadíssimas desde que se lhes transpunham os umbrais. Em todos os pátios os animais de carga estavam pesadamente carregados. Os cômodos vazios, mas toda a família vestida de roupas novas; os homens, de bordão em punho, agrupavam-se ao redor da mesa, onde havia um cordeiro assado, frutas e vinho, ou cerveja, aguardando os convivas. Em parte alguma faltava a gamela de madeira contendo a massa crua.

Todos estavam silenciosos e a inquietação expectante podia notar-se nas

fisionomias; os velhos, sobretudo, pareciam desencorajados e, entre as mulheres com os filhos, assentadas nos embrulhos, percebi mais de uma enxugando furtivas lágrimas.

Constatando que tudo estava em ordem, dirigi-me à casa de Abraão, onde Moisés deveria passar a noite memorável, e onde também Enoch marcara entrevista comigo. A entrada estava cuidadosamente guardada, e só depois da senha convencionada, pude franqueá-la. Atravessei dois enormes pátios, repletos de mulas e camelos carregados. A casa parecia mergulhada em profundo silêncio, mas Enoch, que me esperava à porta, levou-me para um salão iluminado, porém oculto a vistas exteriores e no centro do qual havia uma mesa repleta de iguarias. Também ali a massa crua. A um canto, comprimia-se uma centena de homens, mulheres e crianças de todas as idades e empregados de Abraão. Do outro lado, a família e alguns parentes próximos, e bem ao fundo, solitário, sentado junto de pequena mesa, Moisés com a cabeça apoiada na mão. Profundas rugas lhe vincavam a fronte; a boca contraída, lampejos brilhantes no olhar. Pensaria no massacre, ou caso não fosse bem sucedido, na necessidade de renunciar ao trono de Israel?

Aarão e Josué, os dois fiéis companheiros postavam-se, imóveis, atrás do chefe irredutível.

Calado, sentei-me junto a Enoch e analisei a numerosa assembléia. Em algumas fisionomias não pude descobrir expressão de alegria e confiança na esperada liberdade; as cabeças permaneciam baixas, e dos velhos, apoiados em bordões de viagem, escapavam longos suspiros, como a denunciar que lhes era penoso deixar os sítios onde viveram e encaneceram, para enfrentar azares duma viagem cujo objetivo ignoravam quando o organismo senilizado só requeria repouso.

Sem o querer, veio-me à idéia que, se um homem enérgico soubesse arengar, demonstrando àquela gente os riscos que corriam abandonando o Egipto para enfrentar um futuro desconhecido, a multidão vacilante recuaria e poucos acompanhariam Moisés.

Também notei estranha agitação entre os componentes da família de Abraão, cuja esposa não cessava de chorar e mesmo ele parecia desesperado.

— Que significa a tristeza dos nossos hospedeiros? — perguntei baixinho a Enoch.

— A filha desapareceu, acreditando-se apaixonada por jovem egípcio; Abraão receia que ela tenha traído o nosso segredo para salvá-lo.

Passaram-se algumas horas pesadas como chumbo.

Moisés, incapaz de dominar o desassossego íntimo, havia-se encaminhado

ao terraço, sondando o céu estrelado, por duas vezes.

A porta da sala abriu-se de repente com estrépito e uma Jovem pálida, descabelada, com as vestes em desalinho, apareceu comprimindo ao peito um punhal ensanguentado e mantendo na outra mão um vaso, no fundo do qual se via um líquido negro. Vendo-a, a esposa de Abraão deu um grito, estendendo-lhe os braços; mas a jovem não pareceu notá-la nem ouvi-la; seus olhos cintilavam e no rosto transparecia um ódio feroz. Avançando para Moisés, apresentou-lhe o vaso:

— Está morto! Eu mesma o matei! — disse com voz entrecortada.

O profeta tomou-lhe das mãos a arma e o vaso, mas não teve tempo de falar, porque a porta já se abria novamente para deixar passar um homem vestido de longo manto branco, cabeça coberta por véu negro, e que avançou célere.

Vi que era Eliezer, rubicundo e triunfante, tendo na mão direita pesado vaso de ouro cravejado de gemas.

— Foi executada a ordem de Jeová; o anjo exterminador guiou meu braço. O filho do Pharaó está morto! — exclamou exaltado.

O semblante de Moisés foi iluminado por um sorriso cruel de satisfação e vitória; por um momento, ele ergueu os olhos e os braços ao céu; depois, tomou o vaso e, derramando na massa preparada o sangue do herdeiro do Alto e Baixo Egipto, amassou-a e disse com voz soturna:

"Assim deveis fazer sempre e por toda parte, comemorando a hora solene em que o Anjo do Senhor vos retirou do pescoço o jugo da escravidão; bebendo o sangue dos inimigos, triunfareis."

Presos de supersticiosa emoção, todos se prostraram e Moisés fundou nessa noite memorável o grande mistério do repasto cruento, que, em parte, se perpetuou até nossos dias entre os descendentes do povo de Israel.

Os raios do sol nascente iluminavam a residência de Abraão, quando pancadas violentas se fizeram ouvir na porta principal; eram dois oficiais da guarda de Pharaó, seguidos de um destacamento de soldados que, por toda a parte; procuravam Moisés, intimado a comparecer imediatamente perante Mernephtah.

Recebendo o chamado, irônico sorriso frisou os lábios do Profeta.

Seguiu a escolta, ordenando-nos que o esperássemos.

Seguiram-se horas de penosa expectativa. Finalmente, regressou, rosto incendido e olhos chamejantes, anunciando com voz retumbante qual sino de bronze:

— O grande Pharaó Mernephtah autorizou-me a capitanear o povo de Jeová e com ele emigrar, sem perda de um minuto. Antes do pôr-do-sol, devemos ter abandonado Tanis; ponde-vos, pois, em marcha sem tardança, dirigindo-vos

para a cidade de Ramsés, que designei como ponto de reunião de todas as tribos. Mas, antes de nos dispersarmos, rendamos graças ao Senhor.

Elevando os braços, prostrou-se e cantou:

— Aleluia! Nós te agradecemos, Senhor!

A assembléia em coro o imitou e depois saíram todos, precipitadamente.

Nas ruas que atravessei para chegar à casa, reinava a maior confusão; arautos munidos de longas tubas proclamavam a decisão de Mernephtah; destacamentos policiais egípcios circulavam por toda parte, a fim de impedir atritos sangrentos entre o povo exasperado e os hebreus, que, em massas compactas, se agrupavam nas praças com suas bagagens, enquanto os chefes organizavam as colunas para encaminhá-las às portas da cidade.

Inquieta e curiosa, minha mãe recebeu-me anunciando que, conforme lhe recomendara, Smaragda lá estava adormecida no meu aposento.

Avisei-a que, dentro de três horas, no máximo, deveríamos abandonar a casa e, com o coração palpitante de alegria e triunfo, dirigi-me ao pavilhão em que habitava.

Alcançava, enfim, a meta: partir com a mulher amada, sequestrando-a ao marido miserável e ao amante devotado. Dali por diante, só a mim pertenceria.

Abeirei-me do leito onde estava Smaragda, mergulhada em sono tão profundo que parecia morta; Kermosa vestiu-a de branco e utilizou todas as jóias que Omifer havia trazido para distraí-la. Penso que jamais me apareceu tão bela.

Reverente, beijei-lhe as mãos, os lábios e a perfumada cabeleira. Desta vez, não podia repelir-me com frases desprezíveis; depois, cauteloso, acomodei-a na cesta, cobrindo-a ligeiramente e fechei o escrínio precioso dos meus tesouros.

Disfarcei-me com barba para não ser reconhecido e, duas horas mais tarde, cavalgava o camelo que transportava Smaragda. Assim, abandonei a casa que me vira nascer.

Reuniu-se minha pequena caravana a uma coluna de hebreus que, passo a passo, se dirigia para uma das portas de saída.

Como somos felizes por desconhecer o futuro!

Pudesse eu prever o que me esperava, a mim que, por uma mulher, traía e abandonava a pátria e a religião, talvez tivesse recuado!

Não relato a saída da minha cidade, bem como a de Ramsés por entre a multidão curiosa e rancorosa dos egípcios, que contorciam as mãos exasperados, ou nos mostravam os punhos cerrados, cobrindo-nos de maldições.

Atingimos enfim, o deserto e continuamos a caminhar folgados. A estrada, contudo, era má nessas planícies áridas, sob os raios escaldantes do sol e num

areai abrasador. As mulheres e crianças sofriam mais que todos. Havia já quem lastimasse ter deixado o Egipto, as cabanas ensombradas de palmeiras, a água clara das fontes e os banhos refrescantes. As murmurações surgiam aqui e acolá, reclamando repouso.

Moisés decidiu fazer alto e conceder um dia de descanso aos homens e animais extenuados.

Resolvi aproveitar esse alto para despertar Smaragda do longo torpor, explicando que tudo havia terminado e a sua sorte irrevogável consistia em acompanhar-me e amar-me, porque jamais veria o Egipto e os seus.

Assim instalei minha tenda junto da de Kermosa; um dos camelos foi descarregado e mobilhou-se a tenda provisoriamente atapetada. Depois coloquei Smaragda, ainda desacordada, sobre almofadas cobertas com pele de tigre. Ao lado, sobre a mesinha, uma cesta de frutas e um copo de vinho; depois friccionei-lhe a fronte e os lábios com uma essência revigorante, deitando num fogareiro em brasa algumas ervas aromáticas. Recobri de uma colcha a cesta de vime e sentei-me um pouco mais alto para observar o despertar da jovem senhora.

Agitação violenta oprimia-me o coração. Como comportar-me diante daquela criatura por quem tudo havia sacrificado, no momento decisivo?

Era impelido pelo meu caráter a ser duro e implacável, para sufocar qualquer veleidade de revolta; a razão, porém, aconselhava a ser amável e bondoso, para conquistá-la.

Passei algumas horas nessa luta íntima; os ruídos do acampamento que envolviam minha tenda extinguiam-se pouco a pouco; tudo, agora, repousava em profundo silêncio. Uma lamparina de alabastro ardia a um canto, projetando luz fraca e vacilante sobre o leito de almofadas, fantasticamente contrastando com o vestido branco da jovem Smaragda e as jóias que lhe ornavam pescoço e braços.

A qualquer momento, poderia despertar porque o ar fresco da noite e as emanações perfumadas das plantações queimadas dissipavam o efeito do narcótico.

Meu coração batia descontroladamente. Qual não seria o seu espanto ao encontrar-se num acampamento? Que emoção a empolgaria vendo-se entregue à minha discrição, forçada a esquecer Omifer, para amar-me? Esse pensamento fez-me recordar o jovem egípcio; sem dúvida ele procurava a eleita, e se desconfiasse que fora raptada, não haveria de seguir-nos? Convulsivamente tateei o cabo do punhal que levava na cintura... Se tivesse tal audácia, pagaria com a vida!

Um ligeiro tilintar dos anéis de ouro, do colar e pulseiras de Smaragda chamou-me à realidade.

Rapidamente afastei-me para o escuro, a fim de não ser visto desde logo e observei os movimentos da jovem; imediatamente percebi a sombra que se projetava na parede da tenda; a seguir, vi-a empalidecer com os grandes olhos negros, assustadiços, à luz da lâmpada; finalmente, levantou-se e a passos vacilantes, dirigiu-se para a porta de saída.

— Vai, vai — pensei — não irás longe.

Ao erguer a cortina que servia de porta, Smaragda deteve-se estupefata diante do inesperado panorama: tão longe quanto a vista podia alcançar, espalhavam-se milhares de tendas entre as quais ardiam fogueiras, havendo uma em frente à minha, que a iluminou com um tom avermelhado.

A fisionomia pálida e orgulhosa pareceu petrificada de espanto e deixou escapar um grito.

— Que é isto? Onde estou e por que sozinha?

Não me pude conter. Avancei, colhendo-a pela cintura, e murmurei, estreitando-a ao peito.

— Smaragda, não estás só e abandonada; aqui estou para adorar-te. O grande amor que te voto levou-me a raptar-te para não mais te abandonar.

Com um grito de horror repeliu-me:

— Que dizes, insensato? Mentes!

Pálida de cólera, mãos crispadas, olhos transbordantes de orgulho e desprezo, deu um passo para mim:

— Fala! Onde estamos? Fala — insistiu, batendo o pé — que lugar é este? A quem pertence esta tenda?

Logo perdi a embriaguez apaixonada, mas, desta vez, era dono da situação e podia, enfim, fazer-lhe sentir o meu poder absoluto, de modo a convencê-la que não devia maltratar assim o seu senhor.

Forcei-a a sentar-se na cadeira mais próxima, segurando-a violentamente pelo braço.

— Smaragda, não é mais a ti que cabe julgar e pedir contas da minha conduta — disse, cruzando os braços ao peito ofegante — deves compreender que estás diante do teu senhor, neste acampamento dos hebreus que Mernephtah finalmente libertou. Para separar-te de tudo, acompanhei este povo, tornei-me um filho de Israel; aqui todos me estimam e consideram. Não tentes, pois, fugir, tu, que és uma estrangeira, filha do inimigo, pois caro seria o preço da ousadia. Arrancada para sempre do Egipto, não tens outro asilo além desta tenda e deves, pois, reconhecer tua impotência; domina o teu orgulho e ama-me, como te pedi por todas as formas em Tanis e, neste caso, ser-te-ei um marido indulgente, aten-

to à tua beleza e condição social. — Mas nessa altura minha voz tomou expressão feroz e implacável: — Não tentes, jamais desobedecer-me e repelir meus afagos, porque, impiedosamente, te dobrarei à minha vontade e, esquecendo que pertences à ilustre família de Mena, empregarei meios que normalmente apenas se aplicam aos escravos.

Uma resposta insolente, uma chuva de impropérios, era o que esperava, mas com espanto vi que emudecera. Pálida como um cadáver, com os belos e sombrios olhos arregalados, continuava imóvel. Comecei a recear que a minha rispidez lhe houvera perturbado a razão. Temia haver sido muito cruel e era preciso amenizar essa impressão.

Tomando-lhe as pequeninas mãos geladas, sentei-me a seu lado e murmurei:

— Depende só de ti, Smaragda, que eu me torne bom e indulgente.

Enlacei-a e beijei-lhe a cabeleira. Não ofereceu a mínima resistência e pareceu mesmo não me ver nem ouvir.

— Desperta, Smaragda! Serei teu escravo se o quiseres; sabes que meu amor não tem limites; reanima-me com um meigo olhar e meu coração será como a cera e nunca mais pronunciarei palavras tão duras. Mas, por Osíris, que tens? Estás inteiramente gelada! Cerras os olhos! Smaragda, não quero que morras, não podes morrer.

Sacudiu-a com violência, trêmulo e temeroso de perdê-la. Estremeceu e fitou-me com olhar esgazeado; depois, ocultou o rosto com as mãos.

Fez-se um silêncio de morte.

Contemplei-a, coração opresso, inteiramente iluminada pelo fulgor do braseiro exterior.

Então, seria aquela a hora tão sonhada, tão apaixonadamente almejada! Quem o diria! Constatar, ainda uma vez, que a mulher amada não experimentava senão aversão por mim. Oh! Se Omifer a houvesse conduzido até ali, ela não se lembraria dos parentes nem da pátria, porque o ditoso amante concentraria em si todas as forças fascinadoras. Sua tenda teria sido o paraíso.

Amargura, raiva e desespero apoderaram-se de mim. Apoiando o cotovelo à mesa, ocultei os olhos com a mão: sim, era dono de seu corpo mas não do coração; horrível coisa, forçar o amor e ter nos braços uma mulher que, só em pensar no meu domínio, gelava de pavor.

Em minhas dolorosas reflexões fui interrompido pelo contato de pequenina mão que procurava descobrir meus olhos; ergui a cabeça e vi Smaragda ajoelhada diante de mim; grossas lágrimas rolavam-lhe pela face, e fitava-me súplice.

— Pinehas — disse de mão postas — se o teu amor por mim é tão grande como dizes, sé bom e generoso, deixa-me partir, pois do contrário morrerei no meio deste povo. De que te pode servir uma mulher que não te ama? És moço, belo, sábio; podes encontrar um coração que te vote o amor que mereces, e eu te seria eternamente reconhecida, considerando-te o meu melhor amigo. A porta de minha casa te estaria sempre aberta e contigo compartilharia minha ventura, como se fosse uma irmã; mas, tem piedade, não me deixes morrer no deserto, nesta promiscuidade odiosa; consente que volte ao Egipto ou volta comigo, sê meu irmão, o hóspede querido e honrado da casa de Mena. Oh! Pinehas, deixa que teu coração se sensibilize com as minhas preces, crê que manterei minha promessa; poderei ser tua amiga, tua irmã, mas nunca tua esposa! Não digas não, Pinehas, sê meu irmão, porque de outra forma, será uma desgraça, eu o pressinto.

Extinguiu-se-lhe a voz num soluço e as lágrimas molhavam-me as mãos, que ela apertava entre as suas.

Não me é possível descrever os sentimentos que me agitaram a alma; aquela voz súplice, o contato da sua cabeleira solta me embriagavam, e o sentido de suas palavras me gelava; queria dividir comigo, conceder-me a esmola da sua amizade em troca do amor que eu aspirava, mas isso era impossível. Não podia amá-la como irmão.

— Pinehas — murmurou novamente — vê, humilho-me suplicando-te de joelhos que me concedas a liberdade, a vida, porque aqui morrerei e tu que me amas podes desejar tal coisa?

E Smaragda ergueu para mim o belo rosto banhado em lágrimas.

Coitada! Mal sabia que o encanto fascinador da sua pessoa era o maior inimigo da sua causa; ceder, era perdê-la para sempre.

Meu coração fechou-se. Não! Tudo, mesmo seu ódio, era preferível à tortura de uma renúncia. E quem sabe se a convivência, o tempo, venceriam a causa? Deixei-me empolgar por uma formal intransigência e, erguendo-a, murmurei:

— Tu te enganas. Não quero tua humilhação nem tua riqueza, mas não te posso libertar; meu amor é mais ardente que a areia do deserto; pensa bem e não desencadeies a tempestade, pois prefiro morrer a renunciar-te; sê indulgente, enxuga as lágrimas, dize que me perdoas e te esforçarás por amar-me, pois doutra forma usarei da força, que uma vez já me proporcionou a promessa que quebraste em favor de Rhadamés.

Ouvindo essas palavras imprudentes, trêmula de pavor e cólera, Smaragda recuou.

— Queres aprisionar minha alma pela feitiçaria, fazendo-me confessar o que

não sinto? Não faças tal coisa, Pinehas. Ainda tremo à lembrança dessa luta travada pela razão contra a magia, que, me impunha um falso amor.

Enfim, havia encontrado um meio de dominá-la e ela o temia...

— Smaragda — disse-lhe, — podes perfeitamente habituar-te comigo, bastando que demonstres boa vontade, para que me torne paciente; doutra forma, repito, usarei da força que receias; se concordas, dá-me espontaneamente a mão e um beijo, como promessa para o futuro.

Seu rosto expressivo refletia os mais desencontrados sentimentos e ela permaneceu imóvel por um instante; os olhos erravam como velados, ao redor dá tenda; depois se fixaram em mim. Estendeu a mão, aproximou a cabeça baixa e os lábios trêmulos.

Cingi-a, exclamando:

— Enfim conformada.

Nenhuma resistência opôs, mas com destreza incrível, escapou-me dos braços e arrebatou-me do cinto o punhal. Um lampejo me feriu a retina e um frio mortal me invadiu o peito. Petrificado, fixei Smaragda, cujo semblante encantador me pareceu então demoníaco; os olhos brilhantes exprimiam a ferocidade do tigre e um riso sardônico lhe contraía a boca.

Turvou-se-me a vista, e perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo assim estive, até que reabri os olhos, atordoado e confuso. De nada recordava, a não ser a vaga impressão do sofrimento e uma dor atroz no peito; sentia extrema fraqueza e todos os membros como moídos por contínuos solavancos. Tentei coordenar as idéias: seria o balanço de um navio? Mas que significava, então, o ruído ensurdecedor que me cercava, rugir de animais, gritos e imprecações de homens que pareciam altercar? A cabeça entrou a rodar e novamente desmaiei. Um forte solavanco me fez despertar e percebi, então, que estava no lombo de um camelo, que acabava de ajoelhar-se. Ao redor e a perder de vista, armavam tendas e acendiam fogueiras; por toda parte, febril atividade. Nesse instante recuperei a memória: era o acampamento dos hebreus e ali, diante daquela tenda já erguida, estava Enoch dando ordens; alguns passos adiante Kermosa, auxiliada por mulheres, desembrulhava um cesto de provisões; mas onde estaria Smaragda? O coração martelava-me o peito; teria sido condenada à morte, pelo atentado contra mim? Ou estaria ainda viva e presa alhures?

Alguns homens aproximaram-se de mim nesse momento e transportaram-me para a barraca.

Tomei a mão de Enoch e perguntei com voz sumida enquanto me punham no leito:

— Onde está Smaragda?

— Paciência, pobre filho — respondeu — fortalece-te um pouco e depois tudo te contarei.

Kermosa lavou-me o rosto com água fresca, dando-me em seguida uma bebida reconfortante. Devorado pela sede, bebi com avidez e comi algumas frutas. A inquietação, entretanto, não me abandonava.

— Responde-me, disse novamente, apoiando o cotovelo no travesseiro — onde está Smaragda? Quero saber toda a verdade.

— Pobre filho — repetiu Enoch, com expressiva tristeza, apertando-me a mão — o que te vou contar não é agradável; mas precisamos aceitar o inevitável. O tempo cura todas as chagas da alma. Depois do atentado, ela fugiu e errou pelo acampamento; o acaso permitiu que se encontrasse com Moisés, que fazia a ronda e aos pés de quem se arrojou. O que confidenciaram, ninguém soube; mas o profeta ergueu-a com benevolência, mandou um mensageiro prevenir-me do teu estado e depois levou-a, ele mesmo, à extremidade do acampamento, onde lhe forneceu montaria e um guia egípcio que nos havia acompanhado.

Foi assim que Smaragda deixou o acampamento e deve estar longe a estas horas. No dia seguinte, perguntando a Moisés por que assim procedera, — respondeu — "porque Pinehas é um homem útil à nossa causa, dados seus conhecimentos e energia, e não quero que ele tenha a existência ameaçada a todo instante. Por outro lado, uma paixão cega, como a dele, enerva a alma e o corpo; e o que não mais se vê, se esquece. Eis porque libertei a jovem egípcia, que, além do mais, é casada e ama outro".

— Impossível não lhe dar razão — continuou Enoch — e lhe sou muito grato, porque veio duas vezes visitar-te, meu filho, Impondo as mão sobre o teu ferimento e fornecendo um bálsamo que operou maravilhosamente, pois já estás quase restabelecido. Sê, pois, razoável; esquece a ingrata, e tudo irá bem.

Fiquei calado. Intimamente abatido, recaí nos travesseiros. Ela estava, então, livre e, sem dúvida, perto de Tanis, onde o amante a receberia de braços abertos; e Moisés, a quem fielmente servi e a quem só aderi por causa dessa mulher, acabava de trair-me e havia-me separado de Smaragda! Poderia ele apagar a imagem dela em meu coração?

Como fui insensato, pensei! Desprezei pátria, religião, ocupações gratas, para errar no deserto, tornar-me um instrumento útil nas mãos desse hábil personagem e, mais ainda, seu prisioneiro, visto que no acampamento ele era o todo-poderoso!

Foi tão forte minha emoção que perdi os sentidos. Ao recobrá-los, um único

e tenaz pensamento me dominou o espírito: recobrar as forças o mais depressa possível para fugir a todo custo e reunir-me à traidora, fazendo-lhe pagar caro as minhas torturas.

Essa decisão pareceu fortalecer-me; pedi meus unguentos e tratei eu mesmo do ferimento. A natureza moça e robusta ajudou-me maravilhosamente, e apesar do cansaço de uma jornada pelo deserto, refazia-me a olhos vistos.

Quando os balanços e as sacudidelas do camelo me molestavam, ou quando me entristecia ao considerar que me afastava cada vez mais da ingrata, consolava-me em ver o magnífico cavalo árabe que Omifer me ofertara e que marchava a meu lado. Então, pensava: "Tu, rápido como o vento, me levarás ao Egipto e ressarcirei o tempo perdido".

Uma tarde acampamos à margem do Mar Vermelho, o Mar dos Sargaços, como o designávamos. Minha tenda, bem como a de Enoch, ficou muito à retaguarda do acampamento. Assentado à porta, eu podia contemplar a planície que se estendia atrás de nós. Como sempre, estava absorvido nos meus planos de fuga, quando Enoch interrompeu-me, dizendo:

— Pinehas, como tens melhor vista, repara e dize-me se não percebes algo de suspeito no horizonte?

Fitei a planície espantado e logo distingui nuvens de poeira por sobre as colinas escuras, donde partiam reflexos brilhantes.

Um grupo se formou junto a nós e todos os olhares se fixaram ansiosos nos pontos negros. Já não havia dúvida que lá se movimentavam colunas de homens, marchando em boa ordem, carros e cavaleiros, cujas armas brilhavam aos raios do sol poente, um exército, enfim.

— São os egípcios que nos perseguem!

O alarme correu de boca em boca, espalhando o pânico entre a turba medrosa. Num instante expandiam clamores, imprecação e libelos contra o profeta que tirara o povo do Egipto para deixá-lo massacrar-se miseravelmente.

Moisés, pouco depois, deu uma volta pelo acampamento, pronunciou um discurso alentador e mandou reunir em sua barraca todos os chefes e conselheiros. Fui também convocado mas escusei-me, pretextando grande fraqueza. Que me importava a sorte dos hebreus e de seu chefe, a quem odiava? Meu pensamento único era fugir na primeira oportunidade, sem mesmo considerar se tal coisa seria possível, uma vez travada a batalha.

Passei a observar, curioso, a aproximação dos egípcios sentado em um montículo de areia; assim, pude notar que ainda se detinham a grande distância, estabelecendo acampamento, em cujo centro logo se ergueu a imensa tenda de Pha-

raó.

Quando Enoch voltou do conselho, disse-me que Moisés não estava absolutamente preocupado; sob pena de morte, havia ordenado que todos se calassem; na extremidade oposta do campo, já começaram a desarmar as tendas, silenciosamente e, à hora do refluxo, o povo e os animais deveriam atravessar o mar num lugar que Jeová designara.

Com a chegada da noite tudo foi executado segundo as ordens. Desde que as águas começaram a refluir, o povo descendo ao leito do mar, que ali formava um vau, desfilou para a outra margem.

Entrei na minha barraca, tomei uma arma, escondi sob o manto um boné egípcio e desfilei para fora; ninguém me percebeu naquele momento de confusão. Atrás do primeiro montículo de areia, cavalguei a mula que levava pelo cabresto e célere me dirigi para o acampamento egípcio.

O dia raiava quando o alcancei; espessos vapores se elevavam do mar e me ocultavam o acampamento hebreu.

A primeira sentinela que me interpelou, exclamei:

— Leva-me a qualquer chefe com urgência; que fazes aqui? Os hebreus fogem e passarão o mar antes que possais alcançá-los!

O soldado ficou trêmulo e, chamando um companheiro, inundou que me apresentasse a um oficial. Perto encontramos alguns, aos quais participei, igualmente, o que ocorria.

Dispersaram-se com exclamações de raiva e, dentro de poucos minutos, a notícia se espalhava por todo o acampamento, provocando febril atividade. Toques de corneta, soldados armando-se e entrando em forma, carros que se atrelavam ou cavalos que se encilhavam; oficiais acorrendo a seu posto, um barulho terrível.

Graças a essa confusão entre soldados e animais que empinavam, abri caminho até a tenda de Pharaó: lá reinava, igualmente, o maior tumulto. No momento em que me aproximava, traziam-lhe o carro e quase no mesmo instante apareceu Mernephtah; ostentava a coroa e uma couraça de escamas de peixe; rosto pálido e olhos brilhantes, saltou para o carro e, tomando as rédeas, brandiu o feixe de armas, exclamando com voz potente, que abafou o ruído do acampamento:

— Avante, egípcios! Tripulai vossos carros, súditos fiéis, cada qual conduza dois homens a pé. Corramos, antes que os miseráveis nos escapem!

Açoitou os animais fogosos que arrancaram com o ligeiro veículo e tudo se deslocou na sua esteira; primeiramente, os carros com um ruído ensurdecedor de metais, relinchos e trotar de alimárias; depois, o grosso da infantaria a passo

acelerado, brandindo as armas com gritos selvagens. Num instante o campo se esvaziou e em breve tudo desaparecia à distância.

Permaneci sentado à sombra de uma barraca para aguardar o resultado da luta. De uma coisa apenas me admirava: por que Mernephtah partira sem o condutor do seu carro? Onde estaria Rhadamés? Entretanto, eu tudo devia esquecer para lembrar-me de mim próprio, pois abusara das minhas forças, os ouvidos me zumbiam e a ferida ardia como fogo.

Do cinto retirei pequeno pote de pomada, apliquei-a na ferida quase cicatrizada e depois retirei-me para uma barraca onde um escravo, mediante propina, me forneceu água e me instalou num leito de peles.

O triste fim de Pharaó e do seu exército será descrito por Necho em sua narrativa. Apenas mencionarei aqui que, quando acordei, após um sono reconfortante, chegava ao acampamento a notícia do pavoroso desastre, levado por alguns soldados feridos, ao redor dos quais se acumulavam, pálidos e petrificados, os restantes guerreiros, escravos e criados.

Seguro de que não seria incomodado pelos proprietários, resolvi dar uma batida nas tendas abandonadas e comecei pela de Mernephtah, onde ao entrar, recuei horrorizado: no tapete, poucos passos distantes do leito do Pharaó, jazia num mar de sangue o cadáver de um homem com extenso ferimento no peito. Passado o efeito da primeira impressão, inclinei-me e reconheci, com indescritível espanto a Rhadamés!

Que misterioso drama se teria passado? Por que esse homem estimado por Mernephtah perecera sob as vistas do seu soberano?

Haviam desaparecido os que me poderiam responder, mas... meu coração fremiu: Smaragda estava viúva!

Senti insopitável desejo de voltar quanto antes ao Egipto. Confabulei com alguns escravos e, com promessa de recompensa, ajudaram-me a carregar vários camelos com ouro e objetos preciosos que ficaram sem dono.

Ao anoitecer, deixamos o acampamento abandonado; meu coração estourava de alegria; revia-me, enfim, livre dos hebreus e imensamente rico.

Depois de uma viagem extremamente fatigante descortinei, muito longe, as portas de Tanis. Era tempo de chegar. O calor sufocante, a areia, os abalos constantes, haviam-me extenuado; a ferida reabriu e me sentia nos limites de minha resistência.

Assim, foi com redobrada alegria que saudei o aparecimento da cidade natal; apressei o camelo, o que ocasionou um passo em falso; o abalo foi muito violento, e apenas sei que experimentei dor viva no peito, a cabeça num escuro

abismo sem fundo, até que perdi os sentidos.

Ao despertar não pude compreender onde me encontrava. Estava deitado num leito de peles, numa espécie de gruta sombria e abobadada, apenas iluminada por uma tocha, colocada, ao fundo, numa trípode de ferro. Junto a mim, pequenina mesa na qual se encontravam um copo de alabastro e uma cesta de uvas e sob o archote, perto de grande mesa de pedra, cheia de ervas e vidros, um homem de meia idade lia um papiro.

Tal personagem, cujo semblante típico se enquadrava na barba negra que lhe chegava à cintura era-me totalmente estranho. Junto a ele, acocorado, um anão, ricamente vestido, ocupado a encher e rotular frascos de diversos tamanhos, De vez em quando, apresentava ao senhor pequenina caixa dourada, na qual este colocava, sem desviar os olhos, qualquer coisa que ele levava aos lábios.

Esforcei-me por falar o mais claramente possível, apesar da fraqueza.

— Onde estou?

O homem barbado levantou-se imediatamente, fitou-me com os grandes olhos negros, brilhantes, dizendo:

— Até que enfim despertaste, Pinehas!

Admirado observei-o; como poderia ter sabido o meu nome?

E ele, sorridente:

— Meu nome é Bartus, e, ainda que sejamos velhos conhecidos, tu me esqueceste. Mas, não importa! Agora, sinto-me feliz por ver-te em teu pleno juízo; bebe isto: e apresentou-me um copo cheio de um líquido esverdeado, que, tão logo esvaziei, fez-me sentir maravilhosamente reconfortado.

Bartus sentou-se junto ao leito, compassivamente.

— Por que acaso me encontro em sua casa? — perguntei.

— Foste trazido aqui, desfalecido, por serviçais do Pharaó, morto no Mar dos Sargaços. Disseram-me que viajavas com eles e que, forçados a continuar a viagem, não sabiam onde deixar-te.

Faz pouco tempo que me estabeleci num subúrbio de Tanis, mas já consegui alguma reputação como médico e feiticeiro. Assim que te acolhi e tratei, e dado não tenhas onde ficar, nem meios de subsistência, ficarás comigo. Vivo só e necessito de um auxiliar amigo e instruído, como tu.

— Que estás dizendo? — exclamei apavorado — onde foram parar meus sacos de ouro, baixelas e jóias preciosas que os camelos conduziam?

— Não sei de nada, nem vi tais coisas — disse Bartus — sem dúvida, teus companheiros, vendo-te desacordado, abandonaram-te e fugiram com os ricos despojos. Mas, não desesperes, pobre amigo; fica, restabelece-te, não te abando-

narei e dar-te-ei ocupações que te farão esquecer tuas desgraças.

Mergulhei a cabeça entre as mãos, acabrunhado. Smaragda não me seria mais acessível, agora que estava indigente! Como a odiava! Se naquele instante dispusesse de uma arma, teria dado cabo dos meus dias.

Ergui a cabeça estremecendo ao contato de pesada mão que me pousou no ombro. Bartus falou, cravando-me o seu olhar profundo:

— Pinehas, a paciência nos leva ao fim. O trabalho restabelece a calma do espírito. Deves ainda aprender que a ingratidão se colhe mais frequentemente lá onde semeamos o amor; e que a vingança não é realmente agradável, senão quando não se sofre mais em si mesmo. Além disso, a mulher que te atormenta o coração deixou Tanis. Mas, pobre cego desatinado, ignorando o passado, desejas o impossível no presente. Aquela que foi Foemés não pode amar-te, e, sim, só odiar-te.

Bartus, ao notar minha extrema perturbação, colocou a destra sobre meu coração e a esquerda em minha fronte escaldante. A esse contato, pareceu-me que aragem fresca me saturava o corpo; rosada nuvem parecia oscilar acima da fronte de Bartus, exalando delicioso aroma que me acalmou os nervos excitados. Apesar de estarem os lábios do sábio cerrados, ouvi distintamente uma voz que dizia:

— Coração impetuoso, cessa de bater violentamente; cérebro superexcitado, ordeno-te que expulses os pensamentos que te assaltam.

Inclinara-se para mim e seu olhar percuciente e estranho penetrava-me pouco a pouco; um torpor repleto de bem-estar invadiu-me inteiramente; as pálpebras se velaram. Tive, então, um sonho singular. Vi uma clareira enorme no meio de colossal e luxuriante floresta. Larga estrada aberta no maciço verde, deixava entrever ao longe edifícios de compacta e bizarra arquitetura. Ao centro da clareira, enorme e grotesco ídolo, a cujos pés, servindo de altar, jazia estendida uma mulher com o peito descoberto, o rosto pálido e contraído, fixos em mim, cheios de horror e angústia, os olhos grandes e negros... Reconheci Smaragda e percebi que era eu quem, cutelo em punho, estava de pé diante dessa pedra, pronto a desferir o golpe mortal na vítima; mas, nenhum arrependimento, nenhuma compaixão me constrangiam. Meu olhar, frio e atrevido percorria a multidão que se comprimia na clareira, até que parou um homem, de pé, à frente de todos, ricamente vestido e ostentando na cabeça uma coroa de penas multicores.

Gritos soaram nesse momento e vi um cortejo que rapidamente avançava pela estrada. Numa espécie de liteira aberta, conduzida por alguns homens, estava um moço assentado, coberto de magníficos ornamentos, a gritar e gesticular,

acenando-me para que compreendesse a ordem de sustar o sacrifício.

Raiva, ciúme, orgulho de autoridade inflamaram-me. Eu era grão-sacerdote e, pelos deuses, a vítima me pertencia; no momento em que, a poucos passos, o moço saltou da liteira, eu, cheio de ódio satisfeito, enterrei o cutelo no peito da mulher, para logo o sacar e mostrar ao povo. E isso o fiz impassível, de coração frio.

Petrificado, o moço parou: mas logo avançou para mim, arrebatando-me a ensanguentada e sagrada arma exclamando com voz rouca:

— Onde estiver Foemés, quero estar igualmente — e enterrou o punhal no próprio peito.

Fez-se um tumulto, vi o homem com a coroa de penas cair com o rosto contra o chão e o povo imitá-lo, depois o quadro se esfumou, desapareceu, e acordei sobressaltado. Meu primeiro olhar foi para Bartus, de pé ao meu lado; no mesmo instante vi uma sombra, parecendo refletida por um espelho de metal, passar como um raio e desaparecer no peito de Bartus; o olhar do sábio animou-se e ele me disse sorrindo:

— Teu sonho, Pinehas, é o passado, aquele passado que cavou um abismo entre teu coração e o de Foemés.

A partir daquele dia, tive uma sensação de calma e de paz interior; a imagem de Smaragda me vinha à memória como uma sombra pálida, sem deixar atrás de si um inferno de paixões; soube até, com indiferença, que a viúva de Rhadamés voltara para Tebas e Omifer a seguira; só um sentimento estava adormecido no meu coração, era a esperança de vingança, mas eu aguardava pacientemente, pois Bartus tinha razão: a paciência leva ao fim.

Durante minha convalescença, procurei obter detalhes sobre a vida de Bartus, mas ele jamais me disse quem era, nem de onde vinha; apenas fiquei sabendo que pensava em partir logo; não recebia ninguém (com exceção de doentes, em número limitado a não ser um jovem egípcio que lhe demonstrava uma veneração extraordinária e com o qual se trancava horas a fio. Um dia ele me disse espontaneamente:

— Não te admires, Pinehas, com o interesse que devoto a esse jovem, foi por ele que vim para cá; em mais de uma vida eu o conheci e ele me seguirá para uma terra distante, que é mãe de toda a sabedoria do Egipto.

Compreendi que ele viera da Índia. Sentindo-me completamente restabelecido, pedi-lhe que me confiasse algum trabalho.

— Bem — respondeu —, quero ensinar-te uma ciência que permitirá manter-te honradamente quando eu não estiver mais aqui; devemos separar-nos, pois prevejo que cometerás crimes que não me permitirão, de forma alguma, respirar o mesmo ar que respiras.

A partir daquele dia começou a ensinar-me uma maneira muito especial de embalsamamento, diferente da usada entre nós, mas bem mais perfeita e que conservava nos corpos um frescor sem igual.

— Ensino-te isto para proporcionar-te um bom ganha-pão — repetia com frequência — mas em geral desaprovo o embalsamamento; os egípcios estão bem atrasados na conservação de cadáveres e, por isso mesmo, na vinculação da alma a um invólucro destinado à destruição.

— Mas — observei — a alma perderá a plenitude de suas faculdades se seu corpo material for destruído.

— Errado, errado! A alma é uma chama, o fogo deve separá-la do invólucro perecível; então, a morte pelo fogo, que tudo depura, é a morte mais nobre que existe.

Devotava-me com ardor àquele novo estudo e consagrava-lhe as vezes noites inteiras; naquelas horas muitas vezes ficava intrigado com o que faria Bartus, trancado sozinho numa pequena gruta interna onde, no entanto, eu ouvia sons estranhos e, não raro, o murmúrio distinto de vozes. Não me contendo, um dia pedi-lhe explicações. Ele sorriu.

— Alguns amigos vêm visitar-me disse — e poderia mostrar-te um deles, pois o conheceste, mas também odiaste, e temo que perturbes nossa entrevista.

Jurei-lhe que não me moveria e então, chegada a noite, ele me levou para a pequena gruta e fez-me sentar a uma mesa redonda. Pensei em Amenophis e na visão de Ísis.

— Sim, é a mesma coisa — disse o sábio que muitas vezes parecia ler meu pensamento.

Ficamos imóveis e em silêncio e logo uma agradável sonolência invadiu-me; eu não estava dormindo, pois via claramente diante de mim a gruta debilmente iluminada, pela chama oscilante de uma lamparina de alabastro pousada no chão, e no entanto parecia-me estar flutuando na atmosfera, levemente embalado por um vento fresco e agradável; as paredes e a abóbada de pedra pareciam expandir-se, afastar-se, depois fundir-se; acima de mim vi o céu estrelado e a lua cujos raios prateados iluminavam uma planície solitária e uma vasta extensão de água polida e cintilante como um espelho. Aquilo não era um sonho: eu aspirava o aroma puro e fresco da noite, ouvia o marulho da água e o leve rumor do vento nos caniços, depois a voz de Bartus dizendo: “Amigo, vem falar-me”.

Todo meu ser estava concentrado nos olhos e eu vi, estremecendo, que entre

os juncos levantava-se pouco a pouco a alta e imponente figura de um homem coberto por uma armadura, a cabeça cingida com a coroa do Alto e Baixo Egipto, e quando a lua iluminou o belo rosto pálido, contraído pelo sofrimento, reconheci Mernephtah, mas tal como devia ter sido na juventude.

— Pobre amigo — disse Bartus, estendendo os braços à visão — acalma-te, deixa esse lugar fatídico a que te prende teu ódio, e segue-me.

A espectro pousou em nós os olhos tristes e brilhantes e abanou a cabeça. Ligeira palestra se travou entre eles, em linguagem desconhecida; depois, a visão se voltou lentamente, cumprimentando Bartus com um gesto de mão e de cabeça, e deslizando à flor d'água, mergulhou.

Senti no mesmo instante, uma corrente de ar fresco e encontrei-me na gruta.

— Terei sonhado, Bartus? — exclamei entusiasmado.

— Não. Viste, realmente, Mernephtah, meu amigo de muitos séculos.

Nem sei quanto teria dado para saber o motivo que ligara Bartus ao espírito do nosso infeliz Pharaó; mas sobre este assunto ele se manteve sempre mudo. Em compensação, discorria muitas vezes sobre a imortalidade da alma, indestrutível centelha autora de todas as nossas ações. Com austera gravidade, falava das responsabilidades do espírito após a separação dó corpo perecível, sujeito à decomposição.

— Não são ridículos e dignos de piedade aqueles que sacrificam suas melhores aspirações, mancham a sede do pensamento pelo ignóbil desejo de vingança, inveja e rapacidade, Pinehas? Quantas cogitações importantes e sublimes poderiam, durante esse tempo, circular em seus cérebros! E por que os homens fazem todos esses sacrifícios? Para o mais ingrato dos ingratos, esse corpo grosseiro e frágil, sujeito a todos os incômodos, a todas as doenças e que, para cada excesso ou abuso de paixões, vinga-se parecendo dizer: "Sou poeira, e cheguei nu e nu hei de voltar, nada levando comigo". Viste Mernephtah, poderoso soberano de uma rica região; senhor a cujo menor gesto obedeciam milhares de guerreiros. De que precisa ele no sargaço, onde jaz seu corpo decomposto? Assim, Pinehas, todos os crimes que praticardes para satisfazer a vaidade desta vida perecível, levareis para o espaço transparente, mais povoado que a terra, e onde todos nós iremos dar conta de nossos atos e expiar duramente nossas faltas, porque não é o corpo que goza, mas o espírito que inventou para si as delícias culpáveis.

Procurou convencer-me que o perdão constitui um bálsamo para a alma. Que eu devia renunciar ao ódio e viver unicamente para a ciência e o trabalho, porque os crimes que perpetrasse, haveria de os pagar dolorosamente em futuras

encarnações.

Para mim, porém, mais fácil me seria renunciar à vida, que a esperança de vingar-me. Ele, talvez, pudesse agir como aconselhava; ele, cujo olhar sempre sereno parecia demonstrar nunca haver experimentado paixão e sofrimento.

Já inteiramente integrado nessa vida em comum, certa manhã, ao levantar-me, encontrei a gruta solitária. Bartus desaparecera, deixando sobre a mesa um pergaminho aberto, com o qual se despedia. Legava-me tudo que a gruta continha e renovava o afetuoso conselho de banir do pensamento qualquer idéia de vingança.

Foi grande a tristeza por ver-me absolutamente só. Gostaria de evitar qualquer contato com os homens, mas a necessidade de ganhar a vida impelia-me ao trabalho, e assim, curava os enfermos, predizia o futuro, preparava filtros mágicos, auxiliava os herdeiros impacientes, embalsamava múmias pelo meu sistema, tudo aliás bem pago e, portanto, materialmente falando, não havia de que me queixar. Contudo, o isolamento completo em que vivia e o vazio de minha alma eram responsáveis pelas horas tristes que vivia. Pensava sempre em Enoch e Kermosa que, talvez já tivessem, atingido a Terra Prometida, e que também ignoravam meu paradeiro.

Mais uma vez encontrei velhos conhecidos, mas ninguém reconhecera Pinehas, o egípcio, naquele sombrio mágico de longas barbas que o vulgo chamava de Colchis — o feiticeiro.

Assim passaram-se mais ou menos oito anos, após meu despertar na gruta de Bartus, quando, uma noite em que me senti mais triste e aborrecido que de costume, resolvi dar um passeio noturno.

Grande festa religiosa havia sido celebrada nesse dia. Toda a cidade era um caos de ruídos e movimento; o Nilo formigava de embarcações embandeiradas e iluminadas e eu esperava distrair-me entre a turba festiva.

Depois de muito perambular, já buscava o caminho de casa, quando o povo à minha frente teve de parar diante das portas iluminadas de um grande palácio, ornamentado de grandes mastaréus embandeirados. Evidentemente, os convidados dispersavam-se, pois a rua estava congestionada de carros, liteiras, batedores e escravos. Quase no mesmo instante, pequeno cortejo, precedido de portadores de tochas, se destacou e passou rente a mim. Maquinalmente, ergui a cabeça e a luz das tochas iluminou uma liteira conduzida por oito escravos e na qual iam duas senhoras magnificamente vestidas. Uma, já idosa, era-me desconhecida; a outra, porém, jovem, bela, coberta de jóias e cujo semblante alvo denotava orgulho e completa felicidade, era Smaragda.

Como meu coração parasse de bater, senti uma dor aguda como se ele fosse comprimido por pinças; todos os sentimentos, recalcados e adormecidos, acabavam de reflorir com violência desconhecida, diante daquela por quem tudo sacrificara e que me havia desdenhado e odiado de morte.

Inteiramente transtornado entrei em casa, despedi os dois criados e, de cotovelos fincados na mesa, esvaziando copos sobre copos, ruminava o meio de acabar com a bela traidora, pois deixá-la viver e gozar a venturosa companhia de Omifer, por mais tempo, ultrapassava o limite das minhas forças.

Fez-me despertar desses devaneios o crepitar da lâmpada, que se apagava por falta de combustível. Levantei-me e espreguiçando satisfeito, estendi-me no leito. Tinha planejado a vingança.

Na manhã seguinte mandei comprar uma cesta com as mais lindas flores e despachei os criados, encarregando-os de negócios, por assim dizer, urgentes. Uma vez só, dispus artisticamente as flores na rica cesta de ouro e escondi sob as mesmas uma serpente, cuja picada era mortal; depois, tingi o corpo, disfarcei-me e, transformado em escravo de casa nobre levando na cabeça a cesta coberta com um lenço de seda, encaminhei-me ao palácio de Mena. No dia seguinte a uma festa, era bem presumível que algum admirador anônimo enviasse à bela egípcia a homenagem discreta. Se ela o aceitasse e se inclinasse para aspirar o perfume das flores, minha mensageira lhe transmitiria o beijo que ela me recusara.

Quando penetrei na rica mansão, inúmeras recordações me assaltaram. Que diferença do dia que ali entrara, cheio de esperanças! Agora, era simplesmente mensageiro da morte!

Fiz-me anunciar e, após minutos de espera, um escravo veio dizer que a esposa de Omifer estava no terraço e me receberia.

Com o coração agitado, acompanhei o nubiano e, ao franquear o terraço todo florido, avistei Smaragda recostada num leito de repouso. Duas raparigas a abanavam e um anãozinho, acocorado no tapete, apresentava-lhe ora uma taça, ora uma cesta de doces. Repousando displicentemente, a jovem bebericava e comia uma fatia de bolo.

Aproximando-me respeitoso, depus as flores a seus pés e, ajoelhando-me, retirei o lenço de seda.

— Ilustre esposa de Omifer, digna-te de aceitar, da parte do meu senhor, estas flores do seu jardim.

Ela fitou-me curiosa sem' me reconhecer.

— Teu senhor quem é? — indagou.

— Ele prefere ficar incógnito, mas conhece teu marido, que lhe prometeu

trazê-lo até aqui.

Eu a fitava e sugestionava que aceitasse e guardasse as flores junto de si, enquanto falava.

— Se teu senhor conhece Omifer, aceito o presente — concluiu enternecida. — Aqui tens tua parte — disse — atirando-me um anel de prata. — Bek, põe esta cesta no tamborete, aqui ao lado, pois quero aspirar o perfume dessas flores.

Humildemente agradeci e saí.

Logo que alcancei o último degrau da escada, um grito agudo repercutiu no terraço. A mensageira havia cumprido a tarefa.

Grande tumulto, vozes femininas, agudas e penetrantes, chamavam por socorro. Aproveitei a confusão para ganhar a rua e confundir-me com a multidão.

Regressei à casa satisfeitíssimo é fui para a sala de trabalho. Ali, sobre a mesa de pedra, jazia uma velha conhecida, a bela Henaís, aquela moça outrora educada por minha mãe e tornada, por obra do acaso, esposa de Necho. Ela acabava de falecer e o antigo condiscípulo confiara-me o corpo para o embalsamar pelo processo maravilhoso que dava ao cadáver toda a aparência de vida.

Enquanto preparava as faixas que deveriam envolver o corpo até o pescoço, pensava comigo mesmo. "Se me confiassem Smaragda para o mesmo fim, apoderar-me-ia da sua múmia e fugiria. Os deuses bem podiam conceder-me esta compensação mínima". Mal sabia que a sorte me reservava coisa melhor: a satisfação de contemplar sua agonia.

Passada uma hora, um escravo anunciou que uma liteira com emissários de Omifer estacionava à entrada da gruta. Pediam que os atendessem quanto antes no socorro de Smaragda.

Imediatamente tomei o estojo de medicamentos, coloquei o manto e acompanhei os mensageiros.

O palácio de Mena estava mergulhado na maior desolação; pessoas pálidas, inquietas, cochichavam em grupos. Com a minha chegada, muitos se precipitaram para mim e, antes que me levassem à sala contígua, fui conduzido diretamente ao terraço onde Smaragda, com o lindo semblante já ensombrado de morte, jazia, estendida no leito. Ajoelhado, Omifer mantinha entre as suas as mãos da esposa. Suas feições alteradas denotavam desespero que raiava pelo estupor. Um pouco afastados, dois médicos egípcios conversavam em voz baixa; por essa atitude e gestos, compreendia-se claramente que haviam perdido toda a esperança. Em torno do leito, comprimiam-se algumas mulheres lacrimosas e a velha ama de Smaragda, que banhada em lágrimas, lhe aplicava compressas no seio descoberto.

— Colchis, o feiticeiro!

Estas palavras correram de boca em boca até Omifer. Os médicos olharam-
-me de soslaio e saíram precipitadamente.

Omifer apertou-me a mão e levou-me para junto do leito, murmurando com voz sumida e entrecortada:

— Salve-a e a metade dos meus bens lhe pertencerá.

Examinei-lhe o seio alabastrino, já arroxeado, e o ponto negro da letal picada.

Nesse instante Smaragda abriu os olhos e me fitou com tal expressão de sofrimento, terror e muda súplica, que o coração de bronze me tremeu. Sim! Ela era feliz, temia a morte e era a mim que pedia lhe conservasse a vida, mas... para outrem, para Omifer... Tornei-me insensível. Ter-lhe-ia tremido a mão ao enterrar-me o punhal no peito?

Inclinando-me para Omifer, disse:

— Senhor, chamaste-me muito tarde; nada posso contra a morte. Poderei apenas, se quiserdes, aliviar os últimos instantes de vossa esposa.

— Emprega tudo que tua ciência indicar para aliviá-la.

Ali me detive, verificando como a morte se apoderava pouco a pouco de sua vítima.

Mas, se por um lado meu ódio estava satisfeito com arrancar a mulher amada dos braços do rival, meu ciúme atingia as torturas do inferno, ao contemplar as tocantes despedidas dos dois esposos, ao constatar o amor infinito daqueles olhos embaçados buscando os do marido; a ternura, a carícia daquelas mãos desfalecentes, tateando-lhe o pescoço.

Não me contive mais. Impunha-se precipitar o desenlace. Eu sabia que bastava uma emoção mais forte para romper o último fio de vida.

Assim, afastei Omifer, a pretexto de examinar a ferida e, colocando-me de forma que só a agonizante pudesse ver-me, abri o manto e lhe deixei visível a minha cicatriz, murmurando com a minha voz natural — Smaragda!

Apavorada, abriu os olhos.

— Pinehas!

Quase roçando os lábios roxos, inclinei-me.

— Quem te trouxe as flores fui eu. Morres tal como quiseste matar-me!

Dou um grito, estendeu o braço e adivinhei que diria:

— É ele!

A voz extinguiu-se, os olhos se lhe avivaram pela última vez e um relâmpago de ódio e desprezo me envolveu; depois, a cabeça pendeu, as pálpebras fecharam-

-se, e a respiração cessou estava morta!

Nessa mesma tarde, vieram ter comigo Necho e Omifer; aquele queria mostrar a este a múmia de Henais e fazê-lo confiar-me o embalsamento de Smaragda.

Omifer admirou, sinceramente, a perfeição do meu trabalho o disse que nessa mesma noite traria o corpo, bem como os adornos que lhe destinava.

Exultou meu coração e quando saíram, preparei festivamente o compartimento da gruta destinado a esses trabalhos. Tochas e lâmpadas foram acesas e, sobre uma mesa coloquei os óleos e essências, cujo segredo só eu conhecia, para darem ao cadáver flexibilidade e aparência de vida.

Era quase meia-noite, quando um ruído exterior me anunciou a diligência. Saí com os dois criados munidos de tochas e percebi um cortejo. Além da liteira coberta, que trazia o corpo, numerosos escravos sobraçando cestas e caixas e, finalmente, Omifer desfeito em lágrimas.

Precedi a liteira, que mandei depor na sala de trabalho e depois entraram os criados com os objetos que ali ficaram igualmente. Omifer ajoelhou-se junto do corpo, e pareceu orar, mas sem descobrir o rosto. Depois, levantou-se e disse:

— Trouxe-te o que tenho de mais caro, mas não desejo revê-la senão quando estiver como viva.

Apontando estojos e cestas:

— Aí estão a mais delicada tela, os perfumes mais esquisitos, tecidos e jóias; no saco, ouro para o que ainda se fizer necessário. Nada economizes, sábio Colchis, pois se fizeres conforme os meus desejos, far-te-ei rico para o resto da vida.

Em sinal de assentimento inclinei-me e, quando ele saiu com o seu pessoal, afastei também os meus domésticos, puxei a cortina de couro que fechava a gruta e, aproximando-me da liteira, afastei a coberta e descobri o rosto pálido de Smaragda, belo mesmo depois de morta!

— Pertences-me enfim, murmurei — não mais poderás fugir como fizeste no acampamento; far-te-ei bela, tal como em vida; amar-te-ei sem que me possas repelir; e tua alma sofrerá, porque testemunhará meu gozo, cruel e traidora Smaragda.

Com um sentimento de triunfo, tomei-lhe o corpo, estendi-o num banco de pedra, despi-o e muni-me de uma lâmina para as incisões necessárias. Antes de tudo, queria extrair-lhe o coração, o coração ingrato, que só aversão me votara; desejava embalsamá-lo separadamente para trazê-lo sempre colado ao peito e, impregnando-o do meu calor, ressonasse a cada batimento do meu coração, e sofresse duplamente sua impotência.

Trabalhei dia e noite desde aquele instante, concedendo-me apenas algu-

mas horas de repouso. Era a obra-prima que criava. Nesse embalsamento pus toda a minha ciência, todos os requintes de artista. Não se tratava de um cadáver, mas de um corpo flexível, encantador, ressumando os mais suaves perfumes. Enfim, dei as últimas demãos. Alisei e trancei os longos cabelos pretos; colori lábios e faces, como em vida, parecendo que o sangue ainda circulava naquela epiderme delicada o transparente, adornei o pescoço e a cabeça de gemas preciosas, enfaixei o corpo de finíssimas sedas e depositei-o no magnífico sarcófago de cedro enviado por Omifer.

Com o coração ofegante eu admirava minha obra e não podia dela afastar-me; parecia que a maravilhosa múmia me havia enfeitiçado; acreditava amá-la ainda mais que em vida, quando seu coração rebelde sempre me repeliu. Eia ali estava muda, olhos de esmalte a me fitarem sem exprobração e, na sombra misteriosa da gruta, eu a velaria com a fidelidade de escravo, apenas receando perder meu tesouro! Qualquer ruído fazia-me estremecer; não seria Omifer que vinha reclamar a esposa, com pleno direito? Só ao pensar nessa eventualidade ficava como louco e vinha-me o desejo de defender minha obra prima com todas as forças. Assim, pouco a pouco, resolvi eliminar Omifer.

Com essa intenção, coloquei em uma mesa próxima do sarcófago uma garrafa de vinho com sutil veneno, e esperei. Enfim uma manhã, ele chegou. Levei-o para junto do sarcófago. Erguendo o véu de gaze que o cobria, aproximei o archote, que iluminou em cheio o rosto em êxtase. Eu o observava, com ciúme e ódio. Poderia ele que, em vida se embriagara dos olhares amorosos de Smaragda, estar satisfeito com esses olhos de esmalte, parados, frios e imóveis como o escaravelho de ouro que substituía, em seu peito, o coração que só palpitara por ele? Aqueles olhos, que já não traduziam os sentimentos da alma, só podiam agradar a quem os tinha visto enfurecidos ou indiferentes.

Depois de longo silêncio, Omifer levantou-se e estendeu a mão:

— Agradeço-te, sábio Colchis — disse — trabalhaste maravilhosamente; é como se estivesse viva. Posso levá-la imediatamente?

— Amanhã. Se tiveres pressa, avisarei cedo para vires buscar o teu tesouro; esta noite darei o último retoque, e amanhã poderás mandar teus servos buscar o sarcófago. Entretanto, como estás pálido e abatido! Toma um copo deste vinho que te reconfortará.

Agradeceu-me, esvaziou o copo e saiu.

— Nunca mais voltarás — pensei satisfeito, retomando meu posto junto do sarcófago. Agora, Smaragda, só a mim pertences.

Soube, dois dias depois, que Omifer havia morrido e, desde então, tratei

logo de abandonar Tanis, não admitindo mais visitas, porque sabia que a casta dos médicos e embalsamadores me observava suspeitosa. Já tinham tentado descobrir meu segredo; era de temer algum ato de violência e por esse motivo queria fugir com o meu ídolo e a enorme fortuna adquirida. Entretanto, a doença me impediu de partir; a saúde violentamente abalada pelo ferimento mal curado, não pode resistir ao excesso de trabalho e emoção dos últimos tempos; em virtude disso emagrecia a olhos vistos. Algumas frutas e goles de vinho eram toda a minha alimentação; o sono fugia e eu receava a morte com a consequente responsabilidade, na qual acreditava. Noite e dia, martelava o cérebro por descobrir um meio de me subtrair à inevitável passagem, reter a força vital no corpo gasto, sem deixar escapar a alma e assim evitando comparecer ao Tribunal vingador.

Em uma dessas noites intermináveis de insônia, experimentei ardente desejo de saber o que era feito de Enoch e Kermosa. Concentrei neles o pensamento e, com grande espanto, renovou-se o fenômeno que Bartus me mostrara. As paredes da gruta pareceram afastar-se; vi a planície imensa e árida do deserto e ao longe numerosas tendas do acampamento. Em uma vala deserta, cujo solo pedregoso estava ensanguentado, Jaziam montes de cadáveres e num deles, com o rosto em decomposição voltado para mim reconheci Enoch.

Tremendo de terror, voltei à realidade. Só mais tarde, já no plano espiritual, desencarnado, soube que, tendo-se envolvido numa revolta contra Moisés, Enoch havia sido vitimado num dos massacres com que Jeová vingava a desobediência ao seu profeta.

A estranha visão me reavivou o passado e os fatos que testemunhara; também recordei Eliezer e com isso estremeci: havia descoberto o modo de evitar a morte. Seria bastante entorpecer todo o organismo conservando-lhe a força vital. Para isso, era preciso tão só permanecer de forma que ninguém me tocasse e poderia assim viver uma eternidade, sem que o fluído vital se esgotasse, jamais, do corpo adormecido.

Minha resolução foi logo tomada e, sem delongas, iniciei os preparativos necessários.

Mandei embora os criados recomendando-lhes não tentarem nunca penetrar nas grutas, mas, ao contrário, lhes disse simular a entrada o mais possível, pois quem tentasse abri-las deixaria escapar perigosos demônios, que matariam o temerário e espalhariam na cidade e no país, calamidades horrorosas. Levantei por dentro, um muro vedando a entrada; reuni na sala de operação tudo que possuía de mais precioso e estendi um tapete junto do sarcófago.

Todos esses preparativos tomaram-me três dias, durante os quais nem uma

gota d’água me suavizara o rigoroso jejum. Por fim, chegou o momento de agir.

Banhei-me, vesti roupas novas, prendi um archote na parede, de forma que, ao extinguir-se, não ocasionasse incêndio. Ajoelhei-me perto do sarcófago. Uma última vez contemplei a incomparável múmia; beijei-lhe os lábios, a fronte perfumada e sentei-me de pernas cruzadas no tapete.

Com pequeninas bolas de cera tapei os ouvidos e virei a língua, de modo a fechar o conduto nasal; concentrei-me em mim mesmo, de olhos semicerrados.

Não demorei a sentir pesado torpor assenhorear-se de mim: as paredes e objetos dançavam, rodopiavam em torno do corpo, que parecia balançar no espaço; depois tudo se turvou à minha vista e perdi os sentidos. Dormia um sono que os viventes acreditariam eterno.

Quanto tempo durou esse sono? Ignoro-o; apenas sei que uma corrente de ar frio e úmido me fez despertar. Não podia reconhecer minha situação; dor aguda me transpassava; a garganta cerrava-se e todo o corpo se estorcia como a fragmentar-se. Uma torrente de fogo caía sobre mim, vinda não sei de onde e me queimava; o sofrimento era tão intenso que, novamente, perdi os sentidos; e contudo, quase imediatamente, o atordoamento se dissipou e notei que balançava no ar, envolto em um manto pardacento e flutuante; baça claridade avermelhada iluminava os objetos circundantes. Estava na minha gruta, com o meu tesouro, o sarcófago, os vasos de ouro, prata e outros objetos preciosos. Nada me roubaram durante o sono... De onde provinha aquela segunda múmia de pele negra e encarquilhada, cujos braços, dissecados como cordas de couro, se cruzavam sobre o peito?

De repente estremeci: reconhecia aqueles traços pronunciados, a cabeleira negra e espessa, o amuleto preso ao pescoço por uma corrente de ouro e contendo o coração de Smaragda; era e não era eu! Havia-me tornado horroroso! Notei um orifício negro, antes uma chaga e, sobre os joelhos, uma serpente enrolada em espiral, cujos olhos fosforescentes brilhavam na escuridão.

Refletia sobre minha estranha situação sem poder compreendê-la; recordava ter provocado o entorpecimento para evitar a morte. Por que motivo me havia acordado?

Quis demolir a barragem da gruta, mas não pude mover-me. Aturdido, inquieto, uma voz oculta sussurrou-me:

— Tens, então, tua bela múmia? Guarda-a bem, sentinela fiel, para que não te escape.

Permaneci, no entanto, flutuando sobre o espectro horrível — o meu sósia — até que, pouco a pouco, comecei a experimentar um mal cuja origem não saberia

explicar. O ar parecia-me espesso, e invencível peso oprimia-me todos os membros. Tristeza mortal sufocava-me o coração,

Uma vez que olhava o sarcófago, esse pareceu-me vazio; no mesmo instante, vi Smaragda passar rente a mim, na companhia de Omifer. Louco de raiva, quis detê-los:

— Ladrão — exclamei — devolva meu amor.

— Foi para roubar-me a bem-amada que me assassinaste! respondeu Omifer menoscabando — agora, retomo-a, pois há muito que a reténs...

E desapareceram.

Fora de mim, quis persegui-los, mas as pernas paralisadas recusaram obedecer-me e ali fiquei pregado ao lugar onde suportei, muitas vezes, o reaparecimento de ambos, que me afrontavam desdenhosamente e ridicularizavam minha impotência.

Paulatinamente, a situação tornava-se insustentável. Em vão meu cérebro trabalhou para remediá-la. Eu estava convencido de que, sozinho, nada podia; mas a quem dirigir, a quem implorar auxílio e alívio?

Os egípcios, nas suas necessidades, oravam a Osíris, Ísis, Ptah e muitos outros; mas essas divindades me. pareciam mesquinhas ao lembrar as palavras de Moisés, de que blocos de madeira ou de pedra que adorávamos eram incapazes de nos valer. Eu não podia fazer uma idéia do grande Uno, criador do Universo, de que faziam menção os mistérios. Pensava também em Jeová, o deus de Moisés, que conduziu os Hebreus para fora do Egipto; mas este tinha-se mostrado, por todos os seus atos, de uma tal crueldade, de caráter tão vingativo para cada desobediência — o destino do Pharaó e do seu exército bem o comprovava — que eu temia. Evidentemente, Jeová se vingaria da minha traição, tornando-me responsável, diante dele, ao fugir do campo hebreu; foi ele, sem dúvida, que me inspirou a matar Smaragda e enviou a serpente para me picar e assim me despertar.

A esse deus implacável, que preceituava o dente por dente e a quem havia ofendido, não ousava dirigir-me.

Não havia, igualmente, ofendido os deuses egípcios, renunciando-os em favor de Jeová? Eles, então, também me repeliriam.

Senti-me extremamente infeliz. Com todas as forças de minha alma pedia um alívio, mas a quem dirigir-me para obtê-lo? Ignorava-o, porquanto me envergonhava de orar, às divindades que renegara. No auge da aflição, lembrei-me da terna aparição que Moisés me inculcara como sendo o seu guia, e que havia aconselhado clemência, renúncia e paciência.

Lembrei-me de que seu nome era Cristna-Cristo; que ele não poderia ser

severo e vingador como o grande deus do povo de Israel e logo se me dissiparam as dúvidas. O orgulho e a obstinação desapareceram, porque, perante essa divindade, eu não havia procedido mal, como fizera em relação à outras.

Concentrando toda a minha vontade, orei:

— “Benevolente divindade; ajuda-me e alivia-me, não te pertenço mas sempre pensei em ti, respeitosamente; não desdenhes, pois, minha súplica: perdoa-me sem julgar-me”.

Enquanto formulava essa evocação, com grande dificuldade, sentia uma torrente de calor benéfico invadir-me os membros entorpecidos. Como que atraído para essa fonte reconfortante, elevei-me pouco a pouco num espaço nevoento, que atravessei com velocidade crescente.

Subitamente parei; o espaço cinzento parecia ter-se fendido, descortinando vasto horizonte luminoso. No fundo dessa imensidade, desenhava-se claramente uma visão que a pena humana é impotente para descrever: sobre um fundo anulado, circundado de nuvens brancas de neve, cintilando aos raios do sol, pairava um ser cuja túnica flutuante irradiava como feixes líquidos de uma fonte iluminada por milhares de sóis. Rodeavam-no seres semelhantes, porém menos brilhantes: um deles me evocou a visão de Ísis; mas o brilho resplendente ofuscava-me de tal forma que não podia ver-lhe as feições. Um véu prateado cobriu a radiosa visão e sobre esse fundo mais nebuloso, se desenharam dois olhos como não é dado aos mortais admirar. Não procurarei mesmo descrever-lhes a forma e a cor; mas diante dessa manifestação de caridade e clemência divina, devia prosternar-se o ser mais endurecido; sob esse olhar de mansidão sobre-humana, a alma culposa podia, sem pejo e sem humilhação, desvendar os mais sombrios arcanos da consciência e os maiores segredos do coração. Tudo se esquecia, tudo desaparecia sob esse olhar regenerador.

Se os encarnados, cegos pelo esquecimento do passado, guardassem ao menos uma vaga lembrança da clemência infinita do Guia Divino do Nosso Mundo! Qual dentre eles seria capaz de desdenhar a prece, por orgulho e desgosto, privando-se dessa consolação?

Chegaram aos meus ouvidos sons mais suaves que a mais bela música terrestre. Não eram palavras, mas uma mensagem cujo sentido era-me compreensível.

— Pobre filho do espaço — dizia essa vibração harmoniosa — enceguecido pela carne, pudeste crer que o Criador Todo-Poderoso, cuja bondade povoa de mundos incontáveis o espaço infinito, poderia como vós, seres imperfeitos, experimentar ódio ou vingança? Ora e arrepende-te, Pinehas; esse Deus que temos

não tem para ti outra coisa mais que indulgência e perdão; fez-te apto a tudo compreender e obter, legando-te, como Pai infinitamente bom, uma parcela da divindade com que te criou. Se queres quebrar e dominar as paixões que obscurecem tua alma, ele te dará toda a sabedoria e te abrirá as largas e luminosas portas da perfeição; e quando, depurado pelas quedas e provas, reencarnações e sofrimentos, te apresentares diante Dele, puro e luminoso, poderás dizer-lhe: — "Pai Celestial, volto, digno de ser chamado teu filho para que me indiques a tarefa que me corresponde no espaço infinito, onde quero proclamar tua sabedoria".

— Para que atinjas essa meta luminosa, porém, Pinehas, as cadeias que ligam tua alma à carne devem ser quebradas pela prece, arrependimento e caridade.

— Por quê, Espírito misericordioso, não te conheci assim lá na Terra? Por que ídolos mudos e severos lá representam o Pai Celestial?

— Meu filho, o culto da divindade, continuou a entidade — tu o conduzes no teu próprio ego e em qualquer lugar onde nasceres. Desde que o homem eleve um altar a essa divindade e a invoque, um servo do Pai Celestial se lhe apresenta e o instrui no bem. De todos os tempos, gerações e cultos, dos mais selvagens aos mais refinados, a divindade sempre pregou o bem, de acordo com o meio e o nível intelectual aos homens; jamais ensinou o mal. Procura invocá-la simplesmente e não serás abandonado. Quantas vezes, porém, espírito vacilante, já te falamos dessa mesma forma? Sempre reincides nos teus vícios para estacionar um tempo infinito no mesmo degrau de elevação. Pobre ser que te punes a ti mesmo, porque tuas paixões te estimulam e te prostram exausto, para novamente recomeçar teu roteiro criminoso?

Fiquei esmagado pela verdade dessas palavras! Eu mesmo era o meu pior inimigo; nada me torturava mais, agora, do que as próprias fraquezas; mas, onde encontrar forças para resistir ao mal?

No olhar do meu Guia divino refletiam-se bondade e mansidão infinitas:

— Quando teu coração, Pinehas, houver adquirido o verdadeiro amor; quando recusares infligir sofrimentos aos que te cercam, a virtude te auxiliará e, amparado por esses dois aliados, sairás da luta armado de inquebrantável vontade, voltado unicamente para o bem. Serás forte e nenhuma tentação te abalará. Vai, pois, ao encontro do teu guia e prepara-te para uma vida diferente, por meio da prece e da humildade perante teus inimigos; depois, tenta novamente dominar tuas paixões e despertar teus nobres sentimentos, a fim de que teu amor te transforme em fonte de felicidade e não de suplícios para aqueles a quem te devotares.

Extinguiu-se a visão e encontrei-me no espaço plúmbeo, acompanhado de

um espírito luminoso, que me disse:

— Crendo escapar à lei imutável do Criador, retardaste por longuíssimo tempo o desprendimento do corpo; agora estás livre, mas perdeste muito tempo. Teu grupo já foi julgado e seus membros tiveram, desde então, muitas reencarnações; prepara-te, pois, pelo arrependimento e pela humildade, diante dai tuas vítimas, para uma nova etapa expiatória.

* * *

O que acabo de descrever, o ditei voluntariamente a Rochester.

Depois disso, muitas vezes, tenho comparecido diante dos meus juizes, sempre sobrecarregado de crimes e apenas mais refinado nas minhas fraquezas. Lenta, demoradamente, subo um degrau na escala da perfeição e como espírito, em parte liberto (enquanto dito isto, vejo com tristeza e amargura que minha encarnação atual também fracassou no seu principal objetivo. O espírito que valorosamente devia combater pela nova causa da iluminação das almas deixou que passassem em ociosidade moral todos os momentos graves de sua existência, todas as ocasiões de se ligar à grande família espírita.

Preso por mesquinhos interesses, tenho julgado com indiferença os esforços realizados nesse sentido, empregando todas as energias de minha alma e do meu saber, na aquisição de ouro, a eterna causa de minhas quedas.

Não me inflamou ainda a luz da virtude. Ligado a velhos companheiros do passado criminoso, o egoísmo e a libertinagem secreta me dominaram.

Gozarei o fruto de meu esforço? Ou antes, morte imprevista, quando em repouso, virá chamar-me a prestar contas da vida que me concederam em grave circunstância, correspondente ao importante movimento das inteligências terrestres e extraterrestres?

Não me é dado sabê-lo; um vago sentimento de inquietação e tristeza envolve meu espírito, em parte livre, à lembrança de tudo abandonar após tanto trabalho, visando unicamente a satisfação dos meus apetites materiais.

Fortes como são as paixões humanas, é difícil dominá-las; sinto mais terrível, porém, para o espírito, é voltar ao espaço após uma vida desperdiçada.

Que Deus preserve de semelhante situação qualquer dos meus irmãos encarnados!

PINEHAS

NARRATIVA DO ESPIRITO DE NECHO

Para o espírito, centelha indestrutível e eterna, o tempo não existe.

Ao evocar particularidades duma vida encoberta aos homens, pela poeira de trinta e dois séculos, elas revivem na minha lembrança com tanta clareza e frescor, como se fora ontem que houvesse testemunhado os graves e terríveis acontecimentos relatados na Bíblia, e revejo a luta desesperada entre o meu rei e seu tremendo antagonista Moisés — o grande legislador hebreu — de quem fui contemporâneo.

Na época em que começa esta narrativa, eu era um rapaz de vinte e cinco para vinte e seis anos e servia como oficial na guarda do Pharaó Mernephtah, filho do grande Ramsés II, que empunhava então o cetro do Egipto e havia instalado a Corte em Tanis, tão apreciada por ele quanto por seu pai.

Não merecem referências, esses primeiros anos de minha vida, calmos e venturosos, até que um dia fui despertado por extraordinária ocorrência, que, de certo modo, engendrou o prólogo das calamidades que se seguiram.

Foi em Tanis, repito, e num dia de audiência pública, na enorme sala das colunas.

Sentado no trono de ouro maciço, no alto de alguns degraus e junto do qual pareciam velar dois leões do mesmo metal, estava o Pharaó. Próximo a ele agrupavam-se portadores de abanos, conselheiros, dignatários e, finalmente, formando grande semicírculo na sala e tomando as entradas, oficiais e soldados da guarda, perfilados e imóveis.

Já haviam sido atendidas em suas queixas ou pretensões, inúmeras pessoas, recebendo graças ou justas sentenças, quando ocorreu ligeiro tumulto na porta de entrada. A compacta multidão abriu larga passagem e vimos avançar solene o grão-sacerdote do Templo de Ísis, seguido de uma fila de acólitos, todos revestidos de longos hábitos brancos e, na cabeça a pena de avestruz — símbolo de iniciação superior.

Inclinaram-se reverentes e ergueram os braços em sinal de benção, diante do trono. Saudou-os o Pharaó e perguntou-lhes o motivo que até ali levava os veneráveis servidores da grande deusa.

— Poderoso filho de Rá, grande Pharaó a quem; os deuses concedam longa

vida, saúde e glória — exclamou o grão-sacerdote — aqui estamos para dar-te conhecimento de graves e extraordinários acontecimentos e dizer-te que, se a raça odiosa e abominável dos hebreus não for severamente reprimida, acabará desencadeando a desgraça sobre o Egipto, porque os Espíritos infernais que eles instigam atacam até as virgens sagradas e votadas ao serviço da deusa.

O Pharaó deu um salto na cadeira e nós empunhamos as nossas armas, prontos para, a um gesto seu, atirar-mo-nos aos hebreus e massacrá-los. Mas já o rei, precatado de que era impróprio de sua dignidade exteriorizar tal emoção, assentara-se calmamente, dizendo com gravidade:

— Servidores de Ísis, se vindes trazer-me uma queixa, ser-vos-á feita justiça. Falai, pois, veneráveis sacerdotes; se os hebreus ousarem tocar no que quer que seja, pertinente à honra e dignidade de uma mulher agregada ao vosso Templo, asseguro-vos que pagarão com sangue o nefando sacrilégio.

Bateu no peito e toda a assembléia se prosternou.

— Trata-se — começou o sumo sacerdote — de um judeu chamado Eliezer, homem rico e influente entre os seus, que, após uma ausência de dois anos, aqui se encontra residindo novamente, numa casa que confina com uma de tuas vinhas. Sorrateiramente, ele persuadiu os operários de que nós os oprimimos e, com essa aleivosia, promoveu uma revolta dos teus trabalhadores. Nesse motim, o fiscal, funcionário consciencioso, filho de distinta família egípcia, foi massacrado e a vinha quase destruída.

Isto ocorreu há seis meses e o vigilante de Pharaó, o nobre Aamés, que mandara prender os culpados, os condenou após rigoroso inquérito, uns ao trabalho nas minas, outros a bastonadas, devendo o instigador Eliezer ser enforcado, depois de lhe arrancarem e atirarem aos corvos a pérfida língua.

A sentença foi proferida há seis dias, mas dá-se que, quando os executores entraram na prisão de Eliezer, lá o encontraram morto. O corpo foi levado ao lugar da execução, mas, quando tentaram abrir-lhe a boca, viram que os dentes estavam de tal maneira cerrados, que seria forçoso quebrar os maxilares; e como na ocasião ameaçasse tempestade, contentaram-se em suspendê-lo pelos pés.

A violência do vento à tarde foi tanta que a forca levantada à beira do rio tombou e várias pessoas viram horrorizadas, o corpo projetado nas águas sagradas do Nilo, tragado pelas vagas.

Esse fato lastimável foi precursor de outro pior, pois essa noite fomos despertados por gritos lancinantes, partidos da sala onde repousavam as mulheres consagradas ao culto da deusa. Todo o Templo ficou em polvorosa e quando, à frente dos mais veneráveis sacerdotes, entrei na referida sala, triste espetáculo se

nos deparou; algumas mulheres jaziam por terra, desmaiadas, outras encolhidas nos cantos tapavam o rosto com as mãos e finalmente outras se movimentavam, contorcendo as mãos ao redor de um leito onde, estendida, rija, imóvel, permanecia Snefru, a mais bela das virgens consagradas ao serviço de Ísis. No pescoço, uma ferida semelhante a uma dentada.

Foi-nos impossível tranquilizar as mulheres desesperadas, cujos gritos angustiosos repercutiam longe. Por fim, uma das jovens me explicou, trêmula, que Eliezer aparecera de chofre entre elas, atirando-se a Snefru, que se deixara tomar de culposa paixão por um belo semita. O pai, temendo, com razão, que os deuses punissem aquela inclinação impura, conduziu-a ao Templo e consagrou-a ao serviço da deusa.

Pálido e suando por todos os poros o Pharaó ouvira atônito a estranha narrativa.

— Por que não prenderam o miserável — perguntou — se o viram?

— Ele foi visto — disse o grão-sacerdote — mas nenhum vivente teria podido prendê-lo, porque fundiu-se na parede, atravessando-a qual sombra.

— Consultastes, então, os deuses sobre o que fazer nesta terrível emergência?

— Sim. Mandaram-nos procurar o cadáver do réprobo e, se o encontrarmos, os deuses me revelarão, apenas a mim, o que se deverá fazer dele; portanto, grande Pharaó, aqui estamos a implorar-te auxílio. Concede-nos barcos e soldados que, munidos de ganchos e fisgas, revolvam o Nilo, enquanto os acompanhamos com cantos sagrados.

— De acordo — disse o rei levantando-se — eu próprio e meu séquito nos reuniremos a vós e ainda esta noite todo o Egipto procurará nas águas turvas do rio sagrado o cadáver do tétrico vampiro.

Os que estavam presentes, inclusive os suplicantes e o povo que se comprimia à entrada da sala, prorromperam em aclamações e brados de contentamento pela sábia providência.

Mernephtah desceu do trono e, acompanhado do séquito, recolheu-se aos aposentos privados.

Duas horas mais tarde, livre do serviço, tomei o carro e dirigi-me ao lar paterno. Meu pai, homem rico e honrado, desempenhava na Corte a função de fiscal dos animais — cargo correspondente, pouco mais ou menos, ao de chefe das cavalariças, em nossos dias; esta função o obrigava a acompanhar o Pharaó por toda parte. Como possuía, porém em, Tanis uma casa e outras propriedades consideráveis, minha mãe e minha irmã o acompanharam.

Fatigado pelo serviço em palácio, que me obrigava a permanecer dê pé longas horas, imóvel qual estátua no meu uniforme, procurei alcançar meu quarto o mais depressa possível, mas o velho escravo que guardava a entrada participou-me que uma serva de minha mãe o encarregara de prevenir-me que a procurasse sem demora. Dirigi-me, então, à sala contígua ao terraço, onde, como de costume, se reuniam todos os meus nas horas mais quentes do dia.

Quando entrei vi minha mãe deitada num divã, envolta em leve vestido branco, abanada por duas negrinhas. Alguns passos afastada, minha irmã Ilsiris, assentada num banco, mirava-se num espelho redondo, mantido por pequenina escrava ajoelhada diante dela, e experimentava o efeito de diversos berloques de ouro retirados de um estojo, para os colocar nos belos cabelos negros. Ao centro do grande terraço, ornamentado de flores e arbustos raros, meu pai, junto da mesa abastecida de refrescos, examinava atentamente, num extenso rolo de papiro as contas apresentadas pelo intendente.

Vendo-me, Ilsiris e minha mãe exclamaram ao mesmo tempo:

— Finalmente, Necho! Nós te esperávamos com ansiedade; — acrescentou minha irmã deixando as jóias e afastando o espelho — decerto não ignoras as estranhas novidades que por aí se propalam.

— Deixa-o ao menos sentar e tomar fôlego — atalhou minha mãe, atraindo-me para uma cadeira junto dela e afagando-me o rosto orgulhosamente. Mentuhotep, deixa também tuas áridas contas e vem ouvir o nosso Necho, pois ninguém pode estar melhor informado e conhecer as ordens emanadas da boca do próprio Pharaó.

Meu pai levantou-se sorridente e apertando-me a mão disse:

— Tua mãe tem em alta conta a tua importância, meu rapaz. Por conseguinte, se puderes, explica-nos o que significa a estranha ordem de varejar o Nilo esta noite, tal como dizem os arautos por todos os quarteirões da cidade.

— Isso decorre de um fato bem desagradável; — expliquei — mas antes de tudo, deem-me um copo de vinho, porque tenho a garganta seca.

— Alguma guerra, invasão ou moléstia contagiosa? — perguntaram as mulheres espantadas, enquanto uma escrava se esforçava por entregar-me o copo de vinho.

— Nada disso, respondi-lhes, mas tão só por causa de Eliezer, o miserável conspirador judeu, executado há dias; transformado, sem dúvida, em demônio impuro, ou vampiro, mercê dos seus crimes, introduziu-se esta noite no dormitório das mulheres consagradas ao culto de Ísis e a bela Snefru, que todos conhecemos, foi vítima do horroroso espectro, segundo ouvi da boca do próprio

grão-sacerdote.

Insinuou-se, nesse momento, entre as cortinas da porta, a cabeça de uma negra velha e o sorriso de triunfo que lhe escancarava a boca indicava que tinha ouvido toda a conversa.

— Vem, Acca — disse minha mãe. Foi ela quem trouxe a notícia de que no Templo de Ísis uma sacerdotisa havia sido assassinada por um fantasma que lhe mordera o pescoço, sugando-lhe o sangue — acrescentou voltando-se para mim.

— Minha pobre Snefru — exclamou Ilsiris lacrimosa — mesmo morto, não a abandonou o infeliz Eliezer, que tão horrivelmente a enfeitiçara, porque, de outro modo, uma donzela de sua condição e fortuna não teria amado um miserável hebreu!

— Deixem de interromper Necho — disse meu pai impaciente — pois assim não logrará explicar-nos o que significam as batidas no rio.

— Querem descobrir o cadáver do executado lá caído. Os deuses ordenaram essas buscas e indicarão o que se deverá fazer dele Afirmo-vos, porém, que diante da incrível revelação do grão-sacerdote, o próprio Mernephtah, apesar da sua intrepidez, tremeu o empalideceu: entretanto, com a sabedoria que lhe é peculiar, ordenou imediatamente as pesquisas para esta noite, porque o sono nos torna impotentes e o vampiro pode atravessar as paredes sem probabilidades de captura. A fim de evitar esse perigo ao povo, nosso grande rei, incorporado aos sacerdotes e soldados, munidos de ganchos, varas e redes, irá em pessoa ao Nilo, dirigir e ativar as buscas; todo bom egípcio está na obrigação de o acompanhar na sua embarcação, e estou certo de que não faltarás, pai, a esse dever.

— Naturalmente! Acaso não estamos todos ameaçados pelo perigoso fantasma que atravessa paredes e zomba até da santidade dos Templos?

— Irás também, Necho? perguntou Ilsiris suspirando.

— Claro! Não sou oficial da guarda do Pharaó? — respondi alçando os ombros — meu lugar é junto dele.

— Crês, Mentuhotep, que as mulheres também poderiam assistir a esse grandioso e interessante espetáculo? — perguntou maliciosamente minha mãe.

— A minha não — respondeu meu pai contrariado — pois suponho que nenhuma senhora sensata e de boa condição social se intrometerá nessa balbúrdia; em compensação, penso que deves ir amanhã ao Templo de Ísis e oferecer-lhe um sacrifício para obter proteção contra esse perigo,

— Tens razão; amanhã irei ao Templo com Ilsiris e aproveitarei o ensejo para visitar a nobre Herneka, esposa do grão-sacerdote; ela está com um pé doente e não pode sair, mas, por seu intermédio, saberei mais alguns detalhes da

horrorosa morte de Snefru.

Nossa conversa foi interrompida por um escravo, que veio anunciar a refeição.

Recolhi-me aos aposentos depois do repasto para dormir algumas horas, recomendando ao escravo que me despertasse a tempo.

Levantei-me refeito e bem disposto à hora marcada; tomei um banho e tendo-me fardado e armado, encaminhei-me ao palácio real.

Caía a noite e todo o palácio regurgitava, dando passagem aos conselheiros do rei e outros funcionários que acorriam. Galguei a larga escadaria e fui até a sala próxima dos aposentos particulares do rei, reuni-me ali a um grupo de oficiais e jovens que animadamente conversavam.

Discutiam-se as possibilidades de encontrar o cadáver do judeu e comentava-se a recompensa oferecida por Mernephtah, de vultosa quantia e um anel de próprio uso, a quem fizesse a descoberta, ainda que fosse um mísero escravo.

— Quem sabe se a sorte não te favorecerá, Necho! — disse alguém rindo e batendo-me no ombro; — tens sempre tanta sorte na luta e nos jogos!

— Pescar o cadáver do hebreu não me interessa — respondi — prefiro ganhar na guerra um anel, da mão do Pharaó; mas creio que o espetáculo será grandioso.

— Também o creio. Olha que o rio já está coberto por toda uma multidão; as embarcações se comprimem enfileiradas nas margens, assim como nas proximidades do Templo de Ísis, onde se antecipará o Pharaó, a fim de trazer os sacerdotes.

Continuamos a conversar e analisar os que passavam, até que o chefe e o mestre do cerimonial dessem o sinal para se organizar o cortejo.

Pusemo-nos em fila, de um e outro lado da porta dos aposentos reais, enquanto os demais ocupavam os lugares, de acordo com a função que cada um desempenhava.

Abriu-se logo a porta e Mernephtah, revestido das insígnias reais, apresentou-se acompanhado dos porta abanicos e dignatários.

Junto à escadaria, galgou a magnífica liteira aberta em forma de trono, conduzida por doze rapazes, príncipes e parentes da família real.

Precedido por batedores que, com os seus bastões dourados abriam caminho, por músicos e soldados, com suas bandeiras dirigiu-se o séquito enorme e vagaroso, pelas ruas iluminadas como em pleno dia por archotes e lampiões, até as margens do Nilo.

Recebendo aclamações da multidão que se comprimia por toda parte, Mernephtah tomou a barca dourada, que, seguida de centenas de outras embarca-

ções, rumou ao Templo de Ísis.

Tomei lugar na embarcação que seguia de perto a do rei; ao nos aproximarmos do antigo edifício cuja silhueta maciça se refletia nas águas, ouvimos cânticos sagrados e descortinamos imponente procissão descendo os degraus. À frente, o grão-sacerdote conduzindo o sistro da deusa, as sacerdotisas com suas harpas, frontes ornadas com flores de lótus e uma extensa fila de sacerdotes de todas as categorias com suas longas vestes brancas.

O soberbo barco do grão-sacerdote emparelhou com o do Pharaó e começaram as mais ativas pesquisas.

Em vão, porém, percorreram o rio da montante à jusante; em vão sondaram rebojos e caniçadas; o cadáver do miserável sugador de sangue continuava inatingível. O sol já ia alto no horizonte, quando a barca real atracou e Mernephtah, sombrio e pensativo, regressou ao palácio.

Cansado e desanimado, entrei em casa e mergulhei em pesado sono, para só me levantar chamado à refeição, aliás servida muito tarde, porque meu irmão, que havia tomado parte na expedição noturna também repousava.

Quando ficamos sós, livres dos criados, trocamos impressões do feito, contando pormenores das pesquisas infrutíferas. A seguir, meu pai perguntou o que minha mãe colhera no Templo.

— Tenho muito que contar — disse ela erguendo a cabeça — a terrível história do sugador de sangue não é a única que alarma o Templo; outro acontecimento, não menos emocionante, verificou-se esta manhã.

Descobriram uma ligação amorosa entre Menchtu, a mais bela das sacerdotisas e cantoras, com um nobre egípcio cujo nome ignoram, ou pretendem ocultar. Essa infeliz, que mereceu a honra insigne de representar a deusa nos últimos mistérios, teve a audácia de introduzir o amante no bosque sagrado, onde um velho pastor os surpreendeu. O indigno sedutor, forte como um búfalo e ágil como um símio, conseguiu fugir empurrando violentamente o velho, quando tentava barrar-lhe a passagem. Menchtu está presa e, se conseguirem capturar o comparsa, será julgado sem misericórdia, porque, não só transpôs o muro sagrado, como ergueu a mão contra um venerável sacerdote.

— Qual será a punição? — perguntou Ilsiris.

— A morte, naturalmente. Quanto a Menchtu, sei que será enterrada viva; o escândalo é tremendo. Fica sabendo, Mentuhotep, que, à vista de tais horrores, penso chegados os tempos. A nobre Herneka também me contou, sob segredo, que os astros anunciam grandes calamidades.

— Pobre Menchtu! — exclamou Ilsiris comprimindo o peito. — Que coisa

horrível! Enterrada viva, sentir-se sob uma abóbada de pedra, asfixiar-se na treva... Só de pensar, estremeço e já sei que não vou pregar olho à noite; falemos de outras coisas. Sabe, mãe, quem vi hoje no Templo? Smaragda. Chegou na sua liteira, bela é adereçada como sempre, enquanto eu esperava tua saída da casa de Herneka. No momento em que ela se dispunha a descer, Seti, o herdeiro do trono, saía com sua comitiva e, vendo-a aproximou-se imediatamente; não pude perceber o que disseram, mas ele se mostrou muito amável e lhe ofertou uma rosa. Moça feliz! — acrescentou despeitada — novas jóias todas as semanas e, ainda por cima, um rosto tão claro que atrai até mesmo as homenagens de um filho de rei.

Nesse momento nossa conversa foi interrompida por um escravo que me apresentou um rolo de papiro, trazido por um jovem que recusou nomear o remetente.

Curioso abri o rolo e vi, surpreso, que era uma carta de Mena, o irmão da bela Smaragda, que minha irmã havia pouco nomeara e que foi meu companheiro de infância. Pedia-me, com insistência que o procurasse alta noite, fora da cidade, num local designado. Pelo tom da missiva, calculei que se tratava de assunto grave e pedi licença para retirar-me, a fim de redigir a resposta. De saída, percebi sorrisos dos meus, que imaginavam alguma aventura galante. Não procurei dissuadi-los e recolhi-me ao quarto.

Quando a noite desceu mandei encilhar um cavalo, envolvi-me numa capa escura e parti sozinho. O local da entrevista era o remanescente de um Templo consagrado a Hator, cuja construção fora abandonada. Naquele labirinto de abóbadas inacabadas, de colunas e blocos de granito espalhados no solo, nenhum vivente se aventuraria, máxime à noite.

Diante de mim, avistei logo as maciças construções, que, esbatidas fantasticamente ao luar, apresentavam-se como gigantescas ruínas.

Saltei da montaria ocultando-a entre os enormes blocos de pedra e, piando três vezes como coruja, (sinal convencionado na carta), esperei. Logo surgia Mena e, apertando-me a mão, reconhecido, conduziu-me para o santuário da deusa, meio construído.

— Muito obrigado por teres vindo, Necho — disse com voz disfarçada — compreendes que não te chamaria a este local por coisa de somenos; trata-se de minha vida...

Surpreso exclamei, ao notar-lhe o semblante pálido e inquieto:

— De tua vida?

— Justamente, o amor perdeu-me. Seduzi Menchtu, sacerdotisa de Ísis e fomos surpreendidos no bosque, perto do lago sagrado; se os sacerdotes consegui-

rem deitar-me a mão, terei castigo horrendo, e contudo não me posso conformar em abandonar Menchtu; dá-me um conselho, Necho, porque não tenho cabeça.

Estimava Mena sinceramente, como homem leal e generoso, apesar das suas paixões violentas. Resolvi, de pronto, fazer tudo para salvá-lo.

Depois de pensar um momento, disse-lhe:

— Ouve-me — é preciso fugir o mais depressa possível, porque nada podes fazer em favor de Menchtu. Penso ter tido uma feliz idéia: amanhã sai para a Síria uma grande caravana; o chefe é pessoa de confiança, discreto e sobrinho do nosso antigo intendente; prepararei tua partida com essa caravana que passará por aqui. Só não sei se convirá daqui partires, ou se deva levar-te para minha casa...

— Silêncio! — interrompeu Mena segurando-me as mãos — e, na calma da noite, ouvimos então, distintamente, passos de gente que se aproximava e o murmúrio de muitas vozes.

— Silêncio! — repetiu Mena, levando-me para um nicho profundo, onde nos agachamos, inteiramente encobertos pela escuridão.

Passado algum tempo, vários homens embuçados surgiram à nossa frente.

Uma voz profunda e metálica disse:

— Aqui poderemos conversar à vontade, porque ninguém, salvo os chacais, visita este terreno, onde não há a temer a presença de espiões.

Quem assim falava era um homem de imponente estatura, ultrapassando a dos companheiros. Deu alguns passos à frente e tirou a capa. A lua iluminou em cheio um rosto notável, que, visto uma vez, não mais se poderia esquecer: longos cabelos escuros e cerrada barba enquadravam traços pronunciados e regulares; espessas sobrancelhas se reuniam à raiz do nariz aquilino, e sombreavam uns olhos severos e sombrios. O conjunto dessa fisionomia era a personificação da energia e da inteligência. Como fascinado, eu fitava o imponente personagem, que ainda não me fora dado encontrar. Sua conversa atraiu de pronto toda a minha atenção; eu não falava perfeitamente o hebraico, mas minha ama, judia, algo me ensinara desse idioma (de resto, conhecido por muitos egípcios), o que me permitiu apanhar a conversa.

Dizia a voz sonora:

— Irmãos — Jeová está convosco, para que se cumpram os destinos preditos ao nosso povo; mão sábia e hábil deverá libertar-vos do jugo, para fundar um novo reino, onde cada hebreu viverá sob as leis justas e misericordiosas e não sob abominável tirania. Não é revoltante que todo um povo trabalhe e, com o suor do seu rosto, permita que outro se farte nos prazeres e na indolência? Que funde cidades e construa monumentos que causarão inveja à posteridade e atravessarão

os séculos como padrões de arte egípcia, conquanto erigidos por mãos dos nossos patrícios maltratados?

Um murmúrio de aprovação percorreu a assembléia.

— Não ignoro — continuou — que é uma luta de gigantes a que vou empreender contra o Pharaó e os sacerdotes, porque é o nosso povo que os sustenta por toda parte. Nos campos como nos vinhedos, nos lares como nas obras públicas, vemo-nos de lombo curvo sob o bastão egípcio. Mas não desespereis, meus irmãos, o Deus único e poderoso que me salvou das águas do Nilo e permitiu que os nossos próprios inimigos me colocassem nos seus Templos para lhes aprender a ciência e a sabedoria; esse mesmo Deus me dará a força e as armas necessárias à libertação do meu povo, porque assim me foi prometido lá no deserto. Na próxima assembléia, a reunir-se noutro local, que designarei — porque nunca é demais a máxima prudência — marcarei o dia de minha apresentação a Mernephtah.

Um dos anciãos falou em tom de aprovação:

— Nossas preces te acompanharão, Moisés.

Passaram, depois, a discutir diversas providências para estabelecer estreita ligação entre todas as tribos e fazer chegar, rapidamente, a todas elas, as ordens do chefe. Dispersaram-se logo.

Quando cessaram os últimos passos, saímos do esconderijo.

— Conspiração curiosa — disse a Mena. Que pensas? Não seria prudente avisar o rei? Mas, quem poderá ser esse Moisés, que pretende apresentar-se a Mernephtah com tão absurda proposta? Imagino como será bem recebido...

— Segundo o que disse sobre sua miraculosa permanência na superfície das águas do Nilo, sou levado a crer que se trata do filho adotivo da princesa Thermutis, que pescou o tesouro quando se banhava e o protegeu até a morte, com uma tenacidade muito feminina. Foi meu pai quem me contou isso — acrescentou Mena; — ele conheceu Thermutis na sua mocidade e não gostava dela. — Há trinta anos passados, mais ou menos — continuou Mena — Moisés foi banido por haver assassinado um egípcio; agora esquecido, quer apresentar-se pessoalmente ao Pharaó. Creio não ser preciso avisá-lo e mesmo não poderias explicar tua presença aqui, porque assim me comprometerias.

— Tens razão. Tratemos de ti. Que recomendações tens a dar-me com relação à tua irmã, que ficará inteiramente só? Naturalmente com o tempo e muito dinheiro, poderás acalmar os sacerdotes e regressar um dia, Agora o que é necessário é garantir o presente. Para não despertar suspeitas, mandar-te-ei grossa quantia do meu bolso, e mais tarde me indenizarás.

Mena conservava-se cabisbaixo.

Pesaroso ele falou:

— Minha pobre Smaragda, tão jovem e tão bela, quão ingênua, não poderá viver solitária, precisa casar-se. Escuta, Necho; dois egípcios requestam-lhe a mão. Um é ó nosso antigo condiscípulo Pinehas, homem sombrio, calado e até, dizem, dado à feitiçaria; o outro que suponho muito do agrado de minha irmã, é Rhadamés, condutor do carro de Pharaó; não é rico, mas estimado por Merneph-tah e, em consequência do meu desaparecimento, nossa imensa riqueza reverterá unicamente para Smaragda. É a este que escolho e peço transmitires à minha mana este meu último desejo.

Rapidamente tirou tabuinhas e escreveu: "Preciso exilar-me e te concedo a mão de minha irmã; protege-a, até que um dia venha pedir-te contas da felicidade dela".

— Envia-lhe estes escritos amanhã cedo; penso poder confiar nele. Não me trairá... comunica depois a Smaragda.

Conversamos, ainda, sobre vários pormenores, ficando definitivamente assentado que partiria com a caravana para a Síria e de lá mandaria notícias. Separamo-nos e voltei para casa agradecendo aos deuses me haverem livrado de um amor como esse, que perdera o pobre Mena.

Na manhã seguinte, fui à casa de Rhadamés, que morava em companhia de sua mãe e duas irmãs. Casa de modesta aparência, mas ornamentada exterior e interiormente com pretensões de elegância. O condutor do carro já havia saído para o palácio e foi lá que o encontrei para entregar a mensagem. Lendo as palavras de Mena um clarão de alegria e triunfo iluminou-lhe o semblante duro e impassível; mas, logo procurando dissimular essa impressão, apertou-me a mão:

— Agradeço-te, Necho, a boa notícia que me trouxe, mas onde está Mena?

Nunca depositei grande confiança em Rhadamés, e o olhar dissimulado e penetrante com que me fez a pergunta reforçou minhas presunções.

— Não é conveniente dizê-lo aqui onde tantos ouvidos indiscretos podem ouvir-nos, — respondi evasivamente, e logo me afastei.

Fui ao palácio de Mena, porque tencionava, a todo custo, falar com Smaragda antes que Rhadamés se apresentasse.

Ao chegar diante da porta ornada de esfinges e bandeiras, alguns escravos ricamente trajados se precipitaram para deter o veículo e me ajudar a descer. Eu não era, evidentemente, o primeiro visitante, porque também lá estava uma elegante liteira; e quando perguntei se poderia falar à irmã de Mena, um velho mordomo respondeu, respeitosamente, que a senhora se encontrava no terraço e prontificou-se a acompanhar-me.

Passamos por uma série de salas ricamente mobiliadas e, a seguir, extensa galeria, sustentada na parte externa por colunas cuja pintura imitava palmeiras. À entrada dessa galeria, troquei um aperto de mão com um jovem já conhecido, por já havê-lo encontrado várias vezes em outra casa. Chamava-se Omifer e era fabulosamente rico, mas de linhagem medíocre, pelo lado materno. Nesse momento, sua bela fisionomia irradiava contentamento e os grandes olhos negros espelhavam radioso triunfo, que me fez pensar:

— Se foi tua entrevista com a bela Smaragda que te pôs tão contente, logo te sentirás desencantado, pobre Omifer; quando o insulso e tirânico Rhadamés aqui mandar, este palácio perderá muito do seu encanto...

Terminava a galeria no vasto terraço aberto para o jardim. Esse era ornamentado de cortinas raiadas de vermelho e branco e literalmente ensombrado pelas flores mais raras. Numa espécie de bosque havia uma mesa rodeada de cadeiras do ébano com incrustações de ouro e marfim. Lá deparei a bela Smaragda, tão abstrata que nem deu pela minha chegada.

A irmã de Mena era uma criatura realmente encantadora, esbelta e delicada. Herdara da genitora uma tez de alvura incomparável, realçada por cabelos e olhos de azeviche; traços mimosos e infantis. Entretanto, um friso de ironia, que por vezes lhe retraía os lábios róseos, o olhar acerado e a mobilidade das narinas, indicavam a mulher enérgica, dotada de paixões ardentes.

Estava radiante e toda sua atenção se concentrava em maravilhosa cesta, onde, como em coxim de flores, figuravam magnífico colar e precioso diadema ornado de esmeraldas de tamanhos invulgares.

Seria presente de Omifer... — pensei — e eu que lhe vinha anunciar que estava prometida a Rhadamés! Fatal incumbência!

A voz do mordomo, que de braços cruzados, me anunciou, Smaragda levantou-se e recebeu-me amavelmente. Falamos, a princípio, de coisas superficiais, pois custava-me abordar o assunto, na verdade inoportuno para o momento. Finalmente, pedi que afastasse os criados, porque cumpria confiar-lhe coisas graves.

Surpresa, despediu o anão e as damas de companhia, conservando apenas a velha ama que a abanava, acocorada a seus pés. Então, em poucas palavras, expus a tragédia de Mena e o desejo que manifestava de vê-la casada com Rhadamés.

Ao ouvir tais palavras, sua fisionomia tomou súbita expressão de cólera e contrariedade.

— Não quero Rhadamés, nem o aceitarei — exclamou de rosto esfogueado. Que idéia de Mena! Dispor da minha pessoa, como se eu fosse um camelo ou um

escravo!

— Mas — objetei — ele supõe que tu o amas e o escolheu de preferência a Pinehas, que te é antipático.

Ela baixou os olhos e sacudiu nervosamente a echarpe vermelha, bordada a ouro, que lhe cobria os ombros.

— Sim — amei-o até... isto é, pensei que o amava... mas, agora não! Nunca!

Cobriu o rosto com as mãos e desatou a soluçar.

Vendo essa cena a velha ama, largando o leque, abraçou os joelhos da jovem senhora e pôs-se a lamentar desesperadamente. Eu também sentia-me constrangido.

Tocando-lhe no braço, disse:

— Smaragda, enxuga as lágrimas e ouve um conselho do amigo: evita ofender Rhadamés, que possui engodos pelas quais tua mão lhe foi confiada e que, por outro lado, lhe revelam o segredo de Mena. Será neste que se vingará, se preferires um outro. És bela e rica e Rhadamés, que é vaidoso, mau e pobre responderá a uma recusa com a perda e a desonra do teu irmão.

Ela ergueu a cabeça e disse com tristeza:

— Tens razão, Necho, não posso romper abertamente. Mas preciso ganhar tempo, até que Mena esteja em segurança. Tratarei, então, de mim.

Um pequeno nubiano apareceu naquele momento, esbaforido, no terraço, anunciando que o carro do nobre Rhadamés acabava de parar à porta.

— Que seja bem-vindo; acompanha-o até aqui — disse Smaragda dando-me uma prova da dissimulação extraordinária de que são capazes as mulheres.

Rapidamente, as jóias desapareceram de entre as flores e entregando a cesta à ama, acrescentou:

— Leva daqui estas flores, cujo perfume aborrece-me.

E aproveitando o momento em que a ama se afastara, murmurou:

— Se és meu amigo, nem uma palavra sobre o meu descontentamento e meu amor a outro.

Ajeitou-se na cadeira e tomando no prato um bago de uva, pôs-se a chupá-lo com ar displicente.

Achava-me ainda admirado com aquela atitude, quando Rhadamés entrou alegre, seguido de dois escravos sobraçando enormes cestas.

Jogando às mãos de um criado a capa e o capacete, foi ajoelhar-se diante de Smaragda.

— Caro amor — disse, abraçando-a e beijando-lhe a face — teu irmão abençoou o nosso amor e me concedeu o direito de proteger-te.

Levantou-se, acenou aos escravos para que se aproximassem e depusessem as cestas aos pés da jovem.

— Recebe esta insignificância, que espero ver-te usar, um dia.

Aproveitando o momento em que Smaragda inclinava-se, pálida mas sorridente, sobre as cestas cheias de sedas, jóias e preciosos frascos de perfumes e cosméticos, Rhadamés tirou da cintura uma bolsa que atirou aos escravos e, risonho, afivelou no pescoço da ama um cordão de ouro.

Antes que houvesse terminado meu copo de vinho, em homenagem aos noivos, Rhadamés arrastou a cadeira para junto da futura esposa e lhe disse com ternura:

— Fui informado da desgraça sobrevinda ao teu pobre irmão e considero dever de honra tudo envidar para socorrê-lo; vejamos, pois, como proceder. Necho, que lhe conhece o paradeiro, tem a palavra.

Posto assim em evidência, expus o mais sucinta e evasivamente o plano por mim idealizado.

Rhadamés sacudiu a cabeça em sinal de aprovação.

— Não se poderia conseguir nada melhor; as caravanas partem todos os dias, em todas as direções e quem o descobrirá entre elas? Uma vez fora do Egipto, estará garantido.

Smaragda tudo ouvira suspeitosa, de cenho carregado.

— Escuta, Necho, uma coisa — disse ela por fim. — Vou carregar dez camelos, de ouro e objetos preciosos e indispensáveis; um velho escravo, fiel como um cão, os levará e tu te Incumbirás de os incorporar à caravana, sem despertar suspeitas, pois eu não posso consentir que meu pobre Mena permaneça no exílio sujeito à pobreza e passando privações.

— Isso é fácil. Logo à tarde, mandarei pessoa de confiança levar os camelos ao pouso da caravana.

Ao ouvir as palavras de Smaragda, Rhadamés franziu a testa e corou como um pimentão. Compreendi que temia perder as riquezas que lhe pareciam imensas, porque sua avareza era conhecida.

— Deixa que te observe — disse ele, esforçando-se por conservar um tom de voz conciliador — que assim te desfazes de coisas cujo valor mal podes apreciar; sabes quanto valem dez camelos carregados de riquezas? Não há dúvida de que, a todo momento, poderemos enviar recursos a teu irmão, mas não uma fortuna de uma só vez. Tu não entendes de negócios, minha querida, e como Mena me constituiu teu protetor, torno-me automaticamente gestor dos teus bens e não posso autorizar um tal desperdício.

Lábios desdenhosamente crispados, um clarão sinistro a jorrar-lhe os olhos, Smaragda levantou-se.

— Sempre soube governar minha vida e não serás tu quem há de cassar-me este direito! Recusas dez camelos carregados de riquezas ao senhor deste palácio! Aquele a quem deves quanto esperas? Tranquiliza-te, pois mesmo sem esses dez camelos, ainda sobrarão muitos haveres na casa de Mena, para manter seu esplendor.

Deu um passo para sair, mas Rhadamés já tinha caído em si e reteve-a, dizendo:

— Smaragda, perdoa. Estamos de acordo, faze como quiseres pois que meu amor é desinteressado.

O olhar equívoco e o tremor de seus lábios contradiziam as ternas palavras. Sem dúvida, a dissimulação lhe custava tanto, que se levantou para sair, pretextando serviço no palácio.

— Ficai cientes — acrescentou — de que a caçada marcada para amanhã foi transferida, em vista do acidente havido com o herdeiro, que, ao descer uma escada, escorregou e luxou o pé.

Conversamos ainda um pouco a esse respeito, mas Smaragda manteve-se calada. Logo que ele desapareceu, ela deixou-se cair na cadeira com um suspiro abafado.

— Que insolente! — disse comprimindo o seio ofegante — cedo se desmascara! Que fazer para desembaraçar-me dele? Tenho uma idéia. Seti, o herdeiro do trono, me quer muito bem, prestando-me sempre muita atenção; vai procurá-lo, Necho, confia-lhe tudo, suplicando em meu nome que me socorra se for possível.

Foi banhada em lágrimas que me fez esse pedido e eu prometi ir sem demora ao palácio, tanto mais quanto precisava apresentar a Seti o meu pesar pelo acidente que sofrerá.

Assim dirigi-me ao pavilhão ocupado pelo herdeiro e fui, sem demora, levado à sua presença.

Estava na grande sala contígua ao terraço. A um canto, sobre um estrado, estava o leito de ouro maciço, e, sobre almofadas de púrpura e peles de leão, Seti deitado. Belo rapaz, esbelto e elegante, mas cuja fisionomia altiva e olhar profundo, davam sempre a idéia da sua dignidade. O pé machucado estava envolvido em ataduras, mas parecia não lhe causar maior sofrimento, de vez que acompanhava com visível interesse os trejeitos de um prestidigitador acocorado no tapete.

Para não incomodá-lo, meti-me entre a multidão de oficiais e cortesãos que enchiam a sala e, somente quando ele me fixou, aproximei-me e o saudei respei-

toso.

Falou-me com bondade e aproveitei o ensejo para dizer que tinha a incumbência de lhe transmitir, em particular, uma petição feminina. Sorriu e, com um gesto, ordenou que saíssem todos, passando a ouvir-me atentamente.

Quando terminei, disse:

— Sinto que este acidente me impeça de falar pessoalmente à bela Smaragda, mas outra coisa não lhe poderia dizer senão isto, que peço transmitir-lhe. Sou de opinião que ela se conforme com o inevitável, porque, dado o caráter de Rhadamés, este lhe moverá tremenda guerra e não cederá. Se, ainda assim, ela fizer questão de esposar Omifer, de quem tenho boas referências (e com o que poria termo a velhas rixas), deverá fugir e opor ao noivo indesejado o fato consumado do casamento, o que não deixa, aliás, de ser uma solução perigosa, por vários motivos, além de que o rei, como sabes, muito estima Rhadamés e poderá levar a mal a afronta ao condutor do seu carro.

Cumpria-me ficar satisfeito com essa resposta, porque o príncipe me despediu e voltou-se para um harpista que acabava de entrar.

Ao descer do estrado, notei aborrecido, que um oficial de nome Setnecht, ajudante de ordens do príncipe herdeiro, me observava desconfiado. Felizmente, nada pôde ouvir da conversa. Setnecht era primo de Rhadamés.

Cheguei à casa cansado e com fome e lá soube que todos já tinham almoçado e se encontravam no terraço. Mandei que me servissem a refeição no quarto, e depois de ligeiro repouso, reuni-me aos meus familiares.

Estavam todos reunidos em torno do hóspede, que falava com grandes gestos e parecia despertar grande interesse com a sua loquacidade.

O visitante era um bom amigo, que não via há várias semanas, porque tinha ido a negócios, à cidade de Ramsés. Homem dos seus trinta e cinco anos, mais ou menos, gordo e algo pretensioso, mas amável, bem falante e muito abastado. Chamava-se Chamus. Ele apenas me inspirava fraca simpatia, mas minha mãe apreciava-lhe a palrice e eu sabia que ela desejava casá-lo com Ilsiris.

Chamus cumprimentou-me cordialmente e, quando pretendi saber o que narrava e suscitava tanto interesse, disse, com ares de mistério, que estava investigando uma grande conspiração, cuja descoberta tornaria Pharaó e o Egipto reconhecidos à sua atuação. As idéias lhe galopavam sem freios, vendo-se já como o falecido José, que salvara o país da fome, num carro triunfal cingindo o colar de honra, com anel da própria mão do Pharaó, precedido de batedores a proclamarem-no salvador da pátria.

Desconfiado, perguntei-lhe como havia descoberto a pista da conjura que se

propunha denunciar.

— Foi em Ramsés — devo dizer que, aborrecido com a vida que levava nessa cidadezinha, eu alimentei as fantasias de uma jovem judia, que se tomou de frenética paixão por mim. Por muito bonita, não a repeli. O mais interessante é que Léa devia ocultar o seu amor, porque o pai, velho muito rico, tem ridículas idéias sobre a virtude e foi precisamente devido a esses preconceitos que descobri a conspiração.

Tudo aconteceu poucos dias antes do meu regresso. Léa desesperada por não me ver durante uma semana, mandou-me um bilhete marcando encontro em certo lugar secreto, de cuja entrada fornecia minuciosa descrição. Na noite combinada, lá fui ter, pois bem sabes que sou destemido, máxime em assuntos amorosos, nos quais sou ousado até a loucura. Dá-se que essa entrada misteriosa era uma velha cisterna esgotada. Numa das paredes, rodava uma pedra sobre gonzos ocultos, com acesso a galerias e cavernas subterrâneas. Lá me aguardava Léa, que disse arriscar a própria vida ao revelar-me aquele esconderijo, onde seu pai e parentes guardavam o que possuíam de mais precioso.

Acomodamo-nos em enorme caverna abarrotada de cofres e cubas, e onde vinha dar uma escada de pedra. Estávamos no melhor da entrevista quando ressoaram passos ao longe. Ela me levou para um canto onde nos acocoramos atrás de duas grandes cubas, apagando a lâmpada. Prontamente, luz e passos se aproximaram e o grupo espalhou-se na caverna. Eu tudo observava por uma fresta entre duas cubas e reconheci no primeiro que chegava, Abraão, pai de Léa, depois um homem alto, de aspecto distinto, rosto pálido emoldurado de cabelos pretos e espessos como uma juba de leão, e olhos que também lembravam pelo brilho e expressão, o rei dos animais.

Comecei a prestar mais atenção à narrativa de Chamus. Se o homem que ele acabava de descrever fosse Moisés é claro que, antes de vir a Tanis, teria pregado a revolta em Ramsés e a coisa se complicava.

— Ouço-te com toda atenção. Continua, pois — disse a Chamus, que fizera uma pausa abanando-se com afetação.

— Caro amigo — secundou minha mãe — não nos faças esperar pelo que tanto nos interessa, pois suponho que esses miseráveis querem atentar contra a vida do nosso grande Mernephtah, a quem concedam os deuses longa existência, glória e saúde.

Chamus continuou:

— O velho Abraão pendurou o archote na parede e todos, cerca de doze pessoas, acomodaram-se como lhes foi possível. Arrependo-me de saber muito

pouco a língua hebraica, pelo que muitas palavras me escaparam. Entretanto, ouvi o bastante para saber que o personagem destacado de que falei era Moisés, nem mais nem menos que o menino judeu salvo do Nilo pela princesa Thermutis. O que ele disse, compreendi muito bem, porque sua pronúncia é lenta. Falou longamente; depois, referiu-se a um deus chamado Jeová, que lhe apareceu no deserto e ordenou que se dirigisse a Mernephtah — que os deuses conservem — a fim de o dominar por milagres. Disse ainda, que um brilhante destino aguardava os hebreus, que fundaram, não sei onde, um reino de que ele, Moisés, era o soberano, sem dúvida... Ah! Ah! Ah! Um reino de judeus, que idéia extraordinária não achas?

Falaram ainda muito, porém tão rapidamente que nada pude entender. Naturalmente, tratava-se dos milagres que deveriam impressionar Pharaó, porque trouxeram grande cesta que depuseram aos pés de Moisés, e donde este retirou enorme serpente, segurando-a pelo meio. Como a luz do archote o iluminava em cheio, pude notar que depois elevou os braços e fez um apelo a Jeová. A seguir, voltou a olhar com terrível fixidez o animal, enquanto com a mão livre, meio fechada, parecia acariciar lentamente todo o corpo do réptil.

Fato estranho! A serpente eriçou-se e transformou-se em um bastão, com o qual ele bateu na cuba que me ocultava. Depois, o passou aos assistentes para examiná-lo, e, quando lhe voltou às mãos, aplicou-lhe novamente gestos, pronunciando estas palavras: — “Em nome de Jeová, retoma o teu estado!”

Imediatamente o animal agitou-se enroscando-se em espiral.

Outras experiências foram ainda feitas por ele, mas nada pude ver, porque os circunstantes se comprimiam ao seu redor e eu estava muito estarrecido para compreender o que ele dizia. Agora, estou convencido de que Moisés é um grande mágico, que quer enfeitiçar o nosso Pharaó, mas irei denunciar a Mernephtah os planos desse homem perigoso.

Em vista dessa descoberta adiei a partida de Ramsés. Quanto a Léa, não me trairá, pois, tem muito medo, sabendo que essa aventura poderá custar a vida do pai.

Estou agora convicto de que Moisés tem um grande plano bem urdido, mas não querendo revelar que também já o havia surpreendido aqui, deixei que continuassem a comentar a narrativa de Chamus e retirei-me para meu quarto, porque já se fazia tarde e, de um momento para outro poderia chegar o portador de Smaragda com os dez camelos. Havia prevenido o nosso velho intendente, e com a sua ajuda tudo consegui. Os camelos foram incorporados à caravana.

Ao escurecer, fui para as ruínas abandonadas do Templo de Hator, onde

Mena aguardava-me. Com a notícia de que lhe trazia uma fortuna e o seu velho e fiel escravo, tornou-se visivelmente calmo e animoso, abraçou-me calorosamente e incumbiu-me de agradecer à irmã.

Alguns instantes depois, o fiel nubiano abraçava os joelhos de Mena, com lágrimas de contentamento. Trocamos um último aperto de mão e o amigo cavalgou o camelo, acompanhando a caravana.

Permaneci de pé seguindo-os com a vista até desaparecerem na bruma. Suspirando, montei o cavalo. Não sabia que, nesta existência, não mais reveria o amigo.

Na manhã do dia seguinte, procurei Smaragda para informá-la da partida do irmão e também da resposta de Seti. Senti-me desagradavelmente surpreendido de ali encontrar Rhadamés, o que me impediu de desempenhar meu intento. Contudo Smaragda soube, por iniciativa própria, afastá-lo um momento, que aproveitei para tudo dizer.

— Compreendo. Seti tem razão, — ela falou empalidecendo — esse insolente me espiona e começo a detestá-lo.

A chegada de Rhadamés interrompeu a confidência e logo me despedi.

Passados dois dias, o Pharaó dava nova audiência pública. Eu estava de serviço e me postara junto ao trono. Um pouco distante, incorporado ao séquito, vi Chamus que se tinha apresentado ao grão-mestre da Corte, solicitando uma audiência particular, para revelar ao rei importante segredo.

A audiência estava prestes a terminar, quando entrou na sala um grupo de pessoas e qual não foi meu espanto reconhecendo Moisés à frente, seguido de um homem de porte médio, fisionomia velhaca, astuta e vários anciãos hebreus. A expressão aflitiva de Chamus convenceu-me de que também ele acabava de identificar o conspirador.

Ao ficar em frente ao trono, Moisés parou sem fazer as saudações obrigatórias.

O Pharaó olhou-o com espanto e desagrado, e perguntou bruscamente:

— Quem és e o que queres?

O olhar coruscante de Moisés fixou-se em Mernephtah, mas fosse porque se perturbasse com a gravidade do momento, ou com a presença do rei, o certo é que só depois de prolongado silêncio, respondeu vagaroso, com certa dificuldade:

— O Deus de todos os deuses, Jeová, que o povo de Israel adora, enviou-me à tua presença para pleitear a libertação dos hebreus, e para que o deixes partir para o deserto oferecer-lhe sacrifícios, porque Israel é o povo escolhido e amado por Jeová, acima de qualquer outro.

— Os hebreus estão ocupados em trabalhos úteis, que não Interromperei para facultar passeios ao deserto — respondeu Mernephtah tranquilamente.

Os olhos de Moisés lançaram chamas.

— Sim, é verdade e eles sucumbem aos milhares nos trabalhos úteis com que os egípcios os sobrecarregam. Tu te julgas grande e poderoso rei. Desprezas como impuros os meus irmãos; entretanto, nem tu, nem os teus súditos, desdenham alimentar-se à custa do seu suor. Sacrificas aos teus deuses, que recompensam a virtude e a caridade. Crês que a alma culpada e cruel deve expiar seus crimes no corpo de um animal e deixas maltratar seres indefesos, criados como tu, e que, tal como os egípcios, são teus súditos e como estes últimos, trabalham para ti, aumentando teu luxo e riquezas e pagando impostos. Em compensação, vêem-se desprezados, maltratados e esmagados no trabalho. Jeová, o deus grande e único, cuja justiça iguala a sabedoria e cuja paciência afinal chegou ao fim, falou:

"Deixei passar mais uma dinastia de Pharaós sem lhes fazer sentir minha cólera, mas agora retirarei aos egípcios os homens que os sustentam e para eles trabalham, porque são injustos, ingratos e cruéis".

É Jeová quem manda dizer-te, Pharaó Mernephtah; consente na partida dos filhos de Israel para que eles lhe ofereçam sacrifícios no deserto.

Silêncio de morte reinava no grande salão.

Diante de tão insolente discurso o monarca parecia mudo. Depois, vivo rubor esfogueou-lhe a face e os olhos fuzilaram. Nós próprios estávamos de armas prontas, acreditando que ele ia ordenar que parasse ou punissemos de morte o temerário. Mas o que sobreveio à cólera real foi um sorriso escarninho e zombeteiro.

— Que deus é esse — disse ele — que tem a pretensão de me julgar e aos meus antepassados? Seu poder não me inspira temor nem respeito, de vez que se proclama pai e protetor de um povo tão preguiçoso, qual o de Israel, criados para o cativeiro, tanto que procria rapidamente, a ponto de não se saber o que fazer de tanta gente que nasce.

O que é nobre é raro: entre milhares de bois encontra-se um Apis. A massa é sempre vulgar. Desiste, pois, de importunar-me com o teu deus.

— Não desdenhes Jeová, grande rei! — disse então com voz clara e fácil o companheiro de Moisés (eu soube mais tarde que se tratava de seu irmão Aarão); o poder desse Deus é imenso e poderás ter a prova sem mesmo te afastares desse trono.

Moisés atirou no mesmo instante o bastão no assoalho e ergueu os braços. Vimos Mernephtah estremecer, e todas as cabeças se inclinarem para a frente e

um grito de espanto partiu da assistência. Uma serpente deslizava nos degraus do trono, silvando e contorcendo-se em espirais. Então, Moisés abaixou-se, agarrou o animal pelo meio e passou a outra mão pelo seu corpo, tal como havia contado Chamus. A serpente transformou-se novamente em um bastão cinzento, com o qual bateu fortemente no assoalho.

Todos estavam inquietos e pálidos; apenas Mernephtah havia recobrado a calma.

— És um grande mágico — disse — mas não vi o poder do teu deus.

Moisés retrucou:

— Olha minha mão, está inteiramente sã? E metendo-a nas vestes, retirou-a pouco depois coberta de chagas leprosas.

O rei recuou com asco. O profeta tomou a colocar nas vestes a mão e retirou--a completamente limpa e sã.

Erguendo a cabeça e encarando Moisés com olhar perquiridor, disse Mernephtah:

— Tu te dizes o enviado do grande deus dos hebreus e que o desejo dele e teu, é levar esse povo para o deserto. Mas, consultaste os filhos de Israel que aqui vivem há séculos, fartos, sem que nada lhes falte? Quererão eles acompanhar-te?

— Queremos! — responderam em uníssono os anciãos que acompanhavam Moisés e o irmão.

— Então, consultaste-os, recebeste-lhes as observações e explicaste as vantagens de uma mudança? Porque não posso crer sejam teus irmãos tão imprudentes para concordarem, sem conhecer de antemão, todas as possibilidades da empresa.

Ao ouvir essa pergunta insidiosa, Moisés voltou-se vivamente para trás, pretendendo impor silêncio aos companheiros, mas fê-lo tardiamente, pois já um sim havia escapado.

Admirando a habilidade de Pharaó e todas as cabeças se esticaram avidamente, quando ele prosseguiu com desdenhoso sorriso:

— Dize ao teu deus, enviado do grande Jeová, que, se o seu poder não vai senão ao ponto de criar alguns conspiradores, que excitam habilmente uma legião de preguiçosos que muito pouco produzem, então, o povo escolhido não sairá jamais do Egipto. Darei ordens para que esses ouvidos ociosos tenham outras ocupações que não ouvir discursos deletérios e sediciosos. Vai-te e leva ao teu Deus esta proposta de Mernephtah.

Altivamente levantou-se, demonstrando, assim, que dava por encerrada a recepção. Lentamente desceu os degraus do trono e passou junto dos hebreus

sem lhes dar a honra de um olhar.

Braços cruzados, Moisés seguiu o rei com olhar bastante estranho.

— Retornarei — disse com voz surda mas bastante forte para que todos ouvissem, e voltando-se, saiu acompanhado dos anciãos hebreus.

Em seus aposentos, o Pharaó despediu a comitiva, com exceção de alguns altos dignatários, conselheiros e oficiais de serviço. Despiu as insígnias reais e pôs-se a caminhar de um lado para outro, pensativo. Por fim, atirou-se numa poltrona e tomando tabuinhas de sobre a mesa, disse:

— Enviai imediatamente ao herdeiro e dizei que venha até aqui.

Depois de escrever qualquer coisa e entregando a um dos conselheiros, acrescentou:

— A conspiração que nos revelou o insolente, hoje, Aahmés, não é de pouca importância como parece. Providencia, pois, para que as ordens agora expedidas sejam executadas o mais depressa possível, e que todos os chefes e fiscais dos hebreus, assim como os governadores das cidades onde eles residem, sejam convocados para uma reunião que eu próprio presidirei.

Saiu Aahmés e o rei, apoiando os cotovelos nas almofadas, pôs-se a pensar com ar sombrio e cenho carregado.

A entrada do herdeiro fê-lo erguer a cabeça. Evidentemente, o príncipe já estava inteirado da ocorrência, porque seu rosto altivo estava pálido e os lábios contraídos. Com o passo rápido dirigiu-se para o rei, beijando-lhe a mão, e agradeceu a cadeira que este lhe indicou, permanecendo encostado à mesa para dizer com voz vibrante de paixão mal contida:

— Não deixes sair os hebreus, pai, pois isso seria a ruína do país!

— Acalma-te; eles não partirão jamais. Como, porém, impedi-los de murmurar, conspirar e desejar a liberdade? Seu número é considerável e uma sedição é sempre perigosa.

Com uma expressão fria e cruel ele respondeu:

— O chicote e o trabalho dobrado mudarão suas idéias. Os desejos e projetos de viagem — disse com voz imperiosa — desaparecerão com a falta de tempo e as fadigas. Eles se considerarão felizes em aproveitar o que lhes sobrar para o repouso.

Mernephtah levantou-se prazenteiro e bateu no ombro do príncipe:

— Vê-se bem que és meu filho. A mesma divindade nos inspirou. Já dei ordens para se reunirem os governadores e fiscais dos hebreus e vamos estabelecer os trabalhos que lhes deverão corrigir o desejo de conspirar. Moisés e o grande Jeová ficarão impotentes.

— Por que não mandas prender esse perigoso intrigante? — perguntou Seti.

— Porque não convém atribuir-lhe o papel de vítima, a fim de não excitar o interesse que essa condição desperta. Sua incapacidade torna-lo-á desprezado. O malogro dos seus grandes projetos o tomarão detestado. Deixemos este assunto por hoje, tanto que desejo divertir-me com uma caçada; que tudo esteja pronto e se teu pé o permitir, irás comigo.

E Mernephtah, cujo espírito inquieto não gostava de se demorar muito tempo num mesmo assunto, falou alegremente da caçada e da excelência dos seus cães.

O herdeiro pediu que lhe desculpasse, pois não poderia acompanhá-lo. Após a partida do rei (que escolheu ele próprio os que deveriam segui-lo), solicitei e obtive do meu chefe uma dispensa até o dia seguinte.

Ao chegar à casa, encontrei os meus reunidos; Chamus lá estava e naturalmente não acabava mais de falar dos acontecimentos que testemunhara.

Quando entrei, ele ainda comentava o atrevimento do judeu impuro, a insolência do seu discurso, a dignidade de Mernephtah e a impressão própria e dos demais que assistiram à memorável audiência.

Minha mãe e minha irmã crivaram-me de perguntas, apenas dando tempo de tomar um copo de vinho.

Um grande conselho vai ser convocado — disse eu —, Aahmés levou ao governador da cidade uma ordem para convocar quanto antes os chefes e fiscais dos hebreus, cujos trabalhos serão regulamentados, pois tanto Mernephtah quanto Seti são de opinião que é preciso fazer abortar essa conspiração, não deixando aos hebreus, tempo para ouvirem discursos subversivos.

— Tem muita razão — redarguiu meu pai — essas hordas impuras trabalham muito pouco, mas, sabes se o conselho será secreto?

— Não sei dizer-te. Além dos funcionários que já nomeei, convocaram também os principais sacerdotes, porque o tal Moisés é um grande mago e é perigoso meter-se com essa gente sem o auxílio dos sábios.

Por muito tempo conversamos sobre todos esses assuntos. A inquietação era grande, na previsão de calamidades. Minha mãe me recordou as terríveis previsões que lhe havia contado a nobre Herneka e ficamos sabendo que Chamus ouvira a mesma coisa em Thebas, da boca de um primo, sacerdote de Amon.

Passados dois dias, o Pharaó resolveu ir ao templo de Rá para sacrificar ao deus de sua devoção, porquanto, na tarde desse dia, deveria congregar o grande conselho.

Quando o rei descia do carro para tomar a barca, um grupo de homens foi ao

seu encontro. Eram Moisés e seus companheiros, pelo que, logo empunhamos as espadas, mas Mernephtah fez sinal para que ficássemos calmos e perguntou com desdenhosa firmeza:

— Que queres ainda, Mesu? Já não tiveste minha resposta?

O hebreu fixou seus olhos no rei com tal insistência que parecia devorá-lo e, depois dessa contemplação silenciosa, disse:

— O que pretendo é sempre a mesma coisa. Deixa partir o povo de Israel; o grande Deus que me envia assim o exige; seu poder é sem limites e isso ele te provará. Hoje eu ainda peço e suplico, mas livra-te da minha ameaça e treme diante do castigo à tua teimosia.

Enquanto falava, os olhos despediam chispas e pareciam pregados nos do rei. Mernephtah estava como que oprimido, seu olhar amortecia, e por vezes passava a mão pela fronte.

Moisés continuou tomando à pequena carregadora de água o cântaro que trazia à cabeça:

— Vê, a vontade do meu Deus pode mudar em sangue esta água pura e límpida...

Despejando o cântaro, todos vimos, trêmulos, grosso filete de sangue espalhar-se no solo. Gotas cintilantes ao sol, como rubis, ainda ficaram matizando as bordas do vaso.

— Quero prevenir-te, pois, que se continuares retendo o povo escolhido, Jeová mudará em sangue as águas do Nilo; os peixes morrerão e tudo será empestado.

Pálido e imóvel, como fascinado pelos olhos incendidos de Moisés e de seu irmão o rei tudo ouvira. Imediatamente, porém, meneou a cabeça como para aliviar um peso, corou, os olhos flamejaram e, fugindo ao olhar de Moisés, saltou para a embarcação, dizendo-lhe altaneiro:

— Tu te enganas supondo intimidar-me com os teus sortilégios; não passas de um grande mágico, mas, por tão pouco não libertarei os hebreus.

Vi Moisés bater o pé e acompanhar a barca real com olhar sombrio; depois, voltou-se e desapareceu entre a multidão.

Pharaó parecia pensativo e assim esteve muito tempo no santuário, a sós com o grão-sacerdote. Quando de lá saiu, mostrava-se desembaraçado e calmo. Gracejando amavelmente com as ameaças de Moisés e com os doces envenenados que pretendia ofertar-nos, reentrou no palácio.

Na pequena sala do conselho, brilhantemente iluminada, reuniram-se à tarde, os fiscais dos hebreus, os governadores das cidades e os mais veneráveis sa-

cerdotes, entre os quais o ilustre e sábio Amenofis, da casa de Seti, pessoalmente conhecido do monarca e por ele distinguido. Eu e outros oficiais da guarda vigiávamos as portas.

Presentes todos os convocados, Mernephtah entrou acompanhado do herdeiro, ocupando o trono, enquanto o filho tomava assento mais abaixo; os funcionários se prosternaram mas com voz musicada, Pharaó ordenou que se levantassem e perguntou, em seguida, se o conspirador já se tinha mostrado entre os operários a eles confiados.

Os chefes disseram ostensivamente que não.

— Porém, — informaram — sabiam que à noite os hebreus faziam reuniões a que compareciam provavelmente, portadores dos planos de Moisés, visto que manifestavam nas atitudes e na preguiça, imprudente grosseria e negligência, numa crescente resistência.

— Quais os principais trabalhos a que se entregam presentemente? — indagou Pharaó.

— Edificações na cidade de Ramsés, reparação de canais e preparo de tijolos para essas obras — responderam os governadores.

— Então ouvi o que resolvo e transmiti aos vossos subordinados, — disse Mernephtah — o trabalho dos hebreus deverá ser aumentado de tal maneira que o cansaço lhes tire o gosto e o tempo de conspirar; mas de que modo pensais que lhes poderíamos aumentar a tarefa diária?

— Pensamos, grande rei, — respondeu um arquiteto — que se obrigarmos a cortar eles mesmos a palha de que necessitam e que agora recebem já pronta, exigindo-lhes, simultaneamente, a fabricação da mesma quantidade de tijolos, como anteriormente, isso bastará para ocupá-los até o esgotamento.

Ainda discutiram os pormenores da providência, até que o rei levantou-se e disse, dando por finda a reunião:

— Deverá entrar em execução a partir de amanhã, o que ficou resolvido.

Passaram-se mais de doze dias sem consequências dignas de menção. Moisés e seu irmão não eram vistos em parte alguma; os hebreus trabalhavam dobrado e pareciam muito combalidos; todo mundo se tinha acalmado e eu me ocupava dos meus afazeres de família, acrescidos com a perspectiva do próximo enlace de minha irmã Ilsiris, assim triunfando a vontade materna em relação a Chamus.

Na manhã de um certo dia, achando-me de folga, meu pai me incumbiu de visitar um vinhedo muito retirado, cujo zelador tinha adoecido. À certa distância da cidade, percebi, próximo da estrada, um ajuntamento considerável. Ouvi exclamações e ameaças, enquanto braços erguidos pareciam designar algo que

eu não podia ver. Dirigi o cavalo para o local e nessa massa de gente de todas as idades, cansados e quase nus, reconheci os hebreus a carregarem palha para uma olaria.

De pé, fiscais egípcios, tranquilamente se mantinham à parte, observando o tumulto com indiferença; muito admirado, alcei-me na sela e vi, no meio do grupo, Moisés em pessoa, seguido do irmão.

A multidão furiosa o acusava; instrumentos de trabalho e pedras nas mãos erguidas, provavam que a raiva ia transformá-los em armas de agressão.

Uma voz dominando a celeuma, gritou:

— Pérfido impostor — nada podes fazer; em vez de libertar-nos apenas desencadeaste a cólera do grande Pharaó; anda a ver todas as construções e fornos de cozer tijolos, contempla a tua obra; por toda parte nossos irmãos morrem de fadiga e trabalho.

Centenas de vozes roucas e dissonantes, exclamaram:

— Matem-no.

Pensei que, se os próprios judeus massacrassem o chefe, prestariam real serviço a Mernephtah, mas não queria imiscuir-me em coisa alguma, temendo atritar-me com o grande mágico. Contentei-me em observá-lo.

Moisés parecia calmo e impassível; braços cruzados, cenho carregado, fitava com olhar profundo e indefinível a multidão enfurecida que o cercava; seu companheiro, agitadíssimo, rosto afogueado, gesticulava atrás dele, tentando certamente persuadir os mais próximos. Nesse momento, o profeta elevou a voz e seu timbre poderoso e metálico tudo abafou como um sino de bronze:

— Tende paciência e confiança em Jeová, que prometeu vos libertar, homens pusilânimes e cegos — Mernephtah pagará pela sua crueldade e teimosia; antes que o sol se erga pela terceira vez, os trabalhos não mais vos serão impostos e tereis permissão de partir.

Cessaram os gritos e clamores, e a multidão dissolveu-se entreolhando-se espantada; as pedras lhes caíram das mãos. O companheiro de Moisés, evidentemente muito inquieto, puxou-o pelo manto procurando afastá-lo o mais depressa possível; ele, porém, se desprendeu lesto e, devagarinho, dirigiu-se para a estrada, atravessando as compactas filas.

Ao passar ao meu lado, fitou-me com olhar de fogo, dizendo:

— Jovem guerreiro, dize ao teu senhor que o trabalho dobrado com que sobrecarregou o povo eleito o forçará a vir pedir-me, imediatamente, que o procure, para acabar com as calamidades que vão assaltar o Egipto.

Sem se deter continuou seu caminho e fiquei estupefato da ousadia do feiti-

ceiro, que, certo do temor que inspirava tornando-se invulnerável, ultrapassava todos os limites.

Ao regressar a casa, muito tarde, os meus já se haviam recolhido. A ninguém falei, nem vi e deitei-me fatigadíssimo; mas eis que fui despertado a gritos e empurrões. Abri os olhos sonolentos e percebi meu pai pálido e nervoso a sacudir-me, dizendo:

— Levanta-te, Necho, pois estão passando coisas extraordinárias. Todo o Egipto está como assomado de loucura, porque Typhon enfureceu-se contra nós.

— Que está acontecendo? — perguntei aparvalhado, ao mesmo tempo que me levantava. Sem dizer palavra, meu pai conduziu-me a um mirante, de cujo cimo avistava-se a rua e um bairro confinante. Inúmeras pessoas corriam de todos os lados, rasgando a roupa e dando gritos desesperados; alguns aguadeiros quebravam ás bilhas e rolavam pelo chão.

— Parece, — disse meu pai — que, ao clarear do dia, quando os aguadeiros se aproximaram para encher as vasilhas, verificaram que o Nilo se mudara em sangue; ninguém se atreveu a aproximar-se do rio sagrado; mas, coisa singular: a pequenina fonte do nosso jardim continua inalterada.

— São obras das feitiçarias desse maldito Moisés — repliquei — e devo ir já ao palácio. Aposto que todo o povo está se encaminhando para lá.

Descia a escada quatro a quatro e vesti-me enquanto atrelavam o carro. Ao atravessar uma sala, encontrei minha mãe e irmã, que vinham ao meu encontro, lacrimosas.

— O Nilo está mudado em sangue! — exclamou Ilsiris.

— Já sei; mas, por Osíris, acalmai-vos! — respondi, abraçando-as — e como temos aqui água pura, enchei todas as ânforas, bilhas e bacias disponíveis, para o caso de vir o maldito mágico a contaminar também as fontes. Vou de caminho para junto de Pharaó, que encontrará, sem dúvida, um meio de livrar-nos desta calamidade; e tão logo tenha qualquer novidade, procurarei comunicar-vos.

Açoitei os cavalos e o carro voou pelas ruas de Tanis.

Nas proximidades do palácio a multidão era tal, que com muita dificuldade consegui avançar; todos os acessos estavam invadidos pelo povo, a custo contido por dupla fila de soldados, que só deixavam passar as liteiras e carros dos dignatários que se aproximavam apressadamente. Assim, assisti à chegada do grão-sacerdote do templo de Amon, acompanhado do sábio Amenophis, e entrei atrás deles.

No interior do palácio não era menor a agitação. Por todos os lados, rostos ansiosos, grupos que conversavam gesticulando; a maior parte dirigindo-se para

o salão de recepção, onde todos se reuniam por ordem do rei.

Quando os clarins e o pregão dos arautos anunciaram a aproximação do Pharaó, fez-se profundo silêncio. Mernephtah entrou pálido e carrancudo, acompanhado do herdeiro e seguido do governador da cidade, sacerdotes e conselheiros. Ao tocar o primeiro degrau do trono, parou. Os clamores do povo que, vez em quando alcançavam a sala, lhe chegaram aos ouvidos.

— É o povo alarmado que clama; cumpre-me falar-lhe — disse ele. E atravessando salas e galerias, dirigiu-se para uma varanda que dominava a redondeza.

Ao avistá-lo, brados de alegria e esperança estrugiram da multidão e milhares de braços súplices se estenderam para ele, de quem esperavam saúde e proteção. Mernephtah ergueu o cetro indicando que ia falar. Como por encanto, acalmou-se o tumulto e reinou profundo silêncio.

— Fiéis egípcios, acalmai-vos — articulou a voz clara e sonora do nosso Pharaó — não vos deixeis intimidar pelo mágico hebreu, que nos quer compelir a entregar nossos escravos e trabalhadores. Estais de acordo com isso?

— Não, jamais! — berrou a turba.

— Ficai calmos então, e aguardai o que o conselho reunido vai deliberar. Convoquei os sábios egípcios; talvez eles possam anular essa feitiçaria; ficai tranquilos, voltai para casa e guardai cuidadosamente os poços e as fontes não contaminados.

Prorromperam em brados de aclamação e louvor e enquanto o rei voltava à sala do trono, a turba se dispersou célere.

— O mago quer nos intimidar com repugnante malefício agindo sobre o rio sagrado e a maior parte dos poços e fontes; conselheiros, que providências sugeris?

— É preferível tudo sofrer que ceder, deixando partir os judeus! — declarou o príncipe Seti com voz firme.

— Sim, sim, tudo sofrer, jamais ceder; mas, consultar os sábios: — tal foi o grito que ecoou tumultuosamente na assembléia.

— Sejam, então, convocados os sábios e feiticeiros! — ordenou o rei.

Destacou-se um grupo e defrontando o trono prosternou-se. A maior parte vestia o longo hábito branco dos sacerdotes; outros, inteiramente nus, salvo o avental que lhes cingia os rins bronzeados, pulseiras de ouro nos braços e pesados argolões nas orelhas, eram os magos.

Fez-lhes sinal o Pharaó para que se levantassem e perguntou:

— Podereis fazer aqui, diante de mim, os milagres que opera o hebreu? Vós, sacerdotes, haveis estudado na mesma escola que ele. Saberá ele mais do que vós?

Inclinaram-se os sábios e operaram diante de todos o milagre da serpente transformada em bastão; o da mão doente e, enfim, numa bacia, mudaram a água em sangue.

Satisfeito Mernephtah sacudiu a cabeça.

— Estou contente — disse — porque os meus egípcios não se deixam ultrapassar em saber por um impuro; entretanto, vossa grande sabedoria não merecerá louvores senão quando desembaraçardes o país da calamidade que o aflige.

— Grande rei, a quem os deuses concedam longa vida, glória e saúde, não poderemos fazê-lo — responderam, os sábios e magos inclinando-se — senão quando soubermos de que modo Mesu transforma a água em sangue; somente depois disso poderemos contrabalançar o seu poder.

— Que se mande imediatamente buscar o hebreu — ordenou o Pharaó.

Insensivelmente, estremeci ao lembrar que ele o havia previsto.

Um oficial apresentou-se, dizendo que o emissário tinha, por feliz acaso encontrado Moisés na rua e acabava de entrar com ele no palácio. Imediatamente, Moisés, seguido do seu inseparável companheiro, altivo e reservado estava diante do trono. Contudo, um lampejo de triunfo lhe brilhava nas pupilas, quando o olhar penetrante do rei cruzou com o dele, como se cruzam as lâminas de dois sabres.

Disse Mernephtah com sutil ironia:

— Enviado do grande Jeová, com a ajuda dos nossos deuses, os sábios que aqui estão operam os mesmos milagres que fazes, e alem disso, pretendem que o sangue que fabricam é o único verdadeiro e não o teu; prova-me de que lado está a verdade; se contigo, deixarei partir teu povo.

O companheiro de Moisés pareceu-me querer impedi-lo, cochichando-lhe no ouvido; Moisés, porém, certo da vitória, ordenou, de olhos brilhantes, que trouxessem um vaso d’água; elevando os braços, fez vários gestos, no que foi imitado pelos sábios; imediatamente, as duas vasilhas estavam cheias de sangue — sangue tão real, que o rei se viu embaraçado para decidir a quem conferir o prêmio.

— És poderoso mágico, bem vejo — disse Mernephtah, depois de confabular um instante com o grão-sacerdote de Amon, que se havia aproximado por trás do trono. Se, pois, ao fim de três dias os meus sábios não tiverem restituído ao Nilo a pureza, desfazendo tu o malefício, procura-me e os hebreus serão libertados.

Retirou-se Moisés e o rei voltou aos aposentos, acompanhado pelos conselheiros e sábios.

— Agora explicai-me — disse — como procederei?

— Grande rei — respondeu o grão-sacerdote — agora sabemos como ele opera. Ainda por três dias, teremos que sofrer, e o apodrecimento dos peixes dar-se-á como ele o disse; mas depois, tendo-lhe tu prometido a libertação de seu povo, uma vez cessado o flagelo, ele retirará a sugestão que nos faz ver sangue e as águas do Nilo voltarão à sua pureza natural. Isto feito, dominá-lo-emos e impediremos a renovação do feito.

Entrei em casa contentíssimo e tranquilizei os parentes que me aguardavam ansiosos, embora também preferindo todo sofrimento à libertação dos judeus.

Passaram-se três dias aflitivos; o malefício continuava e os peixes colhidos ou relegados à praia exalavam podridão.

Raiou, enfim, o quarto dia e, ao alvorecer, quando me dirigia para o palácio, notei que o Nilo continuava a correr sanguinolento.

Em uma galeria exterior que levava ao terraço (de onde falara ao povo), o Pharaó perambulava impaciente, quando Moisés e o indefectível companheiro se apresentaram diante dele, reclamando o cumprimento da promessa.

— Muito bem! respondeu Pharaó, em atitude serena — livra-nos das águas ensanguentadas e poderás levar teu povo.

Moisés falou e um clarão iluminou-lhes os olhos:

— Esta tarde estareis livre do flagelo...

Vindo de fora, grande clamor cortou-lhe a palavra; o rei avançou lesto para o terraço, acompanhado pelo seu séquito e pelos dois hebreus.

De todos os lados acorria gente com exclamações de alegria incontida, abraçando-se e elevando os braços aos céus, abençoando o rei.

Do Nilo, que novamente resplandecia ao sol, qual mar cristalino, avançava uma onda humana conduzindo em triunfo os sábios e magos, que, (segundo me contaram mais tarde), enquanto Moisés se encontrava diante do rei, se tinham reunido á margem do rio, conjurando as águas e elevando ardentes preces aos deuses; então, à vista de todos, o vermelho empalideceu e as águas se tornaram límpidas.

Olhei o profeta. Pálido, lábios crispados, permanecia junto à balaustrada e seu olhar flamejante parecia querer reduzir a cinzas a multidão satisfeita, que tumultuava em baixo.

— Muito bem! grande mensageiro dos deuses — disse o rei, voltando-se — vês que os nossos sábios nos desembaraçaram dos teus malefícios; vai-te, pois, e dize ao teu Jeová que imagine alguma melhor para libertar os seus eleitos.

O rosto pálido de Moisés enrubesceu e, sem nada responder, deu as costas e saiu a passos rápidos, seguido pelo irmão trêmulo de raiva e como que a censu-

rá-lo em surdina.

Irônica explosão de riso saiu dos lábios do Pharaó e essa risada real, reforçada pela dos que o cercavam, parecia repercutir em todas as salas, galerias e escadarias, acompanhando como um eco escarninho os dois hebreus.

— Vamo-nos todos ao templo, para agradecer aos deuses e lhes oferecer sacrifícios dignos da alta proteção que acabam de nos dispensar — disse Mernephtah.

O tempo que se seguiu foi de grande contentamento; todos pareciam libertos de um perigo mortal e buscavam uma compensação para os aborrecimentos experimentados; Moisés não aparecia e o bom humor do rei nunca foi tão evidente.

Certo dia, após o repasto da noite, o Pharaó ainda saboreava seu vinho, rodeado de príncipes e íntimos, quando viu Rhadamés caminhar para ele e ajoelhar-se.

— Tu, meu fiel condutor do carro, que desejas de mim? .

Se é uma graça, dize, pois nunca me senti tão bem disposto para concedê-la.

Ouvindo palavras tão animadoras, Rhadamés corou de satisfação e formulou o pedido:

— Oh! maior dos reis, tu que, como Rá, de quem descendes, douras e embelezas tudo o que te é vizinho, concede-me a graça de honrar com tua presença os festejos do meu casamento com Smaragda, a irmã de Mena; desejaria celebrá-lo o mais breve possível e suplico fixares a data.

O Pharaó, sorridente, esvaziou a taça e depois, dando a mão a beijar, disse com bonomia:

— Tua súplica está atendida. De hoje a quatro dias festejaremos teus esponsais.

Após agradecer e obter também a promessa do herdeiro, o postulante retirou-se rapidamente cheio de alegria. De mim para mim, não podia compreender que artimanha ele empregara para conseguir que a moça tivesse assim abreviado o casamento. Intrigadíssimo, resolvi procurar Smaragda no dia seguinte, pois há muito que não nos víamos.

Cheguei ao palácio, levando, como homenagem à noiva, magníficas flores e uma caixinha de perfumes. No primeiro pátio lobriguei Rhadamés cercado de intendentes e mordomos, aos quais dava ordens, vaidoso, tanto que nem me viu. Velho criado prontificou-se logo a conduzir-me à presença da senhora.

Por toda a parte, no palácio, evidenciavam-se os preparativos da festa. Criados que conduziam ou instalavam enormes jarrões com flores raras, outros que

estendiam tapetes, adornavam aparadores com baixelas de ouro e prata, e circulavam colunas de guirlandas floridas. Quando cheguei ao terraço, notei que a heroína da festa em perspectiva não estava contente. Recostada numa espreguiçadeira, tendo junto de si a ama que dispunha jóias num estojo, vi Smaragda com a cabeça pousada nos travesseiros, tranças semidesfeitas e semblante anuviado. Parecia absorvida em triste e desolado cismar.

Ao ouvir meu nome levantou-se e, envolvendo-se em amplo véu, fino e transparente, deu-me as boas vindas e convidou-me a sentar. Ofereci-lhe as flores e apresentei minhas felicitações.

— Necho, por que me felicitas? — disse com amargura — melhor farias se apenas me visitasses; teus conselhos me seriam úteis. Não sabes que minha tentativa de evasão fracassou? Eu deveria reunir-me a Omifer em Thebas; Setnecht, que me demonstrou muita amizade, ficou incumbido de preveni-lo; mas, quando cheguei ao sítio combinado, não encontrei Omifer e sim Rhadamés, saído não sei donde, e que me reconduziu para aqui, apesar da minha relutância.

Agora ele me espiona sem tréguas e assumiu atitudes de senhor; estou certa, entretanto, de que só ambiciona minha riqueza e não minha pessoa... Como sou infeliz!

Escutei-a admirado.

— Acalma-te, Smaragda — disse por fim — não te surpreendas com a sua arrogância, de vez que, depois de amanhã ele será teu marido; ontem à noite, convidou Mernephtah, que prometeu honrar tuas núpcias com a sua presença.

Saltou, de olhos flamantes.

— Que miserável! Ousou fazer isso?

— E por isso nada se pode fazer, Mernephtah felicitou-a. Sê razoável, portanto, Smaragda; conforma-te com o inevitável.

Rhadamés apareceu no terraço nesse momento com o seu melhor sorriso.

— Que há por aqui? — perguntou. Smaragda, tremes e tens as faces vermelhas. Que te falta, querida?

— O que me falta é que te odeio! — exclamou fora de si, esquecendo minha presença; impediste-me de fugir agora, sem pedir meu consentimento, marcaste o casamento e convidaste o rei. Mas, não te quero, porque amo Omifer, compreendes?

Pálido, Rhadamés falou:

— As mulheres não podem viver sem caprichos e sem histórias, pois Mena concedeu-me tua mão e eu não desistirei, jamais; não te fui indiferente, porque quando te falei de amor, não me repeliste; e agora que os deuses te concedem a

felicidade, procedes como insensata.

— Julguei amar-te, sim, — disse Smaragda, de cenho carregado — porque não te conhecia tal como és. Não eras tão impertinente, enquanto eu possuía apenas uma parte dos nossos haveres; e se Mena ainda fosse o senhor, voluntariamente, te desfarias de mim. Desde aquele dia em que me regateaste asperamente os dez camelos enviados a meu irmão, te tornaste odioso e indigno do meu amor.

Transfigurada de repente e de mãos postas, deu um passo na direção de Rhadamés, que à ouvia calado, mordendo os lábios.

— Ouve-me, dar-te-ei tudo. Este palácio, minhas terras, rebanhos, ouro, os vinhedos que me pediste para dotar tuas irmãs; somente peço que renuncies a mim. Dá-me a tabuinha de Mena e aceita, em troca, toda a minha fortuna; a pé, com minha ama, deixarei esta casa para ir ter com Omifer. Ele me receberá sem um anel de ouro, sequer, pois que me ama!

Estava fascinante naquele momento. Os cabelos negros e soltos, lhe realçavam a brancura da tez e os olhos brilhavam através das gotículas de lágrimas que lhe bordavam os lindos cílios.

Olhei Rhadamés; a proposta era tentadora e podia demovê-lo, mas, logo à primeira vista, pensei: pobre Smaragda, és bela demais para que te renunciem! Tão claramente como se ele falasse, li nos seus olhos: “Hei de possuir-te, mulher sedutora, e contigo tudo o mais que me ofereces”.

Enlaçando-lhe o busto esbelto, atraiu-a para a espreguiçadeira e cobriu-lhe de beijos o rosto inundado de lágrimas.

— Retrata-te, Smaragda, pensas que não te aceitaria também assim, sem nada de teu? Desconheces meus profundos sentimentos, para pensares que te ceda a outrem. Acreditas amar Omifer, mas este capricho passará, porque fui eu quem primeiro te inspirou amor e nesta convicção baseio a felicidade do nosso futuro.

Ajoelhou-se e inclinando-se para ela, acrescentou sorrindo:

— Olha bem para mim... Serei assim tão feio? Terei mudado tanto depois que esses teus lábios me encorajaram? Enxuga essas lágrimas, querida, perdoa-me se te ofendi, eu, o último dos escravos.

Mais uma vez abraçou-a, porém, não obtendo resposta, levantou-se e deixou o terraço em minha companhia.

Parou na galeria, semblante já transfigurado, denotando profundo descontentamento.

— Lastimo, Necho — disse em tom glacial — que o acaso te fizesse testemunha desta cena e das tolices que proferi; mas, deves compreender que tudo é lícito

quando se trata de acalmar os caprichos de uma bela mulher.

Secamente despedi-me e saí pensando comigo mesmo: pobre Smaragda! Que vida terrível te aguarda!

No dia do casamento, tudo que Tanis tinha de melhor na sociedade lá estava no palácio de Mena. Não assisti à cerimônia, mas participei do séquito real, que veio para a festa. A noiva no seu rico enxoval, coberta de jóias estava mais fascinante, mas tão pálida e triste que todo mundo reparou.

Depois que felicitou os nubentes e presenteou a noiva com uma caixinha repleta de pérolas, o Pharaó assentou-se à mesa do festim, ocupando uma cadeira alta, a ele destinada.

No início a presença do rei impunha certo constrangimento, mas, tão logo foram esvaziados os copos de capitosos vinhos, que os criados rapidamente tomavam a encher, as línguas se desataram e a alegria generalizou-se.

Não descreverei a festa. Os ágapes desse gênero se assemelham sempre; em todos os tempos. Os homens sempre gostaram de comer bem; mas desta vez, a sorte não permitiu saborear à vontade finas iguarias que se ofereciam, porque, no instante em que a animação e a alegria atingiram o auge, gritos e clamores ecoaram fora. Mernephtah depôs a taça que ia levar aos lábios e seus grandes olhos arregalados, se voltaram para a porta de onde irrompiam muitos escravos, trêmulos e assustados, a exclamarem:

— Os ratos! Os ratos tudo devoram!

O tumulto estabeleceu-se no salão; comensais que se levantavam derrubando cadeiras, mulheres quê gritavam. A um gesto imperioso do rei, todos se contiveram.

— Verifiquem o que ocorre! — ordenou.

Lancei-me com outros pela grande escadaria, para o local de onde provinha o alarido, que aumentava de momento a momento e logo se nos deparou um espetáculo verdadeiramente inaudito. No grande pátio e numa parte reservada dos jardins, estavam armadas mesas enormes, sortidas de cerveja, bolos e assados para os pobres e o populacho; no momento, esse lugar da festa estava transformado em campo de batalha; parte das mesas e dos tonéis emborcados, inextricável mistura de homens, mulheres, crianças e escravos corriam, saltavam, sacudiam-se como loucos, dando gritos de angústia, debatendo-se contra legiões de ratos, ratazanas, sapos e outros animais, que, surgindo sabe Deus de onde, assaltavam as mesas e devoravam os pratos, subindo nas pessoas apavoradas.

Nós recuamos, fechamos as portas para impedir a invasão, mas filas dos imundos já haviam alcançado as escadas. Voltamos à sala do banquete, onde o

tumulto era indescritível; uma parte das senhoras e entre elas Smaragda, estavam desmaiadas. Outras haviam galgado as mesas, pedindo em altos brados que as conduzissem às suas casas enquanto os homens e os criados abatiam a golpes de sabre, bastonadas e mesmo cadeiradas, os repugnantes animais que pareciam surgir de todos os cantos, dependurando-se nas roupas e devorando as iguarias e doces espalhados a esmo. Nós, os oficiais, cercamos o Pharaó e o herdeiro, que permaneciam de pé e de espada desembainhada, contemplando a cena incrível.

Mernephtah falou, com ar sombrio:

— É uma nova feitiçaria de Moisés. Volto a palácio e que se transmita aos Sábios a ordem de ali comparecerem imediatamente! ...

Fizemos, com os escudos, uma cadeira improvisada e, erguendo o rei sobre nossos ombros, atravessamos com precaução o salão do festim, inundado de vinho a correr das ânforas entornadas pelas escadas coalhadas de sangue e detritos animais. Em baixo, o Pharaó tomou a liteira, mas, desde que o povo que invadira as ruas o avistou, prorrompeu em brados medonhos e todos os braços se voltaram para ele. Nesse instante, enorme rato, subindo por um dos condutores, alcançou a liteira; Mernephtah o agarrou pela cauda, estrangulando-o, e, erguendo-se dentro da liteira para que todos pudessem ver, suspendeu o animal e exclamou com voz retumbante:

— Egípcios! Assim faremos com os miseráveis hebreus, que, pelas feitiçarias do seu chefe, querem nos intimidar; mas acalmai-vos, voltai para vossos lares e defendei-vos; os sábios já foram convocados e vos livrarão dos animais imundos, assim como vos livraram da água sanguinolenta.

Vendo o rei matar corajosamente o rato, sem demonstrar receio nem asco, enorme energia se apoderou do povo e aclamações entusiásticas acompanharam o cortejo real.

Voltei ao palácio de Mena, chamei meu irmão, minha mãe e Ilsiris e auxiliei-os a tomar a liteira.

Foi com dificuldade que conseguimos chegar à casa pois as ruas estavam apinhadas de gente e em todas as residências ecoavam brados de desespero.

No átrio da nossa casa, o primeiro intendente, todo lacrimoso, se agarrava aos joelhos de meu pai como louco. Chão, vestíbulo, escadarias, tudo estava juncado de cadáveres de ratos, ratazanas, sapos, etc.

Meu pai deu ordens para que acendessem grandes fogueiras diante das portas; mas, coisa estranha; como cegos, os animais se precipitavam nas chamas e aí pereciam. Outros as atravessavam para estrebuchar meio carbonizados logo adiante. Escravos que chegavam, pálidos, anunciavam que os paióis, assim como

os depósitos, tinham sido invadidos.

— É a ruína — disse meu pai, pondo as mãos na cabeça — lá se vão todas as provisões; vá depressa ao palácio, Necho, talvez os sábios encontrem um recurso; eu cuidarei da defesa aqui.

Rumei para as cavalariças, onde pretendia tomar um animal encilhado. Lá me aguardava nova desilusão: o exército negrejante atirava-se aos cavalos, vacas, carneiros; os empregados dominavam à força os roedores enraivecidos, que pareciam multiplicar-se sob suas mãos e os animais, desesperados pelas dentadas relinchavam e pateavam. O relincho dos cavalos e das mulas formavam um ruído discordante e ensurdecedor.

Com a cabeça a escaldar, montei e parti a toda brida, dirigindo-me à residência real, onde não era menos tumultuosa e agitada a situação. A severa pragmática estava relaxada, e sem dificuldades consegui chegar a uma sala dos apartamentos privados do rei, onde este se encontrava em companhia do herdeiro. Estavam sentados sobre uma mesa de vários degraus, cercados de oficiais que se esforçavam em não consentir a aproximação dos animais. Multidão de gatos corria pela sala, guerreando bravamente seus mortais inimigos e alguns se mantinham aos pés do Pharaó. Outros, encima do espaldar da cadeira e mesmo nos ombros do herdeiro. Se a coisa não fosse tão trágica, ter-me-ia rido gostosamente desses gatos e do drama cômico que se desenrolava em torno do rei, habitualmente cercado de solene majestade e honras quase divinas.

Atingia o auge a impaciência de Mernephtah quando, enfim, chegaram os sábios caminhando no assoalho coberto de animais, o que os impediu de se prosternarem, como exigia o protocolo.

— Vejamos o que há e livrai-nos dos nojentos animais que o hebreu nos envia! — exclamou o monarca dando um murro na mesa, que fez caírem os copos e entornar a ânfora.

Os sábios, finalmente, alegaram ser indispensável um prazo de três dias.

— Três dias! — Bradou o Pharaó — até lá estaremos devorados; é preciso encontrar um remédio imediato.

— Grande rei! — um dos sábios reiterou — Mesu empregou uma raiz, que, indubitavelmente, mandou queimar por toda parte e cujo odor atrai e enfurece os animais imundos,

— Procurai, então, outra planta cuja fumaça os afugente! — exclamou o rei. Darei dois talentos de Babilônia a cada um de vós, se, antes do amanhecer, nos desembaraçardes deste flagelo.

— Poderoso filho de Rá — respondeu tristemente o mais idoso dos sábios —

toda a erva cujo odor os escorraçaria foi cuidadosamente subtraída; se tardamos em aqui chegar, foi precisamente por estarmos à cata dessa erva, no intuito de imunizar, antes de tudo, o teu palácio.

Todos fomos assaltados por angustioso tremor. Onde iríamos parar?

Pálido de raiva, Mernephtah levantou-se e trovejou no ambiente:

— Ide, agarrai os hebreus. Eles que procurem a erva salvadora, pois devem saber onde encontrá-la; dizei-lhes que, se não a descobrirem, suas cabeças serão decepadas e atiradas como pastos, aos ratos desencadeados contra nós pelo seu libertador. Tal a minha vontade.

Seguiu-se um triste silêncio, apenas interrompido pelo grunhir dos roedores e uma ou outra exclamação do monarca ou do príncipe. Cada qual permanecia no seu posto, triste, apreensivo, preocupado em livrar-se dos bichos que subiam pela roupa.

Intermináveis horas passaram-se na mais dolorosa expectativa, e os sábios não regressavam.

Por fim, não mais me contive, inquieto pelo que pudesse estar ocorrendo em casa; saí tomando o cavalo, que, de crina eriçada, pateava e empinava, porque o fâmulo que o mantinha não conseguia defendê-lo dos terríveis roedores.

Todos, na rua, estavam exaltados; por toda parte ardiam grandes fogueiras e notei, admirado, a tenacidade com que os egípcios se defendiam, não só os servos, como os senhores, a pau, enxada e forcado. Febris, suarentos, massacravam os invasores.

— Coisa horrível! — pensei; creio que se o miserável Mesu me caísse ali nas unhas, o estrangularia como a um rato.

Ao chegar a casa, notei o grande pátio aclarado por enormes fogueiras e tochas. Lá estavam os escravos na mesma faina; uns a matarem os animais; outros a juntarem e varrerem os destroços, atirando-os ao fogo em combustão nauseante e sufocante.

Fui informado de que meu pai se encontrava atrás dos jardins, perto dos celeiros, para onde me encaminhei apressado.

Brados, ordens diversas, logo me advertiram de que a luta era intensa. Perto de um depósito, vi meu pai de pé sobre uma cuba emborcada, dando ordens com voz rouca. Utilizando-se de escadas de emergência, saco às costas, escravos removiam o trigo para resguardá-lo em lugares ainda incólumes, mas os vorazes inimigos, não lhes davam trégua, ainda assim. Nesse instante, passava perto de mim um escravo vergado ao peso de enorme saco de farinha, ao qual se penduravam ratos como sanguessugas a roerem-lhe o tecido e assim deixando vazar o

precioso pó. Detive-me por instantes a observar o quadro, enquanto ia contando a meu pai as ocorrências do palácio e terminando por dizer-lhe:

— Deixemos isto, que é trabalho perdido; vamos lá para dentro.

— Eu fico, — retrucou ele — pois talvez consiga salvar ao menos uma parte dos nossos bens; vai tu para junto de tua mãe e de tua irmã, e trata de confortá-las.

Fui para os meus aposentos, que apresentavam aspecto lastimável. Nas mesas, móveis, tapetes, formigavam sombras negras e via-se distintamente que tudo estragavam e remoíam. Ao entrar no quarto de minha mãe, enorme gato ao saltar-me entre as pernas fez-me quase perder o equilíbrio; disse uma blasfêmia mas no mesmo instante, o quadro cômico que se me deparou provocou-me um acesso de riso. É que, num tamborete em cima de uma mesa, estatelava-se Chamus pálido e sucumbido, segurando com a esquerda um gato entre os joelhos e tendo na destra um chicote com o qual matava os assaltantes que ousavam acercar-se da sua fortaleza. À sua frente, tábuas, cadeiras e almofadas empilhadas, constituíam exótico monumento, em cujo cimo estavam minha mãe e Ilsiris, aconchegando gatos ao colo e de olhos inchados de tanto chorar.

— Necho, finalmente chegaste! — exclamou minha mãe exaltada — e ainda te ris vendo-nos semidevorados? Trazes alguns socorro?

Sempre rindo, saltei à mesa e assentei-me junto de Chamus, passando a narrar o que ocorrera no palácio.

Ilsiris exclamou soluçando:

— Se não for encontrada essa erva, seremos devorados vivos ou morreremos de fome, porque não só os ratos tudo roem, como as rãs e os sapos infestam a comida, as leiteiras estão cheias, não se pode amassar trigo sem os ter entre os dedos. As frutas nos armários ou nos cestos, estão sujas e contaminadas!

— É verdade — disse Chamus rodopiando furioso o seu chicote — esta guerra é pior que a dos Líbios, e creio que jamais houve um casamento igual ao da bela Smaragda.

Minha mãe suspirou:

— Eu esperava divertir-me bastante e afinal vejam como acabou a festa. Nossas toiletes completamente inutilizadas e o que mais me entristece é que, na confusão, perdi o magnífico bracelete ornado com um escaravelho de legitimas esmeraldas, presente de Mentuhotep no dia do nosso casamento.

Procurei consolá-la e as horas difíceis passaram em palestra. Por fim, impaciente, resolvi voltar ao palácio, onde talvez estivessem os sábios.

Quando montei a cavalo os primeiros raios do sol tingiam o horizonte. Des-

pedi-me de meu pai, que, cansado e suarento, continuava defendendo nossas provisões.

Raiva e tristeza me ferviam no coração, ao conjeturar os enormes prejuízos que nos causava o maldito feiticeiro, quando, ao ladear algumas casas hebréias, percebi, irado, que ali reinava a maior tranquilidade. Nesse instante, abriu-se uma porta e saíram dois velhos judeus que, ao me verem, se esgueiraram por uma ruela e desapareceram. Tive, então uma idéia: apeei e bati com o punho da espada na porta de uma das casas. De pronto ninguém se manifestou no interior, mas, quando os gonzos começaram a ranger sob a pressão dos meus braços vigorosos, a porta abriu-se e surgiu na brecha a cabeça de um velho hebreu.

Sem lhe dar tempo de falar, dei-lhe na cabeça com o punho da espada. Ele se dobrou e entrei para atravessar apressadamente um corredor escuro, ao fundo do qual havia uma porta entreaberta, que dava para grande sala, de onde provinha um odor acre, mas agradável. Num simples relance, percebi que ali não haviam entrado ratos nem sapos. No meio da sala, um fogareiro em brasas e uma jovem judia que nele deitava uma erva que enchia cestos próximos. Na galeria que dava para o pátio, outras mulheres, outros fogareiros e a mesma tarefa.

— Ah! — exclamei saltando para junto do fogareiro — vós vos garantistes, cães impuros!

À mulher e alguns homens que acorriam do pátio quiseram enfrentar-me, mas brandi a espada ameaçando-os de morte, tanto que recuaram aos gritos, enquanto as mulheres fugiam. Apossei-me, então, de duas grandes cestas de erva e de um saco com um pó branco, desconhecido, cujos restos eu notara junto do fogareiro.

De posse do precioso achado, lancei-me para fora e voltei para casa a toda pressa. Gritando por meu pai, tudo lhe contei. Num abrir e fechar de olhos, preparou-se um fogareiro deitando-se-lhe um punhado da erva e do pó. Observamos ansiosos o turbilhão de fumo que se desprendia, então — maravilhoso espetáculo! — apenas o aroma ativo se difundiu no ambiente, os ratos, rãs e sapos se evadiram, desaparecendo nos buracos e gretas de onde haviam saído.

Diante disso, elevou-se um verdadeiro clamor de alegria. Todos os presentes trataram de obter fogareiros e instalá-los por toda parte, mas eu não esperei o resultado; tornei a montar levando um cesto e metade do saco de pó e me dirigi para o palácio do Pharaó. Lá nada havia mudado; notava-se enorme angústia em todas as fisionomias. Diante do rei, havia uma comissão de sacerdotes da cidade dos mortos que, com as vestes rasgadas, rostos salpicados de lama, contavam que os ratos haviam invadido os edifícios de embalsamamento e os túmulos, roendo

as múmias. A cidade e os templos reboavam clamores desesperados dos parentes dos defuntos, que temiam ver seus mortos queridos presa dos animais.

O suor escorria pela fronte melancólica do Pharaó, quando abri passagem até junto dele. Depondo o saco e a cesta no estrado da cadeira que ocupava, contei-lhe em breves palavras a minha aventura. Iluminou-se o rosto de Mernephtah.

— És um bravo egípcio — disse — e grande será tua recompensa, se é que encontraste o remédio. Tragam um fogareiro!

Pediu que o fogareiro fosse colocado à sua frente e que eu próprio lhe deitasse os ingredientes. Tal como em casa, o efeito foi maravilhoso. Desde que a espessa e acre fumarada se espalhou, os animais eclipsaram-se, buscando um buraco e desaparecendo como por encanto.

Demonstrando contentamento o rei bateu palmas e, dirigindo-se aos sacerdotes, disse:

— Apossai-vos da maior parte dessa erva e do pó e ide o mais depressa possível. Os mortos são os nossos mais preciosos tesouros, pois, menos que ninguém, eles não podem defender-se; a eles, portanto, os primeiros socorros.

Radiantes de alegria, ao saírem os sacerdotes encontraram os sábios, de regresso, também já providos da erva benfazeja, embora em quantidade muito diminuta. O rei lhes ordenou que a distribuíssem pelos quarteirões da cidade e fiscalizassem o seu emprego racional nas ruas e pontos mais atacados.

Depois das primeiras providências, o Pharaó chamou-me para que o informasse com pormenores como obtivera a erva e, depois de elogiar o feito, deu-me um magnífico anel de seu próprio uso. O príncipe Seti também aproximou-se e, retirando do pescoço um colar, com ele me cingiu, completando esse gesto real com palavra amáveis e lisonjeiras.

Feliz e satisfeito, voltei para casa a passos vagarosos, para melhor observar a calma que se restabelecia nas ruas. Quando cheguei em frente ao palácio de Mena, lembrei-me da festa tão desastradamente interrompida na véspera e resolvi entrar para indicar-lhe o remédio, caso ainda não o conhecesse.

Amarrei o animal num dos mastros que ornavam a frente da casa e penetrei no pátio onde a desordem era ainda tão grande, que nenhum dos servos notou minha presença; enormes pilhas de animais mortos por toda parte, enquanto os homens se entretinham em acender um fogareiro. Por entre corpos esmagados e avalanches de animais vivos, que ainda corriam de um lado para outro, dirigi-me para o salão deserto e devastado. Numa sala contígua, porém, deparou-se-me Rhadamés, de pé numa espreguiçadeira, parecendo ter enlouquecido. Boca espumejante, olhos esbugalhados, gritava brandindo uma arma em cada mão,

enquanto alguns ratos corriam em torno dele e uma ferida sangrenta na face demonstrava não ter-se defendido convenientemente. Tentei falar-lhe, mas, como não visse nem ouvisse, continuava a gritar e sapatear.

Voltei-lhe as costas e logo no ângulo oposto da sacada vi Smaragda, pálida como um cadáver, ainda com o vestido de noiva sujo e dilacerado. Diante dela, ajoelhado, um escravo a soprar as brasas de um fogareiro enquanto a ama segurava uma cestinha cheia de planta odorífera.

Ao vistar-me, exclamou:

— Que noite terrível, Necho!

— Agora acabou-se — disse — atirando eu mesmo a erva nas brasas — vejo que os sábios aqui chegaram prestos.

— Essa erva não me foi dada pelos sábios e sim por uma velha judia. Grata por lhe haver sustentado e cuidado o filho cego. Mas vê, Necho, o que ocorre com Rhadamés. Parece louco e não posso socorrê-lo. Faze-o tu.

Não restando mais nenhum dos animais, graças à defumação, aproximei-me do bravo condutor do carro.

— Rhadamés, desperta — exclamei — tomando-o pelo braço — tudo terminou; basta de molinetes, os ratos não voam.

Como não me ouvisse, tomei um copo de vinho e atirei-lhe o conteúdo. Com isso, despertou.

— É verdade, tudo acabou — repetiu em voz calma e olhar desvairado, descendo da cadeira para ficar sentado de braços caídos, sem dirigir um olhar à esposa.

Com desprezo ela falou:

— Deixa repousar esse poltrão!

Depois, afastado os longos cabelos soltos, estendeu-me a mão:

— Adeus, Necho. Estou exausta de fadiga e emoção, preciso repousar; recomenda-me à tua mãe e à Ilsiris. Dize-lhes que espero revê-las aqui, tão logo as coisas se normalizem, num festival mais tranquilo que o de ontem.

Todos estavam satisfeitos em casa, ocupados em restabelecer a ordem e preparar uma refeição qualquer para patrões e empregados esfaimados. Extenuado, comi às pressas e atirei-me no leito.

Despertei quando já era dia alto; sentia-me indisposto e com uma coceira em todo o corpo; reagi, porém, levantei-me e desci à sala de estar, onde apenas encontrei meu pai, que caminhava de um lado para outro, inquieto, a coçar ora a testa, ora as costas.

— Sentes alguma coisa? — perguntou surpreso.

— Tenho o corpo como em brasas e tu não sentes nada?

— Insuportáveis coceiras.

— Era o que pensava, pois todos Se queixam da mesma coisa; mas trata de observar e descobrirás a causa.

Inquieto, examinei-me e logo notei que tanto o corpo como a roupa estavam crivados de piolhos. Enojado, deixei-me cair numa cadeira. Para nós, egípcios, habituados à mais rigorosa higiene, aquela praga era talvez a pior de todas.

— Vou ao palácio e se lá também houver piolhos, é necessário convocar os sábios — disse fora de mim e saí mesmo sem me despedir de meu pai.

Quando entrei na sala, o rei andava impaciente, de um lado para outro. Lancei o olhar em torno e não pude conter o riso: não havia dúvida de que os terríveis parasitas formigavam nos velhos dignatários, tanto quanto nas jovens, como o demonstravam os gestos, piruetas e contorções com que procuravam disfarçar seu mal estar.

Nesse instante, porém, o olhar de lince de Mernephtah me descobriu entre os circunstantes.

— Aproxima-te, Necho! — disse com um aceno de mão. Ontem, meu bravo guerreiro, trouxeste-nos o socorro; não conhecerás um remédio contra esses novos inimigos? — acrescentou apontando os asquerosos animalejos que lhe passeavam nas vestes de púrpura. Estes são menos perigosos que os sapos e ratos, mas não deixam de ser incômodos e repulsivos.

Quando ia confessar minha ignorância, a chegada dos sábios desviou a atenção do rei. Desta vez, eles nos deram poucas esperanças e acabaram confessando ignorar o meio de produzir piolhos, e, portanto, de eliminá-los.

Em vão procurou-se defumar, aplicar diversas pomadas, lavar-se, e até conjurar e sacrificar aos deuses.

Passaram-se muitos dias. As mulheres estavam exaltadas e enraivecidas. A cólera de Mernephtah ultrapassava os limites. Quanto a Moisés, ninguém o via.

Uma manhã, o rei ordenou que lhe apresentassem um hebreu, a fim de interrogá-lo. Um destacamento de soldados e alguns oficiais partiram imediatamente e em menos de uma hora já um velho trêmulo e pálido estava diante de Mernephtah.

— Se prezas tua cabeça, cão impuro e miserável — disse com desprezo — vais dizer-me de que modo vos imunizais contra estes imundos parasitas.

O hebreu pretendia nada falar, mas, quando o rei chamou o executor, que acorreu imediatamente de machado em punho, prostrou-se em terra e confessou que Moisés havia proibido, formalmente, revelar o segredo.

— Então — disse o rei— jogas a cabeça, tanto aqui como lá; e nessas condições, só te resta escolher a quem preferes entregá-la: se a mim ou a Mesu. Mesmo assim, se confessares, prometo livrar-te da cólera de Moisés. Ao contrário, serás decapitado agora mesmo. Escolhe!

Angustiado, o velho contorceu-se no chão, mas, vendo o machado pronto a funcionar, acabou gaguejando ser preciso friccionar o corpo com azeite doce esfregando-o também em todas as frestas, buracos de fechadura, rebordos de cama, rampas de escada, etc.; depois tomar banho de folhas de loureiro e defumar-se com folhas de oliveira. Só assim os parasitas desapareceriam.

Satisfeito, Mernephtah ordenou que levassem o informante a uma sala do palácio e lá o retivessem até que se normalizasse a situação. Em seguida entrou, foi tomar seu banho, dispensando quantos estavam de serviço.

Voltei também para casa e depois de ensinar o remédio contra os piolhos, febril atividade apoderou-se de todos; trouxeram enormes vasilhas com azeite e eu próprio fiscalizava os escravos ocupados em esfregar as portas, frestas, camas, etc.

Quando, enfim, muito cansado, fui procurar meu pai, já o encontrei no banho e sua fisionomia traduzia inefável bem-estar.

— Louvados sejam os deuses! — disse ele — não esperava mais experimentar esta sensação de limpeza; esta guerra dos piolhos foi pior que a primeira dos ratos e sapos.

— Pareces uma rã nessa água verde, pai, — disse-lhe a rir.

— Vai depressa, também tu, metamorfosear-te em rã — respondeu de bom humor. Estás exausto, meu rapaz, e dormirás logo; fizeste jus a isso!

Saí e depois de mandar incinerar toda a roupa que trazia, banhei-me deliciosamente para deitar-me logo e dormir profundamente. A vaga lembrança das terríveis emoções dos últimos tempos, contudo, me perseguia mesmo em sonho; assim, vi Moisés a desencadear contra nós, todos os crocodilos do Nilo; eles invadiam ruas e casas e, por fim, era eu a defender Mernephtah de um enorme réptil, lutando corpo a corpo e acabando por enterrar-lhe na goela o punhal, até que dei um grito de vitória e despertei.

A alcova estava inundada pelo sol e logo convenci-me de que essa nova praga não passava de sonho. Levantei-me e fui para a sala de jantar, onde toda a família já estava reunida. Ilsiris, louca e radiante, atirou-se-me ao pescoço e nos felicitamos humoristicamente de não mais sermos formigueiros ambulantes. Minha mãe, que conversava com, Chamus sobre os preparativos do casamento, fez um apelo para que não mais se falasse desse desagradável episódio e fui assentar-

-me perto de meu pai, que dava instruções ao primeiro intendente para distribuir recompensas a todos os escravos e criados, pela brava e corajosa conduta dos dias calamitosos.

Era geral o contentamento e todos se visitavam e narravam ocorrências espantosas, ou cômicas, das quais compartilhavam como heróis, ou simples testemunhas, calculando os prejuízos sofridos e ridicularizando Moisés. Eu, porém, estava sobrecarregado de maus presságios e pensava que, de um momento para outro, alguma nova calamidade desabaria sobre nós; entretanto, tudo estava sossegado, os hebreus retraídos e nenhum ousava imiscuir-se na multidão jubilosa e bem trajada que enchia as ruas.

Chegou, pois, o dia da nova audiência pública, que a todos facultava apresentar-se ao rei, para expor suas quer elas e petições.

Ao entrar na sala da guarda, um colega disse-me que, pela manhã, fora encontrado estrangulado; em sua própria sala, o judeu que revelara o remédio contra os piolhos, sem que pudessem descobrir o autor do delito e muito menos como pudera consumá-lo.

Depois de muito comentarmos o caso, fomos ocupar nossos postos na sala, que rapidamente se encheu. Displicente, observava a multidão que se comprimia diante do trono, quando repentinamente estremeci, ao reconhecer Moisés e o irmão, tranquilamente postados na primeira fila. Que poderia ainda pretender o mensageiro da desgraça?

Ao entrar, o Pharaó notou logo a presença do profeta hebreu e enrubesceu de cólera. Detendo-se nos degraus do trono, mediu com olhar sombrio os dois homens, que, em toda a assembléia, eram os únicos que não se haviam prosternado.

— Bem se vê — disse o Pharaó com voz tonitroante — que és um enviado do inferno e que teu deus é uma força do mal, que te ensina a colocar assassinos mesmo dentro do meu palácio. Tens a audácia de te apresentares diante de mim, depois de, por três vezes, perturbares meu povo com as tuas feitiçarias! E como te atreves, miserável feiticeiro, a não dobrares o joelho diante do teu rei?

Avançando alguns passos e, cravando olhar profundo em Mernephtah, Moisés disse calmamente:

— Não dobro os joelhos senão diante do Deus todo poderoso que aqui me envia, e te repito, rei, que deixes partir o povo de Jeová, ou então, as pragas continuarão a chover sobre ti e teu povo, até que tua teimosia seja dominada e te hajas curvado à sua vontade. Eu sou apenas o instrumento e nada faço sem ordem do Deus de todos os deuses.

— Não farás nada mais, feiticeiro de todos os feiticeiros, porque minha paci-

ência está esgotada — exclamou Mernephtah com olhos que transbordavam cólera e batendo o pé — Prendam-nos! — acrescentou apontando-os.

Um oficial e dois soldados munidos de cordas avançaram para manietar os culpados. Moisés empalideceu e recuou; seu olhar parado voltou-se para os dois homens que iam prendê-lo e, elevando os braços, fez um gesto como se manejasse uma arma invisível. Como lambidos por faísca elétrica, os militares estacaram lívidos, sem vista, braços caídos, qual estátuas petrificadas...

O profeta voltou-se para o rei, calmo, como se nada houvesse acontecido e disse:

— Recusas? tu te arrependerás! E retirou-se lentamente, seguido de Aarão.

Durante alguns instantes, todos na sala, ficaram mudos de espanto, com os olhares concentrados nas duas estátuas humanas que continuavam de pé, imóveis, segurando as cordas nas mãos estendidas. Mernephtah deixou-se cair assentado no trono, enxugando o suor copioso que lhe escorria pelo rosto.

O príncipe Seti foi o primeiro que voltou a si e se precipitou para os dois soldados; todos o acompanharam e rodearam, mas, em vão tentaram sacudir os dois homens e despertá-los, gritando-lhes no ouvido. Eles continuavam rígidos, imóveis, e não houve força capaz de baixar-lhes ou dobrar-lhes os braços inteiriçados. O rei, mudo, acompanhava as diligências infrutíferas e por fim ordenou, com voz surda, que chamassem os sábios para libertar as duas vítimas do feiticeiro, que lhes arrebatara o espírito.

Reunidos em conferência, sábios e médicos, longamente cochicharam entre si e acabaram, requisitando duas bacias com água do Nilo. Depois de muito exortar e esconjurar, aspergiram os infelizes, abanando-os fortemente com folhas de palmeira e ordenando em voz alta: “Vamos! Despertem!”

Curiosa, a assistência guardava religioso silêncio.

Os dois soldados já considerados mortos, de repente estremeceram; os olhos se reanimaram, e suspirando profundamente, tombaram ao solo. Minutos depois, confessavam-se curados, mas fraquíssimos e absolutamente inconscientes do que lhes sucederam.

Depois de recomendar que fossem gratificados, o Pharaó retirou-se acabrunhado, seguido dos príncipes e áulicos. Uma festa que deveria realizar-se no dia seguinte foi cancelada e todos se dispersaram apreensivos. Também voltei a casa, possuído de vago temor. Palpitava-me que uma nova desgraça pairava no ar e que éramos impotentes para evitá-la. Fui encontrar minha mãe e Ilsiris rodeadas de fâmulas e montes de fazendas preciosas, que escolhiam para o enxoval da noiva. Contei-lhes o sucedido e com isso foi-se-lhes o bom humor e o desejo de concluir

a tarefa.

Os dias corriam tristes, de uma tristeza enervante, que ensombrava toda a cidade. Só quem era forçado a negócios ou deveres profissionais saía à rua; a maioria da população retraía-se em casa, presa de vagos temores. O profeta não era visto, mas ainda que se exibisse em público, acredito que ninguém ousaria afrontá-lo, no supersticioso temor de ficar petrificado pelo olhar do feiticeiro.

Após o jantar e assaltado por íntima inquietação, resolvi uma noite fazer uma visita, há muito projetada, a um velho discípulo chamado Pinehas.

Havia-o perdido de vista, desde que deixara Menphis, mas em Tanis já o havia encontrado várias vezes, em casa de Mena. Havido por grande sábio, ele poderia ser-me útil naqueles tempos difíceis e esta perspectiva desfez as últimas prevenções oriundas da reputação, pouco recomendável, que a mãe dele desfrutava. Essa mulher, de nome Kermosa, era de boa família egípcia, mas depois que lhe morreu subitamente o marido, todos os parentes se afastaram dela e falava-se que cultivava ciências misteriosas e mantinha ligação amorosa com um hebreu rico. Quanto a Pinehas, era um rapaz taciturno e estudioso e por Mena eu sabia que ele amava Smaragda, cuja mão de esposa obstinadamente disputara. Todas essas circunstâncias me vinham, à medida que me aproximava da casa de Kermosa.

Ao chegar diante da modesta vivenda de madeira, desci do carro e perguntei a um preto que varria a entrada se Kermosa e o filho estavam em casa. Respondeu que sim e me conduziu a uma sala modestamente mobiliada, onde encontrei Kermosa assentada a uma mesa cheia de frutas, bolos e uma bilha de vinho.

Junto dela, dois criados se ocupavam em escolher legumes.

Ao ver-me, Kermosa levantou-se e recebeu-me cortesmente.

Possuidora de alto porte, ombros largos e feições regulares e antipáticas, seus olhos negros espelhavam dureza e crueldade.

Convidou-me a tomar assento, mas ao dizer-lhe que desejava falar a Pinehas, ordenou a uma mulher que me guiasse até junto dele.

Passei por uma galeria que dava para amplo é descuidado jardim, onde havia um pavilhão isolado. A serva ergueu uma cortina de grossa fazenda fenícia e penetrei numa grande sala luxuosamente decorada, na extremidade da qual, debruçado à mesa atopetada de tabuinhas e rolos de papiros, estava Pinehas sentado de costas, escrevendo.

— Uma visita, senhor — disse a mulher.

Voltou-se surpreso, mas, ao reconhecer-me, levantou-se e estendeu a mão, dando-me boas vindas.

Enquanto chegava a cadeira e desembaraçava a mesa de parte dos papéis que a cobriam, notei, admirado, que suas feições muito mudaram de quando o vira pela última vez. Emagrecera e profundo sulco retraía-lhe os lábios. Mesmo assim, era um belo rapaz, desempenado e elegante, tez pálida, cabelos negros e abundantes, sobrancelhas arqueadas tocando a base de nariz aquilino e sombreando os grandes olhos negros, duros, impassíveis e profundos como o mar.

Inicialmente falamos sobre diversos assuntos até que encaminhei a palestra para as calamitosas ocorrências dos últimos tempos.

— Desejaria saber como te livraste dessa catástrofe e ouvir tua opinião e conselho, pois talvez como sábio, terás implementos desconhecidos, e nesse caso espero que não recuses auxílio e conselho ao velho condiscípulo.

— Juro-te, Necho, que tenho sido muito pouco incomodado por esses distúrbios, mesmo porque raras vezes saio de casa, e apenas notei que minha mãe defumou a casa toda. Tanto é verdade que nem interrompi meus estudos.

— Como és feliz! Quanto a nós, quase fomos devorados pelos ratos, depois da tragédia imprevista que assinalou o casamento da bela Smaragda.

Contive-me logo ao notar a palidez mortal que assaltou Pinehas, de punhos crispados. Estabeleceu-se doloroso silêncio até que, dominando-se, ele pôde dizer com simulada indiferença:

— Informaram-me de que a festa nupcial da bela irmã de Mena foi perturbada e compreendo como todos teriam ficado impressionados com esses acontecimentos que vos parecem sobrenaturais; no entanto, tudo isso não passa de forças da Natureza, empregadas a preceito. Está provado, pela ciência, que tudo no universo se mantêm por contrapeso, com a eterna permuta de elementos; que uns exalam, outros absorverá; e que a velocidade dessa permuta produz e mantém a rotação, o movimento de toda a Criação.

Notando minha admiração, continuou:

— Necho, receio que não me compreendas; eu quis apenas dizer que existem, na Natureza, forças que certos homens têm o poder de captar e movimentar; para isso, eles se apoderam do contrapeso, ou da mola. Um exemplo far-te-á entender melhor meu pensamento.

Pegou pequena harpa com uma mão e com outra, puxou um vaso que destampou; então vi, surpreso, que uma serpente das mais venenosas ali estava enroscada. Pinehas tangeu as cordas, ensaiou uma melodia e quase de chofre a serpente permaneceu de olhos fixos no músico; depois, estirou-se e entrou a balançar como se dançasse acabando por enroscar-se no braço, sem lhe fazer qualquer dano.

Eu tremia espantado, mas, sem deixar de cantar. Pinehas agarrou a serpente, colocou-a novamente no vaso, que tampou, depondo a harpa.

— Necho, vês o que é a música? Um som imponderável, não tem peso, não ocupa lugar, é invisível e sem embargo, domina completamente o animal. Depois de longas e minuciosas investigações, convenci-me de que a música é matéria gasosa, que entra no corpo da serpente, causando-lhe profundo bem-estar e formando o contrapeso dos instintos ruinosos que lhe são peculiares. Pois bem: Moisés é um homem que conhece a fundo todas essas forças ocultas e que sabe maravilhosamente empregá-las; não é um feiticeiro vulgar como supões; é sábio proficiente, que aplica seus conhecimentos com determinado fim.

Ao notar que eu o compreendia muito imperfeitamente, calou-se. Então, abriu uma caixeta, tirou uma amuleto de pedra amarela que me ofereceu, dizendo:

— Toma este amuleto, ele te imunizará contra o efeito de qualquer vontade estranha.

Agradeci calorosamente e coloquei o amuleto no pescoço. Como ó amigo parecia fatigado, despedi-me.

Menciono aqui, apenas de passagem, uma invasão de rãs, que, apesar dos estragos que causou, produziu menor impressão, porque foi rápida e seguida de outra calamidade bem mais horrorosa, principalmente por suas consequências.

Depois de alguns dias tranquilos, começaram a chegar de toda parte más notícias: perigosa epizootia explodira nos rebanhos e, zombando de todos os remédios, aumentava de intensidade, de momento a momento; profunda angústia assaltava os corações, porque os rebanhos constituíam nossa principal riqueza e sua destruição seria a ruína! Dentro em pouco, o terror atingia também a cidade. Por toda parte os animais eram atingidos. Cavalos, mulas e camelos caiam pelas ruas. As estrebarias estavam entupidas de cadáveres e nenhum tratamento se mostrava eficaz; as esconjurações e aspersões com água do Nilo nada adiantavam.

O povo novamente se reuniu diante do palácio, a bradar desesperado. O Pharaó, inquieto e taciturno, tentou acalmá-lo, prometendo as mais enérgicas providências para conjurar a calamidade

Por sua ordem fui designado, com outros oficiais, para verificar se os rebanhos dos hebreus eram igualmente atacados e, se não o estivessem, procurarmos descobrir o remédio, ainda que isso custasse centenas de cabeças judias.

Fizemos grande verificação; nas zonas percorridas os rebanhos ofereciam aspecto lastimável; os animais morriam como moscas e os cadáveres que, ninguém sabia como enterrá-los, empestavam o ar. Quando avistamos terrenos per-

tencentes aos hebreus, notamo-los desertos. Os rebanhos tinha sido encerrados em quintais murados de pedras, ou em baias absolutamente indenes.

Cheios de ódio invadimos algumas casas judias para conseguir, a qualquer preço, o segredo da imunidade, mas nada conseguimos. Evidentemente, a morte do delator estrangulado no palácio de Pharaó apavorara os hebreus e eles ficaram mudos. A despeito das mais severas ameaças e castigos, não foi possível arrancar-lhes a menor confissão.

Desencorajados, regressamos ao palácio, onde os colegas nos contaram que, na véspera, os sábios haviam-se reunido, decidindo que se fizesse minuciosa inspeção em todos os poços e fontes onde os animais se alteravam.

Fomos imediatamente à presença de Pharaó para relatar o resultado da nossa missão. Sentado à mesa, pálido e constrangido, o monarca parecia intranquilo e insone.

Apenas acabara meu relato, gritos e clamores tumultuosos partiram das galerias e pareciam propagar-se por todo o palácio. O Pharaó franziu a testa e voltou-se para um dos dignatários, mas antes que pudesse ordenar qualquer coisa, um homem ofegante e extenuado surgiu na sala. Era um jovem sacerdote com as vestes rasgadas, coberto de poeira, tendo o rosto salpicado de lama. Avançou cambaleante para o estrado real e, após haver dito com voz soturna — morreu Ápis — tombou ao solo

A terrível notícia provocou lúgubres gemidos da assistência; uns rasgavam as roupas, outros batiam no peito ou se rojavam por terra; quanto a Mernephtah, vi que empalideceu mortalmente e empurrando com violência a cadeira, deixou a sala. Em poucos minutos, os que puderam, abandonaram o palácio, pois cada qual tinha pressa de comunicar à família a nova desgraça, que feria o Egipto. Eu também voltei para casa acabrunhado e lá encontrei meu pai desesperado, arrancando os cabelos, minha mãe e Ilsiris pareciam transformadas em fonte, tal a abundância de lágrimas que vertiam. Refugiei-me no meu quarto, mas não pude dormir durante toda a noite.

Tive uma idéia salvadora, no decorrer dessas angustiosas horas de insônia. Iria procurar Pinehas. Sendo sua mãe amiga do rico hebreu Enoch, este, certamente, ter-lhe-ia ensinado o meio de preservar os rebanhos.

Levantei-me alta madrugada e ordenei que selassem o cavalo, mas o escravo logo veio dizer-me lastimoso, que o animal adoecera. Com o coração trespassado, voltei para que não visse que também lacrimejava e mandei aprestar a liteira.

Quando cheguei à casa de Pinehas, perguntei a um pretinho que me ajudou a descer, se os rebanhos do senhorio tinham sido contaminados.

— Não, os deuses sejam louvados! — respondeu.

Ao atravessar a galeria, vi Kermosa e um velho de tipo semítico desaparecerem furtivamente num bosquezinho. Presumi que fosse Enoch.

Pinehas estava só e perguntou-me no que me poderia ser útil.

Expliquei sucintamente o que desejava.

Ao terminar disse-lhe:

— Teus rebanhos não foram atingidos. Sem dúvida a amizade de Enoch os preservou. Ajuda-me, pois, por tua vez.

O rosto pálido de Pinehas tornou-se escarlate, quando o jovem ouviu a alusão às relações da genitora com o rico hebreu.

— De nada sei — disse em tom glacial e contrafeito; e mesmo que soubesse, nada diria, porque estou preso a um juramento.

Indignado exclamei:

— Que dizes, Pinehas? Tu, um egípcio?! Teu povo tudo arrisca, trata-se do bem-estar de tua pátria, de milhares de famílias atiradas à miséria pela maldade de um homem, e te manténs ligado por um juramento a esse ingrato e miserável conspirador que destrói teus irmãos!

Ele voltou-me as costas e passou a folhear seus papéis. Sem lhe dar a honra de uma palavra, saí furioso, mas, chegando à porta, nova idéia me ocorreu: Pinehas estava enamorado; aquilo que me recusava, não recusaria, talvez, a Smaragda.

Diante do olhar fascinador da mulher amada, todo homem é fraco.

Pensando na importância da meta que deveria ser alcançada, convinha ao menos aventurar. Dirigi-me então à casa de Mena, onde também reinava a maior desordem. Todos lamentavam-se em voz alta. Rhadamés estava pálido e nervoso, aprontando-se para sair.

— Perde-se tudo, não sei mas o que fazer — disse apertando-me a mão.

Sem hesitar, comuniquei-lhe meu projeto, que ele ouviu de cenho carregado, acabando por dizer:

— Estás com razão, Necho. É preciso tudo tentar para evitar a ruína; e como Pinehas conhece o remédio que buscamos, nenhum sacrifício é demais para consegui-lo. Mas, antes de falar com Smaragda, preciso consultar minha mãe e minhas Irmãs; vem comigo e eu te apresentarei a elas porque, afeiçoadas a mim, aqui se estabeleceram e assim nos vemos seguidamente e evitamos dobrada despesa com a manutenção de duas casas.

Levou-me a uma sala ricamente decorada, onde se encontravam três mulheres a conversar ruidosamente, lamentando os prejuízos causados pela peste; uma

era a genitora, mulher de meia idade e de aparência agradável; as duas moças, de vinte o dois e vinte e quatro anos, respectivamente, muito se pareciam, eram bem irmãs pelos traços fisionômicos, mas inexpressivos. Em compensação, estavam cobertas de jóias e muito bem vestidas. Rhadamés abraçou-as ternamente e depois apresentou-me, com frases elogiosas. As duas moças, a requebrarem-se, endereçando-me olhares significativos, tomaram grande interesse pelo projeto que Rhadamés procurava expor.

— Sem dúvida Smaragda deve procurar Pinehas, exclamaram as três senhoras; será um mínimo que ela faz para salvar nossos rebanhos, evitando-nos a ruína.

— Vamos até lá — disse Rhadamés levantando-se.

Dirigimo-nos para o terraço, retiro favorito da jovem senhora, passando pelas salas e galerias já bem conhecidas. Ao entrar, vimo-la meio recostada no leito de repouso. O semblante, pálido e abatido, revelava melancólica indiferença.

— Smaragda, reconduzo-te ao mundo, — disse o condutor do carro.

Ao ouvir a voz do marido, a jovem estremeceu e ergueu-se para dar-me as boas vindas.

Logo que nos sentamos, Rhadamés tomou-lhe as mãos e disse com uma ternura que me pareceu pouco sincera:

— De ti depende salvar nossa fortuna, assim como a de Necho, querida Smaragda — e, ato contínuo expôs-lhe o que se lhe pedia.

Enquanto ele falava, o rosto da esposa enrubescia e o cenho se carregava.

— Jamais! — nada pedirei a Pinehas!

— Mas deves fazê-lo! — exclamaram a um só tempo as cunhadas; todos os rebanhos perecem e isso é a ruína; Necho Julga que só o teu pedido poderá sensibilizar Pinehas.

— Sim, deves ir! — acrescentou Rhadamés aflito.

Os olhos de Smaragda fuzilaram:

— E és tu que exiges vá pedir algo a um homem que me ama? Isso não te repugna?

— É claro — respondeu de mau humor — isso me desagrada, mas, que fazer, quando se trata de nossa fortuna.

— Se é só isso o que te aflige — disse ela ironicamente — são os meus rebanhos que perecem. Pois que pereçam! Não me importa.

Gritos de indignação partiram de todas as bocas:

— Não tens o direito de arruinar teu marido — atacou a matrona.

— E a nós, porque os nossos bens são comuns — acrescentou uma das mo-

ças.

Rhadamés empertigou-se autoritário:

— Como teu senhor ordeno-te pedires a Pinehas que nos ajude a salvar nossos rebanhos. Que os demais pereçam, pouco me importa.

Ao notar, porém meu espanto, visto que de mim partira a sugestão, acrescentou em atitude obsequiosa:

— É claro que transmitirei a Necho o segredo desde que Pinehas o revele.

Smaragda calou-se e numa atitude indiferente, recostou-se na almofada e cerrou os olhos.

— Não penses só em ti, quando há milhares de famílias na iminência de se arruinarem, disse-lhe eu. Considera, também, que esta calamidade acabará por nos fazer perder os hebreus.

— Tudo isso pouco me comove e nada pedirei a Pinehas, é escusado insistir.

Levantei-me e despedi-me mas apesar de tudo, achava graça no aspecto furioso da família tão sub-repticiamente instalada no palácio de Mena.

Ia entrar na liteira, quando Rhadamés aproximou-se correndo:

— Necho, escuta, tive uma idéia magnífica para vencer a teimosia de Smaragda. Vamos à casa de Omifer; ela o ama e não quererá a ruína dele, cuja principal riqueza consiste em rebanhos, que se contam por milhares de bovinos e caprinos, centenas de camelos, etc. Julgo que se ele intervir, o caso estará resolvido.

A casa de Omifer parecia mais um palácio que uma residência particular e não ficava muito longe, conquanto ele morasse habitualmente em Thebas. Eu sabia que, fracassada a evasão de Smaragda, ele regressara a Tanis.

Um criado atarefado e perturbado que nos atendeu disse que o amo acabava de regressar de um giro pelo campo, e nos levou a um pátio onde encontramos Omifer, que mal acabara de apear da montaria branca de espuma.

A presença de Rhadamés fê-lo empalidecer, mas ainda assim, recebeu-nos com afabilidade.

Quando lhe declarei que a visita se prendia a assunto grave, ele nos levou a um gabinete de admiráveis tapetes e cujos móveis incrustados de ouro apenas teriam rivais, em magnificência, no palácio de Mernephtah.

Com olhos invejosos Rhadamés examinou o ambiente rico e depois, com palavras estudadas, abordou o assunto.

Omifer corou vivamente e envolvendo-o num olhar de profundo desprezo, disse:

— Sinto muito, mas não tenho a sua largueza de vistas; sou muito ciumento para enviar a mulher amada à casa de outro homem por ela apaixonado e por

isso, jamais pedirei a Smaragda que se humilhe diante de Pinehas. Prefiro ver perdida a última cabeça dos meus rebanhos.

Levantou-se e tivemos que nos despedir.

Ao voltar a casa, após esse insucesso, encontrei Ilsiris em tal estado de desespero, que me alarmou, e indagando o que havia, vim a saber que Chamus saíra disposto á obter da linda Léa o remédio para salvar nossos rebanhos. Foi a própria Ilsiris que lho pedira, apesar do seu ciúme, mas notava-se que a decisão muito lhe havia custado.

Triste e faminto, mandei que me servissem qualquer repasto, porém, mal começara a comer, quando recebi umas tabuinhas trazidas por um portador de Rhadamés;

Admirado li: "Venha quanto antes, tudo arranjado".

Animado de nova esperança não fiz mais que tomar a liteira, ordenando que corressem à casa de Mena.

Rhadamés me recebeu muito nervoso e disse em surdina:

— Foi minha irmã que arranjou o negócio, inventando que Omifer está na iminência de suicidar-se para não sobreviver à perda total da sua fortuna. Ao ouvir tal notícia, Smaragda sobressaltou-se e mancou chamar-me, mas — acrescentou rindo-se — também mudei de tom, declarei haver refletido e, achando o negócio inconveniente não podia concordar. Ela está fora de si, a sapatear e a jurar que o fará, apesar de tudo; então, anuí, mas como não poderá ir só, chamei-te para acompanhá-la, visto não desejar atritar-me com Pinehas; e o seu ciúme pela minha presença poderá prejudicar a empresa.

De bom grado concordei e quase em seguida apareceu Smaragda, envolvida em espesso véu. Rhadamés levou-nos até à liteira fechada que se encontrava ao pé da escadaria, recomendando-me que a reconduzisse tão logo obtivéssemos o remédio salvador.

Calado sentei-me junto a Smaragda e assim chegamos à casa de Kermosa.

Informou-nos o negrinho que a patroa havia saído, mas Pinehas se encontrava só no quarto. Receoso de expor Smaragda a uma grosseria ou recusa descortês, fui sozinho ao seu encontro.

Ao avistar-me, levantou a cabeça, como que admirado, e acabou esboçando um sorriso irônico:

— És tu, Necho? Decididamente, elegeste-me para salvadora. Extraordinária teimosia!

— Desta vez — respondi — não venho só: trago comigo uma das mais belas mulheres de Tanis, cuja voz melodiosa mais te comoverá, talvez, que a própria

ruína de nossa pátria.

Ele alçou bruscamente a fronte e respondeu desdenhoso;

— Uma mulher? Não conheço nenhuma que me possa honrar com sua visita e gabar-se de ter sobre mim ascendência, unicamente pela voz, a ponto de me fazer violar um juramento. Mas, enfim, onde está essa deidade?

— Não sabendo se te era grato revê-la, deixei-a lá embaixo.

— Fizeste bem.

— Assim, direi a Smaragda que...

— Smaragda!? — atalhou empalidecendo — por que não disseste logo?

E sem mais demora, precipitou-se para fora.

— Está vencido — pensei.

Fui-lhe no encalço e o vi de rosto esfogueado ajudar Smaragda a descer da liteira.

— Sinto-me grandemente honrado em receber neste humilde teto a nobre irmã de Mena; minha mãe não está, mas não deve demorar — disse, devorando com os olhos o véu espesso que encobria o rosto da visitante.

— Não te quero enganar — murmurou ela acompanhando-o ao interior — não é a Kermosa e sim a ti que pretendo falar.

Ao chegarem à sala, Pinehas ofereceu uma cadeira a Smaragda e convidou--me, também a sentar. A linda criatura desvelou-se e notei que intenso rubor lhe cobria as faces; os grandes olhos brilhantes se fixaram em Pinehas, como se quisessem sondar no seu âmago a extensão do amor que ela pretendia explorar.

Como a serpente encantada ao som da música, Pinehas subjugado por aquele olhar fascinante, perdeu a compostura austera e baixou os olhos, pálido e conturbado. Um raio de triunfo fulgurou nos olhos de Smaragda, que murmurou:

— Vim até aqui, repito-o, para implorar ao sábio Pinehas ajuda e conselho para evitar a destruição dos rebanhos que me ameaçam de ruína.

Uma palidez mortal estampava-se no rosto do egípcio e o peito arfava-lhe penosamente e nos olhos se alternavam relâmpagos de ódio e paixão.

— Não! — disse por fim, com voz rouca — por ti e por teu marido não violarei meu juramento; falemos de outra coisa, pois é inconcebível que salve teus bens para ajudar Rhadamés.

Smaragda levantou-se de pronto como que magoada e voltou-lhe as costas; mas, logo reconsiderando esse gesto, aproximou-se de Pinehas, que também se levantara, e tomando-lhe do braço inclinou-se para ele.

— Tu te enganas, murmurou com estranho olhar — Rhadamés só ama as minhas riquezas; eu nada valho para a sua felicidade, mas não o poderei humilhar e

dominar, senão enquanto for rica. Acreditarás, seriamente, que, se ele me tivesse amor, aqui me enviaria?

Uma onda de sangue tornou escarlate a face pálida de Pinehas.

— Se foi ele quem te enviou, vou fornecer o chicote com que o sujeites; mas, Necho, dize a Rhadamés — e seus olhos pareciam querer devorar a bela Smaragda — que, para salvar os seus rebanhos, a esposa deverá pagar-me com três beijos...

Smaragda empalideceu e recuou de cenho carregado.

— Nunca por esse preço! — disse ela dirigindo-se para a porta de saída.

— Trata-se de Omifer! — soprei-lhe no ouvido.

Parou e cruzou os braços.

— Aceito, mas com a garantia de eficácia do remédio.

— Juro-o! — respondeu Pinehas estreitando-a nos braços e cobrindo-lhe os lábios descorados com os três beijos convencionados.

Pinehas passou a mão pelo rosto escaldante e levando-me para junto da janela, disse:

— Tens aí tabuinhas. Vou ditar o que é preciso fazer.

Apressei-me em tirá-las de meus bolsos. Declarou necessário, antes de tudo, colocar grande quantidade de sal na forragem, untar a cauda do animal com alcatrão e esfregar-lhe todo o corpo com uma infusão de alcatrão e certa planta, que indicou; depois, apanhar os sargaços que crescem à margem do Nilo, picá-los, salgá-los e ministrá-los ao gado, não lhe dando a beber senão água do rio. Além disso, defumações rigorosas nas baias e mesmo nos campos, e para casos especiais prescreveu um tratamento à base de azeite doce.

Smaragda pôs novamente o véu e saiu tão apressada que mal pôde agradecer a Pinehas. Logo que entrou na liteira, ordenou que a levassem à casa de Omifer e não ousei contrariá-la, pois fora por ele que ela consumara todos os sacrifícios.

Smaragda parecia voar, mal tocando o solo. Avisado, sem dúvida, Omifer nos recebeu à entrada de uma sala. A bela amada atirou-se-lhe nos braços.

— Salvei-te mas, a que preço! — exclamou fora de si, desmaiando de raiva.

Omifer colocou-a num leito e perguntou-me o que significava aquilo.

Em, poucas palavras relatei toda a história e lhe comuniquei o remédio. Ele tudo ouviu, indignado, e declarou que preferiria ver aniquilado todos os rebanhos, mas ao mesmo tempo, mandou chamar o intendente para transmitir-lhe a receita.

Como Smaragda não recobrava os sentidos, despedi-me.

— Devo correr para casa, pois lá também a ruína está iminente; encarrega-te de reconduzir a mulher de Rhadamés e transmitir-lhe a receita.

Satisfeitíssimo voltei para casa sem perder tempo e pusemos mãos à obra. De toda parte se tirava sal e alcatrão; homens corriam à margem do Nilo para colher os sargaços, transmitindo a todos que encontravam a receita salvadora. Com a rapidez do relâmpago, a boa nova se propagou. Todos buscavam utilizar o recurso e breve não se viam nas ruas senão homens e mulheres carregando grandes molhos de sargaço ou cestas repletas de plantas. Outros conduziam sacos ou ânforas de azeite. Os armazéns onde vendiam sal, alcatrão e azeite etc., eram investidos de assalto; e enchiam-se as carrocinhas com os preciosos ingredientes para enviá-los ao campo, porque o efeito era evidente, mesmo para os animais já atacados. Desde que começamos a aplicar o remédio não perdemos um só animal.

Tarde da noite apareceu Chamus triunfante, trazendo a mesma receita.

No dia seguinte, todos estavam mais ou menos serenados. Febril atividade reinava por toda parte e um escravo que regressou do campo, trouxe igualmente consoladoras notícias; o mal estava seguramente debelado, porque os casos de contágio eram raríssimos e a maior parte dos contaminados se restabelecia a olhos vistos.

Ao entardecer, fui ao palácio falar com um colega sobre certo negócio. Enquanto o procurava na sala da guarda, avistei Rhadamés e me aproximei para lhe apertar a mão; com grande surpresa, porém, deixou de corresponder e medindo-me com desprezo, falou com voz rouca:

— Nunca te julguei tão miserável e desleal, tanto que te confiei minha mulher e graças a mim não ficaste reduzido à miséria... Em compensação, como te comportaste para comigo? O remédio que foste buscar recebi-o dos transeuntes e não sei onde deixaste Smaragda, que só hoje de manhã regressou ao lar.

Falando assim, contorcia as mãos.

Abaixei a cabeça contrito e envergonhado:

— Ela quis ir à Casa de Omifer e lá teve uma síncope. Eu não podia perder tempo e Omifer me prometeu reenviá-la logo que recobrasse os sentidos.

— Mas... como deixar uma mulher a ti confiada, em casa do homem a quem ama e a quem corresponde com fervor? — disse sapateando. Mas, fiquem sabendo, os infames, que hão de pagar esta afronta logo que eu regresse.

E saiu apressadamente.

— Vai fazer alguma viagem? — perguntei ao colega?

— Creio que foi chamado para acompanhar o Pharaó, que, para se distrair um pouco de toda esta confusão, vai por alguns dias, caçar leões no deserto.

Compreendi que Rhadamés adiava projetos de vingança e mais do que isso interessava-lhe um olhar benevolente do rei, de cujas boas graças se prevalecia

para tratar os outros com arrogância. Ele bem que acariciava os pés de Merneph-tah, mas à socapa mordia os que lhe desagradavam.

Os dias seguintes foram de calma. Moisés não era visto e cada qual procurava, com afinco, apagar os vestígios de todas as desgraças suportadas.

Meu pai resolveu aproveitar a tranquilidade reinante para realizar o casamento de Ilsiris dentro de oito dias.

Começaram os grandes preparativos, a casa parecia um formigueiro. Mulheres que cortavam e cosiam, preparando os vestidos de minha mãe e da noiva; bem como intendentes, mordomos e cozinheiros, que ornamentavam as salas e preparavam a festa.

Convites eram expedidos a todas as pessoas notáveis de Tanis e fiz questão de ir pessoalmente convidar Pinehas e a genitora, que prometeram comparecer. Em seguida, Pinehas levou-me ao seu quarto, onde me serviu uma beberagem que me preservaria do mau olhado, em paga — acrescentou sorridente — da visita de Smaragda, que lhe facultei.

Ilsiris amanheceu queixando-se de violenta dor de cabeça na véspera dos esponsais, o que atribuímos à fadiga e excesso de atividade nos arranjos festivos, Minha mãe concitou-a a não se deixar vencer e dominar por uma ligeira indisposição. Ela sorriu e respondeu:

— Tentarei.

A tarde porém, sentiu-se pior, o rosto lhe escaldava e tremores glaciais faziam-lhe tremer o corpo.

Quando, no dia seguinte pela manhã, entrei na sala de estar, notei meu irmão muito preocupado.

— Ilsiris vai mal — disse-me — veja que situação! Daqui a pouco os convidados começarão a chegar e a noiva lá na cama, incapaz de levantar-se.

— Posso vê-la?

— Sem dúvida; sobe ao seu quarto e lá irei também, pois quero apenas dar aqui algumas ordens.

Fui ao quarto de Ilsiris, situado num pequeno terraço ensombrado por plantas floridas. Encontrei-a estendida num leito de repouso, de olhos fechados, rosto incendido e mãos convulsivamente crispadas. A velha Acca lhe aplicava na testa compressas de água fria. Inclinando-me, notei que da boca entreaberta lhe escapava um hálito escaldante.

— Querida Ilsiris — disse tocando-lhe na mão — sofres? Lembra-te do dia de hoje e reanima-te!

Abriu os olhos baços, mortiços, tentando erguer a cabeça, mas deixou-a

pender logo, gemendo. Esse movimento afastou o lençol fino, que a cobria, e pude ver, então, no pescoço perto do ombro, escura mancha que se diria picada de cobra. Afastei a cortina que ensombrava o ambiente e pude notar outra mancha semelhante à primeira, no braço. Fora de mim, procurei minha mãe, que, na outra extremidade do terraço estava preparando um refresco.

— Mãe querida, tem calma e ouve tudo com coragem. Ilsiris está atacada de peste. Providencia para que nenhuma das aias saia de seus quartos, enquanto corro a buscar um médico e a prevenir meu pai.

— Necho, de que queres prevenir-me? — perguntou meu pai acabando de entrar. — Por Osíris! O que há? — acrescentou, ao ver minha mãe desfalecer numa cadeira e Acca, de joelhos, batendo com a cabeça no soalho, a gemer surdamente.

— Os deuses retiraram de nós seu olhar — disse minha mãe estendendo, aflita, os braços para ele; ferem o que temos de mais caro. Ilsiris está empestada.

Meu pai cambaleou e apoiou-se à parede, pálido como um cadáver.

— Calma, pai — disse apertando-lhe a mão — os deuses ainda podem salvá-la; vou procurar um médico enquanto mandas prevenir os convidados que não venham, a fim de não se exporem ao contágio.

Sem esperar resposta, saí precipitadamente, ordenando que atrelassem o carro; entretanto, já a desgraça havia transpirado, de modo que todos os criados, lívidos, repetiam tremendo: “a peste, a peste”!

Chicoteando os cavalos, corri para junto do velho sacerdote, médico de nomeada, mas não consegui ser atendido. O criado informou que ele estava repousando, seriamente indisposto. Corri a outro sábio e fui igualmente infeliz. A esposa, desconfiada e abatida, declarou que ele tinha ido Ver um doente.

Desencorajado e aflito com a perda de tempo, resolvi procurar um templo assaz distante e ao dobrar uma esquina, quase abalroei outro carro em disparada. Praguejando, contive os animais; o outro fez o mesmo, e qual não foi minha surpresa ao reconhecer Omifer abatido e perturbado, a dizer-me:

— Graças a Amon que te encontro, pois ia justamente à tua procura.

— Fala então, depressa, pois também estou à procura de um médico.

— Também eu — respondeu — e quero que me informes o endereço do tal Pinehas, que tão maravilhosamente salvou nossos rebanhos; dize-me onde mora esse grande sábio e feiticeiro, porque Smaragda está afetada de peste.

— Como não me lembrei dele? — exclamei batendo na testa — mas, por que vieste tu e não Rhadamés?

— É uma história que te contarei durante a viagem — passa para o meu carro e devolve o teu; ali vai um soldado, chama-o!

Aceitei o alvitre confiando o carro ao soldado para que o reconduzisse à casa e segui Omifer, que me passou as rédeas, dizendo:

— Tu conheces o caminho e não poupes o chicote.

Os dois fogosos cavalos arrastavam o veículo com velocidade enquanto Omifer falava-me:

— Tu te admiras seja eu quem busque um médico para Smaragda e tens razão. Devo dizer-te, contudo, que ela está em minha casa. Esse miserável Rhadamés, que ontem regressou da caçada real, renovou, ao que parece, as investidas contra ela, por haver passado em minha casa a noite daquele dia em que lá a deixaste, adoentada e combalida por uma série de contrariedades; hoje, com, o frescor da manhã, ela regressou ao lar acompanhada da ama fiel, mas em viagem sentiu-se mal e notou no seio pequena mancha negra. À porta da casa, surgiu-lhe o marido, que novamente explodiu em impropérios, e como Sacheprés lhe pedisse que não contrariasse a doente, exclamou:

— Que doença? Que lhe falta? Caprichos de enamorada!

— Oh! senhor — respondeu a velha — como podes chamar a peste de capricho? — Deixa-nos entrar para acamá-la quanto antes.

O covarde recuou espavorido:

— Então ela está contaminada pela peste e tu, bruxa, ousas trazê-la para cá? Pois fica sabendo que não entrareis. Permanecei na rua ou onde quiserem, menos aqui!

A aia, atarantada e sem saber o que fazer, voltou com Smaragda para minha casa e tive, assim, a ventura de cuidar pessoalmente da mulher amada, e certo não permitirei que ela volte para a companhia do infame.

Com profundo desgosto ouvi o episódio, pois não supunha Rhadamés tão vil.

Chegamos enfim, à casa de Kermosa; parei o carro e Omifer desceu sobraçando pesada caixa que depôs no solo. O negrinho porteiro informou que a patroa estava na primeira sala.

Fomos gentilmente recebidos por Kermosa, que nos informou estar Pinehas atarefadíssimo, não podendo receber ninguém. Entretanto, quando Omifer lhe ofereceu a caixa repleta de ouro e jóias e, por minha vez, lhe prometi cinquenta vacas à sua escolha, se Smaragda e Ilsiris recobrassem a saúde, desanuviou a fronte e contestou visivelmente comovida:

— É-me impossível ficar indiferente e surda ao vosso apelo, generoso Omifer e nobre Necho; tudo farei por conjurar o perigo, que, infortunada e horrivelmente, ameaça duas criaturas preciosas; encarrego-me, pois, de vencer quaisquer

escrúpulos de meu filho; ide ao seu gabinete, mesmo porque, se houver alguém no mundo capaz de salvá-las, há de ser o meu sábio Pinehas.

Encontramo-lo em uma salinha contígua à que normalmente ocupava. De pé, junto de pequeno fogareiro, ele cozia qualquer coisa numa panela de alabastro. Sobre a mesa de pedra, uma serpente estendida e meio esfolada, exalando odor penetrante e desagradável e de um grande depósito colado à parede, corria um líquido esverdeado para uma gamela.

De início, Pinehas não se mostrou disposto a nos socorrer o murmurou mal humorado:

— Posso apostar que subornastes minha mãe a peso de ouro, para que ela vos deixasse vir até aqui; isso não é decente, Necho, porque detesto esmolas; o que possuo me basta e não desejo que se diga, jamais, que mercadejo com minha ciência.

Contudo, o nome de Smaragda produziu o efeito desejado e recebi logo as instruções necessárias:

— Deves pegar alguns camundongos e queimá-los até reduzi-los a pó, que adicionarás a vinho novo e dessa mistura darás à doente meio copo de hora em hora. Como única bebida, suco de sargaço (cortado, esmagado e coado num pano). Envolva a doente inteiramente, principalmente os braços e pernas, em panos embebidos no azeite doce e renovados logo que sequem. Sob o lençol em que estiver deitada, estenda uma camada de terra fresca, renovada de duas em duas horas, e a terra substituída deverá ser queimada em forno que não receba o pão, é claro.

De um armário retirou uma caixinha e um pote com alcatrão, que me entregou.

— Aqui tens um bálsamo para pincelar as manchas negras, e como será preciso muito tempo para preparar o pó de camundongo, leva-o já pronto nesta caixinha.

Vendo-me apressado, acrescentou:

— Vai na frente e pede o meu cavalo, pois ainda preciso falar a Omifer.

Agradeci e já me encontrava no umbral da porta quando ele advertiu.

— Não te esqueças, se alguém dos teus vier a falecer, de mandar incinerar todos os objetos que lhe serviram e só transportar para o cemitério o cadáver, envolto em panos alcatroados.

Ao chegar a casa, pus logo em prática as prescrições de Pinehas e transporte e colocação da terra fresca sob o lenço da doente, cujo aspecto repugnava. Cortou-se e espremeu-se o sargaço para lhe extrair o suco; quanto ao pó, ordenei que o empregassem sem dizer da sua origem.

Depois de transmitir as instruções à mãe, que, desfeita em lágrimas não tinha coragem de se chegar à enferma, fui a meu pai e conversamos acabrunhados.

Quando lhe contei o procedimento de Rhadamés, disse com desprezo:

— Pior que um réptil.

Recolhi-me por fim, ao quarto, cansado de corpo e alma, e adormeci profundamente.

Fui despertado já dia alto por meu pai, tão pálido e abatido que pensei ter morrido Ilsiris.

— Que há? — perguntei aflito.

— Más notícias, meu filho; durante a noite uma dúzia de escravos, homens e mulheres adoeceram. "É uma grande perda!

— É necessário tratá-los da mesma forma que estamos fazendo com Ilsiris. E como vai ela?

— Disse-me tua mãe que as manchas negras esmaeceram e que a respiração é mais tranquila. Pobre mulher! Parece que em toda a cidade a peste já fez numerosas vítimas e confesso-te que também eu não me sinto bem; roda-me a cabeça e tenho os membros pesados como granito. É a mão de Moisés que pesa sobre nós e talvez estejamos errados em reter os hebreus!

Observei, com angústia, a expressão fisionômica de meu pai, estranhamente transfigurado.

— Dá as ordens necessárias para o tratamento dos escravos, meu filho, enquanto vou repousar um pouco.

Levei-o ao dormitório e, tomando ás providências de mister, fui de coração opresso, até ao palácio do Pharaó, porque estava na escala de serviço.

Ao atravessar a cidade, notei que a horrível moléstia havia invadido lares ricos e pobres; por toda parte, fisionomias aflitas e abatidas. Diante de uma porta, vi um rabecão que recebia um cadáver repugnante, negro, disforme, coberto de manchas e tumores.

— Que estás fazendo, infeliz! — exclamei parando e recordando a recomendação de Pinehas. Vais difundir o contágio por toda a cidade! Envolve o cadáver num pano alcatroado e queima toda a roupa e objetos de uso.

Chegado ao palácio, notei geral consternação e soube que o príncipe herdeiro contraíra a moléstia. O Pharaó tentara congregar os maiores sábios à cabeceira do filho, mas os mensageiros voltaram com a desoladora notícia de que, precisamente os sábios e feiticeiros, em sua maior parte, estavam atacados e impossibilitados de se locomoverem.

No momento, estava reunido um conselho para assentar as providências

adequadas.

Ocorreu-me logo a idéia de que o tratamento prescrito para Ilsiris poderia aproveitar ao príncipe herdeiro. Assim dirigi-me rapidamente para a sala da reunião, e solicitei que me facilitassem a entrada, porque tinha em mira transmitir ao rei um assunto da mais alta relevância.

A princípio o porteiro hesitou, mas, as circunstâncias eram tão críticas que dispensavam formalidades extraordinárias, e acabei entrando e dirigindo-me ao mestre de cerimônias, que, por sua vez me levou até junto do trono, onde me prostrei. Mernephtah, pálido e encanecido, fitou-me com olhar melancólico e fatigado.

— És tu, Necho? Se trazes ao teu rei um conselho ou remédio, serás regiamente recompensado.

— Permite, grande filho de Rá, dispensador de vida e felicidade, que a minha palavra seja absolutamente confidencial.

— Aproxima-te.

Subi o estrado e inclinando-me, relatei em poucas palavras que obtivera para minha irmã uma receita capaz de aproveitar ao príncipe e que conviria consultar Pinehas, mas, com as maiores precauções, para não o expor à cólera de Moisés, que não deixaria de eliminar esse homem tão útil.

Um raio de esperança transpareceu no semblante de Mernephtah e coloriu-lhe as faces:

— Agradeço-te, fiel súdito. Jamais serás esquecido e desde já vou conduzir-te para junto do príncipe; depois, irás à casa de Pinehas para obter o pó e o bálsamo e dir-lhe-ás que três medidas de anéis de ouro lhe pertencem, podendo recebê-las diretamente do meu tesoureiro, ou por teu intermédio.

Levantou-se e disse em voz alta:

— Que o conselho se conserve em sessão permanente, até nova ordem! Agora vou ver meu filho.

Em companhia apenas dos mais íntimos, dirigiu-se para o pavilhão ocupado pelo herdeiro, onde reinava um ambiente de incontida ansiedade. Os criados torciam as mãos e os guardas, cabisbaixos, como sucumbidos, apenas se moveram para prestar continência.

Após atravessar diversos compartimentos ricamente mobiliados, ergui diante do rei o reposteiro azul e ouro, que ocultava a alcova do príncipe, uma sala não muito grande, aberta numa das extremidades para o extenso terraço todo florido; paredes cobertas de esculturas e quadros representavam os altos feitos do fogoso rei Ramsés II. Nos cantos haviam extensos aparadores, repletos de coleções das

armas mais variadas e troféus de caça, artigos prediletos do príncipe.

Em um dos ângulos, sobre um estrado com degraus cobertos com peles de tigre, via-se a cama de ouro maciço e sob lençóis de púrpura, Seti, deitado, braços estendidos, rosto congesto e todo o corpo sacudido por tremores convulsivos. Da boca entreaberta saía respiração opressa e sibilante. Ao redor do leito, comprimiam-se os companheiros e criados do príncipe, pálidos e indecisos, olhando ora a fisionomia do enfermo, ora a dos dois médicos, dos quais um, de cenho carregado, preparava uma poção, enquanto o outro evidentemente convencido da ineficácia do remédio, tinha-se voltado cobrindo o rosto com as mãos.

Imediatamente tomei todas às providências. Mandei buscar terra fresca e os vasos de alabastro com azeite doce e folhas de louro misturadas com alcatrão; despido o enfermo, foi envolto no lençol embebido no azeite e colocado sobre a camada da terra. Mernephtah havia-se afastado para outro lado, em frente, observando atentamente o que se fazia.

Ao cabo de alguns minutos, o doente, quiçá beneficiado pelo contato da terra fresca e do óleo, abriu os olhos congestionados e olhou a assistência.

— Tenho sede! — murmurou.

Naquele momento entravam dois criados com o suco de sargaço; despejei o líquido esverdeado num copo e, ajudado por um jovem companheiro do enfermo, amparei-lhe a cabeça e aproximei aos lábios ressequidos o copo, que foi sorvido avidamente até a última gota. Uma expressão de calma e bem-estar estampou-se-lhe no rosto.

O Pharaó ergueu-se satisfeitíssimo e batendo-me no ombro, disse:

— Muito te devo, Necho; agora, vai buscar o pó e o bálsamo e entrega ao homem esta prenda (retirou o pegador ornado de soberbas esmeraldas, que lhe segurava o manto). Depois, volta aqui sem tardança, pois fico mais tranquilo quando te vejo, dado que nossos sábios médicos são verdadeiras negações que não previram nem souberam evitar a peste.

Deu-me a mão a beijar e parti a toda pressa.

Invadi a sala onde Kermosa dormia na poltrona, junto da mesa cheia de garrafas vazias, sem fazer anunciar. A princípio ela se mostrou muito agastada por ter sido incomodada; mas, quando lhe disse que vinha da parte do Pharaó, que oferecia ao filho três medidas de anéis de ouro, a fisionomia se lhe abriu de contentamento e, apertando-me a mão, chamou-me seu benfeitor e correu a prevenir Pinehas. Taciturno e preocupado, ele logo apareceu, dizendo:

— Que fazes, Necho? Tuas tagarelices me arriscam a vida...

Estendi a Pinehas o pegador de esmeralda e pedi que me fornecesse o pó e o

bálsamo. Agradeceu, visivelmente satisfeito e foi ao quarto buscar um pote grande de bálsamo e uma caixinha de pó.

— Diga ao Pharaó que esta noite mande afastar os importunos e curiosos que rodeiam o enfermo, pois irei eu mesmo tratá-lo; que providencie para minha entrada no palácio, sem dificuldade.

Correndo, voltei ao palácio, e encontrei Seti preso de sono agitado, embora respirando mais calmo; os circunstantes informaram que ele despertara, por vezes, bebendo o suco de sargaço. Então eu próprio misturei o pó e o vinho, recomendando lhe ministrassem meio copo, de meia em meia hora; depois, ensinei como se pincelavam com o bálsamo as manchas negras, e a seguir fui ter com o Pharaó para informá-lo da visita de Pinehas. Estava, porém, em conselho e tive de esperar, até que saísse da reunião. Ao ouvir-me, mostrou-se muito contente com a notícia. Mandou que voltasse para junto do príncipe, onde também estaria depois de expedir algumas ordens.

Assim, fui obrigado a permanecer no palácio, embora impaciente por saber como corriam as coisas em casa. Felizmente, a noite estava prestes a chegar e Pinehas, não poderia tardar. Primeiro veio o rei, que mandou que saíssem todos, exceto eu e alguns jovens da nobreza, companheiros de infância do príncipe e a ele devotados de corpo e alma.

O doente continuava desfalecido, mas notava-se que o mal não progredira.

Mernephtah sentara-se junto de uma mesa e servimo-lo de vinho. Após esvaziar o copo, disse com tristeza e ironia:

— Por toda a cidade a moléstia se agrava de momento a momento; mas, evidentemente, ela não me quer; talvez seja uma deferência de Moisés, temeroso de que não haja, depois, quem lhe consinta a retirada dos hebreus.

— Caro rei! — dissemos — é Rá, o deus poderoso, do qual descendes, que te protege e imuniza; pois que seria do teu infeliz povo se não velasses por ele, nutrindo-lhe a coragem?

O aviso de que o visitante do Pharaó aguardava suas ordens, veio interromper nossa penosa espera. O rei ordenou que fosse introduzido e logo apareceu um velho de barbas brancas, envolto em negro manto. Pelos olhos e ademanes, reconheci Pinehas.

Depois de saudar o Pharaó, desfez-se do manto e tendo examinado o príncipe, disse que ia começar imediatamente o tratamento, pedindo ao rei e aos assistentes que não se assustassem nem se admirassem do que iam presenciar e, sobretudo, que não o tocassem, a pretexto algum, porque daí poderia resultar acidente fatal ao enfermo.

Ninguém se moverá nem se aproximará de ti, sem que o autorizes — respondeu o rei — sobre isso podes ficar tranquilo.

Pinehas pediu um fogareiro com brasas e grande bacia d'água, que colocou junto do leito; a seguir, tirou do bolso um saquinho de ervas secas e jogou um punhado nas brasas, produzindo uma fumaça acre, mas aromática. Inclinando-se para o fogareiro, aspirou fortemente a fumaça e ordenou que tirassem todas as lâmpadas, exceto uma colocada num canto; depois, assentou-se no chão, junto da bacia, de pernas cruzadas e mãos estendidas na direção do enfermo. Silêncio absoluto. Reunidos atrás da cadeira ocupada pelo rei, mal nos atrevíamos a respirar.

Longo tempo assim esteve Pinehas, de olhos fixos no príncipe; pouco a pouco o rosto cobriu-se-lhe de mortal pavor, como que petrificado. Olhos escancarados, inexpressivos, braças sempre estendidos para frente, dir-se-ia uma estátua. Depois, começaram a lhe aflorar placas luminosas pelo corpo, ora esmaecendo, ora aumentando o brilho; das mãos como que se desprendia tênue claridade, que, em chispas multicores, mergulhava nágua. De repente, sem mudar de posição e sem qualquer auxílio visível, Pinehas elevou-se no ar e dessa forma pairou à altura do leito de Seti inteiramente descoberto.

Logo, notamos que das extremidades do enfermo, do vértice da cabeça e sobretudo da região do estômago, saía qualquer coisa negra, que se fundia em nuvem densa, aspirando e dissipando-se, enquanto o corpo do mago continuava a expelir partículas luminosas.

Assombrados, contínhamos a respiração, contemplando o espetáculo extraordinário.

Tudo cessou por fim. Pinehas voltou ao solo e passado certo tempo deu um profundo suspiro, lançando em torno um olhar fatigado. Levantou-se e distendeu os membros. Feito isso, lançou em outro vaso a água que absorvera as partículas luminosas, bebeu um gole do restante, lavou o rosto e as mãos e, aproximando-se de Seti com um pano molhado na mesma água, esfregou-lhe o rosto, os pés e as mãos. Voltou-se depois para o Pharaó e disse:

— Poderoso soberano, aproxima-te e verifica que as manchas desapareceram, e, com elas, a terrível moléstia. O príncipe se restabelecerá, pois todo o perigo passou. O que resta é um estado de extrema fraqueza. Sigam a rigor o tratamento prescrito e logo teu filho recuperará as forças e o viço da mocidade.

Mernephtah aproximou-se e após verificar que o filho dormia um sono normal e profundo, bateu no ombro de Pinehas, dizendo:

— Tu és o maior médico do Egipto, depois de Moisés; toma isto como prova

do meu reconhecimento pela vida do meu herdeiro. — Tirou do dedo um anel com magnífica safira, na qual estava esculpida a cabeça de Apis. — Acrescentando mais três medidas de ouro às que já te dei, presenteio-te com três cavalos encilhados, das minhas cavalariças; cem vacas e cem carneiros dos meus rebanhos. Necho, registra estas ordens e providencia para que tudo seja enviado a Pinehas, da forma que melhor lhe convier.

Pinehas prostrou-se de braços cruzados, agradecendo.

Depois de entregar as tabuinhas com as prescrições a serem observadas, retomou o manto e saiu.

Logo depois, Seti abriu os olhos, inteiramente lúcido e pediu o que beber. Todos se aproximaram.

— Filho, como te sentes? — perguntou Mernephtah inclinando-se e beijando-o na fronte.

— Perfeitamente bem, apenas fraco. Tenho idéia de que um homem flutuava no ar, perto de mim, e que partia dele uma fonte d'água tão fresca, tão perfumada que, à medida que escorria pelos meus membros abrasados e doloridos, eu me sentia renascer.

— É verdade, filho; os deuses te favoreceram com um verdadeiro sonho. Um grande mago aqui esteve, junto de ti e te restabeleceu a saúde; a horrível moléstia abandonou o teu corpo; agora é preciso repousar, porque a calma e o silêncio te são necessários.

Mernephtah retirou-se e pouco depois eu também retomava, justamente aflito, o caminho de casa. Apesar do adiantado da hora, as ruas ainda formigavam de gente e, certamente, alguma coisa do tratamento do herdeiro havia transpirado, porque muitos pobres carregavam sacos e cestas de sargaços e vasos de azeite.

Quando cheguei à casa, um velho escravo informou-me logo que nada de extraordinário ocorrera, mas várias pessoas haviam sido atacadas.

Fui até o quarto de meu pai. Dormia sono pesado e inquieto, remexendo-se no leito de um lado para outro. Não desejando incomodá-lo, retirei-me e fui dormir descansado.

De manhã, fui informado pelo velho criado que meu pai estava passando mal. Corri para junto dele e não tive dúvida em concluir, pelo rosto inchado, olhos esbugalhados e corpo crispado, que tinha contraído a moléstia.

— Depressa — exclamei aos que deblateravam ao redor do leito — em lugar de ficarem aí inativos, vão buscar terra e azeite. Não há tempo a perder.

Depois de lhe dispensar todos os cuidados possíveis, resolvi chegar até os aposentos maternos. Ao atravessar a sala de jantar, notei, com espanto, que um

escravo estava caído perto do aparador, de onde pretendia retirar a baixela. O rosto intumescido e as feias manchas que lhe pontilhavam o corpo, assinalavam uma nova vítima que ainda não tinha sido retirada. Na ante-câmara de minha mãe, várias mulheres amontoadas e desfiguradas, davam a impressão de que não viam nem, ouviam.

Encontrei minha mãe assentada perto de uma mesa com a cabeça apoiada às mãos. Com o ruído dos meus passos, levantou os olhos, dizendo:

— És tu, Necho? Teu pai também foi atingido, já sabes? Pobre Mentuhotep! Sinto, porém, que o seguirei de perto, pois a cabeça me roda e não me aguento nas pernas.

Ao ouvir tais palavras fui preso de íntimo desalento: Ilsiris, ela, e o pai... Iria perdê-los a todos?

— Não fales assim, mãe; isso não significará mais que passageira fraqueza, devido aos aborrecimentos e ao cansaço; como vai Ilsiris?

— Ainda vive. Queres vê-la? — acrescentou, deixando-se cair nos travesseiros.

Levantei-me e entrei no quarto contíguo, propositadamente mergulhado em penumbra. Ilsiris lá estava no leito, esquelética e desfigurada. A febre ainda lhe escaldava as faces e os olhos, mas as manchas horrorosas tinham desaparecido. A velha Acca trocava, na ocasião, os panos molhados no azeite.

— Acca, como te sentes? perguntei, vendo que Ilsiris fechava novamente os olhos.

— Bem — respondeu a velha enxugando uma lágrima — bebo de todos os remédios, fricciono-me com azeite e como o pó com o pão; sinto-me vigorosa como um peixe n'água. Só me falta que os meus bons senhores sejam salvos!

— Querida Acca — disse acariciando-lhe a face encarquilhada — nunca esqueceremos teu devotamento nestes dias amargurados.

Voltei para junto de minha mãe e notando-lhe o rosto afogueado, convidei-a a respirar um pouco de ar fresco, no terraço. Apoiada em mim, caminhou com dificuldade, mas apenas deu alguns passos, parou e levou a mão ao peito.

— Como queima! Parece-me ter uma faca enterrada aqui! — disse afastando a roupa para mostrar-me a região. Vendo, entretanto, uma grande mancha violácea, deu um grito agudo e tombou desacordada. Coloquei-a no leito e chamei Acca. Tornando-se indispensável e não podendo a velha, sozinha, atender a tudo, toquei a campainha dos criados, mas apenas dois se apresentaram.

— Senhor — disse um deles todo lacrimoso — ninguém atenderá ao teu chamado, pois metade das mulheres estão doentes e as outras estão esgotadas a pon-

to de não poderem fazer qualquer coisa.

Pus as mãos na cabeça e comecei a pensar que, da maneira em que vão as coisas, dentro em pouco não haverá quem cuide dos próprios doentes!

Lembrei-me novamente de Kermosa. Talvez me cedesse, por empréstimo, uma serva bastante inteligente para dirigir os socorros aos doentes e auxiliar Acca no tratamento de meus pais; pagaria de bom grado o que fosse pedido.

Sem perder tempo, apanhei uma caixinha, enchia-a das jóias que encontrei à mão e, tomando o carro toquei para casa de Pinehas. Kermosa me recebeu amavelmente.

— Ajuda-me — disse apresentando-lhe o cofre — todos os meus estão atacados da peste, sem contar mais de trinta escravos e criados. Os que não estão doentes, estão horrorizados, vendo seus parceiros, que morrem sob suas vistas.

— Vejo que estás desatinado, pobre rapaz. Teus pais estão doentes da peste e os servos, perturbados, incapacitados de agir. Não deves, porém, desesperar. Acalma-te, Necho; gosto da tua família e te ajudarei; vou emprestar-te uma jovem capaz de cuidar dos doentes, dirigindo o tratamento. Entretanto, devo dizer-te uma coisa: estimo essa moça que, jovem e bela, é, até certo ponto minha parenta — acrescentou baixando os olhos envergonhada. — Promete-me, pois, que nunca lhe faltarão atenções em tua casa.

— Quanto a isso posso jurar — respondi. Ela te será restituída impoluta, ninguém lhe tocará com um dedo.

— Henaís — gritou Kermosa no seu metal de voz sonoro e agudo — depressa!

Logo, uma rapariga de beleza surpreendente assomou no umbral. Um vestido simples, de pano listrado, desenhava-lhe o corpo esbelto, deixando a descoberto uns ombros e braços admiráveis. A cútis bronzeada era tão pura que se diria ver o sangue circular na sua transparência, traços regulares e encantadores, olhos negros, doces e veludados, como os de uma gazela, exprimiam bondade extrema. Ao ver-me, perturbou-se e baixou a cabeça.

— Henaís, vês este nobre egípcio? — disse Kermosa — três membros de sua família foram atingidos pela peste e o pessoal doméstico morre como mosca; ele veio pedir-me alguém capaz de o ajudar e foi a ti que escolhi. Sei que te desobrigarás a contento, porque fui eu que te educou de forma idêntica à dos ilustres egípcios, meus patrícios. Portanto, podes ir tranquilamente cuidar dos pobres doentes, porque Necho me prometeu que, a começar por ele, até o último escravo, ninguém abusará de ti.

— Mas — retrucou ela empalidecendo — Pinehas não há de concordar.

— Pinehas não tem outra coisa a fazer se não obedecer-me, compreendes?

Evita palavras imprudentes, que possam dar a entender que meu filho tenha outra vontade que não a minha, quando a verdade é que, desde a infância, sua adoração filial o faz considerar meus desejos como lei. Vai, pois, e prepara-te para acompanhar o nobre Necho.

A moça, que muito respeitava Kermosa, desapareceu imediatamente. Perguntei se não poderia avistar-me, um momento, com Pinehas,

— Creio que não — respondeu Kermosa — pois está ocupadíssimo, junto de Smaragda, gravemente contaminada. Mas, vem comigo, e se for possível, vê-lo-ás.

Levou-me aos apartamentos do filho e deteve-se diante da porta velada com uma cortina que ela entreabriu discretamente para lançar um olhar pelo interior; depois, com o dedo nos lábios, em sinal de silêncio, acenou-me para que me aproximasse. Avancei curioso. Na sala confortavelmente mobiliada, vi Smaragda estendida como se estivesse morta, num leito de repouso. Tão branca como a gaze que a recobria, mas sem as manchas negras no corpo; a febre deveria ter cedido, pois ela dormia como se apenas estivesse muito extenuada. Junto dela, de pé, Pinehas, inquieto e com as veias intumescidas. Com grande espanto, notei que, com a ponta dos dedos ele tocava a fronte da moça, descendo depois as mãos sem tocar o corpo, até os pés. Isto incessante e seguidamente. Não vi Omifer, notando apenas que numa esteira dormia profundamente uma negrinha.

Finalmente, Pinehas cessou de operar. Parecia exausto e suor copioso escorria-lhe da fronte; inclinou-se para a enferma e auscultou-a. Sua fisionomia tinha expressões alternantes de ódio e de ternura. Depois, deixou-se abater no tapete, colou os lábios nas pequeninas mãos de Smaragda, que não se moveu.

Violentamente, Kermosa puxou-me para trás, sussurrando:

— Nada vimos, compreendes?

— Sem dúvida — respondi — percebo que no momento não lhe posso falar.

Henaís já estava à minha espera quando voltamos, com um véu na cabeça, envolvida num manto escuro e sobraçando um embrulho. Atirou-se aos pés de Kermosa e lhe beijou as mãos.

— Felicidades, querida Henaís — disse esta beijando-a na testa.

— Fica a teu cuidado, Necho — acrescentou ao despedir-se.

— Vem — disse tocando a mão trêmula da moça — nada receies, pois tudo farei para que te sintas bem em nossa casa.

Fi-la subir ao carro e chegando à casa levei-a para junto da boa Acca, com quem a deixei.

Comunicou-me nosso velho intendente que o azeite estava quase esgotado e

perguntou onde poderia obtê-lo.

Temendo pela sorte do portador, que poderia adoecer no caminho, fui pessoalmente à casa de um rico negociante com quem meu pai tinha transações.

Recebeu-me muito aflito, porque também tinha doentes e acabava de perder a filha, vitimada pela peste; ensinei-lhe o tratamento que tanto aliviou Ilsiris e, ele, em sinal de reconhecimento, prometeu-me fornecer todo o azeite de que eu viesse a precisar.

Ao regressar, já encontrei as coisas noutro pé. Meu pai e minha mãe estavam revestidos de panos molhados em azeite; as ânforas estavam cheias de suco de sargaços. Henaís, a correr de um doente para outro, ensopando de azeite os lençóis de um, dando a beber a mistura de vinho e pó a outro, atendendo a todos com solicitude. Entre os criados, também parecia renascer a coragem. Todos os doentes estavam acomodados e já haviam recebido os primeiros socorros; enfim, por determinação de Henaís, vários rapazes apanharam algumas serpentes e as esfolaram para retirar a gordura destinadas às fricções.

Quando cheguei junto de meus genitores, vi Henaís dando de beber a meu pai, que se encontrava em deplorável estado, com o corpo coberto de manchas, rosto disforme e respiração sibilante. Não me reconheceu e assentei-me perto dele, admirado eu próprio de não experimentar nenhum incômodo. Estaria imune ao contágio?

Observei Henaís por muito tempo, não podendo desviar os olhos dessa encantadora criatura, que, ligeira e calada, parecia o anjo tutelar dos doentes.

Aproximei-me por fim, e tomando-lhe as pequeninas mãos morenas, disse reconhecidamente:

— Querida Henaís! É admirável o teu trabalho! Mas, não estarás abusando das tuas forças? Forte e saudável, não poderia eu ajudar-te?

A princípio, ela se mostrou tímida e calou; depois, desembaraçando-se, ergueu para mim os grandes olhos brilhantes, dizendo:

— Não te preocupes, pois nada sinto e cuidarei de todos, sem prejuízo de ninguém — acrescentou ainda hesitante — Não fiques assim triste e pálido; vai repousar um pouco e amanhã entrega-te tranquilamente ao teu serviço; não te acabrunhes, porque ninguém morrerá enquanto estiver sob os cuidados de Henaís.

Comovido, apertei-lhe fortemente a mão e tentei abraçá-la. Recuou assustada e recordei, então, a promessa feita a Kermosa, afastando-me sem demora.

No dia seguinte, tudo continuava na mesma. Alguns dos nossos homens ainda continuavam enfermos, mas não houve óbito. Depois do almoço, fui ao palácio, onde o herdeiro ia passando bem, apenas muito debilitado. Após a refeição

do Pharaó, um oficial perguntou-me:

— Não sabes o que há com Rhadamés? Há dois dias que não aparece; felizmente o rei não procurou por ele. Estará atacado da peste?

— Não sei — respondi — tenho muita desgraça em casa, por isso não posso pensar nas tragédias dos outros.

— Estamos em idênticas condições — acrescentou suspirando.

Havia muito que anoitecera, quando deixei o palácio, de volta à casa. O aspecto da cidade, que se tornara asilo da peste e da morte, era ainda mais sinistro que durante o dia. Em todas as ruas notavam-se grandes fogueiras, a que os soldados atiravam ervas aromáticas misturadas com alcatrão. O revérbero das chamas refletia-se fantasticamente nos corpos nus e nas cabeças selvagens dos guerreiros, assim como nos edifícios, quer fossem escuros, ou pintados de cores vivas. Pela sombra das casas, evitando a luz dos braseiros, deslizavam pessoas transportando em padiolas grandes fardos envoltos em pano alcatroado. Eram as vítimas da peste. Silenciosos, como se temessem despertar em sua passagem a atenção dos circunstantes aterrorizados, lá seguiam eles para o cemitério com a carga sinistra. Muitas vezes meu cavalo empacava, recusando-se a prosseguir, ou se desviava ao passar junto de um corpo estendido no solo, às vezes inanimado, outras vezes gemendo surdamente.

Eram as vítimas que a patrulha ainda não havia retirado.

Após pequeno desvio para livrar-me de extensa fila de padiolas, aconteceu-me passar diante do palácio de Mena. O grande edifício estava imerso na escuridão e silencioso, apenas iluminado pelo reflexo da fogueira acesa no meio da rua. Recordei-me de Rhadamés e da crueldade selvagem com que escorraçou daquela mesma porta a esposa gravemente enferma. A peste que rondava o ponto, teria atingido aquela casa?

Procurei informar-me. Ao redor do fogo estavam acocorados soldados etíopes de largas mandíbulas e cabelo encarapinhado, alimentando o fogo com ar sinistro e apatetado. Chamei um, ordenando-lhe que segurasse o cavalo e aproximei-me da porta. Suspendi o martelo de bronze para deixá-lo cair na campainha e um som agudo e prolongado se fez ouvir, quebrando o silêncio da noite. Ninguém, entretanto, respondeu do interior, nem apareceu qualquer criado. Estariam todos mortos lá dentro?

Pedi uma tocha e chamei dois soldados para forçar a porta. Encontrei-a aberta e entrei sozinho, sem temor algum, pois já estava muito afeito ao contato de doentes, para que me atemorizasse. Percorri o pátio e, ao atravessá-lo, tropecei num obstáculo. Abaixei a tocha e vi, horrorizado, um cadáver já em decom-

posição, nada mais representando que uma pasta negra e putrefacta. Descortinei dezenas de corpos no solo, alguns assentados de encontro à parede, de olhos vidrados e boca escancarada, inchados como tonéis. Um quadro verdadeiramente macabro e apavorante!

Que teria acontecido aos donos da casa? Era isso o que desejava saber.

Voltei e penetrei na casa, tremendo. No vestíbulo, apenas encontrei o cadáver de um homem. Galguei, então a soberba escadaria fracamente iluminada por uma tocha presa à parede; prosseguindo, divisei finalmente, um preto velho que, acocorado junto de um fogareiro, queimava ervas alcatroadas, tal como faziam os soldados nas ruas. A meu chamado, aproximou-se logo e disse-me que apenas ele e uma mulher ali se encontravam.

— Todos os demais criados fugiram — acrescentou. — O patrão expulsou os primeiros que adoeceram, mas, quando a velha senhora e duas filhas foram atingidas, todos debandaram, inclusive o próprio patrão, que se meteu no subterrâneo e não mais apareceu. Talvez já esteja morto.

— Por que não removem os cadáveres?

— Porque são muitos e não tenho forças para tanto, além de não saber a quem me dirigir.

Perguntei onde estavam a mãe e irmãs de Rhadamés. O escravo deu-me a direção e depois de atravessar diversas salas cheias de cadáveres, cheguei a uma grande alcova luxuosamente mobiliada e aclarada por duas lâmpadas, que iluminavam uma grande mesa repleta de pastéis, mel e uma ânfora de ouro cheia de vinho.

Jovem nubiana saboreava o rico repasto, após haver-se enfeitado, pois lá estavam cofres abertos, caixinhas viradas e o flagrante grotesco. Na extremidade do quarto, três seres viventes se contorciam no leito, tão desfigurados que mal pude reconhecê-los.

Com a minha aproximação, a nubiana levantou-se contrafeita e assustada.

— Ouve, rapariga! fala-me sinceramente: não encontraste nada a fazer senão roubar e comer? Toda a cidade está em movimento, todos se auxiliam e no entanto estes infelizes aqui agonizam à míngua de socorro...

— Mas ninguém manda nem pede nada! — disse a pobre criatura — pois as senhoras nada falam que se entenda, já há dois dias.

— É verdade — disse o preto velho que me acompanhara, meneando a cabeça — ordenai o que é preciso fazer, porque não ouso aproximar-me do meu senhor, que se conserva furioso e incompreensível.

— Tens óleo de oliveira em casa?

— Ânforas deste tamanho — disse, designando altura quase igual à dele.

Indiquei-lhe, então, o tratamento a seguir, acrescentando que no dia seguinte voltaria a ver se tudo havia sido bem executado. E pedi que me indicasse o refúgio de Rhadamés, pois se ele ainda vivesse queria envergonhá-lo por entregar-se a tal covardia, enquanto os parentes morriam à míngua de cuidados.

O preto levou-me até uma escada que descia para as adegas.

Desci, penetrando numa cava de tamanho regular, iluminada por uma tocha; junto às paredes, enormes cofres e ânforas de diferentes tamanhos e num canto, acocorado, alguém de costas voltadas para mim, sorvia avidamente o conteúdo de diversos vasos cinzelados, que lhe ficavam à frente. Aproximei-me do personagem e iluminando-o com a tocha, reconheci Rhadamés horrivelmente mudado — pálido, as vestes sujas e desmanteladas.

Ao ouvir meu chamado, deu um salto e quis fugir de espada em punho. Não encontrando saída, gritou:

— A peste que ataque a todo mundo, que todos morram. Basta que eu viva! — E batia com a espada nos vasos e ânforas, que se quebravam com fragor, molhando o chão.

— Os deuses tê-lo-iam enlouquecido, punindo-o pela falta de caridade? — perguntava-me apavorado. E de pernas bambas, fugi, entregando à proteção dos deuses a casa de Mena com os seus moradores.

Ao entrar em casa, encontrei meus queridos doentes no mesmo estado; nem piores, nem melhores, a gemer e rolar no leito.

Enquanto eu ajudava a erguer minha mãe, Henaís falou:

— Não te aflijas, pois não pode ser de outra maneira. Só ao fim de três dias é que virão as melhoras. Quem o disse foi Pinehas e suas palavras são sempre verdadeiras, pois é um grande sábio, na opinião de mãe Kermosa.

E ao notar meu aspecto de fadiga, acrescentou:

—Estás extenuado, vai ao quarto vizinho, onde acharás alguns refrescos; tardaste bastante e previ que chegarias com fome. Vai-te refrescar e repousar, pois aqui estou de vigília e não há necessidade de teu concurso.

— Obrigado, boa Henaís, por teres pensado em mim — disse tomando-lhe a pequenina mão entre as minhas.

— Bem — disse, após um instante de hesitação — tu não estás, a bem dizer, doente do corpo, mas da alma, porque Pinehas diz que, quando entristecemos, a alma está doente; e tu te sentes infelicitado, porque os teus queridos estão sofrendo. ‘

Antecedeu-me na sala contígua e, colocando-se perto da minha cadeira, en-

cheu uma taça de vinho que me ofereceu sorrindo. Experimentei, então, uma viva e estranha simpatia pela bondosa criatura. Seus gestos e suas palavras traduziam particular encanto. Depois de muito instalada, consentiu em sentar-se a meu lado e serviu-me os melhores bocados. Tendo comido com apetite incomum, deixei-me persuadir por Henaís e fui deitar-me.

Alguns dias transcorreram sem maiores novidades dignas de menção. Ilsiris estava melhor, mas o estado dos meus genitores e da maior parte dos servos continuava deplorável: por vezes, sentia-me desanimado, mas Henaís encorajava-me.

— Que queres? — dizia sorrindo — ninguém ainda morreu; e quanto ao mais, é preciso ter paciência.

E eu já estava tão afeito ao seu convívio naqueles dias amargurados, que alguma coisa me faltava, quando ao entrar em casa não a avistava logo.

Certa vez, precisei madrugar para ir ao palácio, a fim de acompanhar Pharaó ao Templo. O príncipe Seti levantara-se, na véspera, pela primeira vez e o rei queria render graças aos deuses por lhe haverem poupado o filho.

Acompanhado apenas de reduzido séquito, Mernephtah entrou no Templo, onde os sacerdotes, também dizimados pela terrível epidemia, o receberam com as habituais solenidades. Nós permanecemos na antessala que precede o santuário em que foi introduzido o rei, por um dos profetas, na ausência do grão-sacerdote, enfermo e acamado. Vimos, então, Mernephtah prosternar-se diante do ídolo. Ergueu os braços e a voz sonora ecoou pelas abóbadas:

— Poderoso Osíris, rendo-te graças por tua misericórdia em conservar-me o filho; mas tem piedade também do meu pobre povo! Serás menos poderoso que o deus cruel dos hebreus? Se ele pode ferir-nos com a peste, tu, grande protetor do teu devotado povo, podes livrar-nos. Dá-nos a conhecer a natureza do sacrifício que exiges para aumentar tua força e vencer o Deus inimigo e dá-me um sinal de que esta súplica foi aceita.

Todos nos prostramos e, braços alçados, unimos nossas preces à do nosso Pharaó. Ao mesmo tempo, os sacerdotes e sacerdotisas entoaram um cântico sacro, muito emocionante, ao Bom de suas harpas; isso num ambiente que, por sua fragrância ativa, me comoveu até as lágrimas. Foi então que vimos pequenas chamas aparecem na abóbada, e desceram sobre o altar, iluminando espontaneamente a oblata preparada. Com este sinal evidente da graça de Osíris, nova esperança fortaleceu os corações; Mernephtah também pareceu reconfortado, e depois de haver prometido grandes sacrifícios e dádivas aos deuses, deixou o Templo.

Embora não divulgada, a visita do rei ao Templo de Osíris se propalou com enorme celeridade e quando ele retomou a liteira, viu todas as ruas do itinerário apinhadas de multidão compacta, da qual partiam soluços e lamentações.

Próximo ao palácio, foi preciso parar. As cabeças se tocavam, ondulando como vagas ululantes; milhares de braços se erguiam e, sobrepujando gemidos e lamentações, ouviu-se o grito:

— Permite que partam os hebreus! Tem piedade do teu povo, Pharaó, antes que a peste horrível nos ceife a todos. Olha que as casas se esvaziam, morrem senhores e servos, breve não haverá braços para o trabalho.

Doentes de aspecto horripilante foram empurrados para a frente. Mulheres desesperadas enfrentavam a liteira, levando nos braços os filhos cobertos de pústulas e manchas negras.

De repente, a massa comprimiu-se soltando gritos e sendo esmagada; um claro abriu-se dando passagem livre a uma fila de carretas, atulhadas de cadáveres envoltos em panos alcatroados. Diante desse quadro, a multidão aterrada passou a gemer lugubremente.

— Perece tudo! — exclamavam — almas e corpos, pois no cemitério os corpos ficam amontoados como animais impuros, à falta de mãos que os embalsamem ou enterrem honrosamente!

Depois, todos os gritos se fundiram num só:

-— Deixa partir os hebreus! É a nossa única salvação!

Pálido, Mernephtah ergueu-se na liteira e seus olhos fuzilantes abrangeram a multidão desvairada que, vendo-o nessa atitude, emudeceu.

— Não sois os únicos atingidos — disse no seu diapasão de voz metálica, que facilmente atingia as últimas fileiras — o herdeiro da coroa não foi poupado e no palácio sofrer se como na mais modesta choupana; meus parentes e conselheiros, todos os chefes e oficiais do meu estado-maior, tem a casa repleta de doentes. Nenhum deles, porém, ainda me veio pedir que deixasse partir os hebreus! Vós temeis a tal ponto? Estais certos de que Moisés tem poderes para impedir a peste e a morte? Venho, agora mesmo, do Templo de Osíris, onde o poderoso deus ouviu minha súplica, pois a fiam a celeste baixou sobre o altar para consumir a oferenda que lá depositara.

Ao ouvir essas palavras consoladoras, ditas com decisão e veemência, todas as cabeças se ergueram e a esperança brilhou em todos os olhares. Houve gritos de louvor e bênçãos. A multidão abriu larga passagem.

— Meus fiéis egípcios, não desespereis, tudo que for possível o vosso Pharaó fará por vós — acrescentou Mernephtah assentando-se. E a liteira se pôs nova-

mente em movimento.

Estrugiram aclamações frenéticas, pois o povo compreendeu que o espírito altivo do rei sofria e que, emocionado com a desgraça dos súditos, acabaria cedendo, para os salvar.

O monarca recolheu-se acabrunhado sem tocar na refeição que lhe serviram. Também a taça ficou intacta e ninguém ousou quebrar o pesado silêncio do ambiente. Só à tarde ele se dirigiu a um dos conselheiros que o assistiam dizendo-lhe:

— Que amanhã cedo Moisés venha à minha presença.

Ainda sentado à mesa do almoço, no qual não havia tocado, anunciaram-lhe, no dia seguinte que Moisés aguardava suas ordens.

— Que venha aqui! — disse com um clarão nos olhos.

O vulto corpulento do profeta hebreu logo insinuava-se na galeria, acompanhado pelo inseparável irmão Aarão.

Diante do rei, inclinou-se ligeiramente e, cruzando os braços, perguntou irônico:

— Poderoso Pharaó, que desejas de mim? Se és forte por que me chamas?

— Cala-te, insolente! Acreditas ter-me amedrontado com as tuas feitiçarias? — exclamou o rei dando um murro na mesa, fazendo-a estalar e entornando o vasilhame — empestaste o povo com processos infernais, pois não creio que isso possa ser obra de um deus. Não foi por mim que te mandei chamar e sim por meus súditos, que choram e desesperam, supondo que podes conjurar a morte desencadeada. Povo cego e estúpido que imagina que tua força governe realmente o reino das trevas e das sombras. Curvo-me diante dos seus desejos, concedo-te vinte e quatro horas; e, se dentro delas não houver um só egípcio empesteado, poderás reunir os hebreus e partir com eles.

Fitando o rei com espanto, enquanto ardente rubor cobria-lhe as faces, Moisés recuou:

— São necessários três dias para extinguir a peste, — disse com voz pausada.

Malicioso sorriso descerrou os lábios de Mernephtah e, voltando-se para os guardas, ordenou:

— Descei com vossas trombetas e, percorrendo as ruas, convocai o povo a reunir-se aqui, diante do palácio, do lado do terraço.

Alguns oficiais desceram correndo, mas logo se convenceram de que não havia necessidade de convocação, porque, em todas as direções, por mais longe que a vista alcançasse só se viam cabeças. É que haviam reconhecido Moisés e, a multidão, sempre crescente, quase o havia impedido ao palácio.

Prevenido de que o povo ali acorrera, Mernephtah dirigiu-se para o terraço de onde já havia falado.

Aproximou-se da balaustrada e com um gesto, chamou Moisés para junto de si elevando a voz sonora, para dizer:

— Fiéis egípcios: Moisés, o mágico, acaba de comprometer-se a extinguir dentro de três dias a peste que assola o Egipto. Esgotado o prazo, não deverá restar um só doente em todo o país. Se ele cumprir a promessa, concedo que se retire com o povo hebreu. Ordeno, portanto, que dentro de três dias aqui estejais novamente para dar-me a prova do seu poder, ou da sua fraqueza, isto é, acompanhados dos vossos doentes, restabelecidos ou empestados.

Voltando-se para Moisés, que o ouvia estupefato e contrariado, disse:

— Vê bem o que exijo.

Saudou, com um gesto, o povo exultante de alegria, que se prostrava beijando as paredes do palácio. O monarca retirou-se e nós o seguimos e ficamos na sala contígua à alcova real, onde só entraram alguns dignatários. Eu e outro colega nos postamos à porta.

Ainda pálido e combalido o príncipe Seti lá estava também numa cadeira, apoiado em almofadas. Beijando a mão paterna, interrogou inquieto:

— Que significam esses gritos e clamores do povo? Aqui, todos a quem pergunto, emudecem e baixam os olhos. Que há, papai? Alguma calamidade ameaça o Egipto?

Mernephtah, sentando-se na cadeira que lhe trouxeram, respondeu:

— É o povo estúpido que pede deixe partir os hebreus. Pois bem, atendi ao povo. Moisés acaba de sair daqui e o que ouves são gritos de alegria de uma turba ensandecida, que se aferra a tudo que acredita constituir desafogo a seu favor.

Rubor intenso coloriu o rosto do príncipe e os lábios tremiam-lhe nervosamente, quando disse:

— Deixas partir os hebreus, pai? É uma indigna fraqueza; como podes dar ouvidos a um povo atrasado e cego, que, no seu pavor, não sabe o que pede? Revoga tua promessa, pois seria insensato mantê-la.

Exaltado, tentou levantar-se, mas logo recaiu extenuado.

O rei falou serenamente:

— Acalma-te, podes crer que eu ceda a clamores da populaça, embora me sangre o coração vê-la aflita? Sim, o coração confrange-se ao ver milhares de cadáveres levados à morada dos mortos, ainda que lá seja a mansão do repouso e da alegria e aqui a das dores e lágrimas. Grande, porém, é o nosso egoísmo, desde o do Pharaó que receia por seu herdeiro, até o último operário, que treme pelo filho,

menosprezado como ele. Cada qual quer reter os seus neste mundo de sofrimento e misérias. Mas tu te enganas, se pensas que cedo por fraqueza, quando quero apenas mostrar ao povo enceguecido pelo terror, que o poder de Moisés não é ilimitado. Tu, discípulo dos mais sábios sacerdotes, deves saber que é mais fácil desencadear que reter um mal; a morte impiedosa, sobretudo, que jamais cede suas vítimas, desde que as tenha nas garras. Se ele, portanto, livrar o Egipto da peste, quero inclinar-me ante o seu poder, porque aquele que detiver a morte será verdadeiramente um Deus.

Seti tomou a mão do Pharaó e apertou-a contra os lábios, de olhos brilhantes.

— Em ti está toda a sabedoria como toda a justiça, meu rei e meu pai; perdoa minhas palavras cegas e imprudentes.

Apossou-se de todos febril agitação, motivada pela previsão de algum acontecimento extraordinário. Todos quantos tinham doentes em casa aguardavam um desafogo e eu próprio não podia afastar a idéia de que talvez, ao entrar em casa, encontrasse os meus restabelecidos. Jamais o serviço me pareceu tão longo e penoso; e quando, finalmente, pude deixar o palácio, corri para casa. Em vão busquei na fisionomia dos serviçais a alegria e o espanto que anunciassem o milagre. Como sempre, encontrei Henaís às voltas com os doentes em seus leitos, sem me reconhecerem; apenas Ilsiris, ao aproximar-me, despertou de um sono calmo e reparador e sorriu-me em pleno estado de consciência.

— Amanhã — disse Henaís — poderás conversar um pouco com ela.

Muito desencantado, recolhi-me aos meus aposentos.

No dia seguinte, quando fui procurar minha irmã, encontrei-a melhor, apesar da fraqueza; estendeu-me a mão descarnada e perguntou por nossos pais e por Chamus. Este último havia desaparecido no mesmo dia em que adoecera e não mais fora visto, presumindo-se que tivesse ido para junto da encantadora Léa, que, certo, conheceria os meios de imunizá-lo, pois ele não era bastante corajoso, e muito menos, escrupuloso, quando se tratava de salvar a própria pele. Teria, então, procurado o recurso da saúde, ainda que fosse preciso encontrá-lo num coração hebreu. Mesmo assim, cuidei de ocultar o mais possível essa minha desconfiança, dizendo ao contrário, que, provavelmente, Chamus teria ido à casa de Ramsés, onde morava a velha genitora e onde sua presença era indispensável à manutenção da ordem entre o pessoal, durante a terrível epidemia. Acrescentei ainda que devia estar passando bem, porquanto não tivera notícia alguma a seu respeito.

Tranquilizada e reconfortada, a convalescente tratou de outro assunto.

Como Henaís lhe viesse dar de beber, disse-me acompanhando-a com os olhos:

— Onde compraste esta moça tão bela e tão bondosa, Necho? Como enfermeira é talvez melhor que Acca e com isso já disse muito.

— Henaís não é pessoa que se deixe vender — respondi — é parenta de Kermosa, que a enviou aqui para vos cuidar, quando eu estava na iminência de perder a cabeça, vendo os três contaminados; por isso, muito me alegra o teu julgamento.

Ilsiris fitou-me um instante, para acrescentar com um sorriso:

— Necho, ela te agrada, não negues; trata pois de comprá-la a Kermosa, que tudo especula e negocia, desde que lhe dê um bom lucro; e quanto ao alegado parentesco, tenho cá as minhas dúvidas.

— Não, isso nunca — respondi levantando-me — porque a idéia de comprar Henaís me repugnava sem saber porquê.

Na manhã em que expirava o prazo dos três dias fixados por Moisés e aceito pelo rei, aprontei-me para chegar cedo ao palácio. Nesse interregno, ninguém mais adoecera da peste, mas ainda se notavam por toda parte doentes que lutavam contra o terrível morbus. No meu trajeto para o palácio, encontrei grande quantidade de padiolas e carroças cheias de pestilentos, que eram enfileirados em frente do palácio.

Logo após, Mernephtah apareceu no terraço e, dirigindo-se ao povo, disse:

— Pelo que vejo, não faltam doentes, o que prova que eu tinha razão e que Moisés não é o todo-poderoso. A epidemia declina, mas não por influência dele e sim por uma lei natural. Nenhuma tempestade dura meses, nenhuma epidemia pode aumentar após haver atingido a máxima virulência. Retornai, pois, aos vossos lares, confiai na misericórdia dos deuses e crede que o vosso Pharaó vela por vós como um pai por seus filhos.

Aclamações e bênçãos responderam a essas palavras.

— Quero esperar Moisés — disse entrando na galeria — suporá ele convencer-me de que dominou a peste? Pensará tenha eu feito alguma transação com o povo estúpido e apavorado? Se ele baseia nisso a sua ousadia, está muito enganado. Havendo a peste atingido todos os organismos predispostos ao contágio, deverá, por forca, diminuir e cessar, pois não encontrará mais onde fazer vítimas. Os que permaneceram de pé continuariam ainda com saúde, mesmo que a moléstia durasse mais um ano. Moisés sabe isto que vos digo, mas abusando da ignorância geral, quer basear numa lei pouco conhecida a libertação do seu povo, fazendo-nos crer que sustou a marcha da peste. O povo poderá ser iludido na sua boa fé mas nunca um sábio, um pensador.

Ouvíamos, admirados, a palavra real. Sabíamos que o Pharaó trabalhava muitas vezes com sacerdotes, conquanto nunca falasse de ciência.

Tendo-se dirigido rapidamente para a pequena sala de recepção, sentou-se na cadeira alta em forma de trono, e pouco depois entrava Moisés, confiado e triunfante.

— Cumpri a promessa. A peste foi debelada. Os casos verificados diminuem e assim espero, Pharaó, que cumpras tua palavra.

Mernephtah examinou-o com estranho sorriso:

— Tens muito espírito, Mesu — disse com ironia — mas não o bastante para o deus que te envia e de quem executas a vontade. Será que as leis ao teu deus serão diferentes das dos nossos? O céu é igual para todos: para o hebreu como para o egípcio. A água é igualmente clara, a terra igualmente fértil; o sol queima, o vento refresca, tanto a uns como a outros. As mesmas leis regem a vida e a morte. Quando o Nilo transborda e imunda a região marginal, as águas só atingem um certo limite, e após determinado tempo, se retiram sem que vontade humana qualquer possa detê-las ou engrossá-las. O mesmo acontece com a epidemia. Desencadeaste-a sobre nós, como? É um segredo teu. Dize-me, porém: se a epidemia declina, como provas que o seu declínio é fruto de tua ação ou da vontade de Jeová? Ainda esta manhã meus conselheiros leram-me relatórios que demonstram que em Tanis e nas cidades próximas, nenhuma casa está completamente livre; o número de vítimas varia de três a quarenta em cada família. Por outro lado, ficou provado que os não atingidos nos três primeiros dias de surto epidêmico ficaram incólumes, apesar de assistirem junto dos doentes. Também os fiscais dos quarteirões hebreus informam que cadáveres ali foram consumidos secretamente: não seriam pestosos que, a despeito da tua ciência, não pudeste preservar do contágio? Entretanto, isso é secundário! O essencial é que três quartos da população de Tanis continua afetada e o restante pereceu. De que modo detiveste a epidemia, uma vez que os que ficaram incólumes nada provam? Disseste que dentro de três dias não deveria existir um só doente no país. Esta condição não foi satisfeita, uma vez que não podes, em cada corpo contaminado, insuflar força e saúde — coisa que só deus poderia fazer; não passas, portanto, de poderoso feiticeiro, um grande gênio do mal, que se empenha em sua salvaguarda pessoal contra merecida punição. Mas, não te entregarei os hebreus, e toma cuidado para que atrás desse deus, de que te dizes enviado, eu não encontre o agitador ambicioso que emprega a ciência adquirida nos templos do Egipto para destruir a terra que o educou. Não é Jeová quem precisa de um povo para reinar sobre ele: és tu!

Grande calor espalhou-se pelo rosto expressivo de Moisés e seus olhos dar-

dejavam chamas, enquanto amarfanhava o pano do manto.

Exclamou com voz rouca e sibilante, erguendo para o céu o punho fechado:

— O Deus supremo que me envia cuidará de te demonstrar o seu poder!

Depois, afogado em raiva, voltou-se e saiu quase a correr.

Ficamos admirados com o ardiloso discurso do nosso Pharaó, que, sem dizer palavra, cabeça alta, desceu do trono e dirigiu-se para os seus aposentos. Detendo-se na primeira sala, votou-se para os que o acompanhavam e disse gravemente:

— Creio que esperais algum dano que Moisés nos prepara, mas devo dizer-vos que, hoje, ao clarear do dia, estive no Templo e os astrólogos informaram-me que os astros predizem para breve uma horrorosa tempestade, consequência do tremendo calor desses últimos tempos. Não vos assusteis e não a tomeis, como castigo, de Moisés, pela nossa intransigência. Moisés também leu nos astros a aproximação do temporal e quererá, talvez, fazer crer que o desencadeou para nos punir. Mas não vos deixeis iludir; se ele houvesse previsto minha recusa, não teria vindo triunfante e, além disso, os sábios fizeram a predição antes desta nossa entrevista.

Ao afastar-se, mais de um olhar inquieto voltou-se para a abóbada azulada, onde não havia a menor nuvem, a não ser o ar abafado e o sol causticante, impiedoso, a requeimar a terra exausta.

Os dias seguintes decorreram tristes sob a impressão de vagos temores. Nada ocorria de extraordinário, mas pressentia-se alguma desgraça.

Meus pais estavam fora de perigo, em plena convalescença. No palácio nada de novo, a não ser a perspectiva de faustoso banquete oferecido pelo Pharaó para festejar o restabelecimento do herdeiro que, pela primeira vez, retomaria o seu lugar à mesa.

Nesse dia, quando me preparava para ir ao palácio, chegou Chamus abatido, desfigurado sem dúvida pelo terror, porque não havia adoecido. Recebido de braços abertos, não pude, entretanto, ouvir a história fantástica das suas aventuras, por não dispor de tempo.

Desde cedo, o calor das ruas era sufocante e mal podia-se respirar; ao demais, a poeira em profusão, não só irritava os pulmões, como os olhos. Ao notar as nuvens que se acumulavam no horizonte e as lufadas de vento que sopravam do deserto, levantando turbilhões de pó, não deixei de experimentar tal ou qual inquietação. Ainda assim, o banquete começou sem novidade.

Com o fim de distrair e alegrar o príncipe Seti, que chegou carregado na sua cadeira preguiçosa, Mernephtah ordenara magnificência excepcional, convidan-

do as damas mais ilustres e mais belas da Corte.

A alegria dos convivas chegara ao apogeu. Erguiam-se vivas ao soberano e ao príncipe, quando o eco de trovões longínquos e o sibilar do vento atraíram as atenções para o que se passava fora. Pharaó, erguendo-se e chegando à janela, disse:

— É a tempestade prevista que se aproxima.

Muitos convidados o imitaram e, pálidos e mudos, puseram-se a contemplar o espetáculo verdadeiramente emocionante que se lhes oferecia. Toda a atmosfera estava saturada de uma coloração pardacenta, que obscurecia o ambiente; grandes nuvens negras, zebradas pelas faíscas, amontoavam-se no horizonte e o vento rugia com violência, vergando as palmeiras como se fossem arbustos e fustigando-lhes as grossas palmas com sinistro ruído. Ao longe descortinava-se o Nilo, cujas vagas negras de azeviche se elevavam montanhosas, impelidas pelo vento; pessoas assustadas corriam de todos os lados, ansiosas por encontrar abrigo que as acolhesse com suas cargas ou animais.

Nesse momento, um raio que pareceu desmoronar o céu, iluminou o salão com fantástica claridade, acompanhado de ribombo que sacudiu o palácio até os alicerces; as baixelas de ouro e prata oscilaram e tombaram sobre a mesa, enquanto, o vento invadia o recinto com aluviões de areia e grossas bátegas. Ouviram-se gritos das senhoras, mas Mernephtah retomou lugar à mesa, ordenando que retirassem das janelas as pesadas cortinas azul-escuro e acendessem as lâmpadas, para que prosseguisse o banquete. Ninguém, contudo, podia comer e era até impossível conversar, dado o fragor da tempestade.

Após serem retiradas ou arrancadas as cortinas, a fulgurância das faíscas elétricas empalidecia a luz das lâmpadas.

Todos estavam pálidos e angustiados e meu coração se travava ao conjeturar o que poderia estar ocorrendo em casa, onde todos se encontravam doentes e Ilsiris apenas convalescente. A medonha tempestade os apavoraria, certamente; e como Henaís a fiel enfermeira, se arranjaria sozinha para atender a tudo? Arrependia-me de não haver, qualquer que fosse a consequência, inventado um pretexto para ficar em casa. Naturalmente que mais de um comensal pensava do mesmo modo, pois muitos olhares se voltavam para a porta da rua.

Afinal a tempestade pareceu abrandar um pouco. Embora a escuridão perdurasse quase completa, a chuva e o vento haviam cessado. Mernephtah, que notara com mágoa e tristeza as fisionomias alteradas dos convivas, levantou-se para sair, ordenando ao mestre de cerimônias dissesse a todos, cuja permanência em serviço não fosse indispensável, estarem livres para ausentarem-se, caso de-

sejassem fazê-lo.

Não esperei que a concessão se repetisse e tratei de alcançar a escadaria, de quatro em quatro degraus.

Eu viera da liteira, mas, como essa condução me parecesse morosa, pedi a um oficial que ali ficava me emprestasse o cavalo em troca da liteira. Galgando a sela, devorei o espaço e fui encontrar os meus, reunidos com uma porção de outros criados, num grande vestíbulo iluminado por tochas.

O período de calma e bonança não durou muito tempo, pois apenas cheguei a avistar a casa, o temporal recrudesceu. Os raios e trovões estalavam sem interrupção e a chuva era mais torrencial e, no instante mesmo em que o cavalo, coberto de espuma, abrigava-se comigo sob a abóbada espessa da porta de entrada para o pátio, um granizo do tamanho de ovos começou a cair com ruído ensurdecedor. Entregando o animal a um criado, galguei a escada e na galeria, fracamente iluminada por um archote e pelos relâmpagos, notei extensa fila de verdadeiros espectros, colados à parede e apoiados uns aos outros. Uns mantinham a cabeça entre os joelhos, outros, cobertos com as próprias roupas; eram os escravos e criados atacados da peste que tinham deixado o leito, acossados pelo terror e ali estavam acreditando-se mais garantidos contra a terrível tempestade, que julgavam representar o término de seus dias.

Ao me verem, gritos de aflição partiram de todos os lados. Braços descarnados se voltaram para mim.

— Jovem senhor! — exclamou um velho egípcio, copeiro de meu pai — isto deve ser castigo do Deus de Moisés; depois de nos ferir com a peste, quer acabar de nos destruir. É o fim do mundo, senhor!

— Não! — respondi alteando a voz — o Deus de Moisés nada fez; a tempestade é proveniente do grande calor e logo passará. Tudo isto vai passar. Voltai aos vossos leitos e não esgoteis as forças desta maneira.

Desviando a vista do quadro doloroso, dirigi-me para os aposentos de meus pais. Numa sala que devia atravessar, percebi uma silhueta feminina, de pé, junto à janela.

— Quem está aí? — perguntei.

O vulto estremeceu e precipitou-se para mim.

O clarão de um relâmpago permitiu-me ver o rosto assustadiço e pálido de Henaís.

Tateando-me, aflita, perguntou:

— És tu, Necho? as pedras não te feriram, não te fizeram algum dano? Que coisa horrorosa!

Atraí-a a mim, trêmula como haste verde e não resistiu.

— Henaís — murmurei-lhe no ouvido — tremias por mim... Também me agradas, mas dize: amas-me, então? Não temas confessar teu amor, pois saberei retribuir-te e amparar-te.

Colou seu corpo ao meu e respondeu hesitante:

— Sim, Necho, amo-te; és belo... tão bom... Ninguém ainda me distinguiu como tu, mas, nada poderás fazer por mim. Pertenço a Kermosa e ela exige que ame apenas a ele, a quem temo e detesto, e diante de quem ela se curva como os demais, embora se gabe de ser por ele obedecida. Ele, por sua vez, não cederá apesar de não mais me encarar, depois que conheceu a bela e altiva Smaragda.

Como picado por uma serpente, recuei:

— Henaís, que dizes? Pinehas gostou de ti? Não és, então, parenta de Kermosa?

Ela ajoelhou-se de mãos postas e vi, ao lampejar de um relâmpago, seu belo rosto inundado de lágrimas e desfigurado pelo desespero.

— Disseram-me que sou filha de nobre egípcio, cujo nome ignoro, mas sempre fui tratada como escrava e em Pinehas só devia enxergar um senhor a obedecer. Amar-me-ás menos por isso, agora que sabes quem sou?

A voz foi-lhe embargada por um soluço e eu me envergonhei de mim mesmo.

Estaria louco ou cego? A bela criatura, entregue a Pinehas como escrava, não pertenceria de corpo e alma ao seu senhor? Seria essa a sua falta, quando eu chegava em segundo lugar para amá-la? Ergui-a e apertando-a de encontro ao coração, disse:

— Amo-te apesar de tudo, Henaís, e te libertarei do jugo de Kermosa, a qualquer preço.

Ela cingiu-me o pescoço e colou nos meus os seus lábios ardentes. Cobri-lhe o rosto de beijos e, na embriaguez do amor, esqueci meus pais, os enfermos e até os elementos da tempestade fragorosa.

À luz vacilante de uma lamparina projetada sobre nós, ecoaram estas palavras:

— Para o momento, é demais!

Chamado assim à realidade, vi meu pai, pálido qual sombra, amparado por Chamus. Depois, continuou, agitando os braços:

— Se não tivesse visto com os próprios olhos, não acreditaria. Trava-se aqui um perfeito idílio, enquanto o mundo se esboroa! E por cúmulo, com uma escrava! faltou ocasião para essas tolices quando fazia bom tempo.

— Essa moça é tua enfermeira e neste sentido falaremos mais tarde. Mas, por que deixaste o leito?

— Porque é horrível permanecer deitado, quando a casa parece vir abaixo. Esse Moisés e seu Deus querem nos destruir. Que relâmpagos! Que trovões! Por Osíris te digo que é a ruína, pois estamos no fim das colheitas. O trigo, as uvas, os legumes, nada resistirá a este granizo. Estás ouvindo? As pedras chovem nos quartos e quebram tudo.

Baixei a cabeça, confuso, mas vendo aproximar-se minha mãe cambaleante e desmaiando ao pé da porta, atirei-me para ela.

— Que foi? — murmurou ela agarrando-se a mim. — Que escuridão, que barulho! Onde está Mentuhotep? Ele me deixou sozinha e tenho medo.

Levei-a para junto de meu pai e sentei-a numa cadeira ao lado dele. Pouco depois, apareceu Ilsiris apoiada em Acca e assim reunidos e mudos, permanecemos encolhidos no canto mais isolado da sala. O furacão continuava com violência inaudita; não era uma dessas tempestades impetuosas, porém, rápidas, que às vezes se desencadeavam na região. Mais parecia um cataclismo universal. A escuridão era tal que não permitia distinguir dois objetos mais próximos; pouco a pouco, tochas e lâmpadas se apagaram e ficamos em trevas, não ousando abandonar as cadeiras. Horas, ou dias, assim passaram? Não saberia dizê-lo. Às vezes, tinha fome; depois, pesada sonolência me invadia e, por fim, veio o cansaço. Embalado e aturdido pelo rugir da tempestade, adormeci como se estivesse morto.

Quanto tempo assim estive? Nem isso saberia informar. O que sei dizer é que quando despertei, era dia alto. Dei um salto e reparei nos que me cercavam. Poucos passos além, vi meus pais igualmente adormecidos e extenuados como cadáveres. O aspecto da sala era desolador. Poças d'água por todo o chão, cacos de vasos preciosos, arbustos raros colocados juntos das janelas, desfolhados. Desci, reuni o pessoal ainda atônito, ordenando que uns preparassem uma refeição e fossem outros para junto de seus amos. A seguir, despertei meus pais e logo que eles se alimentaram e se acomodaram, disse-lhes que iria à cidade para informar-me do que houve no palácio e saber quanto tempo realmente havia durado a tempestade, que a escuridão não permitira calcular.

Tão logo tomei uma ligeira refeição, saí de coração opresso. Henaís tinha desaparecido e isso preocupava-me muito mais que as ocorrências palacianas. As ruas continuavam apinhadas de gente, posto que desfigurada e abatida, na faina de angariar alimentos. Uns conversavam em grupo. Outros, convalescentes, ainda ostentavam as marcas da peste, procurando moverem-se arrimados em algum parente ou em bengalas, e todos comentavam e discutiam os acontecimentos. En-

tre a multidão vi, admirado, que circulavam muitos hebreus, circunstância tanto mais estranhável quanto, nos últimos tempos, todos os que podiam se ocultavam. E tagarelavam que nada tinham visto nem ouvido, pois em suas casas sempre fizera bom tempo, com dia claro. Os egípcios simplórios os cercavam para ouvi-los, mudos de terror e espanto. De passagem, simulando indiferença, arrazoava de mim para mim: eles podem falar, mas quem provará que entre eles o tempo estivesse claro e aos ouvidos não lhes chegasse o rugir da tempestade, quando ninguém saiu de casa? Depois do discurso do Pharaó, eu enxergava por um prisma diferente. Seria, então, por ordem dele que os hebreus relatavam esse milagre, para impressionar o povo.

Fui onde o coração me atraia, isto é, à casa de Kermosa, certo de lá encontrar a bela Henaís, antes de ir ao Palácio.

O rapazote de guarda informou-me que todos dormiam, exceto Pinehas. Assim fui, direto a ele, encontrando-o como sempre, absorvido com seus papiros.

Embora bastante emagrecido, pareceu-me muito satisfeito, acolhendo-me com um sorriso que aumentou minha tortura e me fez corar. Sem me dar tempo de falar foi logo dizendo com sutil ironia:

— Compreendo... Vens por causa de Henaís, que te agrada e a quem desejas ter a todo custo.

Senti todo o sangue subira-me à cabeça.

— Como podes sabê-lo?

— Foi ela própria quem me confessou — respondeu tranquilamente. Achas que ela poderia esconder alguma coisa ao seu senhor?

Conformado baixei a cabeça.

— Tens razão, és o senhor e eu venho adquiri-la; estipula o preço.

— Não creio que Henaís esteja à venda; contudo, entende-te lá com minha mãe, pois foi ela que a educou e ludo que diz respeito a mulheres da casa está sob sua direção e nisso não me intrometo.

Compreendi que não queria enfronhar-me em negócios e entrega o caso a Kermosa, que se aproveitaria para dar-me uma sangria. Astucioso Pinehas! Mudei, pois, de assunto e perguntei:

— Que pensas dos últimos acontecimentos?

— Nada!

— Como pensas que acabará tudo isso? — insisti.

— É difícil de prever.

Evidentemente, não queria comentar. Levantei-me.

— Quando poderei falar a Kermosa? — perguntei despedindo-me friamente.

— Hoje à tarde ou amanhã, como quiseres — respondeu fingindo não ter percebido minha frieza.

Dirigi-me para o palácio, onde todos ainda comentavam a tempestade e o milagre da imunidade dos hebreus. Um oficial amigo, que estivera de guarda ao quarto de Pharaó, contou que os conselheiros relataram ao rei o extraordinário milagre e que o povo desejava ardentemente ver partir os hebreus, cuja presença se tornava intolerável. Mernephtah, porém, mostrava-se intransigente, encolerizado, declarando que, cessada a escuridão, pouco importava que os judeus a houvessem ou não experimentado. E quanto a sua libertação, nem queria ouvir falar.

Com a aparição de Moisés na sala a conversa foi interrompida. As sentinelas, mudas de terror, haviam-no deixado passar, e quando, com voz pousada e imperiosa, ordenou que o anunciassem, ninguém ousou agir como desejava fazer, ou seja, escorraçá-lo de uma vez para sempre.

Ordenou Mernephtah que entrasse e nós o acompanhamos, ficando junto à porta, enquanto ele se aproximava do trono e perguntava sem mais preâmbulos:

— Soberano cio Egipto. Pela última vez, venho saber se queres obedecer à voz de Jeová e deixar partir o povo de Israel.

O Pharaó mediu-o com olhar altivo e glacial.

Com timbre de voz metálica onde transparecia surda indignação, respondeu:

—Não! — e a ti, Moisés, digo que estou farto das tuas insolências e ordeno que abandones o Egipto dentro de três dias. Se esgotado este prazo ousares pisar a terra submetida a meu governo, mandarei decapitar-te. Evita, pois, voltar à minha presença.

De braços cruzados Moisés ouviu com atenção a ordem e um relâmpago sinistro iluminou-lhe os olhos.

— Tu o dizes, Pharaó, e obedeço — replicou com indefinível sorriso — não voltarei à tua presença, até que me chames para pedir que leve o povo escolhido de Jeová!

A passos lentos, saiu, deixando nos circunstantes uma impressão de pavor e mal-estar. Mernephtah era o único que aparentava calma e disse aos conselheiros quando se retirava:

— O insolente mágico tantas vezes ameaçou em vão, quantas ocasiões ficamos vitoriosos. De sorte que o seu Jeová deve estar esgotando os expedientes.

No dia seguinte, procurei Kermosa e renovei a proposta para comprar Henaís.

Ouviu-me com mal disfarçada hipocrisia, explicando depois, longa e cap-

ciosamente, que Henaís, filha de uma parenta, não era vendável. Mas, como se encontrava doente há muito tempo, dar-se-ia por feliz se alguma família honrada quisesse tomar conta da rapariga, a quem prezava como filha. Portanto, se eu estivesse disposto a reembolsá-la das despesas que tivera com a sua educação e manutenção, não me ofenderia com uma recusa.

Disse-lhe que fixasse o preço e exigiu uma coleção de vasos, ânforas, pratos e taças de ouro e prata.

Eu não podia compreender a utilidade e fins de tanta baixela, o que só mais tarde foi explicado. Concordei apesar do preço exorbitante, porque Henaís valia muito mais. A seguir, perguntei por Henaís, mas a astuta megera respondeu que ela não estava em casa e só poderia levá-la no dia seguinte.

Acabrunhado regressei à casa e solicitei de meu pai autorizar o nosso intendente a levar imediatamente o que combinara com Kermosa. A princípio, protestou, achando absurdo o negócio, mas depois meneou a cabeça e encarou-me desconfiado, acabando por palmear-me o rosto, dizendo:

— Sim, o fiel servidor levará a baixela preciosa e trará Henaís.

Só a vi, contudo, no dia seguinte, porque estive de serviço no palácio.

Logo que ficamos a sós, ela me caiu nos braços, desfeita em lágrimas.

— Que tens? — perguntei aconchegando-a ao coração. — Não te sentes feliz por te veres livre, para sempre, de Pinehas e de sua mãe?

— Muito feliz se algo de horrível não me oprimisse o coração. Vou contar-te tudo, mas jura que o não falarás a ninguém.

Prometi e mostrou-se mais calma.

— Horas antes de partir — confidenciou — surpreendi, por acaso, uma conversa entre Pinehas e Enoch. Não pude perceber tudo o que diziam, mas compreendi que se prepara qualquer coisa pavorosa — um massacre de todos os primogênitos egípcios, do mais rico ao mais pobre. Tu, também és primogênito e, ao lembrar-me disso, a cabeça começou a rodar-me e não pude aprender bem se o atentado se dará na quinta ou sexta à noite, a partir de hoje. Jura-me, pois, que, durante essas duas terríveis noites, não dormirás e velarás armado, bem como teu pai. Só assim ficarei mais tranquila.

Apesar de muito surpreso, jurei tudo quanto ela quis, embora a coisa me parecesse improvável. Todavia, comuniquei a meu pai e resolvemos velar essas duas noites sem alardear inutilmente.

O tempo transcorreu tristemente, e a primeira noite que consagramos á vigilância foi tranquila. Já começava a crer que Henaís tivesse compreendido mal, quando, à tarde, ao sair de casa, encontrei logo adiante uma mulher embuçada e

visivelmente extenuada, que me perguntou com voz ofegante se não poderia indicar-lhe a casa do nobre Necho, filho de Mentuhotep e comandante de um pelotão de carros. Admiradíssimo, respondi:

— Sou eu mesmo e aqui é nossa casa. Mas, quem és e que pretendes?

Ela estremeceu e, segurando-me convulsivamente o braço, murmurou:

— Se Chamus aí estiver, levai-me até ele.

Notando que ela desfalecia de fraqueza, amparei-a e levei-a para casa.

Ao galgar porém, as escadas que conduziam ao aposento de minha mãe, suas mãos brancas e finas, bem como o porte gracioso, fizeram-me pensar. Deve ser jovem e bela.

— Escutai — disse-lhe, detendo-me na galeria — que quereis dizer a Chamus? Não vos esqueçais que ele é noivo de minha irmã Ilsiris.

Ao ouvir minhas palavras, a desconhecida parou como ferida por um raio.

— Traidor! — exclamou levando a mão à cabeça.

Com esse gesto brusco, o véu se desprendeu e vi, então, um rosto de puro tipo semítico, mas de beleza deslumbrante. Massa de negros e sedosos cabelos lhe coroava a fronte, ainda mais realçando a alvura da tez. Grandes olhos escuros a traduzir, no momento, sentimentos tumultuosos que lhe iam n'alma, ora parecendo extinguir-se, ora inflamando-se de paixão e raiva.

Com voz entrecortada murmurou:

— Que morra — esquecendo-se da minha presença. Depois, voltou-se rapidamente e fugiu, ganhando a rua.

Permaneci estupefato, por alguns instantes! A seguir, fui tomado de angústia, pois era evidente que algo de terrível se tramava. A formosa Léa não se arriscaria por qualquer futilidade, a vir prevenir Chamus assim como Henaís a mim o fizera. Mas, de que estaria cogitando Moisés, o poderoso mágico e tenaz conspirador? Talvez uma revolta a mão armada.

Fui procurar meu pai e contei minhas novas suspeitas. Decidiu conservar-se armado em companhia de alguns homens fiéis e valorosos, capazes de defender as mulheres, alheias ao que se tramava. Aconselhou-me, também, levasse minhas suspeitas ao rei, porque, se de fato pretendessem massacrar os primogênitos, a vida do príncipe herdeiro também estaria em perigo.

Depois de auxiliá-lo nos preparativos de segurança, troquei de roupa e bem armado saí em direção ao palácio.

A poucos passos da casa, encontrei Chamus, que de pé, junto de uma mulher velada, lhe apertava as mãos e falava com ardor.

Ao ver-me, exclamou:

— Necho, Necho! Olha, tenho um pedido a fazer-te. Esta é a minha boa e querida Léa, a quem somos agradecidos pela salvação dos nossos rebanhos; ela deixou os próprios pais para encontrar-se comigo, mas eu lhe confessei que estava noivo de tua irmã. Apesar disso, me perdoou e prometeu guardar-me amizade. Como teme a cólera paterna, queria ir amanhã a Bubastis, para casa de um parente, que intercederia em seu favor. Não tem, contudo, onde ficar esta noite e te suplica hospedagem. Espero que não lhe recuses. Ilsiris nada precisa saber.

Temia acolher aquela criatura em casa, justamente nessa noite de ansiedade. Entretanto, recusar asilo de algumas horas a uma rapariga que, em todo caso, viera com boas intenções, pareceu-me crueldade. Anuí, portanto.

Soube, no palácio, que o Pharaó estava ocupado; depois, jantou e somente à noite consegui que me levassem à sua presença, quando se preparava para repousar, havendo já despedido os familiares e tendo no quarto apenas Rhadamés, que lhe entregava a roupa de dormir.

— Fala, Necho. Que vens ainda ensinar-me?

Ainda que contrariado com a presença do condutor do carro, a quem detestava visceralmente, pela conduta que tivera com Smaragda e por sua malícia covarde, expus em poucas palavras o que sabia e a presunção de que algo de mau se tramava. Enquanto discorria, observava Rhadamés e percebi que ele estremecera e seu olhar tomara expressão equívoca e odiosa.

O Pharaó escutou-me atento.

— Agradeço-te, vigilante e devotado rapaz. É possível que o miserável conspirador, decepcionado nas suas esperanças, cogite de alguma sangrenta desforra. Entretanto, um massacre geral parece-me muito arriscado eliminando o meu herdeiro. Mas tomarei minhas precauções. Rhadamés, vai ordenar que dobrem as sentinelas na ala do palácio ocupada por Seti e procura saber, outrossim, quem comandará a guarda noturna dos seus aposentos.

— Sei que é Setnecht — informou Rhadamés.

— É um bravo e valente oficial, em quem se pode confiar — acrescentou o Pharaó — entretanto, junta-te a ele, Necho, para a guarda do teu futuro rei.

Rhadamés voltou-se para o rei e ajoelhando-se falou em tom súplice:

— Concede-me também, poderoso filho de Rá, meu senhor e benfeitor, a graça de velar junto do príncipe — esperança do Egipto — pois do contrário, não terei um momento de sossego.

— Teu pedido foi aceito — respondeu Mernephtah bondosamente — ide e dormirei tranquilo, certo de que três homens fiéis e devotados velam pelo príncipe.

Imediatamente, dirigi-me para os aposentos de Seti, embora não lhe votasse particular afeição; aliás, eu pouco conhecia o príncipe, cujas atitudes reservadas e altaneiras afastavam dele os próprios íntimos. Mesmo assim, ele era a esperança da dinastia, o herdeiro do maior dos reis do Egipto, e, para defender sua augusta cabeça, de um atentado dos hebreus, cumpria-me derramar a última gota de sangue.

Setnecht mostrou-se contrariado com a minha presença e só ficou tranquilo quando Rhadamés cochichou com ele.

As sentinelas dos postos foram dobradas e estabelecidos novos postos, mesmo dentro da galeria que levava ao quarto de dormir.

Tomadas as providências, apresentei-me ao príncipe. Ele estava deitado, mas ainda não dormia; apoiado ao cotovelo, parecia absorto em si mesmo e assustou-se com a minha presença, mas logo fez sinal para que me aproximasse e perguntou gentilmente o motivo que até ali me levava.

Ajoelhando-me à beira do leito, informei-o dos nossos temores e precauções.

— Ah! miserável! murmurou — Dá-me o punhal que aí está no banco, pois não quero ficar desarmado.

Atendi seu pedido, e inclinando-me respeitosamente, saí para fazer mais uma ronda. Ao chegar à galeria, Setnecht disse, encolhendo os ombros:

— Penso que tudo isso não passa de boato falso; vem beber conosco um copo de vinho para reanimar as forças.

Não aceitei, porque desejava estar calmo e senhor de todas as minhas faculdades. Voltando ao quarto do príncipe, postei-me a pequena distância do leito.

Pouco a pouco, profundo silêncio reinou em todo o palácio, apenas quebrado pelos passos fortes e cadenciados dos dois oficiais que marchavam no corredor. De vez em quando, um escravo deslizava descalço, até os fogareiros, distribuídos em vários sítios, reavivando as brasas e renovando as essências.

Apoiei-me a uma coluna, e fiquei imóvel qual estátua. Enquanto assim permaneci, vi Rhadamés passar vagaroso. A poucos passos do soldado, estava um grande fogareiro, no qual um escravo acabava de atiçar as brasas e lançar perfumes. Passando junto dele, o condutor do Carro pareceu deter-se um instante, oculto por uma coluna, e vi-o estender a mão por baixo do fogareiro, cuja chama crepitou subitamente, como se alguma substância lhe fosse atirada. Quase no mesmo instante, reapareceu e prosseguiu na ronda, sem olhar para o meu lado.

Esfreguei os olhos. Teria sonhado? Fora tudo tão rápido que eu mesmo duvidava do testemunho dos sentidos. Entretanto, avancei até a porta e acompanhei

Rhadamés com a vista. No fim da galeria, vi-o parar junto de Setnecht e, após rápida troca de palavras, aproximaram-se de uma mesa, onde se encontravam ânforas de vinho e vasos de alabastro cheios d'água. Molhando num dos vasos um pano de linho branco, com ele esfregaram as mãos e o rosto. Como voltassem a ocupar seus postos, nada pude descobrir de suspeito e afastei-me abanando a cabeça, para junto de Seti, que parecia haver adormecido.

Não me é possível calcular o tempo que se passou, até que comecei a sentir, pouco a pouco, estranho torpor em todos os membros, logo seguido de sonolência incoercível.

É verdade que tinha passado em claro a noite anterior, mas confesso que não havia sentido, em toda a minha vida, semelhante cansaço. A cabeça rodopiava, as pernas tremiam e vergavam; as pálpebras, pesadas, fechavam-se a despeito de toda a resistência. Naquele momento, creio que daria, por uma hora de sono, até um membro do corpo. Contudo, não queria dormir, pois da minha vigilância nessa noite dependia, talvez, a vida do príncipe herdeiro. Lutava, então, suando, contra o torpor que me subjugava.

De repente, os olhos vagos e sonolentos deram com uma bacia d'água, colocada perto do leito, que servia para imersão das compressas que Seti pedia muitas vezes durante a noite, porque, desde que adoecera da peste, sofria frequentes dores de cabeça. Reunindo as últimas energias, dirigi-me cambaleante até a mesa, e tirando o capacete, mergulhei as mãos e o rosto na bacia. Senti-me refrescado, mas fatigado e modorrento, a ponto de não poder retomar o primitivo posto junto da coluna. Encostei-me na parede e só então notei que um velho escravo, que não abandonava o príncipe e que velava ao pé do leito, estava estendido no estrado e dormia a sono solto.

Procurei apurar o ouvido, tanto quanto os sentidos embotados permitiam: nada quebrava o silêncio ambiente e até os passos dos oficiais da guarda haviam cessado; os fogareiros já se haviam apagado e uma penumbra reinava ao longo da parede, vinda do terraço. Esfreguei os olhos julgando-me semi-adormecido, mas no mesmo instante senti-me quase petrificado! Uma forma humana, envergando longo hábito branco, cabeça envolta em negro véu, surgiu no estrado da cama e um grande punhal lhe brilhou na mão alçada e mergulhou, num ápice, no peito do príncipe! Seti tentou aprumar-se e agarrar o agressor, mas dando um grito, recaiu inerte.

Como ferido por um raio, permaneci imóvel. Depois, reunindo todas as forças, sacudi o torpor e atirei-me ao assassino, quando ele recolhia num copo o sangue real, que borbotava do ferimento. Atraquei-me com o miserável tentando

derrubá-lo, mas desgraçadamente o estranho torpor me tirara as forças e a destreza. O hebreu, a debater-se tentava apunhalar-me e, afinal, vendo-me cair com um empurrão mais forte, fugiu levando o copo.

Caí, batendo com a cabeça no solo e dei um grito estridente, mas ninguém acudiu. Levantei-me a custo, apanhei uma lâmpada e precipitei-me para a galeria. A primeira coisa que notei foi a sentinela estendida no chão, dormindo profundamente. Adiante, uma segunda e ainda terceira; num banco de pedra, mais além, igualmente estendidos Rhadamés e Setnecht, mergulhados em profundo sono! Em vão os sacudi, gritando-lhe nos ouvidos. Em último recurso, lancei-lhes o conteúdo de um vaso que estava sobre a mesa e eles deram então um salto, aturdidos, de olhos esbugalhados.

— Seti foi assassinado! — exclamei com voz rouca — correndo adiante e repetindo o mesmo grito, que reboava em todas as salas e corredores.

— Mataram o herdeiro, Seti foi assassinado.

Num ápice, o palácio pareceu despertar. De todos os lados surgiram escravos empunhando tochas e oficiais brandindo armas. E toda essa gente aterrada, repetia em coro a nova apavorante, que ecoava de galeria em galeria, espalhando confusão e pavor. À entrada de uma sala, surgiu de repente Mernephtah pálido e meio descomposto, tal como abandonara o leito, rodeado de guardas e criados.

Ao avistá-lo dei meia volta e nos dirigimos todos para os aposentos de Seti, já repleto de gente que, apavorada comprimia-se junto ao leito em que jazia o príncipe, de cabeça derreada, descoberto, enquanto o velho nubiano, tremendo como vara verde, tentava enfaixar a ferida do peito com uma compressa umedecida.

À vista desse quadro o Pharaó deu um grito, cambaleou e nada mais vi, pois que as forças me abandonavam, os ouvidos zumbiam e tudo rodopiava em torno de mim. A lâmpada caiu-me da mão e perdi os sentidos.

Quando voltei a mim, estava estendido num banco e um preto me friccionava a testa e as mãos com essência fortificante. Levantei-me fraco, trêmulo, incapaz de compreender o sucedido. As pessoas aparvalhadas que corriam no local reavivaram-me a memória.

— Seti morreu? — perguntei a um oficial que passava próximo.

— Não — respondeu, apertando-me a mão — até o momento, vive; se tens forças, vamos até lá, eu te auxiliarei.

Levou-me, com efeito, até o quarto do príncipe, cujas portas estavam guardadas por magotes de soldados. Lâmpadas e archotes em profusão iluminavam o ambiente, como se fosse dia claro. Junto do leito uma sumidade médica, cabeça

calva e reluzente, introduzia um aparelho na ferida; a seu lado, dois jovens sacerdotes, brancos como seu hábito, sustendo cada qual, respectivamente, uma bacia com água avermelhada e uma caixa de medicamentos. No lado oposto do quarto, Mernephtah sentado, com a cabeça apoiada nas mãos e os cotovelos fincados na mesa; a túnica de dormir aberta deixando entrever o peito; e atrás da cadeira dois conselheiros, mudos, de braços cruzados, enquanto vários jovens da nobreza cercavam o Pharaó. Ajoelhados, dois deles calçavam-lhe os pés nus; um terceiro tentava prender-lhe a roupa e ajustar um manto de púrpura, enquanto o quarto lhe alisava os cabelos com um pente que introduzia num pote de óleo de rosas, que um nubiozinho segurava na bandeja de prata. Imóvel e mudo, o rei a tudo se submetia, como se estivesse petrificado. Em vão o solícito copeiro lhe apresentava, por vezes, um copo de vinho reconfortante: o Pharaó parecia não ver nem ouvir.

Nesse momento, o médico desceu do estrado em que assentava o leito e vi o rosto pálido do príncipe apoiado no travesseiro. Os olhos estavam cerrados, mas o tremor dos lábios indicava que vivia. O velho aproximou-se do rei, sempre insensível ao que se passava, e, rojando-se-lhe aos pés, abraçou-lhe os joelhos.

— Grande filho de Rá, querido senhor, pai e benfeitor de teu povo, ergue a fronte abatida pela tristeza; a graça dos imortais concede aos meus últimos dias uma grande alegria, porque te afirmo: a esperança da tua raça, a alegria e orgulho do Egipto — Seti, viverá! A mão poderosa de Rá amparou teu herdeiro; a arma criminosa foi desviada por este amuleto, que se bem tenha sido perfurado lado a lado, logrou amortecer o golpe: o ferimento é grave, mas não mortal.

Mernephtah ergueu a cabeça, leve coloração tingiu-lhe as faces e, tomando o amuleto, estendeu os braços para o alto em fervorosa ação de graças:

— Se tuas palavras são verdadeiras, velho, se tua ciência me conserva o filho, este dia será verdadeiramente um dia de felicidade para ti e para tua prole.

Ao ver a taça que o copeiro lhe apresentava, esvaziou-a de um trago.

— Agora — acrescentou empinando-se — devo cuidar do meu povo: que, os conselheiros se reúnam imediatamente nos meus aposentos e tu, Necho, vai com alguns oficiais e soldados dar o alarme em toda a cidade; batam a todas às portas, de ricos e pobres, que assim poderão, talvez, evitar o morticínio de entes caros.

Saí rapidamente pois, a ordem, muito razoável, me facultava saber o que se passava em casa, onde sé havia introduzido a suspeitosa judia, cuja paixão por Chamus podia acarretar alguma vingança infernal.

À porta do palácio, separei-me dos companheiros, que, voluntariamente, me atribuíram o quarteirão de minha residência.

As ruas continuavam silenciosas e desertas. A grande cidade parecia mergu-

lhada em profundo sono. Eu olhava ansioso aquelas casas fechadas e tranquilas, a conjeturar que lá dentro talvez a desgraça já houvera penetrado. E monologava: “Quem sabe alguma erva, ou pó, atirado ao fogão, vos entorpece e imobiliza enquanto o sustentáculo da vossa família, a esperança da vossa velhice é ceifado por uma morte miserável.»

Iniciamos a tarefa penosa e difícil, casa por casa, rica ou pobre; batíamos com insistência, até que alguém viesse atender, e quando uma sombra, cabeceando de sono e cansaço aparecia, dávamos o sinistro alarme: “Guardai vossos primogênitos, condenados a perecer esta noite!” E seguíamos adiante, muitas vezes ouvindo atrás gritos clamorosos, denunciando o encontro de uma vítima.

Finalmente, louco de inquietação, precipitei-me para casa, igualmente mergulhada em lúgubre silêncio. Aos meus brados, o velho guardião deu, enfim, um salto e deixando, os soldados na rua, para despertar os vizinhos, entrei e fui direto ao quarto de Chamus. Junto da porta estava estendido um escravo, ferrado no sono; agarrei-o pelos ombros e o sacudi até que abrisse os olhos.

— Diz-me, onde está a mulher que Chamus aqui trouxe hoje? — perguntei — onde a acomodaram?

— Não sei — respondeu esfregando os olhos — só sei que lhe deram o quarto à esquerda da escada; mas o nobre Chamus mandou-me vigiar do lado; do muro para ver se alguém se aproximava por ali, e... — acrescentou, coçando a cabeça, — parece (que ela saltou o muro...

Sem mais querer ouvi-lo precipitei-me para o quarto de Chamus, fracamente iluminado por uma lâmpada e em vão procurei Léa. Tomando a lâmpada, aproximei-me do leito e fiquei aterrado; rosto contraído e violáceo, braços caídos, Chamus apresentava extenso ferimento no peito nu! O sangue tudo ensopava, formando no chão uma grande poça negra. Mãos trêmulas, tentei reanimá-lo, mas estava frio e rígido. Deixei-o e corri ao quarto de meus pais.

Sacudindo meu pai, exclamei:

— Levantai-vos — Seti foi ferido no palácio e Chamus foi aqui assassinado; talvez um socorro imediato ainda possa salvá-lo.

Meu pai saltou do leito e minha mãe, igualmente despertada, gritou angustiosamente. Dentro em pouco toda a casa estava despertada e corria para os aposentos de Chamus. À porta deparamos com Ilsiris em desalinho, amparada por Acca.

Com voz débil e segurando-me o braço, perguntou:

— Que há? Que sucedeu a meu noivo?

— Coragem! minha irmã; uma grande desgraça fere o Egipto e nossa famí-

lia; volta para teu quarto e ora; o aspecto deste aposento não te convém.

Ela cobriu o rosto banhado em lágrimas e deixou-se conduzir pela velha serva, que lhe pedia calma. Voltei para junto de meus soldados porque a tarefa não estava terminada.

Ao atravessar o pátio, uma mulher descabelada precipitou-se para mim, gritando apavorada: reconheci a esposa do nosso segundo intendente, mas a infeliz parecia louca, pois tanto comprimia ao peito, como erguia nos braços o corpo de um menino de três anos, em cujo peito se notava um ferimento sangrando. Horrorizado, tentei falar-lhe, mas a infeliz não me reconheceu e dando um grito selvagem seguiu a correr, soluçando e desvairada.

Emocionado e desnorteado, prossegui na tarefa batendo nas portas ainda fechadas. A cidade, porém, já despertava e terrível era esse despertar. De quase todas as casas partiam clamores desesperados; as ruas estavam cheias de pessoas horrorizadas e seminuas, correndo de todos os lados; umas em busca de médico, outras, sem destino mas todas em desespero.

O sol despontava iluminando os cadáveres dos primogênitos egípcios, cercados dos parentes desolados, que haviam dormido profundo e sinistro sono, enquanto a morte rondava e feria o que tinham de mais caro.

A lembrança do que vira fazer Rhadamés me assaltava, obsediante: seriam, ele e Setnecht, cúmplices da terrível conspiração? Ademais, eram dois oficiais geralmente benquistos.

Perseguido por essa suspeita, voltei ao palácio.

Ao aproximar-me, vi enorme multidão diante da residência real. Choros e gritos explodiam em coro:

— Deixai partir os hebreus!

Procurei abrir passagem até uma entrada e, seguido por um colega, subi a uma das torrinhas da muralha que dominava a grande praça.

O companheiro informou-me que Seti vivia e o Pharaó presidia a um conselho; que se haviam congregado em sala contígua todos os escribas do palácio e que haviam expedido um destacamento militar em busca de Moisés, para trazê-lo quanto antes à presença do rei.

Enquanto conversávamos, a multidão, fora, aumentava de tal forma que todas as cabeças se tocavam e essa massa negra, febrilmente agitada, movimentava-se de todos os lados, a perder de vista. Lamentos, gritos e súplicas, para que o Pharaó se mostrasse, eram cada vez mais fortes. Mernephtah, porém, ainda retido junto dos conselheiros, governadores e comandantes de corpos, não aparecera.

Subitamente, estalou um tumulto: alguém teria dito (ou a ausência prolongada do rei teria inspirado ao povo) que ele morrera, bem como Seti, cujo estado de saúde ignoravam... Mas o fato é que os clamores continuavam:

— "Mataram Mernephtah, bem como o herdeiro! Moisés quer cingir a coroa e nós ficaremos à sua mercê! Quem nos protegerá, quem reinará sobre nós?".

Comprimindo-se contra as paredes, a massa avançou.

— "Mostrai-nos o nosso Pharaó, vivo ou morto; queremos saber a verdade!" — ululavam milhares de bocas. E como desvairado, o povo investiu contra as portas do palácio, tentando transpô-las em luta com os soldados, que, cerrando fileiras, de armas em punho, embargavam a passagem.

Advertido sem dúvida do que se passava, o Pharaó apareceu no terraço. Ao vê-lo, as massas enceguecidas pelo desespero recuaram qual imensa vaga, lançando gritos de alegria e alívio. Todos os braços se voltavam para ele em muda súplica.

Mernephtah, com a voz sonora e metálica anunciou ao povo, em breves mas enérgicas palavras, que de conformidade com o parecer de todos os conselheiros e sábios, havia decidido a expulsão imediata dos hebreus, de modo que, até o pôr-do-sol, o último tivesse abandonado Tanis, e dentro de três dias o território egípcio estivesse limpo.

Brados de alegria e reconhecimento abafaram as últimas palavras do soberano e a multidão começou a dispersar-se, apregoando por todos os cantos que os hebreus iam, enfim, deixar o país.

Entrei e dirigi-me para a sala de recepção, porque desejava presenciar a entrevista com Moisés.

Na galeria que a precedia, estavam alguns escribas atarefados escrevendo sobre rolos de papiro o decreto liberatório do povo de Israel, que deveria ser lido e publicado em todo o Egipto. Através das colunas da galeria, via-se Mernephtah, pálido, de olhos brilhantes, sentado junto à mesa de alto estrado. Assinava os papiros que lhe passava um velho conselheiro, enquanto outro dignatários lhes apunha logo o selo real.

À certa altura, entrou um oficial, para anunciar que Moisés acabava de chegar. Logo após, o profeta hebreu avançava empertigado e calmo até à cadeira real. Ao vê-lo, o rosto do Pharaó cobriu-se de uma palidez esverdeada, os punhos crisparam-se e flocos de espuma lhe afloravam na comissura dos lábios. Evidentemente, a raiva embargava-lhe a voz.

— Pharaó do Egipto. Venho atender o teu chamado — disse Moisés detendo-se, com voz que mal disfarçava o sabor de triunfo — queres confirmar o que o

povo reclama nas ruas, ou seja: que te submetes, finalmente, á ordem de Jeová, deixando partir seu povo?

Silêncio absoluto. Todos os olhares voltaram-se ansiosamente para o Pharaó, que, de pé, cruzara os braços.

— Sim — disse o Pharaó com voz soturna — chefe de um povo de assassinos, leva esses filhos eleitos de um deus digno do seu enviado; que, ao pôr-do-sol, nenhum hebreu reste em Tanis, sob pena de experimentar no lombo o ferro reservado aos retardatários. E a ti — o mais miserável dos súditos, uma última palavra: ingrato, educado e sustentado pelo Egipto, cumulado de honras e ciências; a ti, que mascaras a ingratidão com o nome de um deus, para torturar impunemente esta pátria, cobrindo-a de ruínas e cadáveres, digo: esse deus que te envia eu o conclamo como juiz e vingador; vai-te, erra sem descanso, sem encontrar lugar para erigir o trono que ambicionas; e que o sangue das vítimas da peste e do punhal recai sobre ti!...

Calou-se. A cólera embargava-lhe a voz; um copeiro entregou-lhe uma taça de vinho. Agarrou-a maquinalmente e, em vez de levá-la aos lábios, atirou-a ao rosto de Moisés, exclamando com iracunda voz:

— Agora, réprobo, vai-te!

O hebreu, que tudo ouvira de rosto esfogueado, abaixou-se desviando o golpe, e apanhando a taça exclamou irônico:

— Nesta taça real beberei o primeiro vinho em louvor ao trono que me propus erguer.

Depois, guardou-a no bolso e afastou-se rápido. Foi um dia triste. Escoltas militares percorriam as ruas para manter a ordem, impedir conflitos sangrentos e patrulhar os pontos de concentração, donde partiam os hebreus em colunas cercadas procurando as portas da cidade. Cada tribo capitaneada por seu chefe e ancião seguia em boa ordem, levando quanto possuía em mulas, camelos ou carros.

Ao constatar tanta riqueza, a quantidade de cabeças de gado, meu coração transbordou de raiva; eu era muito egípcio para não sentir a perda dos nossos servos.

De pé, no terraço da torre mais alta do palácio, assistido por seus áulicos, Mernephtah, silencioso, contemplava com o olhar triste e inquieto o imenso e ruidoso desfile de milhares de súditos válidos, úteis, prestimosos, que escapavam ao seu domínio.

Dominado pela fadiga, somente alta noite pude recolher-me. Apesar de tudo, sentia-me aliviado por haver enfim, chegado ao termo dessas tribulações, não mais sujeito ao imprevisto de uma desgraça, não mais temer o despertar para

algum espetáculo emocionante. Considerando, porém, que egípcios tais, como Rhadamés e Setnecht, haviam tomado parte no infame conluio que custou a vida de tantos inocentes, cerrava os punhos e muito daria para desmascarar os dois traidores. Como não possuísse elementos comprobatórios, vi que não era possível fazê-lo imediatamente. Rhadamés era muito estimado pelo Pharaó e, em todo o Egipto, dormira-se profundo sono nessa calamitosa noite. Jurei, contudo, observar os miseráveis e na primeira oportunidade, denunciá-los, sem dó nem piedade.

Encontrei os meus ainda acordados: meu pai combinava com o intendente uma nova distribuição dos criados, dada a expulsão dos de origem hebraica; minha mãe e Ilsiris, conchegadas, choravam amargamente a morte de Chamus; Acca fazia coro amaldiçoando Moisés, Léa e os hebreus; maldições de fazerem tremer os céus. Apenas Henaís, terna e prestativa, como sempre, ia de minha mãe para Ilsiris, fazendo-as respirar essências e administrando-lhes compressas na fronte.

Querendo conversar um pouco com Henaís, dirigi-me para a galeria, fazendo-lhe sinal para que me acompanhasse.

Quando ficamos a sós, disse-lhe:

— Conta-me agora o que aqui se passou na minha ausência. Chamus ainda não deu sinal de vida?

— Chamus morreu e o desespero de tua mãe e de Ilsiris foi tão grande que rasgaram os vestidos, unharam os seios e deram com a cabeça pelas paredes; só a muito custo conseguimos acalmá-las um pouco; o corpo, por ordem de teu pai, está numa sala lá em baixo, onde amanhã, os embalsamadores virão buscá-lo. Houve muito alarido e perturbação entre os serviçais hebreus, expulsos: alguns não queriam sair e os dois velhos — Rebeca e Ruben — rojaram-se aos pés de teu pai, suplicando que os amparasse, pois não tinham parentes e desejavam morrer junto dos seus bondosos senhores. O nobre Mentuhotep, porém, mostrou-se inflexível e eles partiram como loucos. Toda a casa está em polvorosa e contudo eu me sinto feliz, porque te vejo vivo e tu és tudo para mim!

Pegou-me a minha mão e beijou-a.

Abraçando-a disse-lhe:

— Boa Henaís — há de chegar o dia de te demonstrar meu reconhecimento.

Nos dois ou três dias imediatos, além do desespero de milhares de famílias atingidas, a raiva empolgou a população, porque verificou-se que os hebreus ao partirem haviam cometido enormes furtos; sem falar no prejuízo de empréstimos não resgatados. Muitos aproveitaram-se do profundo sono dos egípcios para se apossarem dos valores que ambicionavam.

A idéia da perseguição a mão armada ganhava corpo em todos os espíritos, mas ninguém ousava falar abertamente, porque Pharaó resistia.

Soube, também, com espanto, que Kermosa e Pinehas tinham acompanhado os hebreus, levando consigo Smaragda, ainda convalescente. O pobre Omifer, ferido na noite fatídica, não se continha de desespero; mas o ferimento o impedia de rastrear o traidor. Rhadamés suportava com muita calma a perda da esposa; a alegria malsã que experimentava com a tristeza de Omifer e, sobretudo, a idéia de ficar único possuidor da imensa riqueza de Mena, não seria, acaso, compensação consoladora? Por mim, lamentava deveras que a bela e jovem Smaragda, tão elegante e prendada, fosse condenada a passar a vida no dorso de um camelo, no meio de um povo impuro e desmazelado, ademais forçada a suportar a fogosa paixão de Pinehas. Infeliz destino!

Afinal, certa manhã, o desejo de vingança, que empolgava toda a população, encontrou eco no palácio. Por determinação de Pharaó, reuniu-se um grande conselho, por ele presidido. Analisaram-se, abertamente, todos os prejuízos causados ao país pelos hebreus; os governadores queixavam-se de que todas as obras públicas estavam paralisadas por falta de operários; mas a maior grita era contra a pilhagem verdadeiramente atrevida dos judeus, aproveitando a tribulação das famílias ocupadas com os seus mortos e feridos. O que eles haviam surrupiado em jóias, ouro, vasos preciosos, estojos etc., era positivamente incalculável.

Mernephtah, que havia acompanhado atento a discussão, levantou-se por fim, e disse:

— A mais elementar justiça manda não se deixe aos miseráveis judeus o produto da rapinagem; persigamo-los para dominá-los e reavermos nossos escravos e artífices; já decidi que o exército marche no sétimo dia, a contar de hoje; será o décimo da sua partida mas, levando eles muitas mulheres, crianças e bagagens, não será difícil alcançá-los, apesar do tempo decorrido. Que se publique, em todos os corpos de tropas, que aquele que me trouxer a cabeça de Moisés, ainda que seja o mais ínfimo soldado, será elevado à primeira categoria da minha nobreza, por mim dotado e isento para sempre, bem como seus pósteros, de todos os impostos.

As palavras do Pharaó foram acolhidas por fortes aclamações, e desde logo foram expedidas as necessárias providências.

Como o rei desejasse, em pessoa, comandar o exército, Seti foi nomeado regente na sua ausência. Em virtude, porém, de o ferimento ainda o reter no leito, foi-lhe agregado um velho parente de Mernephtah, a título de auxiliar.

A notícia de que a guerra estava decidida alegrou a todos; não havia um

guerreiro que não quisesse lavar no sangue hebreu sua legítima vingança. Todos os aprestos foram acelerados. Diariamente chegavam batalhões vindo de Thebas, Memphis e outras cidades mais próximas, enquanto mensageiros partiam com ordens para os destacamentos estacionados nas províncias mais distantes. Também eu fui enviado à cidade de Ramsés, levando ordens ao governador para abastecimento do exército e uma expedição de espias que informassem o rumo exato seguido pelos Israelitas.

Tive ainda de cumprir a triste missão de comunicar à mãe de Chamus, lá residente, a morte do filho. Confesso que foi com dolorosa emoção que presenciei o desespero da venerável matrona. Meus pais me haviam incumbido de convidá-la a passar alguns meses em nossa companhia, convite que ela aceitou reconhecida, por lhe parecer menos desconsolante chorar em companhia dos que também estimavam o filho. Aconselhei-a entretanto, esperar a passagem do exército, para evitar o congestionamento das estradas, prometendo a vinda oportuna do nosso velho intendente, a fim de conduzi-la a Tanis.

Cumprida minha missão, retomei o caminho dos penates, onde muitos negócios e providências reclamavam minha presença.

Ao atravessar, à noite, uma planície próxima de Ramsés, encontrei velho tropeiro tangendo algumas mulas extenuadas, numa das quais ia montada uma mulher envolta em espesso véu. Lancei um olhar curioso à singular caravana fantasticamente iluminada pela lua, quando, de repente, a mulher deu um grito e me chamou pelo nome. Surpreso e atônito, parei o animal, mas a mulher já havia tirado o véu e reconheci, então, o belo semblante de Smaragda.

— Tu aqui! como assim? — exclamei saltando do cavalo e apertando-lhe a mão.

— Deves saber que o miserável Pinehas sequestrou-me — raptou-me narcotizada com algum terrível filtro, — respondeu de olhos brilhantes. Quando despertei, estava numa tenda em pleno acampamento hebreu!

Falou-me, então, do seu amor e disse que deveria acompanhá-lo e viver com ele o resto dos meus dias, entre o povo imundo. Aproveitando um momento favorável, arranquei-lhe do cinto o punhal e matei-o. Olha, Necho — e dizendo-o tirou do seio um punhal cuia lâmina apresentava manchas negras mostrando-mo com selvagem alegria: — É sangue de Pinehas... Quando o vi por terra, faces contraídas e o sangue a jorrar do peito como de uma fonte, fugi e errei sem rumo pelo acampamento, buscando uma saída, até que, junto das últimas barracas, encontrei um homem de aspecto imponente e fisionomia atraente: devia ser um chefe, porque vários anciãos o seguiam reverentes. Esse personagem deteve-me

para perguntar quem eu era e para onde corria daquela maneira. Então, me rojei a seus pés, confessei-lhe a verdade e pedi que me deixasse partir. Interrogou-me sobre minha família e parentela e, quando mencionei meu avô, ele estremeceu e pareceu meditar profundamente. Ao cabo de alguns instantes que me pareceram uma eternidade, passou a mão pela fronte, ergueu-se e disse bondosamente:

— És casada, volta aos teus deveres; a lei do meu Deus condena o adultério e não permitirei no meu acampamento raptos nem violências; como, entretanto é arriscado uma bela e jovem mulher viajar sozinha, dar-te-ei um condutor.

Falou aos do seu séquito no seu idioma e seguiu adiante, estendendo-me a mão em despedida.

Passado pouco tempo, chegou este velho com estas mulas que ai vês e nos deixaram partir.

Dize-me onde posso encontrar Omifer, porque não desejo voltar para a casa de Rhadamés. Se podes, leva-me até lá.

Inteiramente perturbado, montei a cavalo.

Então Pinehas, o grande sábio, o homem triste e laborioso estava morto, assassinado pela pequenina mão branca daquela mulher franzina e graciosa, que a fatalidade vigorizou?!

Durante a viagem, fiz a Smaragda um breve relato dos acontecimentos que ela ignorava: o ferimento de Omifer, a perseguição que se preparava, e ela me suplicou então, que a conduzisse secretamente à casa do seu amigo, onde se albergaria até a partida de Rhadamés, no que concordei.

Rumei para casa depois de a entregar a Omifer, que de contentamento, sentiu-se meio restabelecido.

Os dois dias que se seguiram e antecederam à partida, passaram com relâmpago, entre preparativos de bagagem, visitas de despedida, compras e aprestos de toda a espécie.

Na véspera do grande dia, o intendente de Omifer levou-me dois magníficos cavalos, acompanhados de uma carta na qual me pedia aceitar os admiráveis animais para serviço de campanha.

No dia da partida, levantei-me muito cedo e acabava de vestir-me, disposto a procurar meu pai, quando Henaís foi ao meu quarto abatidíssima e banhada em lágrimas.

— Necho, venho despedir-me de ti, — disse abraçando-me — dentro de alguns instantes, irás ter com teus pais e a pobre Henaís não se atreverá aproximar-se; entretanto, sofro tanto quanto,eles ao ver-te partir para essa guerra sangrenta, e se não regressares, mato-me, pois tu és, nesta vida, tudo para mim.

A voz foi-lhe embargada pelos soluços; apertei-a apaixonadamente contra o peito e cobri-lhe o rosto de beijos.

— Henaís, enxuga essas lágrimas. Se os deuses permitirem que volte são e salvo juro solenemente fazer-te minha esposa legítima, pois amo-te e a ninguém amei senão a ti.

Vivo rubor cobriu-lhe as faces pálidas e murmurou reconhecida:

— A aventura é tão grande, que nem ouso esperar, mas tuas boas palavras me ficarão na memória até o derradeiro alento.

Depois de poucas palavras mais e um último beijo, separamo-nos. Fui despedir-me de minha mãe e de Ilsiris, pois meu pai devia acompanhar-me até o palácio.

Foi comovente a despedida. As duas criaturas se desfaziam em lágrimas. Depois, desci entre alas de servos escalonados na escada e galerias, até à porta da rua. Todos beijavam-me as mãos e as vestes, rogando que as bênçãos do céu caíssem sobre mim.

De coração opresso galguei o carro.

Era intenso o movimento no palácio. Pátios, galerias, escadas, repletas de guerreiros, sacerdotes, e dignatários que deviam integrar o cortejo, pois o Pharaó se dirigia previamente ao templo para implorar a proteção dos imortais. Foi lá que me despedi de meu pai, que tinha lugar adequado, e porque não esperava reencontrá-lo no cortejo.

Logo depois, apareceu Mernephtah, que tinha ido levar um terno beijo em despedida ao príncipe herdeiro; ele trazia, estampadas no rosto, energia, coragem e confiança na empresa; o magnífico uniforme de guerra mais lhe realçava o imponente aspecto, ostentando a coroa do Alto e Baixo Egipto, circundada de serpentes místicas. Ou ando na liteira aberta, levada pelos condutores, príncipes e afins da Casa Real, apresentou-se à multidão, todos os olhos convergiram para ele, com estima e admiração. Era bem o soberano de um grande povo, a encarnação da sua força e majestade.

O imponente e interminável cortejo atravessou as ruas entupidas da populaça, vagarosamente. Exclamações, gritos e bênçãos, quase abafavam a música e as fanfarras; ruas tapizadas de flores e ramos de palmeiras, a multidão, alegre e animada pelo desejo de vingança, acreditava já estar vendo a chegada de todos os tesouros roubados e resgatados no sangue dos ignóbeis rapinantes.

Com seu olhar de lince, Mernephtah perscrutava aquelas fisionomias satisfeitas, e, quando chegou diante do Templo, o rosto se lhe tornou mais radiante, o olhar mais brilhante que ao sair do palácio.

O grão-sacerdote, seguido dos acólitos e sacerdotisas, o recebeu à entrada e o introduziu no santuário; mas, durante a cerimônia religiosa, um triste presságio amargurou todos os corações: o fogo, que deveria consumir a oblata real, extinguiu-se de súbito, no momento em que Mernephtah, ajoelhado e de braços erguidos, suplicava aos imortais que lhe concedessem a vitória.

Palidez intensa invadiu as feições másculas do Pharaó, que preocupado e cabisbaixo, retomou à liteira para, em companhia dos sacerdotes que conduziam as estátuas dos deuses, ganhar a planície além da cidade, onde o exército já estava acampado.

No centro do vasto quadrado constituído pelo grosso das tropas, via-se o altar das oferendas e solenes sacrifícios aos deuses exposto aos soldados. Bem como os demais oficiais que haviam tomado parte no cortejo, retomei meu lugar no corpo em que servia, e como durante as calamidades houvesse assumido o comando de um destacamento de carros na guarda nobre de Pharaó, coloquei-me na primeira fila, logo atrás do carro real, então ocupado apenas pelo condutor Rhadamés.

Esse carro, de ouro maciço, finamente lavrado, era tirado por dois soberbos corcéis de crinas esvoaçantes. Impacientes, os animais riscavam o solo com os finos cascos, mal sofreados na sua fogosidade pela mão vigorosa do condutor.

Olhei Rhadamés atentamente. Odiava-o e desconfiava de sua lealdade desde a noite dos massacres; ele estadeava boa presença assim de pé, segurando com uma das mãos as rédeas, enquanto a outra se apoiava no grande escudo com que deveria cobrir o rei durante o combate. Uma couraça de escamas de peixe se lhe ajustava ao esbelto e atlético busto; reluzente capacete lhe resguardava a cabeça, e contudo, estava pálido, lábios contraídos e olhos ora ternos, ora brilhantes, como que a maquinarem algo de grave e maléfico.

Apertando o cabo de meu feixe d'armas, pensei:

— Toma cuidado, miserável, se é que tramas alguma nova traição — desta vez, tenho os olhos postos em ti, é não me escaparás.

Terminadas as cerimônias religiosas, o Pharaó, acompanhado dos grandes sacerdotes e dignatários, tomou o carro. Por um momento, seu olhar profundo e estranho fixou-se no rosto pálido do condutor.

— Rhadamés, estás doente, a ponto de me privares dos teus serviços? Que te falta? Vejo, satisfeito, que minha vontade te restituiu a saúde.

Não pude ouvir a resposta, mas notei que a fisionomia se lhe alterou, e tão vagarosamente retesou as rédeas que os animais empinaram e, arrancando, deslocaram bruscamente a ligeira viatura.

Sobre a viagem não direi, senão que avançamos a marchas forçadas para alcançar os hebreus. É claro que essa caminhada sob os raios ardentes do sol e nuvens de poeira sufocante, não podia ser agradável, mas ninguém se queixava, porque todos queriam vingar-se.

Finalmente, aproximando-nos do Mar dos Sargaços, avistamos o inimigo. A noite começava a cair e Mernephtah mandou fazer alto e acampar, dado que, através do mar, Moisés não poderia escapar; e ao dealbar da aurora engajaríamos a luta.

Impaciente por verificar algo com exatidão, galguei a sela e galopei até um montículo, donde pude observar perfeitamente o acampamento hebreu e a massa escura dos nossos antigos servos, que ondulava à distância.

Ao regressar, fomos honrados, eu e outros colegas, com um convite para jantar na tenda real.

Mernephtah, isolado em mesa à parte, sobre um estrado, mostrava-se muito bem humorado, conversando alegremente com os chefes e bebendo à vitória do exército egípcio.

Após o repasto, retirou-se para uma barraca menor, que lhe servia de dormitório.

Pouco a pouco o silêncio desceu sobre o acampamento, só quebrado pelo relinchar dos cavalos e mulas, ou pelo rugir dos leões enjaulados, pois tal como seu pai, Mernephtah gostava de os ver na cauda do seu carro, em combate.

Todos dormiam no grande acampamento e também eu me recolhi a uma barraca, onde alguns camaradas repousavam tranquilamente. Em vão, porém, me revolvia na cama, sem poder conciliar o sono, preso de vaga inquietação. Resolvi levantar-me, sair, respirar o ar livre. A noite estava escura, mas o céu recamado de milhares de estrelas. Assentei-me à sombra da barraca, num saco de forragem e absorvi-me nos próprios pensamentos: Tanis, meus pais, Henaís, desfilavam diante de mim ... Será que não mais os tornaria a ver? Que nos reservaria o dia seguinte? O terrífico presságio do Templo não significaria um ferimento grave, ou quiçá a morte de Mernephtah?

Arrancou-me dessas cogitações, um rumor de passos, não mui distante. Ergui a cabeça e vi que um homem de elevada estatura, envolto em negro manto, caminhava cauteloso. Ao passar junto de uma fogueira cujas chamas rubras iluminavam um grupo de soldados adormecidos, pareceu-me reconhecer Rhadamés. Onde iria? Ele não comandava nenhuma patrulha, não tinha necessidade de abandonar o repouso, que, sabia, tanto lhe agradava. Veio-me a idéia de alguma nova traição.

Levantei-me e, fugindo à claridade das fogueiras, deslizei no seu encalço. Ele caminhava apressado e não tardou a alcançar as lanças fincadas no solo para delimitar o acampamento. Aproveitando o momento em que a sentinela se afastava em direção oposta, deitou-se e desapareceu rastejando na obscuridade.

Fazendo manobra idêntica, acompanhei-o e chegando à certa distância, vi-o erguer-se e prosseguir quase correndo, até que, da sombra de um montículo, saíram dois homens. Pelas frases que pude apanhar, fiquei sabendo que eram hebreus e tive, assim, corroborada a suspeita de uma nova traição. Tateei o cinto, porque havia alijado as armas na barraca e experimentei grande satisfação ao verificar que ainda me restava longo e sólido punhal. Empunhando-o, continuei a seguir o traidor e logo atingimos segundo montículo que limitava, provavelmente, o acampamento hebreu, e onde se erguia pequena barraca isolada.

Rhadamés e seus dois guias para ali se dirigiam, enquanto eu a contornava, deslizando pela encosta do montículo, a fim de atingi-la do lado oposto. Colado ao solo, fiz com a ponta do punhal um pequeno orifício na lona da barraca e pus-me a sondar o interior.

À luz de um archote preso a um tronco enterrado no solo, vi Moisés em pessoa, sentado junto de uma mesinha de madeira branca, e sobre esta um estojo ricamente lavrado. Em frente do profeta, ouvindo-o atentamente, Rhadamés sentado num banco tosco.

— Se concordares em ajudar-nos, repito-o, terás régia recompensa. Vê se me desembaraças, esta noite, de Mernephtah, — É louco, teimoso, que renega a palavra empenhada. Só pela tua promessa, levarás este estojo, cheio de riquezas; mas eliminado Mernephtah, porei em tuas mãos uma força invisível que rojará a teus pés quantos homens te aprouver dominar.

Retirou do seio um anel com uma pedra cintilante e acrescentou:

— Vê esta gema preparada por um grande mago; ela tem o poder de ligar todas as vontades à tua; por ela subirás degrau a degrau, ao trono dos Ramsessidas; Seti morrerá e será a ti que o povo há de escolher por sucessor, pois o anel conquistará Os corações e te dará tesouros imperecíveis, comparáveis aos quais os de Pharaó nada representam.

Calou-se, mas seu olhar de fogo não se desviava do rosto de Rhadamés, no qual se espelhavam ardente cobiça e estúpido orgulho.

Estendendo avidamente a mão disse:

— Dá-me esta pedra; ensina-me a produzir ouro à vontade e esta mesma noite Mernephtah morrerá.

Moisés sorriu:

— Vamos fixar as condições: um dos meus fiéis companheiros te acompanhará até meio caminho e tu lhe entregarás a cabeça de Mernephtah: ou então, desde que os clamores desesperados dos soldados egípcios me anunciem, com certeza, a sua morte, virás receber o anel mágico. Quanto ao poder de criar tesouros à vontade, vou dar-te uma prova: Olha! — e indicou um monte de cascalho em forma de pirâmide, num canto da barraca.

— Vês aquelas pedras? Repara na sua transformação...

Levantou-se de olhar fixo e cenho carregado, ergueu o anel descrevendo círculos ao redor dos olhos de Rhadamés.

Notei, surpreendido, que a fisionomia do traidor começava a mostrar estupefação e acabou por esboçar a mais frenética alegria.

— Ouro! Que vejo! Lingotes de ouro!

De início não compreendi o que se passava, pois as pedras que lá estavam não se haviam transformado. Mas logo pensei que o traidor fora, certamente embruxado, porque, com as feições alteradas, olhos arregalados, dizia arquejante:

— Não duvido de ti. Dentro de duas horas entregarei ao teu delegado a cabeça de Mernephtah.

Sem mais ouvir, despenhei-me do montículo para o acampamento, qual cervo monteado em plena selva. Ofegante e coberto de suor, cheguei à barraca real e, conhecido das sentinelas, não tive dificuldade em entrar e me aproximar do rei, que dormia profundamente. Ajoelhei-me e toquei-lhe no braço.

Despertando sobressaltado, perguntou:

— Que foi? És tu, Necho? Dize-me o que te traz aqui.

Emocionado, relatei sucintamente o que acabava de presenciar e o Pharaó, que me ouvia meio recostado nos cotovelos, ergueu a cabeça, suspirando:

— Então esse homem, cumulado de benefícios, é um traidor? Afinal, teu relato não constitui novidade para mim; eu estava prevenido. Na véspera de nossa partida de Tanis, Smaragda pediu-me uma audiência secreta e me relatou a conduta ignóbil de Rhadamés durante as calamidades, bem como as suspeitas veementes da sua convivência com os hebreus, durante a noite do massacre. Agora, vejo que a jovem senhora tinha razão para prevenir-me. Quero, contudo, apanhar o miserável em flagrante de tentativa; dá-me o meu punhal e esconde-te aí atrás dessa cortina, enquanto vou fingir que durmo.

Com o coração aos pulos, ocultei-me numa dobra da espessa cortina fenícia que circundava o leito, apertando nas mãos o feixe de armas e disposto a abrir a cabeça do traidor, se o rei demorasse em lhe deter o braço.

Passaram-se momentos que me pareceram séculos em muda angústia; to-

dos os sentidos intensamente concentrados, eu vigiava. O Pharaó havia novamente cerrado os olhos, conservando o punhal oculto sob a pele de leão com que se cobria. Parecia adormecido. De repente, estremeci: levíssimo toque na parede da barraca, logo seguido de ligeiro ruído e vi surgir à luz da lamparina um vulto que avançava para o leito real, em atitude cautelosa...

Era Rhadamés! Na mão uma faca larga e curta. A face lívida e contraída espelhava todas as más paixões. Inclinou-se para o rei e alçou o braço, enquanto eu, de coração palpitante, brandi o machado; mas a cena foi tão rápida que fiquei estatelado, de olhar fixo e como que chumbado ao solo! Assim que vi baixar, rutilante, a faca de Rhadamés, num relâmpago, Mernephtah travou-lhe o braço, saltou do leito e, derrubando-o com um soco tremendo, enterrou-lhe o punhal no coração.

Tão rápida e silenciosa foi a cena que as sentinelas não deram pelo sombrio drama desfechado na tenda real.

Por instantes, Rhadamés manteve-se de joelhos, fisionomia petrificada de angústia, esvaindo-se em sangue; depois rolou sobre a pele de tigre que tapetava a barraca.

O Pharaó deixou-se cair numa cadeira, pálido, de olhar sombrio.

Com a voz soturna, murmurou:

— A que prova me submetem os deuses! O mais querido dos meus súditos, de todos os funcionários o mais chegado, cumulado de honras e depositário da minha confiança, trair-me e atentar contra minha vida!...

Com as mãos trêmulas, enchi um copo de vinho e apresentei-o ao Pharaó, mas um espetáculo inesperado nos fez estremecer, fazendo pender a mão de Mernephtah já estendida. É que o ferido acabava de levantar-se sobre os joelhos! Lívido, olhos esgazeados, dirigiu-se para o rei com os braços já frouxos abraçou-lhe as pernas.

— Meu senhor e benfeitor — murmurou com voz débil, a extinguir-se: — perdoa; deixa-me levar tua mão aos lábios frios; não me abandones na hora da morte; estás vingado...

Um misto de inexprimível horror, piedade, arrependimento e pesar desenhava-se no rosto desfigurado de Mernephtah.

— Infeliz — disse estendendo-lhe a mão — que fizeste? Por que forçaste esta mão a ferir-me? Contudo, eu te perdoo, morre em paz.

O Pharaó mal terminou suas palavras, os braços de Rhadamés afrouxaram e a cabeça tombou pesadamente sobre os joelhos do rei. Tudo estava consumado.

Calado o Pharaó depôs o cadáver no tapete, cobrindo-o com o próprio man-

to; depois, apoiando os cotovelos na pequena mesa, abstraiu-se em triste cismar.

Retirando-me respeitosamente para um canto da barraca, passei a observá-lo com a maior curiosidade. Em que estaria ele pensando? Só aqui, na espiritualidade vim a saber que remorsos e arrependimentos lhe sangravam o coração. Chegavam-lhe à mente, então episódios remotos: lembrava-se de como havia conhecido, em certa festividade, a mãe de Rhadamés, jovem de grande beleza e de como a seduzira. O filho que lhe dera, nove meses depois, fora amado e protegido, mas o mal feito havia frutificado e esse filho, arvorado em traidor, acabava de cair assassinado por suas próprias mãos.

Gritos e exclamações vindos de fora interromperam o silêncio.

— Vê o que se passa — disse Mernephtah, erguendo a cabeça contrariado. Antes, porém, que eu atingisse a porta, dois jovens oficiais, primos do rei, invadiram a barraca exclamando fora de si:

— Pharaó! eles nos escapam; os hebreus estão vadeando o mar!

Empurrando com o pé o cadáver de Rhadamés, o rei deu um salto e exclamou com voz retumbante:

— Arma-te, Necho, e ordena que atrelem o carro.

Corri e notei que todo o acampamento já estava em alvoroço. A hipótese de uma possível escapada do inimigo detestado parecia estimular as massas.

Quem levara a notícia da fuga dos israelitas, não pude saber, senão que a nova corria de boca em boca e ninguém conhecia a fonte.

Os carros eram atrelados com febril presteza. Encilhavam-se cavalos e revistavam-se as armas. Os relinchos dos animais, o vozerio dos soldados, as ordens de comandos que tentavam manter a disciplina, tudo se confundia num caos indescritível. A princípio, quis agregar-me à minha companhia, mas lembrando que Mernephtah ficara sem o condutor do carro, pensei talvez me concedesse o honroso posto e retomei, correndo, em direção da barraca real. Quando me aproximei, já o Pharaó saía todo armado e saltava para o carro, tomando as rédeas. Alçou o machado e deu o grito de guerra com voz tão forte que chegou a abafar o toque de clarim, partindo a galope. Tudo se moveu na sua esteira.

Sem pensar em outra coisa que não avançar, apoderei-me de soberbo cavalo que um escravo havia trazido para um senhor, e dei de rédeas.

Despontava o dia cheio de brumas, e grossas nuvens deslizavam no horizonte impelidas por forte ventania. O espaço que nos separava do mar foi coberto em poucos minutos. Aproximando-nos, notei, já na margem oposta, imensa mole de hebreus entalados entre os seus animais, enquanto os últimos elementos da retaguarda ainda atravessavam céleres, em coluna cerrada, o leito do mar, quase

descoberto na ocasião.

Via-se Moisés, de braços erguidos para o céu, no cimo de um cômoro.

Eu e um pequeno grupo de cavaleiros, antecipamo-nos aos demais e, levados pelos rápidos e fogosos corcéis, transpusemos o mesmo vau e atingimos a margem oposta, com os últimos israelitas. Logo a seguir, ruidosos e formando larga coluna, vinham os carros pejados de soldados (assim conduzidos para maior presteza), entremeados de cavalaria e seguidos pelo grosso do exército.

Arrebatada e não pensando em outra coisa que não fosse o seu objetivo, toda essa massa precipitou-se no mar, mas onde os hebreus haviam passado a pé, em longa fila e não equipados, os carros egípcios, já pelo peso da carga, já pela largura frontal da coluna, não podiam passar e começaram a voltear no fundo lodoso. Em vão, os condutores chicoteavam os animais cobertos de espuma, corcoveantes, tombando os carros e aumentando a desordem.

Ofegantes pela nossa rápida disparada, de arma em punho, íamos acometer os hebreus, quando gritos desesperados me fizeram voltar a cabeça. Aterrorizado, detive-me a contemplar o espantoso espetáculo que se desenrolava à minha frente: quais flechas desferidas do arco, cujo inicial impulso ninguém podia deter, os carros, cavaleiros e soldados continuavam a avançar, a precipitar-se, esmagando os que os precediam e atolados. Não podiam avançar nem retroceder, porque novas levas se despejavam sobre eles. Confusão de homens, animais e carros a se chocarem e se esmagarem, e de todos os lados gritos de angústia e dor.

Nesse momento, uma nuvem passou-me diante dos olhos: formando uma como cinzenta muralha, as águas impelidas pelo vento cresciam ruidosamente; ainda um instante, horroroso e pungente clamor pareceu fundir-se no barulho da massa revolta e espumante, que tudo cobriu! Ali ou acolá, ainda surgiram das ondas uma cabeça de cavalo, um braço armado, um capacete brilhante, alguns corpos flutuando... Depois, nada mais vi; toldou-se-me a vista, a cabeça rodou, tombei do cavalo. Não era bem uma síncope, era alucinação, pavor.

As notas harmoniosas de um canto de triunfo e alegria fizeram-me despertar; fixei o olhar desvairado nos hebreus, que, prostrados, braços erguidos, louvaram por essa forma o deus que tão visivelmente os havia protegido.

À vista de todos, havia sucumbido todo um exército numeroso e aguerrido: comandantes experimentados e o nosso rei — o generoso e valente Mernephtah! Dessa poderosa força não restava mais que míseros destroços, algumas centenas de homens dispersos, que, como loucos, corriam na outra margem, ou se rojavam ao solo. Instintivamente, os companheiros me rodearam. Vivos, não queríamos render-nos de graça.

Moisés aproximou-se do pequeno grupo e seu porte majestoso parecia ainda maior: o olhar aquilino, fulgurante de orgulho e exaltação.

Com voz vibrante falou-nos:

— Guerreiros egípcios, concedo-vos a vida; voltai para o vosso país. Comunicai ao novo Pharaó esta grande derrota do seu antecessor e dai-lhe testemunho de como o Deus todo poderoso, de que sou enviado, protege o povo eleito.

Mais tarde, tristes e acabrunhados, repassamos o braço de mar e chegamos ao acampamento abandonado pelos guerreiros e ainda repleto de escravos, criados e bagagens, guardados por alguns destacamentos de reserva.

Como alma penada e contendo soluços, vaguei entre as intermináveis filas de barracas intactas como se nada houvera mudado naquelas poucas horas! Contudo lá estava o pavilhão azul e ouro, no qual passara, junto do Pharaó os últimos momentos de sua existência, e onde ainda jazia o cadáver de Rhadamés! Agora, no reino das sombras, estariam reunidos ele e sua vítima.

Durante a tarde e a noite, reuniram-se pouco a pouco os desesperados fugitivos, triste remanescente do brilhante exército de Mernephtah. Seu pranto se confundia com o dos escravos e criados, cuja dor e desespero atingiam à loucura.

Entretanto, era preciso tomar uma decisão e abandonar aquele lugar fatídico. Com assentimento geral, assumi o comando e ao nascer o sol ordenei que, desarmadas as barracas e carregadas as bagagens, se formassem colunas de marcha. Acabrunhado e indisposto, cavalguei um camelo e dei sinal de partida.

Lenta e preguiçosamente, retomamos o caminho do solo egípcio, onde só poderíamos ser recebidos com gritos de desespero e torrentes de lágrimas.

Não sou capaz de traduzir as emoções que me angustiavam nesse desventuroso regresso. Basta dizer que não experimentei um só momento de alegria por voltar são e salvo. Via-me quase isolado e só, pois toda a flor da nobreza egípcia havia perecido e o desespero das famílias que perderam pais, irmãos, filho ou marido, me apertava o coração como se fossem caros e próximos parentes meus.

Ao chegar à fronteira deixei a triste caravana e adiantei-me com alguns companheiros, para comunicar quanto antes ao novo Pharaó o desastroso acontecimento.

O coração batia-me, ao considerar que ia à presença de Seti como mensageiro da desgraça, cumprindo descrever-lhe o espantoso desastre que lhe arrebatara o pai, o exército e a nata do seu povo; mesmo assim não havia como esquivar-me.

Poeirentos e fatigados, um dia, de manhã, entramos em Tanis, em direção do palácio. Os transeuntes rios tomavam por mensageiros do exército e nos acompanhavam curiosos e inquietos, formando desde logo um longo cortejo.

A vista do maravilhoso edifício reavivou meus dolorosos pensamentos, ao recapitular todos os detalhes da arrancada tão brilhante e esperançosa. Abatido, solicitei do chefe dos guardas, surpreso e espantado, que nos levasse imediatamente à presença do príncipe.

Um oficial levou-me até um vasto terraço florido onde estava o jovem regente, pálido e enfraquecido, sentado junto de uma mesa e atento à leitura de um papiro submetido à sua assinatura. Rodeavam-no alguns velhos conselheiros, que, em atitude respeitosa, anotavam em tabuinhas algumas breves disposições.

Ao lhe ditarem meu nome, Seti levantou-se bruscamente.

— Necho! tu aqui? Que significa essa palidez e o abatimento dos teus companheiros? Vindes anunciar uma desgraça, uma derrota? Fala, pois, em vez de me torturares o coração com a serpente da dúvida e da angústia. Que é feito de meu pai?

Mal podendo reter as lágrimas, posternei-me e erguendo os braços, exclamei titubeante:

— Seti, filho de Rá, dispensador da vida e da felicidade, meu senhor e Pharaó, que os deuses te concedam longa vida e glorioso reinado!

O príncipe tornou-se lívido e levou a mão ao peito ferido.

— Que dizes, infeliz? Como, por que assim me tratas? Teria meu pai perecido?

— Sim, o glorioso Mernephtah pereceu e com ele todo o exército, antes mesmo de desembainhar a espada.

Seti cambaleou e teria caído se os conselheiros não o tivessem amparado, sentando-o numa cadeira. Daí a pouco, reabriu os olhos e disse com voz calma, mas firme:

— Fala, quero tudo saber!

Narrei-lhe a catástrofe, em poucas palavras, entrecortadas pela emoção, mas enquanto o novo Pharaó me ouvia desolado, de mãos crispadas, a notícia do grande desastre já havia transpirado e o chefe dos guardas veio anunciar que o povo, apavorado e desesperado, comprimia-se diante do palácio e reclamava a presença do príncipe.

Seti revestiu-se das insígnias reais, cingiu a coroa do Alto e Baixo Egipto e, acompanhado dos dignatários e cortesãos, apresentou-se no terraço.

Foi saudado pela multidão em desafogo de soluços e aclamações.

Com belas e incisivas frases, ele notificou a catástrofe que acabava de ferir a nação, encarecendo ao povo que se mantivesse calmo e conformado, quanto ele mesmo, ante o inelutável desígnio dos imortais.

Retirou-se depois para conferenciar com os seus conselheiros sobre as medidas indispensáveis e nós tivemos permissão para procurar nossas famílias.

Este desiderato não era fácil, pois estando as ruas apinhadas de gente, a cada passo éramos detidos e crivados de perguntas sobre o acontecimento e notícias dos que haviam perecido ou escapado. Agradeci a Osíris, quando, enfim, as portas da casa paterna se fecharam atrás de mim e as lágrimas de alegria dos meus e o olhar radioso e úmido de Henaís me fizeram experimentar (pela primeira vez após o desastre), que a vida ainda tinha mérito para mim.

Dominadas as primeiras emoções e satisfeitas minuciosamente a curiosidade geral, resolvi, apesar de cansado, ir até à casa de Omifer, para cientificá-lo da morte de Rhadamés.

Lá, o velho intendente informou-me que, após a partida do exército, Omifer se retirara para uma casa de campo, algumas léguas distante da cidade, onde se mantinha em completo isolamento, não saindo e a ninguém recebendo. Tive, pois, de adiar a visita e somente no dia imediato fui até lá.

Julguei que o isolamento fosse devido à presença de Smaragda, que, sem dúvida, lá estaria homiziada, mesmo porque sabia, por meu pai, que ela não fora ao palácio de Mena, onde falecera uma irmã de Rhadamés e continuava acamada a genitora, gravemente enferma. Em todo caso, estava certo de que a notícia que levava me proporcionaria o mais caloroso acolhimento.

Situada em pequeno bosque de palmeiras, contornada por grande jardim, como se estivesse perdida entre roseiras, a casa de campo de Omifer era encantadora vivenda, A velha escrava que me recebeu só consentiu que entrasse depois de muito insistir. Afinal, apareceu Omifer, inquieto e admirado:

— Necho, es tu? — exclamou empalidecendo — por que estás de regresso e que motivos te trazem até aqui?

Resumidamente expliquei a situação.

Profundamente comovido, apertou-me a mão, dizendo:

— Smaragda aqui está, vamos procurá-la para que fique conhecendo os pormenores dessa tragédia.

Levou-me a um pequeno terraço, onde se encontrava Smaragda sentada à mesa de refeição, igualmente inquieta e nervosa.

Omifer precipitou-se para ela, e, abraçando-a murmurou comovido:

— Estás livre. Enfim, poderei esposar-te.

A jovem senhora deu um grito:

— Rhadamés morreu?

— Sim — respondi — e de morte bem triste.

Contei em detalhe todos os lúgubres acontecimentos que havia testemunhado e que ainda não haviam chegado ao conhecimento do amoroso par.

Smaragda ouvia-me com a cabeça apoiada nas mãos, chorando copiosamente.

Seriam de contentamento aquelas lágrimas, por estar livre? Ou seriam causadas pelas circunstâncias trágicas da morte do marido? Jamais pude sabê-lo.

Meses mais tarde, eles celebraram esponsais e foram-se para Thebas.

Também meu caso amoroso foi resolvido melhor, do que podia esperar.

O caráter meigo, atraente e prestativo de Henaís lhe havia granjeado, pouco a pouco, a estima de todos os meus parentes; e quando me arrisquei a falar em casamento, meu pai não fez a mínima oposição. Quanto aos preconceitos maternos, consegui vencê-los a troco de súplicas. Henaís tornou-se, pois, minha esposa e, durante oito anos, minha vida não foi mais que um rosário de felicidade; mas o advento do terceiro filho foi fatal a Henaís, que faleceu deixando-me desesperado.

Um amigo que me visitou na mesma tarde do seu falecimento, impressionado com o meu acabrunhamento em face da perda irreparável, aconselhou-me a procurar, para o embalsamamento um sábio mago que morava fora da cidade e possuía maravilhoso segredo, graças ao qual as múmias conservavam absoluto frescor e aparência de vida; e assegurava ter visto o corpo da noiva de um seu irmão, embalsamado pelo sábio Colchis.

O conselho animou-me um pouco: se o informante dizia a verdade, restava-me, ao menos, a consolação de contemplar, quando quisesse, o rosto encantador da querida morta. Mais que depressa, tomei a liteira e fui procurar o mago.

Parei defronte a uma gruta cavada na rocha, em cujo pórtico estava sentado um negrinho, a preparar pacotes de ervas secas.

Respondendo à minha pergunta, disse que o sábio Colchis estava em casa e chamou outro serviçal para guiar-me. Atravessei primeiramente uma caverna cheia de ervas, vidros e instrumentos de formas bizarras; a seguir, um pequeno corredor abobadado e uma segunda gruta menor, iluminada por algumas tochas e quase vazia; várias saídas pareciam dissimuladas por cortinas de couro.

Junto de enorme mesa de pedra escura, estava assentado o sábio, lendo um papiro à luz da lâmpada. Ao avistar-me, levantou-se tossindo e fitou-me com olhar perscrutador. Era um homem alto, magro e um tanto corcunda; as barbas brancas lhe caíam sobre as vestes negras e um gorro egípcio ocultava parte da fronte.

Trocamos cumprimentos. Indagou o motivo da minha visita.

Estremeci e examinei-o curioso. Onde teria ouvido aquela voz de timbre

metálico? Onde teria visto aquele rosto pálido e anguloso, aqueles olhos sombrios e profundos? Certo, não me era estranho, mas quando, onde, em que circunstâncias nos encontráramos não saberia dizê-lo.

Também ele não pareceu reconhecer-me e fixou cuidadosamente o preço e as condições do embalsamamento de Henaís. Concordei com todas as suas exigências e prometi mandar-lhe o cadáver nessa mesma noite.

Enquanto aguardava impaciente o resultado do trabalho de Colchis, triste episódio se propalou em Tanis com a maior repercussão. Omifer e Smaragda ali tinham ido para assistir ao casamento de um primo. Ambos compartilhavam sinceramente da minha mágoa, pois muitas vezes nos visitamos.

Certa manhã, um escravo titubeante foi comunicar-me que a jovem senhora acabava de expirar, após dezoito horas de agonia, em consequência da mordedura de uma serpente escondida numa cesta de flores que lhe fora levada por um desconhecido.

Penalizado, fui visitar Omifer, que me contou o deplorável acontecimento. Para confortá-lo um pouco no seu triste desespero, aconselhei-o a que confiasse igualmente a Colchis, o embalsamamento de Smaragda. Conheci-o muito tarde para salvar Henaís, acrescentei, mas o seu saber é imenso e dizem que conserva o cadáver com todas as aparências de vida. Esta manhã, mandou-me dizer que enviasse o ataúde e dentro de dois ou três dias poderia ir buscar a múmia de minha mulher.

— Vem comigo, ficarás conhecendo a casa dele e julgarás, por ti mesmo, da habilidade desse mago e se convém confiar-lhe o corpo de sua esposa — reiterei-lhe, convicto.

Concordou e partimos imediatamente.

Atendendo ao meu pedido para que mostrasse o seu trabalho ao amigo, Colchis nos levou à pequenina sala onde se achava um fardo alongado, coberto com um pano de seda. Acendeu algumas tochas e retirou depois o véu, fazendo-nos sinal para nos aproximarmos. Com um grito mesclado de alegria e desespero, caí de joelhos: ali estava Henaís estendida como se estivesse viva; a tez morena e transparente conservava todo o aveludado natural; os lábios, o rosto, o esmalte natural dos olhos que pareciam fitar-me! Não fora as faixas que a envolviam até o pescoço, teria podido iludir-me e supor que a minha amada ia levantar-se, como vestida para uma festa.

— Sábio Colchis, agradeço-te — disse, finalmente, ao levantar-me — com exceção da vida, que é um dom dos deuses, tu ma restituis, tal como a amei. Quando poderei mandar buscar o ataúde?

— Amanhã de manhã — respondeu.

Despedi-me, deixando o mago com Omifer deslumbrado.

A vida em Tanis tornou-se-me insuportável; resolvi abandonar o serviço e transferir-me para Thebas com o corpo de Henaís, que eu desejava depositar no jazigo dos meus antepassados, ali me estabelecendo definitivamente, porque meu bom pai havia recentemente falecido. Ilsiris se casara com um jovem sacerdote de Heliópolis, onde morava, e minha mãe, sozinha, desejava a minha companhia, mas por coisa alguma deste mundo deixaria o lugar onde repousava o seu caro Mentuhotep.

Passaram-se mais de doze anos e não contraí novas núpcias, dedicando-me unicamente à educação dos dois filhos e da pequenina Henaís, que herdara a beleza e a bondade maternas.

Uma tarde, ao regressar do cemitério, onde se havia celebrado pomposa cerimônia e onde me demorara no jazigo da família, ao atravessar o rio atravancado, minha embarcação colidiu tão desastradamente com outra, que soçobrou. Mau nadador, gritei e me debati algum tempo, mas a escuridão impediu que os companheiros me localizassem, enquanto a água me entrava pelos ouvidos e pela boca, .asfixiando-me. Horrível aflição! A cabeça rodava, tudo rodopiava e sibilava em torno de mim, dando-me a impressão de rolar para um abismo sem fundo. Depois, perdi os sentidos.

Ao despertar, flutuava balançando-me ligeiramente num espaço transparente, sem poder dar conta da situação: encontrava-me normalmente vestido e enxuto, apesar do tremendo mergulho e, todavia, achava-me ainda no bojo do Nilo, pois via distintamente as duas margens, as pessoas que o atravessavam, etc.; enfim, percebi meus dois filhos numa barca cheia de mergulhadores!

Desolados, sondavam o rio em todas as direções. A despeito dos meus gritos e gestos, não me viram e passaram junto a mim.

Comecei, então, a me sentir mal: que significava tudo aquilo? Porque me encontrava ali, impossibilitado de retornar à casa, como tanto desejava? Donde provinha aquela estranha multidão que pululava ao redor de mim balançando-se no ar, ou sobre as ondas e mesmo no fundo do rio? Reconhecera vários dos que ali se encontravam, mas todos já falecidos de muitos anos.

Apoderou-se de mim intenso desejo de abandonar o local; num instante, acreditei elevar-me no espaço, mas, dor aguda no cérebro e um calor que parecia consumir o corpo aturdiram-me inteiramente. Quando recobrei a consciência, notei que ainda estava sobre as águas, mas o cenário havia mudado: o grande e sólido edifício rodeado de palmeiras, que se refletia nas ondas transparentes, era

o Templo de Ísis, em Tanis. A entrada, vagava um homem com as vestes rotas e ensanguentadas, a torcer as mãos, desesperado; depois, ajoelhado, batendo com a cabeça no solo. De repente, estremeci: aquele desgraçado era Mena, o pobre amigo desaparecido havia muitos anos!

Quando a caravana a que ele se juntara voltou a Tanis, o sobrinho do nosso intendente contou que, durante a viagem, Mena, extravagante e versátil como sempre, havia mudado de idéia e assim, em lugar de acompanhá-los até a Síria, como ficara combinado, reuniu-se a outra caravana e seguiu rumo A Babilônia. Desde então, nunca mais se ouviu falar dele.

— Mena! — exclamei — e ao mesmo tempo um jacto de centelhas me esguichou do cérebro, indo tocar o dele. Percebeu-me e aproximou-se.

— Pobre amigo, de onde vens e que fazes aqui? Perguntei.

Contou-me então que durante a viagem sua caravana fora surpreendida e atacada, à noite, por um bando de malfeitores, sendo ele morto com uma facada.

Quando recobrei os sentidos — continuou — já me encontrava aqui, donde não posso afastar-me, obrigado a contemplar o horroroso espetáculo que me alucina. Vem comigo, talvez possa ajudar-me a libertar Menchtu — terminou, vertendo lagrimas que pareciam gotas de fogo.

Como louco acompanhei-o até um sítio afastado do Templo, interdito aos profanos, e lá, numa espécie de cela fechada Por enorme pedra, vi Menchtu, a infeliz sacerdotisa por ele seduzida! Parecia enlouquecida, descabelada, vestes trapejantes, a dar com a cabeça na parede da estreita prisão fracamente, Iluminada por uma lâmpada suspensa da abóbada; depois, dando pontapés numa bilha vazia, rolava pelo chão, roendo os dedos com gritos horrorosos, entremeados com o nome de Mena, a quem ora invocava apaixonadamente, ora maldizia por tê-la abandonado.

Impressionado com o que via quis ajudar o amigo, que fazia esforço sobrenatural para remover a pedra que vedava a entrada. Esforço inútil, Nada conseguimos, embora vendo tudo que se passava no interior.

Diante da minha impotência fiquei desanimado, resolvi abandonar aquele sítio pavoroso e, dessa vez, consegui deslocar-me mais facilmente. Qual folha levada pelo vento, deslizei na atmosfera: diante de alguns rochedos pardacentos, pareceu-me que me detinha, e subitamente recordei que ali havia residido o mágico que embalsamara Henaís. Procurei a entrada, mas não pude encontrá-la logo. A seguir, notei que estava murada pela parte interior e, por fora, dissimulada com uma grande pedra. Surpreendi-me por atravessar facilmente esse obstáculo e encontrar-me no interior da gruta, onde, pela primeira vez, falara com o sábio.

Assombrado, tudo observei: um largo facho de luz azulada e cintilante iluminava a sala, concentrando-se no centro, ao redor de um homem assentado no chão, de braços cruzados. Um pouco acima, ligado a ele por larga faixa de fogo, pairava o duplo desse personagem, mais transparente, mais remoçado, porém numa completa imobilidade: era Colchis! Olhei-o sem nada compreender de tudo aquilo, quando um riso sarcástico e desdenhoso fez-me estremecer e só então notei que, junto do adormecido, havia um ataúde com o corpo de Smaragda, admiravelmente embalsamado, tendo na borda, sentada, uma segunda Smaragda perfeitamente viva e que continuava a rir.

— Estas louco, Necho, pois nem agora reconheces o miserável Pinehas; foi ele quem levou a serpente escondida sob as flores; ele quem envenenou Omifer para ficar com minha múmia. Querendo fugir à responsabilidade, pôs-se em letargia, a fim de enganar a divindade; mas ele despertará e nós aguardamos esse momento — eu e todas as vítimas do seu saber mal empregado.

Na realidade eu distinguia atrás de Smaragda uma multidão de seres horrorosos, de rostos disformes, uns com fermentos que exalavam odor nauseabundo, outros com punhais de pontas fosforescentes, todos contemplando Pinehas com ódio e ferocidade, pedindo o seu despertar com imprecações tremendas.

Apavorado, eu não pensava mais que em fugir e quase no mesmo instante a gruta e seus horríveis ocupantes esmaeceram, parecendo desmantelar-se.

Depois encontrei-me, numa atmosfera cinzenta, oceânica, ilimitada.

Quanto tempo fiquei, desesperado e só, nesse deserto nevoento não saberia dizê-lo, senão que, certa feita, não sabendo o que fazer, nem para onde ir, dirigia a Osíris ardente suplica para que me socorresse, me livrasse daquela situação miserável e imerecida, pois estava certo de não haver cometido crime algum. Instantaneamente quase, surgiu diante de mim um ser luminoso, de expressão calma e terna, que me falou bondosamente:

— É verdade que nada fizeste, mas justamente a conseqüência de uma vida tão inútil é que te faz sofrer! Não cometeste crimes, não fizeste mal a ninguém, dizes... Mas, isso porque rico, feliz, amado, satisfeito em todos os teus desejos, jamais experimentaste grandes tentações. Dize-me, porem: que bem praticaste? Deste do teu supérfluo aos pobres? Mitigaste-lhes a miséria? Tens-te em conta de bom senhor, interessado pelos teus criados, que, embora escravos, são teus semelhantes? Cuidaste-os nas suas enfermidades, amparaste os na velhice? Ou, pelo menos, trabalhaste intelectualmente para aumentar teus conhecimentos e tua espiritualidade? — Tu nada fizeste neste sentido — continuou a entidade — garantido pela condição social e pela fortuna, evitaste o contato das misérias humanas,

levando vida preguiçosa e instintiva, de irracional. Sim, somente gozaste e agora que, despojado da carne, como espírito, continuas a errar preguiçosamente sem destino, perguntas por que sofres? Nada sabes, nenhuma inclinação experimentas, apenas existes e sofres!

Compreendi que meu guia tinha razão e humilhei-me intimamente.

— Então que devo fazer para ser útil e não mais sofrer a inatividade?

— Vai e ora por todos os sofredores que encontrares; esclarece-lhes a própria condição em que se encontram; fala-lhes do arrependimento, persuade-os a buscarem a consolação do trabalho digno do espírito, como operários do Universo, ou uma expiação terrena, porque a atividade, o arrependimento, e perdão das ofensas, são indispensáveis a todos os espíritos que aspiram o bem.

Esvaneceu-se a aparição e engolfei-me em ardente prece, implorando ao Criador a força para reparar minhas faltas.

Lembrei-me depois de Henaís, que ainda não tinha visto e, instantaneamente, me encontrei no jazigo de nossa família, avistando-a só e desolada, a chamar por mim. Não posso descrever a alegria desse encontro! Expliquei-lhe tudo e, juntos, percorremos o espaço, procurando nossos irmãos mergulhados na dor, sustentando-os com as nossas preces e conselhos.

Ocorreu-me, certa feita, a idéia de ir ao sítio onde haviam perecido nosso rei e seus valentes guerreiros. Talvez, também eles se debatessem em angústia, julgando-se ainda vivos na Terra.

Apenas idealizado esse desejo, já me encontrava no lugar fatídico. Diante de mim o Mar dos Sargaços e, sob as vagas, ainda se debatendo em medonha agonia, o nosso malogrado exército. Ouvia gritos soturnos, desesperado retinir de armas, relinchos de animais enlouquecidos, e todo esse espantoso combate com a morte parecia não ter fim!

Notei de repente que não estava só; sob as águas espumantes caminhava, triste e inquieto, Mernephtah tentando em vão explicar a nova situação àquelas sombras perturbadas por suas paixões e ligadas por seu obscurantismo a esse lugar de sofrimento.

Vendo-me, disse:

— Tu também estás aqui, Necho? Vês? Estes infelizes não compreendem o próprio estado e nada posso fazer em seu favor.

— Ora por eles — respondi inspirado por uma voz do Alto.

O Pharaó-espectro elevou ao Criador ardente prece, a fim de receber força e esclarecimento e poder auxiliar aqueles a quem ele próprio arrastara ao báratro.

Imediatamente pareceu transfigurar-se, e um apelo semelhante e longínquo

trovão fez convergir para ele a atenção geral. Então falou:

— Insensatos! — acalmai vossa fúria impotente, voltai à razão, ponderai: o causador da vossa perda vai entrar no mundo dos espíritos e vamos ao seu encontro.

Lançou-se no espaço e, qual onda pardacenta, a nuvem de inteligências o acompanhou, guiada por sua vontade.

Com a rapidez do pensamento, atingimos alto cimo de árida montanha. Estendido sobre o manto, cabeça apoiada numa pedra, lobriguei um homem de rosto desfigurado, barba e cabeleira grisalhas. Apenas os olhos de águia cheios de inteligência e audácia, não haviam mudado. Era Moisés.

Desiludido, esgotado de alma e corpo, ali morria só, com seu orgulho — último escudo, que lhe restava. E com o olhar espiritual revia o Egipto, toda a sua vida se desenrolava, paulatinamente, diante dele! Doloroso regresso à pátria espiritual.

Assaltado por seus inimigos flutuantes, debatia-se dolorosamente, quando um chamado partindo do espaço se fez ouvir:

— Espírito que te serviste do nome do Eterno, vem prestar contas de teus atos!

NECHO

NOTA DO ESPIRITO AUTOR

Creio que será Interessante, para os meus leitores, saber como se encontra o Espírito de um faquir durante o estado de letargia, ou de qualquer pessoa nessa condição. Darei assim algumas breves explicações.

As sensações do espírito durante esse estado são agradáveis. A Inatividade do pensamento é quase completa; o bem-estar do perispírito atinge o apogeu, porque, destacado do corpo ao qual apenas fica retido pela artéria principal, paira num espaço de fluído azulado, fosfórico e renovador, que é a fonte onde a Terra se abastece dos sucos vitais necessários à manutenção da vida material. O perispírito absorve todas as partículas indispensáveis ao sustento do corpo abandonado e lhas veicula por intermédio do canal da grande artéria vital, à qual sobrepaira, retido junto do corpo. Se assim não fosse, o corpo, privado de todo o alimento, deixaria de funcionar e, como está provado, sem funcionamento cessaria a vida e teria Inicio a decomposição.

Com relação ao caso de que nos ocupamos, apesar de um estado de morte aparente, os órgãos continuam a exercer todas as funções indispensáveis para manter a união do corpo ao Espírito, facultando, além disso, a este último, reentrar naquele, caso seja preciso, ativando-o como anteriormente. Entretanto, esse bem-estar, essa beatitude do perispírito, só ocorre quando ele está separado do corpo, quase inteiramente. Nos casos de letargia, em que os órgãos são submetidos ao estado de torpor, sem que o perispírito deixe o corpo, o espírito vê e ouve tudo que se passa ao redor e experimenta todas as angústias do seu estado.

OBSERVAÇAO SUPLEMENTAR DO ESPIRITO AUTOR

Alguns amigos meus, que leram esta obra ainda em manuscrito admiraram-se que em um país policiado como o Egipto, com o governo firmemente estabelecido, um único homem (qualquer que fosse, aliás, sua inteligência e audácia) ousasse tão abertamente afrontar um povo inteiro e o seu rei, que dispunha de todos os recursos de um poder, de um exército forte e de apoio sacerdotal, sem que o mandassem prender e justificar como elemento perigoso, não só para lhe anular o prestígio ou, ao menos, consumir com ele secretamente.

Na suposição de que a mesma idéia possa ocorrer a mais de um dos meus leitores, quis que se acrescentasse ao manuscrito a resposta que dei àqueles amigos.

Não há dúvida de que, em sua legislação, na arte e mesmo nas ciências, o Egipto havia atingido elevado grau de civilização, mas isso não impedia que o povo (com exceção de algumas poucas personalidades), se mantivesse na maior superstição; a própria religião, resguardada pelo sacerdócio, de véus e mistérios, assim o ensejava. Moisés que, força é confessá-lo, era um impostor, porquanto utilizava as forças da Natureza, desconhecidas do vulgo, havia granjeado para a sua pessoa uma tal auréola de temerosa superstição, por uma série de fatos cujo relato excederia o quadro de um romance, que ninguém, entre o povo desorientado, seria capaz de levantar a mão contra ele, receoso de que o perigoso mago destruísse o temerário e quantos lhe pertenciam.

Assim entre outros casos, um egípcio que jogara uma pedra à cabeça de Moisés foi por ele amaldiçoado e, três dias depois graças a um veneno habilmente administrado por criado hebreu, teve a família atacada de terrível enfermidade: com o corpo cheio de chagas em decomposição lenta, morreu vitima de atrozes sofrimentos.

Idênticos fatos, aliás exagerados pela voz popular, produziam feitos extraordinários.

Quando Moisés anunciou, por intermédio dos israelitas, que no dia em que fosse vítima de algum atentado o mundo acabaria, a multidão estúpida acreditou e tê-lo-ia defendido mesmo contra os próprios soldados,

Mernephtah e seus conselheiros mais esclarecidos tentaram, então, elimi-

ná-lo secretamente, para evitar o pânico, Um destacamento de soldados sob comando de oficiais escolhidos, foi mandado, certa noite, cercar-lhe a residência e no momento de forçarem a porta romperam labaredas de todas as frestas: apesar do perigo evidente, os guerreiros, que eram veteranos experimentados se precipitaram para o interior, mas, ao verem Moisés de pé no meio do fogo, com a roupa intacta, aureolado por intensa claridade, perderam a coragem temendo o sobrenatural, e fugiram.

Outra feita, oito oficiais valentes juraram, à minha vista, que o seguiram passo a passo até abatê-lo, ainda que isso lhes custasse a vida. Necho menciona em seu depoimento que, certa vez Moisés desaparecera por muito tempo; havia deixado Tanis para fiscalizar pessoalmente as suas próprias determinações. Justamente nessa ocasião, foi que os citados oficiais o surpreenderam perto de uma cidade próxima, apenas acompanhado por dois hebreus. Atiraram-se a ele. Os dois israelitas tombaram imediatamente e Moisés foi alcançado por alguns golpes de punhal, mas, revestido certamente de algum escudo protetor, ficou incólume e dando, então, um salto atrás, retirou do cinto grande faca, ferindo o primeiro assaltante, enquanto com um soco repelia o segundo; mal a ponta da arma tocou o ombro do primeiro e sua mão à fronte do segundo, ambos caíram como fulminados por um raio; a mesma sorte tiveram os demais. Escapou apenas um, que fugiu como louco, vindo contar-me o sucedido. Mandei buscar os corpos dos infelizes militares, os quais foram encontrados horrorosamente decompostos, notando-se ao redor das feridas, e das pequenas incisões, parecendo arranhaduras, um círculo negro como de queimaduras.

Essas tentativas e muitas outras ficaram ignoradas, mesmo de Necho. Entretanto, exasperado, eu teria sacrificado a metade dos meus súditos para deter o insolente e descarregar sobre ele a minha vingança. Ordenava, pois, sempre, novas tentativas, até que uma pareceu, enfim, resultar eficiente.

Moisés foi agarrado de surpresa, e levado secretamente ao palácio, e, de pés e mãos atados, encerrado numa sala com dois soldados e todas, as saídas guardadas por destacamentos armados. Pretendia mandar decapitá-lo publicamente, no dia seguinte. Quando, porém, horas mais tarde, foram buscá-lo para que me fosse apresentado encontraram a sala vazia, os dois soldados profundamente adormecidos e as cordas e correntes amontoadas no solo. (Não me arguam de narrar coisas impossíveis: para os que estudaram os fenômenos mediúnicos, a explicação se impõe por si mesma; para os demais, recordarei um fato perfeitamente idêntico, consagrado pela Igreja; a libertação miraculosa do Apóstolo Pedro, que desembaraçado das cadeias, saiu igualmente da prisão, apesar dos

guardas lá postados por Herodes).

Este último fato tornou-se público, ocasionando verdadeiro pânico.

Quanto a Mernephtah, estava convencido de que enfrentava um homem mais que perigoso, não só pela astúcia, como pelo saber, muito superior ao dos sábios egípcios, o que o tornava quase invulnerável; assim a força do Pharaó consistia em não ceder e lutar contra as calamidades, precisando para isso de toda a confiança e estima que os súditos dedicavam ao seu soberano, para manter a ordem entre as massas desvairadas. Moisés, ao contrário, dispunha de milhares de serpentes que deslizavam por toda parte no cumprimento de suas pérfidas ordens. Será um erro, entretanto, acreditar que tudo se passava calmamente, sem encontros entre egípcios e hebreus. Na realidade houve inúmeros assassinatos e mesmo massacres parciais; apenas ninguém ousou tocar na pessoa de Moisés, pelos motivos acima mencionados, tão poderosos, que o Pharaó, apesar do seu poder e do seu ódio, não pôde abater a cabeça insolente e ambiciosa, que, em nome do Eterno, sancionava o roubo e assassínio, havendo por bons todos os meios que conduziam ao fim.

Os monumentos egípcios silenciam essa época de subversão e desgraça nacional, e o que a Bíblia relata sobre Moisés foi escrito por seus irmãos hebreus, parciais e animados unicamente do desejo de exaltar a grandeza do seu povo. Não obstante, nesse relato, o leitor atento encontrará elementos para retratar o verdadeiro Moisés, grande legislador e homem de gênio, porém mau, arrebatado, ambicioso, inescrupuloso, que usurpou a direção de um povo sobre o qual nenhum direito tinha: dum povo que ele não estimava, antes, detestava e de que se serviu para ferir o Egipto e erguer um trono para si próprio.

É verdade que pregou a existência de um Deus único e pelos Dez Mandamentos estabeleceu uma base para o futuro edifício da cristandade, mas também lhe pertencerá a responsabilidade de ter feito do Criador do Universo, do Ser infinitamente grande, sábio e misericordioso, o Deus parcial, vingador e sanguinário do Velho Testamento.

ROCHESTER